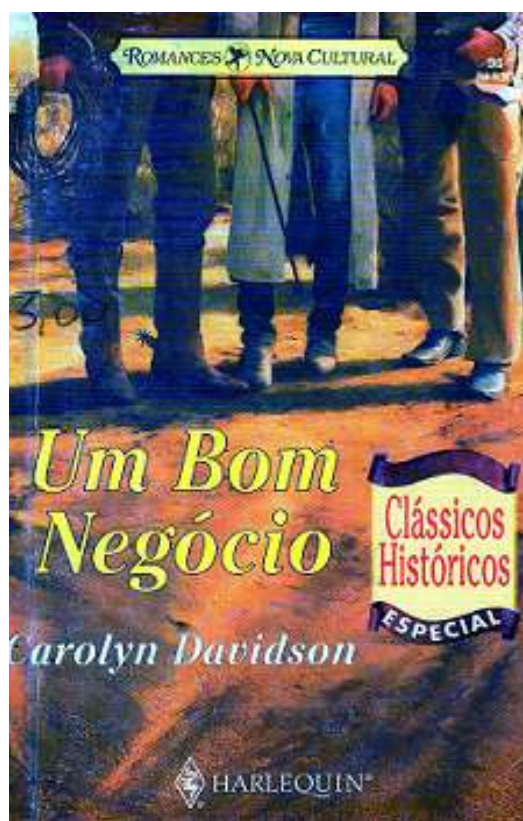


UM BOM NEGÓCIO

The bachelor tax

CAROLYN DAVIDSON



A ÚLTIMA COISA QUE ELE QUERIA ERA TRANSFORMAR SUA CASA EM UM LAR!

América do Norte, 1882.

O fazendeiro Gabriel Tanner estava decidido a cuidar de seu rebanho e permanecer solteiro para sempre. E, se fosse pelo maldito imposto para solteiros, teria sido assim. Mesmo que cada olhar que lançasse para Rosemary Gibson, filha do pastor, o advertisse de que ele não tinha a menor chance de continuar solteiro!

Os sonhos comuns da vida — amor, um lar, filhos — sempre escapariam de Rosemary Gibson. Ou, ao menos era o que ela pensava. Até o dia em que o destino juntou o tentador Gabriel Tanner, duas crianças angelicais e a puritana filha de um pastor, formando assim uma família "instantânea" um tanto incomum...!

Disponibilização do livro : Valéria

Digitalização Joyce

Revisão: Djane



CAPÍTULO I

Das páginas do Edgewood Gazette... 6 de julho de 1882

Foi aprovado o uso do novo imposto para solteiros em nossa cidade. A menos que nossos cidadãos solteiros possam provar que propuseram casamento a, no mínimo, uma mulher solteira, durante o último ano, terão de pagar um imposto. O propósito de tal medida é promover o casamento entre nossos cidadãos. Todos os homens maiores de idade estão sujeitos à cobrança...

Edgewood, Texas, 25 de julho de 1882

Aquele seria, sem a menor sombra de dúvida, dia mais importante em sua vida. Rosemary Gibson examinou com atenção a imagem refletida no espelho, erguendo uma das mãos para ajeitar uma mecha de cabelos que pendia sobre a orelha esquerda.

Esse fora o único sinal de vaidade feminina que ela se permitira exibir, além, é claro, do caracol pendente do outro lado de seu rosto. Exceto pelas duas pequenas indulgências, concluiu que exibia a imagem perfeita da mulher virtuosa, abstêmia e assídua frequentadora da igreja.

Com um pouco de sorte, tal imagem seria o bastante para atrair o homem que deveria chegar no trem da manhã, que estaria na estação dentro de dez minutos. Ergueu o pequeno relógio que levava na corrente presa ao pescoço, a fim de verificar as horas mais uma vez. Então, assentiu com determinação. Uma caminhada vigorosa faria com que ela chegasse na estação no exato momento em que a locomotiva atravessasse os limites da cidade.

Saiu da casa pela porta da frente, atravessou o jardim com passos rápidos e, uma vez na rua, seguiu para o centro da cidade. A bainha da saia agitava-se pouco mais de um centímetro acima de seus sapatos, e ela franziu o cenho, ao perceber a fina camada de poeira que já cobria o couro negro. Justamente quando ela precisava desesperadamente causar uma boa impressão! Bem, certas coisas não podiam ser evitadas.

Ao passar diante do armazém, notou a própria imagem refletida pelo vidro da vitrine. Inclinou a cabeça, satisfeita com o aspecto sóbrio de seu chapéu preto. Então, endireitou os ombros, tentando assumir uma postura de maior firmeza.

Passou pelo banco, cumprimentando o sr. Pace Frombert, que abria as portas ao público, e atravessou a rua. Ao passar pela ruela que levava ao agrupamento de casas que constituíam o lado pobre da cidade, estreitou os olhos.

Crianças brincavam na rua de terra, as vozes estridentes sendo carregadas pela leve brisa de verão, e Rosemary riu de suas brincadeiras. Suspendeu a saia, a fim de voltar a caminhar pela calçada. Virou a cabeça para o lado ao se aproximar do antro de perdição da cidade, o saloon Golden Slipper. Infelizmente, estava mais do que consciente da figura alta parada ao lado da porta.

Gabe Tanner, o dono do sorriso zombeteiro e do olhar penetrante. Rosemary só o encontrava ocasionalmente e, nas raras vezes em que isso acontecia, tinha o cuidado de manter distância.

Baixou os olhos para o chão, limitando a visão às botas de vaqueiro, quando passou por ele. Então, sentiu os músculos tensos ao ouvir-lhe o riso baixo, um som que parecia segui-la. Rosemary parou abruptamente, decidida a não aceitar um insulto como aquele.

Com os lábios ainda curvados em um sorriso cínico, Tanner apoiou-se na parede, mantendo o chapéu sobre a testa. Os olhos escuros a examinaram da cabeça aos pés, e Rosemary sentiu o rubor tomar conta de suas faces. Mesmo assim, fitou-o com olhar faiscante, antes de virar-se e seguir seu caminho.

Homens como Gabe Tanner deveriam ser banidos da raça humana, pensou, irritada. O fato de aquele tipo de homem não apreciar as suas qualidades não vinha ao caso, naquela manhã.

Por outro lado, aquelas mesmas qualidades estariam em julgamento, muito em breve. Afinal, se o homem que desembarcaria daquele trem não a considerasse adequada para ser sua esposa, Rosemary certamente teria de começar a procurar por um lugar onde morar, naquele mesmo dia. Tal pensamento era assustador, e ela sacudiu a cabeça, na tentativa de afastá-lo. Encontrar um local apropriado onde ela pudesse guardar seus pertences seria um problema e tanto, que ela simplesmente se recusava a considerar, no momento. Embora as cartas que houvessem trocado contivessem um tom sério de promessa, se Rosemary Gibson não fizesse jus à imagem de esposa de um pastor, o reverendo Jorgenson teria pleno direito de recusar-lhe tal título.

Ao mesmo tempo, se ele aprovasse o que ela tinha a oferecer, era possível que, antes do anoitecer, Rosemary já fosse uma senhora casada. Seus passos se tornaram mais rápidos, pois tal ideia encheu seu coração de esperanças.

Nunca antes fora pedida em casamento, até o novo pastor ter sugerido, em uma de suas cartas, que eles poderiam formar uma união desse tipo. Ao que parecia, o bispo

preferia homens casados para conduzir seus rebanhos, e Lars Jorgenson havia se mostrado disposto a sacrificar a condição de solteiro em nome da fé.

Fora um golpe de sorte que ela jamais imaginara encontrar. Desde o dia em que seu pai morrera, Rosemary ficara onde estava, contando com a permissão dos paroquianos para continuar morando na residência paroquial, mantendo-a imaculada, à espera de que o novo pastor chegasse. Enquanto isso, ela rezara, pedindo orientação sobre o que fazer, caso se descobrisse sem teto, da noite para o dia.

A última carta do novo pastor, enviada na semana anterior, reacendera a chama da esperança em seu coração. Se ele chegasse à conclusão de que um casamento entre eles poderia dar certo, comunicaria o bispo imediatamente. Até então, manteria seus planos em segredo.

Agora, dentro de poucos minutos, Lars Jorgenson desembarcaria do trem e procuraria por Rosemary na plataforma da estação. Com passos ainda mais apressados, ela deu a volta por trás do banco e seguiu pelo atalho quase escondido pelo mato, diretamente para a estação.

Aquele era, sem a menor sombra de dúvida, o dia mais importante de sua vida.

Gabe Tanner examinou a calçada de madeira mais uma vez, provavelmente a quinta, nos últimos dez minutos. Sua postura indolente não passava de fachada, uma vez que a missão que tinha a cumprir naquela manhã era mais importante do que ele estava disposto a admitir, mesmo que fosse só para si.

Ah, lá estava ela. A mulherzinha miúda, de cabelos escuros, cujo vestido era abotoado tão junto do pescoço que era de admirar que ainda não tivesse sufocado. Os passos tensos e apressados faziam seu peito subir e descer, em ritmo ofegante. Ela teria um ataque, caso imaginasse que apesar de tudo, conseguia prender a atenção de Tanner. Tal pensamento trouxe um sorriso aos lábios dele.

Ela se virou para fitá-lo, os olhos faiscando de raiva e indignação. Então, retomou sua marcha, mas não antes que ele percebesse o rubor que tomava conta de suas faces. Ora, ela deveria colorir aquelas faces com maior frequência. Assim, pareceria quase...

Não, seria necessário muito mais do que isso para colocar alguma vida na filha do velho pastor, Tanner decidiu. Continuou a observá-la, enquanto ela se afastava, o salto dos sapatos estalando na calçada.

Ainda assim, aquela era a, mulher que, segundo os cálculos de Tanner, o levaria a fazer uma grande economia, embora a quantia não fosse suficiente para levá-lo a hipotecar

sua fazenda. Na verdade, ele simplesmente se recusava a aceitar a nova lei, idealizada menos de um ano antes e já capaz de apanhá-lo em sua teia.

Imposto para solteiros. A simples frase era o bastante para curvar seus lábios em uma expressão de desgosto. A ideia de que um homem pudesse ser submetido a um imposto como aquele era revoltante.

Se pedir a srta. Toda-Poderosa em casamento o aliviaria de tal fardo por mais um ano, então ele estava disposto a tentar. A certeza de que ela se encolheria e estremeceria diante de sua simples presença já bastava para levá-lo a considerar tal saída.

Ajeitou o chapéu e endireitou-se, lançando um último olhar para as janelas fechadas do saloon Golden Slipper. Era cedo demais para aquele tipo de negócio, embora a vassoura de Herbie no chão eternamente empoeirado pudesse ser ouvida através da porta. Jason Stillwell, sem dúvida, ainda dormia, uma vez que ia para a cama de madrugada, por cuidar ele mesmo de seu saloon.

Os passos de Tanner soavam pesados, à medida em que ele seguia sua presa. Como ele já suspeitava, ela se dirigia à estação de trem.

O novo pastor deveria chegar naquela manhã. Corriam boatos de que Rosemary Gibson tinha esperança de que o pastor solteiro se casasse com ela, permitindo-lhe continuar vivendo na residência paroquial, onde ela havia passado os últimos dez anos de sua vida.

Apressou o passo, atento às pequeninas nuvens de poeira que se erguiam do chão, cada vez que a srta. Gibson pisava. Notou que os quadris dela oscilavam em um movimento cadenciado e atraente. Tanner perguntou-se se o novo pastor apreciaria tal visão com a mesma intensidade de um fazendeiro que havia muito tempo não se permitia desfrutar da companhia de uma mulher.

Quando uma solteirona passava a parecer tão apetitosa, mesmo às dez horas da manhã, isso significava que um homem encontrava-se em péssimas condições, Tanner concluiu.

O trem diminuiu a velocidade, o apito anunciando sua chegada com três toques curtos, ao mesmo tempo em que a locomotiva parava de vez. O condutor desceu imediatamente para a plataforma, a fim de ajudar os passageiros a desembarcarem pelos degraus metálicos.

Rosemary descobriu, surpresa, que mais de um passageiro desembarcaria em Edgewood, naquela manhã. Imaginara que somente o homem escolhido para tomar o

lugar de seu pai fosse esperado. Lugar do qual ela cuidara até o mês anterior. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela teve de fazer um grande esforço para contê-las. Afinal, a última coisa que desejava era conhecer Lars Jorgenson aos prantos.

Uma mulher desembarcou, seguida de perto por um garotinho. Então, um homem alto, carregando uma menininha nos braços, pisou na plataforma. Ficaram ali, parados, olhando em volta, como se esperassem que alguém houvesse ido até lá para recebê-los. Rosemary olhou por cima do ombro, certificando-se de que a estação estava deserta. Provavelmente, eram parentes de algum morador, ou simplesmente uma família que estava se mudando para Edgewood, e que precisava de transporte.

A visão de Gabe Tanner subindo na plataforma chamou-lhe a atenção, e Rosemary virou-se rapidamente, ignorando o sorriso atrevido que ele lançava na sua direção.

Um outro passageiro desembarcou do trem, e ela prendeu a respiração. Com certeza, tratava-se de Lars: um cavalheiro jovem e atraente, cujos olhos examinaram toda a extensão da plataforma. Rosemary ergueu a cabeça, curvando os lábios em um sorriso radiante, enquanto seus olhos apreciavam o rosto de traços bonitos.

No mesmo instante, sentiu um toque no ombro, e virou-se, quase emitindo um grito de susto.

— Senhorita?

— Pois não.

As duas palavras poderiam ter sido impressas em pedra, tamanha foi a frieza com que ela as pronunciou.

Gabe Tanner tirou o chapéu e sorriu, exibindo dentes muito brancos, cuja perfeição só era comprometida pela minúscula fenda que separava os dois da frente.

— Posso roubar um pouco da sua atenção, por um instante, apenas? — ele perguntou com cortesia.

Rosemary voltou a olhar, aflita, para o cavalheiro que a observava, ainda junto do trem.

— O que deseja? — inquiriu com um olhar frio para Tanner.

— Gostaria de pedir-lhe que se torne minha esposa — ele declarou com simplicidade. — Quer se casar comigo, srta. Gibson?

Ela arregalou os olhos, ao mesmo tempo em que sua boca se abria, como se seu queixo estivesse prestes a se deslocar.

— O senhor... com certeza...

As palavras recusavam-se a deixar seus lábios. Passando á língua por eles, Rosemary limitou-se a fitar o homem à sua frente, percebendo que os cabelos escuros enroscavam-se no colarinho da camisa.

— Devo interpretar sua reação como um "sim"? — ele indagou com um sorriso largo.

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la, como se houvesse perdido a voz em caráter definitivo. Então, finalmente conseguiu murmurar uma única palavra:

— Por quê?

— Por quê? — Tanner repetiu.

— Sim, por quê? O que o levaria a me fazer uma proposta como essa?

— Preciso de uma esposa, e a senhorita me parece uma excelente candidata.

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Por favor, não volte a me molestar, senhor. Estou aqui para receber o novo pastor para a igreja de meu pai.

— Sim, eu sei — Tanner confessou, com um intenso brilho nos olhos. — Creio que acaba de rejeitar o meu pedido, senhorita.

— Não acredito que isso esteja acontecendo!

Com essas palavras, Rosemary deu-lhe as costas, ajeitando o vestido, e sentindo-se profundamente aliviada ao ouvir os passos de Gabe Tanner se afastando atrás dela.

O jovem ainda a observava, e ela voltou a sorrir. Ele se aproximou, tirando o chapéu e expondo cabelos dourados e abundantes. Ora, ela pensou, chamando-se Lars Jorgenson, ele só poderia ser loiro e ter olhos azuis.

— Com licença, senhorita. Sabe onde posso encontrar o proprietário do Golden Slipper, a esta hora? — Abaixou ligeiramente a cabeça. — Tenho certeza de que não o conhece pessoalmente, mas talvez...

Rosemary engoliu seco, sentindo-se como se todo o ar houvesse abandonado seus pulmões.

— Está procurando o proprietário do Golden Slipper? Ele assentiu.

— Fui contratado para tocar piano lá, e ele deveria encontrar-me na estação, esta manhã. — Os olhos azuis a examinaram com cuidado. — A senhorita não o conhece, não é? — ele indagou, com uma ponta de remorso na voz.

— É evidente que não. Na verdade, imaginei que... — Rosemary parou de falar e

sacudiu a cabeça. — Bem, não importa. Apenas pensei que o senhor fosse outra pessoa.

Ainda sem fôlego, observou-o afastar-se. Era inacreditável. Simplesmente inacreditável. Aquele homem encaixara-se perfeitamente na descrição que seu coração havia criado e, agora, sua decepção era insuportável.

Rosemary virou-se, atenta à atividade que se desenrolava atrás dela. A família de quatro membros havia retirado sua bagagem do trem, e o cavalheiro encaminhou-se para ela. Rosemary hesitou. Seus olhos ainda esquadriavam as janelas dos vagões, à procura de outro passageiro prestes a desembarcar. Por isso, cumprimentou-o com distração.

— Havia outro passageiro no trem, destinado para cá, senhor?

— Não que eu saiba. — Ele fez uma pausa, antes de tirar o chapéu. — Por acaso, é a srta. Rosemary Gibson?

O silêncio momentâneo foi quebrado pelo grito de um falcão, que mergulhou no ar, a fim de apanhar sua presa. Rosemary ergueu os olhos para o céu, antes de voltar a encarar o cavalheiro.

— Sim, sou eu mesma.

Ele estendeu a mão e apertou a que ela oferecia em um gesto automático.

— Sou o novo pastor, que passará a cuidar da igreja de seu pai — ele se apresentou com um toque de orgulho.

— Mas... eu esperava...

Ele assentiu, examinando-a com olhar solene por um breve momento.

— O bispo mudou de ideia na última hora — informou-a. — Decidiu que o jovem Jorgenson não era o homem certo para esta paróquia, por ser solteiro. Achou que um homem de família, com responsabilidades, seria uma escolha mais adequada.

— Ah...

Rosemary descobriu o exato significado da palavra "desespero", no momento em que tal informação a atingiu, envolvendo-a em um turbilhão de sentimentos.

— Senhorita? Poderia nos conduzir à residência paroquial? Minha esposa está exausta pela viagem, e receio que meu filho esteja começando a se tornar irrequieto.

Rosemary assentiu.

— Sim, claro. Pedirei ao chefe da estação que cuide de sua bagagem, até que possamos providenciar para que alguém venha buscá-la.

Com passos rápidos, atravessou a plataforma e inclinou-se para o guichê, antes de

se dirigir ao homem idoso sentado lá dentro.

— Sr. Pagan...

— Sim, sim. Ouvi o que disse ao cavalheiro, senhorita — Homer Pagan declarou com um aceno de cabeça. — Pedirei ao meu filho, Joey, que vá até o estábulo e peça que mandem uma carroça.

— Obrigada — Rosemary agradeceu, os pensamentos confusos, e virou-se para o homem que esperava por ela.

— A casa fica perto daqui? Podemos caminhar até lá? — ele perguntou, enquanto a esposa aguardava com um sorriso incerto nos lábios. — Esta é Beatrice, minha esposa. E estes são nossos filhos. Rosemary assentiu.

— É um prazer conhecê-los.

Ora, aquela era, sem dúvida, a maior mentira que ela já se atrevera a pronunciar! No entanto, sua frustração a impediu de sentir-se culpada por isso.

— Não tínhamos a intenção de incomodá-la, srta. Gibson. Sei que a residência paroquial tem sido o seu lar por muito tempo, e o bispo deveria tê-la avisado com antecedência para que a senhorita a desocupasse para nós.

James Worth estava desolado pela posição em que se encontrava. Isso ficava evidente na postura com que ele conversava com Rosemary, na pequena sala.

— Não tenho onde guardar meus pertences — ela admitiu. — Talvez possam permitir que eu fique aqui até encontrar um lugar onde morar.

O sorriso do reverendo foi radiante, um sinal do alívio que sentia, enquanto balançava a cabeça em uma afirmativa veemente.

— E claro que sim! Teremos prazer em lhe dar uma semana, mais ou menos, para encontrar novas acomodações. Nossa mobília não deverá chegar antes disso. — Então, inclinou-se para ela, com ar preocupado. — Imagino que tenha parentes, em algum lugar, que ficarão felizes em recebê-la.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não tenho ninguém, senhor. Minha mãe morreu há seis anos, e eu cuidei da casa para meu pai até o mês passado, quando ele faleceu.

— Pelo que sei, foi uma morte repentina e inesperada. Rosemary assentiu.

— Ele simplesmente não acordou, em uma manhã. O médico disse que papai nunca

havia se recuperado do choque provocado pela morte de minha mãe.

— Uma pena... mas Deus tem maneiras misteriosas de conduzir as coisas. Nós sabemos disso.

Rosemary encontrou dificuldade em compreender como aquele tipo de conforto poderia ajudá-la. No momento, parecia que Deus havia se esquecido completamente de sua existência.

— Deu certo! Mal acredito, mas deu certo! Pedi a puritaninha em casamento e ela me recusou de pronto. — Tanner ergueu o copo em um brinde. — Estou livre do imposto para solteiros por mais um ano.

— Esse imposto é a coisa mais estúpida de que já ouvi falar — Jason Stillwell resmungou de trás do balcão de madeira polida.

Passou a toalha sobre um cisco minúsculo que ameaçava sua limpeza impecável e, então, lançou um olhar de orgulho ao redor.

— Bem, desta vez, passei a perna neles, ao que parece — Tanner vangloriou-se, bebendo o que restava de sua dose de uísque, de um só gole. — Eu a surpreendi na plataforma da estação, justamente quando ela ia encontrar o novo pastor. — A lembrança ainda era clara e nítida em sua mente. — Ela não é nada feia, de perto — comentou. — É apenas rígida e puritana demais para deixar qualquer homem excitado. Embora aqueles cabelos escuros pareçam...

Sacudiu a cabeça, rindo dos próprios pensamentos.

— Ouvi dizer que você apareceu bem cedo na cidade — Jason disse. — Tive a impressão de que estava de tocaia, à espera da moça. Tem certeza de que não gostaria de levá-la para casa, com você? Aquele lugar ficaria bem melhor, com uma mulher lá dentro.

Tanner sacudiu a cabeça.

— Nem pensar. Mama Pearl vai até lá uma vez por semana, e cuida de tudo para nós. Nos outros dias, damos conta de tudo o que tem de ser feito.

Jason sorriu.

— Não é o que seus vaqueiros dizem. Pelo que sei, a única refeição decente que comem é servida nas quartas-feiras, quando aquela velha senhora cozinha para eles.

Tanner franziu o cenho.

— Mulheres não trazem nada além de preocupação e problemas.

— Não era o que dizia quando se encontrava com a viúva Courtland, se estou bem lembrado.

Tanner deu de ombros.

— Aquela era uma boa mulher. Foi uma pena ela ter decidido aceitar a proposta de casamento feita por Hale Carpenter.

— Eu diria que você teve muita sorte por Rosemary Gibson ter recusado a sua oferta, Tanner. Você se arriscou demais, sabendo que o pai dela morreu e que ela não tem para onde ir.

— Tem razão. Pensei nisso o dia todo, em como arrisquei o meu pescoço. Foi por isso que decidi tomar um uísque bem forte.

Tanner examinou o copo vazio, como se considerasse pedir outra dose. Um drinque era o máximo que se permitia beber, pois as consequências do excesso de bebida ainda eram claras em suas lembranças do pai. Virou o copo de boca para baixo e suspirou, ligeiramente irritado com o próprio bom senso.

Retirando o copo com uma das mãos, enquanto a outra esfregava a toalha no balcão, Jason eliminou rapidamente as evidências do único drinque que Tanner bebera naquela noite.

— Pretende ficar por aqui, para ouvir meu novo pianista? — perguntou em tom casual, pousando os olhos no grande piano posicionado do outro lado do saloon.

Tanner sacudiu a cabeça.

— Não. Preciso voltar para casa.

— Vai perder uma noite e tanto. Eu o trouxe de St. Louis. Chegou esta manhã. Foi um amigo de lá que me falou dele. Disse que o jovem estava pensando em tentar fazer fortuna no oeste e, por isso, decidi dar-lhe uma chance.

— Ele chegou esta manhã? Vi todos os passageiros que desembarcaram do trem, Jason. Nunca imaginei que você contrataria um pai de família para trabalhar no seu saloon.

Jason ergueu as sobrancelhas, surpreso e confuso com o comentário.]

— Ele é tão solteiro quanto você, Tanner. Veja, lá vem ele.

Tanner virou-se e viu, descendo a escada, um Adónis de cabelos loiros e sorriso radiante. O jovem ergueu a mão em um cumprimento dirigido ao homem atrás do balcão e, então, foi se sentar diante do piano. Suas mãos ergueram-se sobre o teclado em um gesto reverente, e ele se acomodou no banquinho.

— Ora, aquele piano nunca emitiu um som tão agradável — Jason comentou em tom fascinado, à medida que a música tomava conta do ambiente, como se fluísse dos

dedos longos daquele jovem talentoso, que se inclinava sobre as teclas negras e brancas.

— Esse é o seu novo pianista? — Tanner inquireu, apoiando os dois cotovelos no balcão.

— Ele mesmo. O que está achando? — O tom de Jason era do mais puro orgulho, e ele observava o novo empregado com um sorriso satisfeito.

— Acho que ele mais parece um pastor. Na verdade, foi o que pensei que ele era — Tanner resmungou. — E garanto que a srta. Toda-Poderosa pensou o mesmo.

— Srta. Toda-Poderosa? Está ser referindo à srta. Gibson? Ela conheceu meu novo pianista?

— Ela foi esperar o trem, esta manhã — Tanner disse, sem tirar os olhos do homem que alegrava o saloon com sua música de excelente qualidade.

— Ela pensou que Dex Sawyer era o novo pastor? — Jason Stillwell exibiu expressão incrédula, enquanto sua toalha esfregava o balcão com maior velocidade. — Meu Deus, Tanner! Ela recusou o seu pedido de casamento porque pensou que...

— Exatamente — Gabe fitou-o nos olhos. — Não faço ideia do que aconteceu com o homem que ela esperava conhecer esta manhã.

— Se está falando do novo pastor, posso responder à sua pergunta. Ele já está confortavelmente instalado na residência paroquial, juntamente com a esposa e os dois filhos. — Os lábios de Jason curvaram-se em uma expressão de desgosto. — Provavelmente, já está arquitetando um plano para acabar com o meu negócio. Esses pastores são incapazes de deixar que cada um viva sua vida em paz. Só pensam em converter a minha clientela, em vez de cuidar de seu "rebanho".

— Ouvi dizer que o novo pastor era solteiro, e que a srta. Gibson tinha esperanças de se casar com ele e continuar morando na residência paroquial — Tanner contou em tom casual.

Jason sacudiu a cabeça.

— Quem sabe? Talvez alguém tenha mudado de ideia.

— Bem, se uma família inteira se mudou para cá, fico me perguntando... Onde a solteirona vai viver? — Tanner questionou.

Jason deu de ombros.

— Não faço a menor ideia. Certamente, vai ter de encontrar uma casa para morar, ou alugar um quarto na casa de alguém. Imagino que tenha de arranjar um emprego. Isso, se for mesmo ficar na cidade. É possível que ela tenha parentes no leste, e que pretenda

viver com eles.

— É possível.

Tanner olhou para as garrafas dispostas sobre a prateleira na parede detrás do bar. O líquido escuro, de aparência letal, o atraiu, e ele passou a língua pelos lábios, considerando mais uma dose.

— Pensei que ia voltar para casa — Jason comentou, percebendo em que direção o olhar de Tanner se fixara com interesse. — Nunca o vi beber uma segunda dose, Tanner. É por estar pensando na srta. Gibson que decidiu mudar seus hábitos.

Tanner endireitou-se na banqueta.

— Ainda não nasceu a mulher capaz de fazer isso, Jason. E, com certeza, jamais seria a puritana.

Tanner saiu do saloon e se dirigiu ao estábulo, onde sua carroça o esperava, carregada com as compras de suprimentos que fizera para a fazenda.

Sentou-se no banco, apanhou as rédeas e, com um aceno, tomou o caminho de sua fazenda. O trajeto era longo, e demorava quase uma hora, de carroça. Talvez, com a lua cheia a iluminar a estrada, ele conseguisse imprimir uma velocidade maior aos cavalos.

De um jeito ou de outro, já estava na hora de refletir sobre suas bênçãos. Afinal, naquele dia, conseguira economizar uma quantia significativa.

CAPITULO II

— Rosemary, eu realmente adoraria tê-la comigo todos os dias, mas a loja simplesmente não precisa de outra vendedora.

Rosemary emitiu um suspiro profundo, descobrindo-se incapaz de esconder o imenso desapontamento que sentia. De que outra maneira poderia se sentir, depois de ter sido rejeitada em sua tentativa de trabalhar no armazém de Edgewood? Não que se considerasse extremamente capacitada para a função. A verdade era que não estava extremamente capacitada para trabalho algum que não fossem as tarefas domésticas. Manter a residência paroquial impecavelmente limpa e passar sete camisas brancas por semana não a haviam preparado para a indignidade de ter de procurar por um emprego.

— Talvez você possa continuar morando na residência paroquial, onde trabalharia como babá dos filhos do novo pastor — Phillipa Boone sugeriu.

A proprietária do armazém estava sentada no banco alto que mantinha atrás do balcão, desfrutando de um raro momento de descanso, enquanto estudava a expressão desolada de Rosemary Gibson.

Rosemary olhou em volta e voltou a suspirar. Ao menos, pensou, não havia mais ninguém na loja que pudesse testemunhar aquele momento de vergonha que ela estava experimentando. Ser rejeitada em sua primeira tentativa de conseguir trabalho fora um duro golpe em seu orgulho. Felizmente, Pip era uma grande amiga. Do contrário, seu embaraço teria sido insuportável.

— Duvido que o novo pastor tenha condições de me contratar para o que quer que seja. Ele me pareceu tão pobre quanto todos os outros pastores que conheci. E essa é uma condição que conheço bem, uma vez que vivi a minha vida inteira em uma residência paroquial. — Lançou um olhar de cobiça e desânimo para as peças de tecido colorido, empilhadas sobre o balcão à sua frente.

— E não poderei, em sã consciência, comprar nenhuma roupa colorida durante o próximo ano. Papai não dava grande valor à questão do luto, mas o respeito que tenho por mim mesma é um limite difícil de transpor. — Passou os dedos por uma estampa florida, particularmente alegre.

— Bem, é claro que, no momento, não posso comprar nada.

Pip Boone levantou-se do banquinho e apoiou os cotovelos no balcão.

— Você poderia se casar com Gabe Tanner. Afinal, ele a pediu em casamento.

Tal desafio foi pronunciado em um sussurro, como se a simples ideia fosse escandalosa demais para ser mencionada em voz alta.

Rosemary endireitou as costas e, assumindo uma postura rígida e indignada, deu meia-volta e se dirigiu para a porta.

— Rosemary! Não vá embora. Eu só estava brincando. Phillipa deu a volta no balcão, partindo no encalço da amiga, impedindo-a de deixar a loja.

— Não posso. Eu jamais poderia me casar com aquele homem. Mesmo que o pedido dele houvesse sido feito com seriedade, seria... — Rosemary baixou os olhos, ao mesmo tempo em que suas faces adquiriam uma tonalidade escarlate. — Seria um sacrilégio, do pior tipo.

Phillipa franziu o cenho e estreitou os olhos.

— Ora, como foi que chegou a essa conclusão? — inquiriu.

— Para começar, ele é um arruaceiro — Rosemary declarou, passando a ponta da língua pelos lábios, que se tornaram imediatamente ressecados, diante da lembrança do sorriso provocador que ele exibira na véspera.

— Arruaceiro não é bem a palavra para descrevê-lo, mas mesmo que fosse, não vejo isso como sendo um pecado mortal — Phillipa retrucou com um sorriso maroto.

— Você sabe muito bem o que estou querendo dizer — Rosemary persistiu. — Papai se reviraria no túmulo, se eu me casasse com um homem que frequenta o Golden Slipper. Deixei bem claro que não estou interessada em me tornar esposa dele. — Empinou o queixo, considerando a proposta que a apanhara de surpresa. — Além do mais, o sr. Tanner só estava me usando.

Phillipa estendeu a mão e pousou-a no ombro de Rosemary, em um gesto de conforto.

— Mas você não o rejeitou definitivamente, não é verdade? Sabe de uma coisa, Rosemary? Tenho certeza de que seu pai ficaria feliz se você se casasse com um homem que a tratasse bem, mesmo que ele fosse tomar um drinque no Golden Slipper, de vez em quando. E, pelo que sei, Gabe Tanner não tem o hábito de beber, nem é um freguês assíduo do *saloon*. — Seus olhos brilharam, como se um pensamento súbito e muito agradável houvesse lhe cruzado a mente. — Ele me parece ser o tipo de homem capaz de tratar uma mulher muito melhor do que jamais seríamos capazes de imaginar. Além disso, é um bocado atraente.

Rosemary fitou-a, boquiaberta.

— Pip Boone! Como pode dizer uma coisa dessas? O sujeito utiliza um linguajar indecente e ainda aprova o uso de álcool. Além do mais, eu seria capaz de apostar o pouco que tenho como ele me pediu em casamento apenas para não ter de pagar o imposto para solteiros.

— Bobagem! Homem nenhum faria um pedido de casamento se não estivesse preparado para arcar com as consequências de uma resposta afirmativa, querida. Nem mesmo Gabe Tanner assumiria um risco tão grande. A menos que...

Phillipa desviou o olhar.

— Ele tinha certeza de que eu recusaria a proposta, não é? — Os olhos de Rosemary encheram-se de lágrimas, que ela se esforçou para conter. — Ele sabia que não correria o menor risco, se me abordasse como fez. Calculou que eu recusaria de pronto. — Levou as mãos ao ventre, como se houvesse recebido um forte golpe físico. — Acho que fui

insultada, Pip. Lamento não ter sido mais clara na minha rejeição. Deveria ter dito não de mil maneiras diferentes. Só assim teria certeza de que ele recebeu a mensagem correta.

— Bem, na minha opinião, você pode estar tirando conclusões erradas sobre ele. Tanner pode ter decidido que sua casa precisa de um toque feminino e que a filha de um pastor, uma moça de bons hábitos e princípios, seria a escolha perfeita.

A sugestão de Phillipa soou um tanto inconsistente, mas Rosemary sorriu assim mesmo.

— Devo admitir que ele me olhou como se eu não passasse de um burro de carga. Não vi o menor sinal de interesse nos olhos dele, exceto por aquele olhar odioso que às vezes ele lança na minha direção. É como se fosse capaz de enxergar por debaixo das minhas roupas e não gostasse do que visse.

A primeira reação de Phillipa foi a de arregalar os olhos. Então, seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Ora, ora, Rosemary Gibson! Quer dizer que já esteve espiando o sr. Gabe Tanner antes, não é mesmo?

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Espiando? Nunca! Não tenho o hábito de espiar ninguém. E, é claro... — Deu as costas a Phillipa e olhou através da grande vitrine do armazém. — De um jeito ou de outro, isso é uma grande perda de tempo. Preciso encontrar um emprego e um lugar onde morar, Pip. Não posso abusar da bondade do reverendo Worth e da família dele por muito mais tempo.

— Quanto tempo vai demorar para a mobília dele chegar? — Pip perguntou.

— Segundo o que ele me disse, uma semana. O que não me dá muito tempo.

— Se precisar, pode se mudar para minha casa — Pip ofereceu. — Sempre há espaço para mais um.

Rosemary voltou a sacudir a cabeça.

— Sua família mal cabe naquela casa, Phillipa! Eu não poderia aceitar o seu convite.

— Que tal um emprego no jornal? Ou, talvez, no hotel? Rosemary assentiu.

— Pensei em procurar emprego no hotel, mas não tenho certeza de que ganharia o suficiente para me sustentar.

— Só existe uma maneira de descobrir: vá até lá e veja o que o sr. Westcott tem a dizer.

— Eu gostaria muito de ajudá-la, srta. Gibson, mas o único trabalho que poderia lhe oferecer aqui seria limpar os urinóis e o chão. Mesmo assim, só precisaria de seus serviços durante duas ou três horas diárias. Seu salário mal daria para pagar hospedagem e comida, na pensão do fim da rua. — Samuel Westcott mostrou-se constrangido, parado em postura rígida, junto à escrivaninha, e mantendo as mãos firmemente cruzadas atrás das costas. — Eu realmente gostaria de fazer algo pela senhorita, já que seu pai foi uma influência tão positiva na cidade...

— Obrigada, senhor. Compreendo a sua posição — Rosemary declarou com um sorriso forçado.

— É uma pena que não seja um cavalheiro, em busca de trabalho. Ouvi dizer que Jason Stillwell está pensando em contratar um contador.

Rosemary sentiu gotas de suor cobrirem sua testa, ao ouvir as palavras de Samuel Westcott.

— Sim, bem, ao que parece, os homens levam vantagem em tudo, não é mesmo, senhor?

Se não tivesse os olhos marejados de lágrimas, Rosemary certamente teria visto a bola que rolava pela calçada. E se o homem que cavalgava lentamente pela rua estivesse olhando para o outro lado, certamente não veria as pernas bem torneadas, quando a saia de Rosemary se ergueu no ar. i

— Ah, meu Deus!

Pisando exatamente sobre a bola de couro, Rosemary perdeu completamente o equilíbrio. Seus braços agitaram-se no ar, o chapéu caiu sobre seus olhos e o vestido pousou sobre seus joelhos, quando ela finalmente aterrissou no chão de madeira.

— Ah, meu Deus — ela repetiu, enquanto com uma das mãos ajeitava o chapéu e, com a outra, pressionava o peito, na tentativa de recuperar o fôlego.

— Senhorita? Deixe-me ajudá-la.

Bem diante dos olhos de Rosemary, surgiu uma mão grande e coberta por uma luva de couro, estendida para ela.

Rosemary ergueu os olhos e descobriu que os de Gabe Tanner encontravam-se fixos em suas pernas, devidamente cobertas pelas meias pretas. Com movimentos rápidos, ela cobriu os membros expostos com a saia, ou melhor, cobriu parte deles.

— Srta. Gibson? — ele murmurou com um brilho divertido no olhar, ao mesmo

tempo em que agitava os dedos para ela. — Terei prazer em ajudá-la a se levantar. — Sem esperar pela resposta, tomou a mão de Rosemary com firmeza e puxou-a, fazendo com que ela ficasse de pé diante dele. — Que eu me lembre, nunca antes uma jovem senhorita atirou-se aos meus pés com tamanha graça.

As faces de Rosemary arderam de vergonha.

— Tropecei em alguma coisa — ela murmurou depressa, passando as mãos pelo vestido e, então, esfregando-as uma contra a outra.

Sentiu as palmas arderem, assim como uma dor forte na parte traseira de seu corpo. No entanto, nada incomodava mais que a dolorosa humilhação da sequência de fracassos ocorridos naquela manhã.

A voz de Tanner tornou-se mais baixa.

— Eu estava apenas brincando, srta. Gibson. Não tive a intenção de deixá-la embaraçada.

Soltou-a e, surpreso, viu-a perder novamente o equilíbrio, assim que ficou sem apoio.

— Senhorita? Pode andar? Tem certeza de que está bem? Inclinou-se para examinar-lhe o semblante, segurando-lhe o queixo com a mão enluvada.

Rosemary cerrou os dentes e fitou-o nos olhos.

— Estou bem, obrigada. Só um pouco...

Por nada no mundo ela revelaria os detalhes de seus ferimentos. Já era ruim demais o fato de seu tornozelo haver se torcido na queda. Admitir para aquele homem que, no momento, não tinha a menor condição de sustentar o peso do próprio corpo sobre o pé direito estava além...

— Srta. Gibson, não creio que esteja em condição de caminhar sozinha. Estou enganado?

— É claro que posso caminhar! Siga o seu caminho, senhor. Ficarei bem assim que tiver descansado por alguns minutos e recuperado o fôlego.

Rosemary voltou a apoiar o pé no chão, testando-o com cuidado. Então, equilibrou-se na ponta do pé. Medindo a distância até o armazém, do outro lado da rua, respirou fundo e mordeu o lábio.

Gabe Tanner recuou um passo, observando-a com olhar cético, como se estivesse avaliando a capacidade de Rosemary de se locomover sem ajuda.

— Escute, senhorita, posso colocá-la sobre meu cavalo e levá-la até sua casa, em um

piscar de olhos.

— Não será necessário.

Ela se moveu, desajeitada, dando-lhe as costas e caminhando apenas duas passadas. A dor era insuportável. No mesmo instante, antes que tivesse a oportunidade de entender o que estava acontecendo, descobriu-se erguida no ar por um par de braços musculosos e firmemente acomodada de encontro ao peito largo de Tanner.

O odor de couro e cavalo, mesclado de um terceiro, que ela não soube definir, encheu suas narinas, provocando-lhe uma sensação de ligeiro torpor. Ele a fez pensar no feno verdejante dos campos, o que não se parecia em nada com o que ela esperava de um fazendeiro. Chocada com os próprios pensamentos, Rosemary sacudiu a cabeça, como se assim pudesse afastá-los.

Ele a acomodou melhor em seus braços, usando uma das mãos para segurá-la com firmeza sob as coxas.

— Está cometendo uma grande tolice, ao tentar caminhar, mesmo sentindo fortes dores, senhorita. O que aconteceu? Torceu o tornozelo?

— Sim, acho que foi isso mesmo — ela confessou, sem pensar, atordoada pela vergonha que se tornava ainda maior por ela estar sendo carregada nos braços de um homem, bem no meio da rua, à luz do dia.

— Acho que vou... — Tanner parou de súbito, fitando-a com expressão confusa. — Para onde devo levá-la, senhorita? Onde está morando, agora? Talvez fosse melhor acomodá-la em meu cavalo e levá-la até sua casa.

Rosemary fechou os olhos, incapaz de acreditar na extensão da humilhação que vinha sofrendo naquela manhã.

— Por favor, ponha-me no chão, senhor. Posso perfeitamente chegar sozinha ao meu destino.

Tanner emitiu um suspiro um tanto exagerado.

— Não posso fazer isso, srta. Gibson. A senhorita cairia no chão, mais uma vez. E minha mãe jamais me perdoaria se soubesse que tratei mal uma mulher.

— Até agora, o senhor me pediu em casamento sob falsos pretextos e me transformou em um espetáculo público, carregando-me nos braços, pelo meio da rua. Não vejo como essa situação poderia se tornar ainda pior — Rosemary declarou em tom indignado, movendo-se de maneira a se libertar dele.

Tanner segurou-a com força e firmeza maiores.

— Se não parar de se remexer, querida, vou acabar derrubando você no chão. Se isso acontecer, então vai se transformar em um verdadeiro espetáculo.

Os olhos escuros sustentaram o olhar dela, enviando-lhe a mensagem de que ele estava prestes a se arrepender de ter sequer pensado em ajudá-la.

Rosemary voltou a fechar os olhos.

— Deixe-me do outro lado da rua, por favor. Irei andando, de lá.

Sentiu como se suas mãos não passassem de dois apêndices inúteis, e tratou de cerrá-las e cruzá-las sobre o peito a fim de conter o impulso de pousá-las no peito de Tanner e empurrá-lo.

Ele voltou a acomodá-la nos braços, como se quisesse se certificar de que a segurava com firmeza, e Rosemary não pôde impedir que o ar deixasse seus pulmões ruidosamente. O chapéu voltou a cair sobre sua testa, e ela teve a mais absoluta certeza de que suas pernas encontravam-se inteiramente visíveis, para quem quer que os estivesse observando.

A vontade de chorar era quase irresistível, e ela cravou as unhas nas próprias palmas, ao mesmo tempo em que cerrava os dentes, na tentativa de evitar mais essa demonstração de fracasso. Em questão de segundos, Tanner subiu na calçada do outro lado da rua e, com rapidez e eficiência, colocou-a de volta no chão.

— Muito bem, senhorita. Fiz exatamente o que me pediu. Espero ter sido capaz de ajudá-la.

Rosemary lançou-lhe um olhar pelo canto do olho, enquanto se ocupava em ajeitar o vestido.

— Sim, o senhor foi de grande ajuda, sr. Tanner. Uma verdadeira bênção.

Ele estalou a língua, em um som de reprovação.

— Por acaso, está tentando ser sarcástica... depois de tudo o que fiz?

Ora, ele estava chamando a atenção de uma verdadeira multidão, Rosemary pensou, dando-se conta de que várias senhoras haviam saído do banco para observá-los. Alguns cavalheiros idosos encontravam-se a poucos passos dali, pois sua ida ao empório para o costumeiro jogo de cartas fora interrompida pelo infortúnio de Rosemary.

— Por favor, vá embora, sr. Tanner — ela implorou em um sussurro, prestes a perder a batalha contra as lágrimas insistentes.

Ele permaneceu em silêncio por um momento, imóvel diante dela, e Rosemary respirou fundo, desejando poder simplesmente desaparecer daquele lugar, assim como da

presença do sr. Tanner.

De repente, os dedos dele seguraram-lhe o queixo, forçando-a a erguer os olhos para fitá-lo.

— Está chorando, senhorita?

— Não! Eu nunca choro — ela mentiu, embora uma lágrima já rolasse por sua face.

Ora, Tanner pensou, estava metido em uma bela encrenca! Metade da cidade encontrava-se a poucos passos de distância, mantendo os ouvidos apurados, enquanto ele tentava se retratar por ter agido como cavalheiro pela primeira vez em sua vida. Enquanto considerava suas opções, viu uma lágrima cair sobre o corpete do vestido preto da puritana.

Definitivamente, a srta. Gibson era uma figura de dar dó, com os cabelos presos sob o chapéu velho e de mau gosto, apenas algumas mechas e cachos escapando do arranjo pouco sofisticado. Foi então que ele se deu conta de que os cabelos dela não eram do castanho escuro comum que ele imaginara. Possuíam uma tonalidade bonita, sendo ligeiramente avermelhados. E ela conseguira escondê-los completamente sob o chapéu de palha preta mais feio que Tanner já vira.

— Senhorita? — insistiu, apertando os dedos de encontro ao queixo delicado.

Então, dando-se conta de que certamente machucara a pele macia com seus dedos desajeitados, soltou-a. Viu os lábios dela tremerem e, no mesmo instante, dentes brancos e perfeitos cravaram-se no inferior.

— Senhorita, não tive a intenção de fazê-la chorar — Tanner murmurou, notando as mulheres que se aproximavam, provavelmente loucas de curiosidade para saber o que se passava entre o estranho casal.

Lembrou-se de que já pusera o pescoço em risco com aquela mesma jovem e, agora, sem saber exatamente como, criara uma cena de grande interesse, com metade da cidade por testemunha.

— Estou bem, sr. Tanner. Pode seguir o seu caminho. Ela parecia bem equilibrada sobre os dois pés, e Gabe recuou um passo, tirando o chapéu.

— Foi um prazer poder ajudá-la, senhorita — declarou em voz alta, para que os observadores pudessem ouvi-lo. — Sugiro que peça para alguém examinar seu tornozelo.

Baixou os olhos para onde o pé direito de Rosemary mal tocava o chão.

Talvez, fosse melhor... Ora, não! Não faria mais nenhuma oferta. A imagem de si mesmo tirando o sapato da srta. Gibson e deslizando as mãos experientes pelos ossos do

tornozelo delicado formou-se em sua mente, clara e nítida. Se fizesse algo assim, estaria mesmo perdido nas mãos da população feminina de Edgewood. Elas o arrastariam para o altar antes mesmo que ele tivesse tempo de pronunciar seu nome.

Ainda assim, viu-se forçado a admitir para si mesmo que as pernas de Rosemary Gibson pareciam... apetitosas. Um sorriso ameaçou curvar-lhe os lábios, diante da lembrança da breve visão. Mesmo cobertas pelas discretíssimas meias, eram tentadoras. Gabe seria capaz de apostar que os tornozelos dela eram bem torneados e delicados, a pele clara e sem manchas.

— Rosemary, você está bem? — Phillipa Boone surgiu, aparentemente do nada, ofegante e visivelmente preocupada.

— Ela tropeçou em uma bola, em frente ao hotel — Tanner explicou. — Ajudei-a a atravessar a rua, mas ela me garantiu que agora já pode andar sozinha.

Phillipa assentiu.

— Vi quando a carregou, pela minha vitrine. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso maroto. — Tenho certeza de que foi de grande ajuda, senhor.

Tanner voltou a colocar o chapéu, puxando a aba sobre a testa.

— Bem, acho eu já posso ir embora. Espero que seu tornozelo não lhe cause maiores problemas, srta. Gibson.

Virou-se e afastou-se, ouvindo com clareza as palavras de conforto pronunciadas por Phillipa Boone, assim como as réplicas sussurradas por Rosemary. Que confusão! Agora, já se colocara em extrema proximidade daquela jovem por duas vezes. O melhor a fazer seria manter-se distante dela, antes que a criatura começasse a pensar que ele estava realmente interessado nela.

Apressando o passo, dirigiu-se para onde havia deixado o cavalo e, com um último olhar na direção das mulheres, agora concentradas em cuidar da filha do pastor, cavalgou até o estábulo. Lá, Bates Comstock cumprimentou-o com um sorriso largo.

— Que história foi essa de pedir a srta. Gibson em casamento, Tanner? Está pensando em se assentar, como o resto de nós?

Gabe sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

— Foi a única maneira que encontrei para escapar do imposto para solteiros, só isso. Aliás, esse imposto é a coisa mais ridícula que já vi. Só não entendo por que a cidade tem o direito de interferir nas minhas decisões pessoais.

— Estão tentando angariar fundos para a construção da nova escola.

— Ora, se estão contando com o dinheiro do novo imposto para pagar essa conta, vai demorar muito até que a primeira parede seja erguida. Não existem tantos homens solteiros, por aqui.

— O que está fazendo na cidade, Tanner? — Bates perguntou.

— Na verdade, estava vindo procurá-lo, quando a srta. Gibson levou um tombo, em frente ao hotel. Eu a ajudei a atravessar a rua e deixei que Phillipa Boone cuidasse dela.

— Está se arriscando demais, garoto. É melhor ficar longe daquela moça, ou ela pode acabar aceitando a sua proposta.

Tanner chutou uma pedra no chão, tentando dar vazão à irritação que sentia.

— Esqueça isso, Bates. Ela não vai aceitar meu pedido, ponto final. Agora, preciso saber quantos cavalos pretende comprar de mim. Estou lhe dando prioridade de escolha.

Bates enfiou as mãos nos bolsos.

— Vou precisar de três ou quatro. A cidade está crescendo e, todas as semanas, recebo pedidos de aluguel dos meus veículos, ou mesmo proposta de compra para meus cavalos. Tem animais treinados para montaria?

Gabe deu de ombros.

— Tenho qualquer coisa de que você possa precisar. Estou acabando de treinar os que completaram três anos de idade. Alguns foram preparados para montaria, outros para puxar veículos.

— Irei até a fazenda, amanhã, e darei uma olhada — Bates decidiu. — Como estão os preços?

Tanner sorriu.

— Altos. Tenho os melhores cavalos do leste do Texas, e você sabe disso tão bem quanto eu.

— O que vai fazer com o resto deles?

— Há um comerciante em Shreveport, disposto a comprar tudo o que eu tiver para vender.

Bates assentiu.

— Nesse caso, é melhor eu chegar antes dele. Estarei lá amanhã, bem cedo.

— Se eu fosse homem, poderia fazer o trabalho de um contador, para o sr. Stillwell, no Golden Slipper — Rosemary disse, apoiando o queixo na mão e o pé machucado em

um banquinho, com uma compressa fria sobre o tornozelo.

— Nem pense em uma coisa dessas! — Pip repreendeu-a de pronto. — Mesmo que fosse homem, não ia querer trabalhar para o proprietário de um saloon.

— De qualquer maneira, não tenho a menor chance — Rosemary declarou, dando de ombros em um gesto de derrota. — Ele jamais contrataria a filha de um pastor, imperialmente de meu pai. Os dois nunca se deram bem, o travaram verdadeiras batalhas, até a morte de papai. Pip inclinou-se sobre o tornozelo inchado da amiga, retirou o pano úmido e agitou-o no ar, a fim de refrescá-lo.

— Acho que vai ter de repousar por uns dois dias — decretou, pensativa. — A torção foi mesmo feia, Rosemary. Vamos fazer o seguinte: quando eu fechar o armazém, iremos juntas até sua casa. Assim, poderá se apoiar em meu ombro.

A simples ideia de sustentar o peso do corpo sobre o pé direito já fazia Rosemary encolher-se de dor, mas não havia outra saída. A residência paroquial situava-se a mais de cinquenta metros da saída dos fundos do armazém, e ela realmente precisaria de ajuda para chegar até lá.

O sol já baixava no horizonte quando as duas jovens viraram a esquina e avistaram a casa humilde que Rosemary havia partilhado com o pai durante dez anos. Diante da moradia, uma grande carroça encontrava-se estacionada, junto ao portão. Vários homens descarregavam peças de mobília.

— Pensei que a mobília do novo pastor só fosse chegar daqui a três dias — Rosemary murmurou em voz baixa, desesperada demais com aquela mudança na situação para se capaz de conter as lágrimas.

— Onde estão as suas coisas? — Pip perguntou, observando os homens virarem um sofá a fim de transportá-lo porta adentro.

Rosemary simplesmente não encontrou a voz para responder à pergunta da amiga.

— Srta. Gibson! — A figura alta e imponente de James Worth adiantou-se para onde as duas haviam parado. — Sinto muito por não ter conseguido encontrá-la, quando a carroça chegou. Como pode ver, estamos muito ocupados, descarregando os móveis. Tivemos de colocar os seus pertences na grama, e estes cavalheiros prometeram colocá-los na carroça e deixá-los no estábulo, até que a senhorita decida o que fazer com eles.

— Certo — Rosemary replicou com grande esforço, piscando repetidas vezes, determinada a não demonstrar os verdadeiros sentimentos.

Fazia três dias que já sabia que teria de tomar uma decisão. Agora, seu tempo se esgotara, antes do momento previsto. Nenhum milagre acontecera. Nenhum anjo descera

do céu, agitando as asas benignas em seu favor.

Se Lars Jorgenson não houvesse sido preterido em favor de outro pastor, ela poderia estar, naquele exato momento, preparando o jantar para seu marido.

Assim que tal pensamento cruzou-lhe a mente, Rosemary irrompeu em lágrimas.

CAPITULO III

A porta do saloon estava fechada, e somente uma fresta de luz atravessava o vão minúsculo que se abria de encontro ao batente. Parada na escuridão, Rosemary apurou os ouvidos, prestando atenção aos sons que vinham lá de dentro. A gargalhada de uma mulher soou alta e sonora, seguida da voz mais controlada de um homem e do ritmo marcado da música que era tocada na parte da frente do estabelecimento.

O vestido preto de Rosemary a escondia daqueles que passavam pela ruela estreita, que ligava a comunidade comercial de Edgewood a um grupo de casas menos abastadas. Com movimentos lentos, ela ergueu uma das mãos, cerrou o punho e, com grande hesitação, bateu de leve na porta.

Lá dentro, os ruídos não cessaram, sofrendo apenas a adição de uma terceira voz, que disse:

— Pouco me importa se só vai enxaguá-los. Trate de devolver esses copos ao bar, o mais depressa possível. Não há água quente, no fogão?

A voz feminina respondeu com segurança e firmeza:

— Não sou cozinheira, nem copeira, Jason. Você tem sorte por eu ser uma pessoa que está sempre de bom humor e, por isso, disposta a ajudar.

— E você tem mais sorte ainda, por eu lhe pagar um bom salário para balançar o seu traseiro naquele palco, Laura Lee. Na maioria dos saloons, você trabalharia apenas pelas gorjetas dos seus amiguinhos lá da frente.

— Vá cuidar de seus fregueses, querido. Levarei os copos dentro de um minuto —

ela replicou, sem perder a tranquilidade.

Rosemary voltou a erguer e mão e bater na porta.

— Tem de bater com mais força, senhorita. Ninguém vai ouvi-la, com todo aquele barulho lá dentro, a menos que esmurre a porta.

A voz inesperada, bem atrás de Rosemary, provocou-lhe um sobressalto. Ela girou de repente, perdendo o equilíbrio no momento em que o tornozelo torcido falhou. Por isso, teve de estender o braço depressa, buscando apoio no ombro do garoto parado à sua frente.

— Você me assustou — ela murmurou com voz trémula e ofegante. — Pensei que estivesse sozinha, aqui.

Ele exibiu um sorriso largo, tirando o boné da cabeça.

— Não faço barulho nenhum, senhorita. Estava observando a senhorita aqui, sozinha, no escuro, e achei que precisava de ajuda.

Antes que Rosemary pudesse pronunciar uma palavra sequer, o menino ergueu o braço e bateu três vezes na porta, com força suficiente para fazer sacudirem as dobradiças. Ela olhou em volta, aflita, temendo que alguém a visse em um lugar como aquele, mas não teve tempo de fugir, pois a porta se abriu de pronto.

— O que eu lhe disse? — o garoto indagou, com seu sorriso largo agora visível, graças à luz que vinha do interior do saloon.

— Senhorita? — A mulher de cabelos dourados que abriu a porta pareceu examinar Rosemary da cabeça aos pés. Então, seus lábios se curvaram em um sorriso divertido, ao mesmo tempo em que ela fazia um gesto amplo com a mão, e dizia: — Ora, por favor, queira entrar! Não faz sentido ficar aí fora, sozinha. Veio falar com o velho Jason? Ou, quem sabe, pretende converter nossos fregueses? Rosemary atravessou a soleira da porta, lançando um olhar para o garoto que havia precipitado aquele momento. Ele se fora, sem deixar o menor sinal de sua presença ali.

— E a filha do pastor, não é? — a loira perguntou.

Rosemary assentiu, sentindo-se ligeiramente atordoada pelo odor de bebidas alcoólicas, misturado a perfume forte e barato.

— Gostaria de conversar com o proprietário, o sr. Stillwell, se ele puder me receber.

— Ele está no bar — a mulher informou-a. — Sou Laura Lee. Trabalho aqui. Sobre o que quer conversar com Jason?

A porta do outro lado se abriu, e um homem de cabelos negros entrou, seguido por

um barulho infernal, que feriu os ouvidos de Rosemary.

— Onde estão aqueles copos, Laura Lee?! Preciso deles agora! — Parou de súbito, quando seus olhos pousaram em Rosemary. No mesmo instante, ergueu as sobrancelhas em uma expressão interrogativa. — Ora, eu não sabia que tínhamos companhia — murmurou devagar.

— Vou cuidar dos copos — Laura Lee declarou, virando-se para a pia. — Esta jovem quer falar com você, Jason.

Ele se aproximou de Rosemary.

— Na última vez em que a vi, estava caminhando bem atrás do caixão de seu pai, a caminho do cemitério. Agora, eu diria, está muito longe da residência paroquial, senhorita.

— Preciso conversar com o senhor, sr. Stillwell, e achei que esta seria a melhor hora. Não me senti à vontade para vir ao seu estabelecimento durante o dia.

Jason assentiu e, como se só então se lembrasse das boas maneiras que aprendera, puxou uma cadeira e ofereceu a ela. Rosemary sentou-se na beirada da cadeira, consciente dos olhares curiosos que estava recebendo de Laura Lee, que apanhava água quente do fogão e despejava dentro da pia.

Inclinou-se para o proprietário do saloon, esperando não parecer uma pedinte implorando por migalhas.

— Preciso de um emprego, sr. Stillwell, e ouvi dizer que o senhor está procurando por alguém que possa cuidar dos seus livros de contabilidade. Sou muito boa com números, senhor, preciso desesperadamente trabalhar. Achei que, talvez, eu pudesse...

Jason ergueu uma das mãos, interrompendo-a.

— Quer trabalhar para mim, senhorita? Não creio que seja boa ideia. — Sorriu. — Todas as mulheres da cidade pediriam a minha cabeça, se eu a contratasse para trabalhar aqui, sem se importarem com o tipo de trabalho que a senhorita faria. Tenho certeza de que uma moça como a senhorita tem condições de conseguir um emprego decente, sem ter de bater na porta dos fundos do meu saloon.

— Foi exatamente o que pensei, também — Rosemary falou em tom sombrio — mas já estive em todos os estabelecimentos de Edgewood, e ninguém tem uma vaga para me oferecer.

— Seu pai não a deixou em boa condição financeira, não é?

— Não. Ele acreditava que ainda tinha muitos anos pela frente, para cuidar do meu

futuro. Deixou uma pequena quantia no banco, e as despesas com o funeral levaram boa parte dela. Preciso encontrar um emprego e um lugar onde morar. — Fitou Jason nos olhos. — Acredite, sr. Stillwell, que procurei em todos os outros lugares, antes de vir aqui. E, para ser sincera, ainda não sei como encontrei coragem para bater à sua porta. O senhor é a minha última esperança.

Laura Lee aproximou-se, carregando uma bandeja repleta de copos limpos, e abaixou-se para sussurrar em tom exageradamente alto no ouvido de Jason:

— Não seria má ideia contratar uma cantora para o saloon, Jason. Aposto que o repertório dela enlouqueceria todos os fregueses.

— Não zombe da moça, Laura Lee — ele replicou com uma risada, ao mesmo tempo que dava um tapinha quase carinhoso no traseiro da loira, que seguiu seu caminho, desaparecendo no bar.

— É verdade que estou precisando de um contador, srta. Gibson, mas trata-se de um emprego para um homem. Além do mais, deve saber que eu não me atreveria a contratá-la. Já não é fácil manter meu estabelecimento funcionando, com metade das mulheres da cidade fazendo campanha contra mim.

— Elas fazem isso?

Jason inclinou-se para Rosemary.

— Elas não aprovam o fato de seus maridos virem aqui para beber, jogar cartas e, especialmente, subir a escada para visitar.... — parou de falar e franziu o cenho. — Não creio que esteja disposta a ouvir esse tipo de detalhe, senhorita.

Rosemary sentiu o rubor subir pelo pescoço e tomar conta de suas faces.

— Compreendo o que quer dizer, senhor. — Levantou-se e apertou a bolsinha de encontro ao ventre. — Vir até aqui foi mesmo meu último recurso.

— Lamento, sinceramente, não poder ajudá-la, senhorita. Se eu souber de alguma coisa que possa interessá-la, prometo enviar-lhe um recado.

Rosemary estendeu uma das mãos para trás das costas, agarrou o trinco da porta e girou-o depressa.

— Obrigada, sr. Stillwell. Sinto muito por tê-lo incomodado.

— Não foi incomodo algum, senhorita. Tenha cuidado no caminho para casa — Jason falou e, então, ficou parado na porta, observando-a desaparecer na escuridão da ruela estreita.

— Conseguiu o emprego, senhorita?

Uma figura franzina surgiu de trás do hotel, o luar tornando visível o seu sorriso alegre, bem como o movimento cortês de tirar o boné.

As coisas não iam nada bem, quando o dono da pior reputação na cidade era, também, o rosto mais amigo de se encontrar, Rosemary pensou, lembrando-se do tratamento que recebera de Jason Stillwell. Ele, ao menos, exibira o sorriso mais autêntico e gentil dentre todos os que ela recebera naquele dia. A rejeição de Samuel Westcott não fora nada fácil de aceitar, uma vez que fora declarada com um sorriso falso e forçado. E a recusa quase rude de Duncan Blackstone, nos escritórios do jornal, haviam provocado em Rosemary um profundo sentimento de fracasso.

Até mesmo Pip encontrara dificuldade em sorrir, ao se ver obrigada a negar à amiga um emprego em sua loja. O banqueiro, Pace Frombert, limitara-se a sacudir a cabeça com ar de reprovação, como se a ideia de ter uma mulher dentro de seu banco não fosse digna de consideração, exceto no caso de uma cliente.

Jason Stillwell, ao menos, fora gentil e amável em sua recusa.

— Bem, ao menos, a senhorita ainda consegue sorrir — o garoto declarou em tom animador. — Achei que precisaria de mim, para voltar para casa. Foi por isso que fiquei aqui, à sua espera.

Rosemary fitou-o com ar de seriedade.

— Agradeço a sua atenção, meu jovem. Você é Seat Pender, não é? — indagou, lançando um olhar por cima do ombro dele, para a fileira de casas pobres, no final da ruela. — Seu pai não vai ficar preocupado por você não estar em casa a esta hora? Já escureceu há muito tempo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, senhorita. Quando meu pai consegue uma garrafa, não se importa em saber onde estou. — Deu um passo para o lado e apontou para a rua. — Se quiser, posso acompanhá-la até sua casa.

Rosemary assentiu. Não tinha outro lugar para onde pudesse ir e, àquela altura, James Worth e sua família deveriam estar se perguntando onde ela havia se metido, tendo saído tão tarde, sem dar qualquer explicação.

— Está bem. Obrigada — concordou, passando a caminhar ao lado de Seat.

Sentindo-se sem esperança nem perspectivas, caminhou lentamente, mancando, até o portão da residência paroquial, onde parou e acenou para Seat. Não poderia, em

hipótese alguma, continuar morando com a família Worth. Eles haviam sido gentis e generosos, mas a casa era pequena demais para todos eles.

— Não tem nenhum parente vivo, srta. Gibson? — James Worth perguntara naquela mesma noite, durante o jantar.

— Não, não tenho ninguém, senhor.

— Bem, saiba que temos prazer em hospedá-la aqui — ele havia declarado com certa rigidez, ao mesmo tempo que sua esposa erguia as sobrancelhas, como se estivesse colocando em dúvida a oferta do marido.

Rosemary atravessou o pequeno gramado, subiu os degraus da varanda e, curvando os lábios em um sorriso forçado, abriu a porta e entrou. Parou na porta da sala e cumprimentou o sr. e a sra. Worth.

— Vou me deitar, agora. Mais uma vez, obrigada pelo delicioso jantar, sra. Worth — falou em voz baixa.

Encaminhou-se para o quarto que, um dia, fora seu. Agora, uma garotinha dormia profundamente na única cama que cabia no aposento, e Rosemary tinha de se espremer a um canto.

Amanhã, pensou. O dia seguinte seria, o último de sua procura por trabalho em Edgewood. Tirou o vestido e estendeu-o nas costas da cadeira. Então, pôs-se a tirar as meias. Se não conseguisse nada no dia seguinte, teria de procurar fora da cidade. Talvez encontrasse um emprego de cozinheira, ou governanta, em alguma fazenda da região. Pensando sobre isso, vestiu a camisola e, só então, tirou as roupas de baixo.

O dia seguinte seria o dia de sua decisão definitiva sobre o que fazer.

— Sabe de alguém que esteja precisando de uma empregada para morar no emprego? — Rosemary perguntou em tom esperançoso, o que provocou uma reação de verdadeira consternação em Phillipa.

— Uma empregada?

Rosemary olhou em volta, verificando que havia somente outras duas freguesas no armazém, àquela hora da manhã. Ambas pareciam distraídas com os produtos dispostos nas prateleiras, e ela se inclinou sobre o balcão e fitou Pip nos olhos.

— Estou pensando em trabalhar como governanta, ou... Cruzou as mãos e apertou-as, tentando pensar em outro tipo de trabalho que fosse capaz de realizar.

Pip sacudiu a cabeça.

— A verdade é que ninguém por aqui dispõe de meios para contratar empregados. Talvez algum fazendeiro precise de uma governanta, mas a maioria deles têm esposas.

— De repente, os olhos de Phillipa se iluminaram, e também se inclinou sobre o balcão, passando a falar em um sussurro: — Rosemary, por que não pensa melhor na proposta de casamento que recebeu de Gabe Tanner?

— Não! — A palavra simples e curta soou como uma verdadeira explosão, e as duas freguesas viraram-se para fitá-la, boquiabertas. Rosemary abaixou a cabeça e a voz.

— Não posso fazer isso, Pip. Simplesmente, não posso.

Bernice Comstock aproximou-se do balcão.

— Olá, Rosemary. Ouvi dizer que você está procurando emprego — disse. — É uma pena que seu pai não tenha deixado você em melhores condições, não é? Mas creio que está capacitada para resolver seu problema de maneira simples.

Rosemary forçou um sorriso, incerta sobre o elogio que a outra tentara fazer.

— Bem, se estou, tenho certeza de que não sei que capacidade é essa — replicou. — Sejam quais forem os meus talentos, parece não haver nenhum emprego para mim, nesta cidade. Já tentei o hotel, o jornal, e não tenho dado sossego à pobre Phillipa.

À sua esquerda, Geraldine Frombert interferiu de maneira abrupta:

— Você precisa se casar e constituir uma família, menina. Uma jovem com a sua criação seria uma excelente esposa para qualquer homem. Para dizer a verdade, mal acredito que não tenha sido pedida em casamento, até agora.

Pip abriu a boca para corrigir a mulher, mas o olhar de advertência de Rosemary fez com que mudasse de ideia.

— Tenho certeza de que o imposto para solteiros fará com que boa parte desses homens venham à procura de esposas, especialmente agora, que o ano já está chegando ao fim — Bernice Comstock afirmou com segurança.

Rosemary sentiu o coração acelerar, fazendo o sangue latejar em seus ouvidos. Sentia-se encurralada, como se fosse um projeto assumido por aquelas duas senhoras.

— Na verdade, prefiro encontrar um emprego — anunciou com firmeza.

A porta se abriu e todos os olhos se voltaram naquela direção. As mulheres se dispersaram quando Dex Sawyer entrou na loja e tirou o chapéu, em deferência à presença delas, antes de se aproximar do balcão.

— Senhoras — cumprimentou-as com um aceno de cabeça, recebendo olhares gelados de Bernice e Geraldine.

Pip, por sua vez, recebeu-o com um sorriso largo e convidativo.

— Sr. Sawyer, em que posso ajudá-lo?

Por um momento, ele pareceu constrangido, mas então, apontou para as pilhas de lençóis que o pai de Phillipa havia arrumado nas prateleiras mais altas,

— Encontrei uma casa mobiliada para alugar. Preciso comprar lençóis e toalhas, srta. Boone.

Os olhos de Pip viraram-se na direção em que ele apontava e, sem perder tempo, ela se virou e deslizou a escada até lá.

— Posso apanhá-los eu mesmo, se quiser — Dex ofereceu com gentileza.

Pip recuou alguns passos, a fim de lhe dar espaço, e observou-o subir os degraus.

— Estão separados por tamanho? — Dex perguntou, hesitando com a mão erguida no ar, e baixando os olhos para a proprietária do armazém.

Ela sacudiu a cabeça.

— São todos do mesmo tamanho — informou-o. — Se sua cama for menor que a medida padrão, terá de prender as sobras debaixo do colchão. As fronhas estão à direita, junto das toalhas.

Com movimentos rápidos e eficientes, Dex foi apanhando o que precisava e entregando a Phillipa. Então, desceu da escada e, retornando ao balcão, voltou a encará-la.

— Também preciso de mantimentos.

— Tenho certeza de que minha mãe não vai se importar em lhe emprestar uma colcha, uma vez que temos várias de sobra — ela declarou, as faces coradas e os olhos brilhantes.

Sem olhar para os lados, Rosemary notou que as duas senhoras se afastavam. Provavelmente, pensou, não queriam se relacionar com um homem que ganhava a vida trabalhando no saloon. Dex virou-se para Rosemary com olhar gentil.

— Não quero invadir a sua privacidade, srta. Gibson, mas estou curioso para saber se já encontrou um emprego, ou um lugar onde morar.

Pip afastou-se, levando nas mãos a lista de compras que Dex lhe entregara, e pôs-se a retirar os itens das prateleiras.

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Não, ainda não. Não posso pagar pelo aluguel de um quarto, enquanto não tiver um emprego. Receio que esteja em meio a um círculo vicioso, sr. Sawyer.

Ele se inclinou para ela, ao mesmo tempo em que lançava um olhar rápido para Phillipa, como se quisesse se certificar de que ela não poderia ouvi-los, de onde estava.

— Devo admitir que tenho pensado muito na senhorita. Se não tem para onde ir, posso lhe oferecer hospedagem, srta. Gibson. A casa que aluguei é grande demais para mim.

Rosemary sentiu as faces arderem.

— Eu jamais poderia sequer considerar tal possibilidade, sr. Sawyer — falou depressa.

— Seria melhor do que nada — ele insistiu, mantendo a voz muito baixa.

Por um momento, Rosemary ficou profundamente chocada pelas palavras dele.

— Está me oferecendo um quarto, senhor? Ou um emprego?

— Talvez eu não devesse fazer tal sugestão, mas mesmo assim...

— Quer que eu seja sua...

Ora, ela não seria capaz de pronunciar a palavra em voz alta. Tratava-se de um insulto grande demais para merecer uma resposta. Assim, Rosemary virou-se, lamentando que o tornozelo, ainda inchado, a impedisse de sair dali com a dignidade que a situação exigia.

No entanto, Dex não lhe permitiu fugir, segurando-a pelo braço.

— Espere. Não tive a intenção de ofendê-la, embora esteja certo de que minha sugestão tenha soado como ofensa aos seus ouvidos. Estou lhe oferecendo moradia e comida, em troca de seu trabalho em minha casa.

Rosemary estremeceu, tamanha foi a decepção provocada pela destruição da imagem que fizera de Dex Sawyer. A primeira vista, na plataforma da estação, ele lhe parecera o exemplo da elegância, a escolha perfeita para o novo pastor e, certamente, para marido.

Agora, ele acabara de provar que era o pior tipo de patife. Com um gesto brusco, Rosemary desvencilhou-se da mão que segurava seu braço.

— Não tenho palavras para expressar a indignação que sua sugestão me faz sentir! — declarou entre dentes.

Dex revirou os olhos, sacudindo a cabeça.

— Tenho certeza de está ocorrendo um mal entendido entre nós, srta. Gibson. Estou, simplesmente, oferecendo abrigo. Peço perdão por ter ferido a sua dignidade, mas

só tive a intenção de sugerir que a senhorita preparasse minhas refeições e mantivesse minha casa limpa e arrumada, até encontrar emprego melhor.

— A única oferta que aceitarei de um homem será um pedido honrado de casamento — ela persistiu, mais firme do que nunca.

— Já recebeu alguma proposta como essa? — ele indagou em tom de dúvida.

Rosemary empinou o queixo, os lábios formando uma linha dura, antes de emitirem a resposta:

— Sim, para dizer a verdade, recebi uma proposta de casamento.

Dex abaixou a cabeça, aparentemente tentando esconder o rubor que tomou conta de suas faces.

— Peço-lhe desculpas, srta. Rosemary. Falei sem pensar, e acho que realmente a ofendi com minhas palavras. Tudo o que me resta é esperar que possa me perdoar por isso.

— Infelizmente, não creio que deva aceitar o seu pedido de desculpas, sr. Sawyer — Rosemary murmurou, começando a ficar aflita para fugir dele.

Com passos firmes, apesar do tornozelo ainda ligeiramente inchado, saiu do armazém. Ao olhar para trás, hesitou por um momento, ao ver Pip pronunciar palavras que ela não podia ouvir, enquanto fazia o pacote do freguês.

Do outro lado da vitrine, Dex a observava afastar-se com um sorriso nos lábios, que indicava certa dose de divertimento, mesmo quando ele tocou a aba do chapéu em uma saudação.

Era difícil acreditar que ele realmente pensara que ela consideraria tamanho absurdo! O salto dos sapatos de Rosemary deixava pequenas nuvens de poeira atrás de si, quando ela atravessava a rua. Como ele poderia ter sequer cogitado a possibilidade de ela morar sob o mesmo teto que um homem solteiro? Imagine o tipo de comentários que tal arranjo espalharia por toda a cidade! Já caminhando pela calçada de madeira, Rosemary nem sentia mais a dor no tornozelo torcido, pois sua aflição era imensa, impedindo-a de sentir qualquer outra coisa.

Não conseguia compreender como o pianista podia ter imaginado que ela fosse capaz de aceitar tal oferta. Por outro lado, o que mais havia sido oferecido a ela, por qualquer outra pessoa? Fez tal pergunta para si mesma em uma explosão de honestidade. Aquele homem, ao menos, tivera a intenção de ajudá-la, com tal proposta. E não hesitara em se desmanchar em pedidos de desculpas.

Proposta. Ela havia praticamente atirado o pedido de casamento no rosto do pobre homem. Afirmara com palavras claras que fora pedida em casamento. O que era verdade. Fora um pedido dúbio, claro, mas mesmo assim...

Rosemary interrompeu a caminhada de súbito, parando em frente ao escritório do jornal. Lá dentro, Duncan Blackstone a viu e, imediatamente, virou-se para o outro lado.

Ignorando-lhe as costas, ela repassou na mente a conversa com Gabe Tanner, na qual ele a pedira em casamento de maneira tão casual, e com total ausência de dignidade. Tentou lembrar-se se havia recusado a proposta com clareza. Se não estava enganada, sua reação não fora tão clara.

A cena voltou a tomar conta de sua mente. Dissera a ele que não deveria voltar a molestá-la. Pronunciara palavras das quais nem sequer conseguia lembrar-se. Ainda assim.... Não. Rosemary não recusara formalmente o pedido de Gabe Tanner.

Nem por uma vez dissera a palavra que ele, aparentemente, esperava ouvir.

O que significava que o sr. Tanner não poderia ser classificado como "carta fora do baralho", que Deus perdoasse tal linguajar!

Refletindo sobre a situação, Rosemary concluiu que, como primeira opção, ele seria classificado abaixo de uma cascavel. Ao mesmo tempo, que outras opções ela realmente tinha? Ser a governanta para o pianista do saloon? Pedir esmolas nas ruas? Humilhar-se ainda mais, indo de fazenda em fazenda, pedindo emprego?

Talvez pudesse fazer um acordo com ele. Quem sabe pudesse resolver seus problemas, sem ter de... A ideia do que ser esposa de Gabe Tanner envolvia era demais para Rosemary considerar.

De um jeito ou de outro, a verdade era que ela havia chegado ao fundo do poço. Permanecer na residência paroquial já deixara de ser uma opção. Morar com a família de Phillipa seria um grande abuso da generosidade da amiga.

Rosemary girou nos calcanhares e encaminhou-se para o estábulo. Se alguém a cumprimentou pelo caminho, ela nem percebeu, pois sua mente concentrava-se inteiramente no objetivo que precisava atingir, antes que perdesse a coragem.

Puxando uma égua pelas rédeas, Bates Comstock saiu do grande estábulo e, ao ver Rosemary, tocou a aba do chapéu em um cumprimento cortês.

— Em que posso ajudá-la, srta. Gibson? Precisa de um cavalo para alugar?

— Quanto custaria o aluguel de uma charrete, por uma ou duas horas? — ela perguntou.

— Para onde a senhorita vai?

Ele amarrou a égua a um poste e enfiou as mãos nos bolsos.

Rosemary sentiu as faces arderem, à medida que o rubor subia do pescoço. Ocorreu-lhe que havia corado mais vezes nos últimos dias do que acontecera no último ano. Ao que parecia, ela não tinha o menor controle sobre isso.

— Preciso ir até a fazenda de Gabe Tanner.

Bates hesitou por um momento, mas então, sorriu, os olhos exibindo um brilho do que pareceu a Rosemary um prazer indescritível. Era estranho que o destino dela inspirasse tanto interesse no proprietário do estábulo, ela pensou.

— Bem, por acaso, estou de saída para lá — ele declarou em tom jovial. — Tanner vai me vender alguns cavalos, e fiquei de escolher os animais, hoje. Basta que eu vá de charrete, em vez de cavalgar, para poder lhe dar uma carona. Assim, a viagem não vai lhe custar nem um centavo.

Rosemary fitou-o por um longo momento, o peito cheio de dúvidas. Então, pensou na parca quantia que lhe restava no banco e tomou sua decisão.

— E muita gentileza sua, senhor — falou com um sorriso cortês. — Estarei pronta para partir quando o senhor quiser.

CAPITULO IV

Gabe Tanner estreitou os olhos, a fim de protegê-los contra o sol da tarde e, ao mesmo tempo, examinar a charrete que se aproximava de sua casa. Se não conhecesse Bates Comstock, poderia jurar que o proprietário do estábulo de Edgewood trazia a jovem srta. Gibson consigo. Resmungando um palavrão, Gabe saiu de seu estábulo.

Se aquela não era Rosemary Gibson, só poderia ser sua irmã gêmea. E, fosse qual fosse o motivo que a levara até ali, provavelmente não o agradaria, ele pensou, sombrio.

A charrete parou de repente, com a égua sacudindo a cabeça e batendo os cascos no chão. Bates amarrou as rédeas em um poste e, então, voltou ao veículo, a fim de ajudar a passageira a descer.

— Veio escolher os seus cavalos, Bates? — Gabe perguntou, afastando o chapéu da testa e pousando as mãos na cintura.

Bates exibiu um sorriso largo, ao mesmo tempo em que os pés de Rosemary tocavam o chão, em meio a uma profusão de saíotes.

— Exatamente. Já ia saindo, montando minha égua, quando a srta. Gibson apareceu no estábulo, interessada em alugar uma charrete. Achei que poderíamos matar dois coelhos com um único tiro e, então, viemos juntos.

— Pretendia mesmo vir até aqui, para me ver? — Tanner inquiriu, fixando os olhos em Rosemary. — Quer comprar cavalos, também?

— Não zombe de mim, sr. Tanner — Rosemary retrucou, séria. — Tenho certeza de que o senhor sabe, tanto quanto qualquer outra pessoa, que eu não teria o que fazer com um cavalo.

Ela olhou em volta, avaliando todo o espaço ao seu redor, que incluía a casa, o estábulo e o galinheiro.

— Fazendo uma inspeção do local, srta. Gibson? — Tanner indagou em tom zombeteiro.

Ela o fitou nos olhos, com expressão fria.

— Sabe por que estou aqui, sr. Tanner.

Levando uma das mãos aos lábios, Bates abafou a gargalhada da melhor maneira possível, tentando disfarçar o riso, fingindo ser um acesso de tosse.

— Sei? — Tanner persistiu, dando um passo à frente, estendendo uma das mãos para segurar o queixo de Rosemary.

Olhos azuis, repletos de desafio, voltaram a se fixar nos dele, provocando-lhe um arrepio na espinha.

— Não — ele murmurou em voz baixa, porém rude. — Não sei por que está aqui. Acho que seria melhor me contar.

Seus dedos moveram-se apenas alguns milímetros, o bastante para que ele sentisse a maciez daquela pele clara, ao mesmo tempo em que seus olhos baixavam até os lábios rosados, que continuavam a formar uma linha dura.

— Podemos conversar em particular? — ela perguntou, lançando um olhar rápido para o lado, de onde Bates os observava, boquiaberto.

— Bates, vá pedir a Cotton que lhe mostre os cavalos disponíveis — Tanner praticamente ordenou entre dentes, sem desviar os olhos dos dela ou soltar-lhe o queixo,

Bates afastou-se, sem esconder a decepção por aquela alteração na situação. Provavelmente, Tanner pensou, o patife nunca se divertira tanto em sua vida.

Mas, se a mulher à sua frente estava se divertindo com os acontecimentos, também estava fazendo um grande esforço para não demonstrar isso. Sua pele havia perdido a cor, suas pálpebras tremiam, e seus dentes estavam cravados no lábio inferior, próximo de onde os dedos dele a tocavam.

— Vai acabar sangrando, se não parar de morder o lábio com tamanha força — Tanner a advertiu, fazendo uma careta em seguida, pois viu a gota de sangue brotar no ponto em que os dentes haviam exercido a maior pressão. — Ora, que coisa! Pare com isso! — rosnou, apertando-lhe o queixo com mais força. — Fale de uma vez, srta. Gibson. Tenho muito trabalho a fazer. Diga-me o que veio fazer na minha propriedade, e vamos acabar com isso de uma vez por todas.

Ela se desvencilhou de sua mão, e Tanner observou, chocado, quatro marcas vermelhas se formarem onde antes estavam seus dedos. A palavra que ele resmungou em seguida fez Rosemary arregalar os olhos, e ela olhou em volta, como se procurasse por uma rota de fuga.

— Acho que mudei de ideia — declarou, afastando-se dele até sentir a saia tocar na roda da charrete.

Tanner adiantou-se para ela, sentindo a raiva se dissipar diante da confusão que Rosemary não era capaz de esconder. Ela respirava com dificuldade, o que fazia a curva arredondada dos seios subirem e descerem rapidamente, comprovando o esforço que ela fazia para se controlar. Tanner descobriu-se incapaz de desviar o olhar daquela visão tentadora.

— Por favor, deixe-me voltar para a charrete, sr. Tanner. Eu não deveria ter vindo até aqui.

Ele sacudiu a cabeça.

— Foi você quem decidiu me fazer uma visita, querida. Agora, trate de me dizer por que veio.

Nunca antes divertira-se tanto por atormentar uma mulher e, por um momento, chegou a sentir uma ponta de vergonha. Rosemary Gibson não era páreo para ele, com seus grandes olhos azuis, parecendo uma fugitiva da residência paroquial.

Mesmo assim, o divertimento foi maior que a vergonha, e Gabe aproximou-se um pouco mais.

O que foi um grande erro. Os lábios dela tremiam, seus olhos exibiam a aflição que ela sentia, e as mãos delicadas ergueram-se para pousarem no peito dele. O movimento encheu o ar ao redor dos dois com um suave perfume de flores, e Gabe abaixou a cabeça,

inspirando a fragrância deliciosa. Ora, aquele perfume era bom demais para ser ignorado, e ele se deu conta de que a srta. Gibson era uma forte ameaça ao seu autocontrole.

De repente, as mãozinhas delicadas cerraram-se, exercendo pressão contra o peito de Tanner. Rosemary empinou o queixo em atitude de desafio e fitou-o nos olhos.

— Acho que está tentando me intimidar, sr. Tanner — declarou com voz firme.

Ele sorriu.

— De jeito nenhum. Estou apenas tentando reconhecer o perfume que está usando.

Com essas palavras, Gabe praticamente enterrou o rosto no pescoço dela, inspirando profundamente.

Rosemary reprimiu um grito de susto e, quando falou, sua voz soou ligeiramente rouca.

— O que está tentando dizer?

— Que o seu perfume é gostoso, querida. Eu já havia notado, naquele dia em que você caiu na rua e eu a carreguei em meus braços.

— Uso uma colônia de flores de maçã — Rosemary explicou, mais ofegante do que antes. — Pip a vende no armazém.

As coxas de Gabe colaram-se às dela e, com um movimento do próprio rosto, ele fez com que Rosemary erguesse a cabeça. Os lábios dela eram rosados, uma tonalidade que combinava com o rubor que tomara conta da pele clara, desde o pescoço até a raiz dos cabelos. E Gabe não pôde deixar de notar a maneira sensual como aqueles lábios se entreabriram para ele.

Incapaz de conter um gemido baixo, ele se inclinou lentamente e beijou-a.

Rosemary não possuía qualquer parâmetro de comparação para analisar aquele beijo. Nunca antes, homem algum tomara posse de seus lábios daquela maneira. Bem, era verdade que sua experiência era tristemente limitada, constituindo-se de um casto beijinho no rosto, no pátio da igreja, muitos anos antes.

Sem ter o menor controle sobre si mesma, deixou que o corpo se apoiasse no de Tanner, o que prendeu suas mãos entre os dois corpos, imobilizando-as. Por mais que se esforçasse, foi impossível manter os olhos abertos e, ao mesmo tempo, conseguir respirar. Quando pensou em protestar, sentiu a ponta da língua de Tanner roçar seus lábios, como se ele implorasse passagem. Então, a mão grande e forte segurou-lhe a nuca, deslizando lentamente por debaixo do chapeuzinho preto, os dedos se enroscando nos cabelos cuidadosamente presos.

Ora, ele não só havia lhe tirado o fôlego, como também, agora, o cordão do chapéu ameaçava cortar-lhe a garganta, à medida que a mão de Tanner exercia pressão entre seus cabelos e o chapéu! Então, como se de repente se desse conta do suplício a que a submetia, ele ergueu a outra mão e, com um gesto rápido e eficiente, desamarrou o chapéu e atirou-o no chão.

O beijo tornou-se mais ousado, mais intenso, mais exigente, e cada movimento dos lábios de Tanner sobre os dela fazia Rosemary perder um pouco mais a noção da realidade. Suas mãos agarravam a camisa dele com força, como se não quisessem se afastar do calor que o corpo dele emanava. Suas pernas, por outro lado, pareciam haver se tornado totalmente inúteis, prestes a vergarem-se sob o peso de seu corpo.

Se a intenção de Tanner era deixá-la apavorada, ele se encontrava a meio caminho do sucesso, ela pensou, desesperada. O corpo dele a pressionava contra a roda da charrete, enquanto sua boca tomava liberdades imperdoáveis.

Quando finalmente descolou os lábios dos dela, Tanner já não sorria, mas olhava para ela como se estivesse muito, muito zangado. Os olhos escuros estavam quase fechados, o semblante parecia tenso, e sua boca continuava muito próxima da dela.

Rosemary entreabriu os lábios, sem conseguir decidir se deveria dizer algo a Tanner ou gritar por socorro, mas acabou fechando os olhos, com medo da figura assustadora que ele representava.

— Muito bem, querida — Gabe falou com voz dura. — Agora, conte-me por que veio me visitar.

Rosemary voltou a abrir os olhos, mas ele sacudiu a cabeça e ordenou:

— Nada disso. Mantenha os olhos fechados e explique-se.

— Não posso — ela murmurou com voz tremula.

— É claro que pode — Gabe persistiu em um sussurro provocante.

Depois de respirar fundo, Rosemary falou de uma vez, as palavras se seguindo umas às outras, como em uma torrente descontrolada.

— Vim determinada a aceitar seu pedido de casamento, mas mudei de ideia.

— Mudou de ideia? Por quê?

— Não posso fazer isso. Pensei que pudesse, mas agora, nei que não seria capaz.

— Recebeu proposta melhor? — Gabe indagou com um estranho brilho no olhar, erguendo a cabeça o bastante para poder estudar as feições de Rosemary.

— Não!

Rosemary tentou escapar daquele homem ameaçador, mas a roda da charrete, colada às suas costas, impediu-a de mover-se.

— Pensei que não quisesse se casar comigo. Afinal, não hesitou em rejeitar o meu pedido, srta. Gibson.

Como ele podia tratá-la com tamanha formalidade, depois de ter explorado seus lábios da maneira indecente que fizera momentos antes? Definitivamente, Rosemary jamais compreenderia isso.

— Não verdade, não rejeitei o seu pedido. Não exata-mente — ela balbuciou.

— Mas foi exatamente o que entendi, na ocasião. Rosemary sacudiu a cabeça.

— Se bem me lembro, perguntei apenas por que queria se casar comigo. Não pronunciei uma recusa formal.

Gabe recuou um passo, fitando-a com olhar faiscante. Os lábios que a haviam beijado pouco antes ainda se apresentavam úmidos, mas mal se moveram quando ele repetiu:

— Não pronunciou uma recusa formal.

— Não.

— E, agora, decidiu voltar atrás e aceitar o meu pedido.

— Acho que não. Bem, talvez sim.

Sem dizer nada, ele ergueu as mãos e retirou os grandes grampos de marfim que prendiam os cabelos de Rosemary. Ela viu os grampos caírem no chão, ao mesmo tempo que sentia o peso dos próprios cabelos a cobrir seus ombros.

— O que está fazendo? — inquiriu.

— Se vai se casar comigo, creio que tenho o direito de examinar que tipo de esposa vou ter, não acha?

— Agora?

Um sorriso instantâneo curvou os lábios de Gabe, apanhando Rosemary de surpresa e deixando-a sem fôlego.

— Não me ocorre momento melhor — ele disse, enroscando os dedos nos cabelos dela, erguendo-os no ar e, então, soltando-os, permitindo que caíssem como em uma cascata.

Em seguida, deslizou os dedos por entre as mechas sedosas, espalhando-as por sobre os ombros e o colo de Rosemary.

— Por favor, sr. Tanner — ela pediu, com visível dificuldade para falar. — Acho que está tomando liberdades que não deveria.

Ainda segurando os cabelos castanho-avermelhados entre os dedos, Gabe cerrou os punhos. Só então soltou-os, mas não antes de proferir um impropério em voz baixa.

Rosemary encolheu-se ao ouvir a palavra obscena.

— Nunca fiz nada para machucá-la, srta. Gibson, nem jamais faria. Não precisa se encolher de medo de mim — Gabe murmurou com amargura, afastando-se dela de pronto.

Os olhos de Rosemary pousaram nas mãos enormes, ainda cerradas, e ela estremeceu, apesar do sol quente que os castigava.

— Parece preparado para uma batalha, sr. Tanner. Seguindo a direção do olhar dela, Gabe relaxou as mãos lentamente e, então, enfiou-as nos bolsos da calça em uma atitude casual.

— Devo admitir que já utilizei minhas mãos para ensinar lições a sujeitos sem caráter, mais de uma vez, mas nunca toquei um dedo em uma mulher, srta. Gibson.

— E reconfortante ouvir isso, sr. Tanner. Rosemary detestou o tremor em sua voz, sentiu desprezo pela fraqueza que tomara conta de seus joelhos e odiou o destino que a levava até aquele homem. Ainda assim, não houvera como evitar aquela situação. Ela simplesmente tivera de ir procurá-lo. Então, sua mente concentrou-se nas palavras que Bates Comstock dissera, durante a viagem que havia durado mais de uma hora.

Ora, talvez ela tivesse a solução para todos os seus problemas. Pensando nisso, respirou fundo e endireitou os ombros.

— Creio que o casamento não seja a melhor opção para nós. Fiquei sabendo que o senhor precisa de uma cozinheira — Rosemary declarou, recorrendo às suas últimas reservas de coragem.

Se seria ou não capaz de suportar à proximidade daquele homem todos os dias, não era uma questão a ser considerada no momento. Assim como a capacidade que ele possuía de lhe provocar arrepios na espinha.

Gabe franziu o cenho, parecendo confuso.

— Uma cozinheira?

Rosemary exibiu um sorriso afetado, sua expressão adquirindo um brilho totalmente novo.

— Exatamente. Uma cozinheira. Como deve saber, trata-se de uma mulher que fica

parada diante do fogão, preparando e servindo comida para homens famintos.

Gabe tirou as mãos dos bolsos dianteiros da calça, apenas para enterrá-las nos bolsos traseiros.

— Ah, sim. Estou perfeitamente consciente das tarefas de uma cozinheira, srta. Gibson... mas não creio que a senhorita esteja.

— É mesmo? Pois saiba que pode ter uma surpresa, sr. Tanner. Talvez acabe gostando de ter me contratado. Sei fazer tortas deliciosas — ela afirmou com segurança, encarando-o com ar de desafio.

— Mama Pearl cozinha para nós. O que a levou a pensar que estou procurando por outra pessoa? — ele indagou. — Além do mais, pensei que estivesse firmemente determinada a se tornar minha esposa.

Ela baixou os olhos e, quando voltou a erguê-los, Gabe ficou fascinado com o brilho daquele azul, mais intenso que o céu de primavera sobre os pastos.

— Vamos deixar essa questão de lado, por enquanto. Fico me perguntando o que vocês comem nos outros seis dias da semana, quando Mama Pearl não está aqui — Rosemary murmurou, pronunciando as palavras calculadas com uma naturalidade surpreendente.

— Damos um jeito — Gabe afirmou, dizendo a mais absoluta verdade.

"Dar um jeito" era o que de melhor ele e seus homens conseguiam realizar. Não aguentavam mais comer bifes tostados na frigideira, que mais pareciam pedaços de couro. Haviam comido ovos de todas as maneiras possíveis, exceto gostosos e macios, mas tratavam de engoli-los, pois nenhum deles fazia a menor ideia de como torná-los mais saborosos.

— Dão um jeito? — Rosemary repetiu, erguendo as sobrancelhas, como se duvidasse da afirmação. — O que, exatamente, significa isso?

Tanner empinou o queixo, sentindo uma estranha onda de calor subir por seu pescoço e tomar conta de suas faces. Ora, a atrevida o colocara na posição de defender a comida que ele e seus empregados comiam! E como a conversa havia tomado aquele rumo... Ora, ele não fazia a menor ideia.

— Isso não fará a menor diferença, depois que estivermos casados, não é mesmo? E, afinal, quem lhe disse que estou precisando de uma cozinheira?

— O sr. Comstock mencionou o assunto, durante a viagem até aqui.

— Eu deveria ter imaginado — Gabe resmungou, lançando um olhar irado na

direção do estábulo. — Muito bem. A que posição está se candidatando, afinal, srta. Gibson? Esposa ou cozinheira? Ou será que está apenas tentando se vingar de mim?

— Talvez.

— Talvez o quê?

— Tentei arranjar um emprego na cidade, mas não tive o menor sucesso. Talvez trabalhar para você fosse a solução para todos os nossos problemas. Para dizer a verdade, cozinhar para você é uma ideia bem mais atraente do que me casar com você.

— Acontece que não quero mais que se case comigo — Gabe retrucou de pronto. — Não tenho certeza de que você seria o tipo de esposa de que preciso ter em minha casa.

Notou a maneira como os lábios dela formaram uma linha dura, ao mesmo tempo que as faces empalideciam. Então, seus olhos a examinaram da cabeça aos pés, e ele se sentiu invadido por um profundo sentimento de vergonha, pelas palavras zombeteiras que acabara de atirar no rosto dela.

Seria capaz de apostar que ela estava apavorada, mas por menos que o agradasse, teria de admitir que a moça tinha fibra e coragem. Continuava a fitá-lo nos olhos, mantendo a cabeça erguida, sem tentar recuar um milímetro sequer.

— Não creio que um pedido de casamento possa, simplesmente, ser cancelado, sr. Tanner — Rosemary falou com aparente tranquilidade. — Especialmente, se tem a intenção de escapar do pagamento do imposto para solteiros.

— Trate de tomar uma decisão, querida. Ou quer ser minha cozinheira, ou minha esposa. Qual das duas posições prefere pleitear? Gabe esperou por um longo momento, enquanto ela se mostrava hesitante em responder. Era possível que ela decidisse cobrar-lhe a proposta de casamento, e se havia algo de que Gabe Tanner não precisava era uma mulher para atormentá-lo todos os dias, pelo resto de sua vida.

Ao menos, não uma mulher que tivesse qualquer direito sobre ele.

— Prefiro tentar o emprego de cozinheira, se não faz diferença para o senhor — ela finalmente falou.

Gabe teve de fazer um esforço para desviar o olhar dos lábios dela, assim como a mente das lembranças agradáveis do beijo que haviam partilhado pouco antes. Só então, foi capaz de registrar as palavras que ela acabara de pronunciar.

Uma cozinheira. Acabara de contratar uma cozinheira para sua casa e, por mais que tentasse, não conseguia compreender como isso aconteceria.

— Trouxe seus pertences com você? — perguntou, espiando dentro da charrete,

antes de voltar a encará-la.

— Talvez pretenda vir e voltar, todos os dias, e continuar morando na cidade. Poderia comprar uma charrete para facilitar sua vida. Com certeza, não está disposta a viver em uma fazenda, repleta de vaqueiros, caubóis arruaceiros e um patrão solteiro.

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Não creio que eu conseguisse chegar aqui em tempo de preparar o café da manhã, sr. Tanner. E quanto a morar em sua casa, não me importo. Imagino que o senhor possa dormir com seus empregados, no alojamento.

— Sinto muito, senhorita — Gabe retrucou, apontando para o edifício baixo e comprido, do outro lado do estábulo.

— Aquele é o alojamento. — Virou-se e apontou para a construção que ele mesmo ajudara a erguer. — Aquela é a minha casa. E lá que pretendo continuar dormindo, todas as noites de minha vida.

Os olhos dela seguiram a direção em que Gabe apontava e incapaz de reprimir um sorriso de divertimento, ele observou o movimento na garganta de Rosemary Gibson, que se esforçava para engolir em seco, mas não conseguia.

— Ao que parece, sua casa é grande o bastante para que eu encontre espaço para guardar meus pertences, sr. Tanner. Tenho alguns móveis que gostaria de guardar. Talvez o senhor tenha um quarto extra, que eu possa utilizar para isso.

Rosemary voltou a encará-lo, e foi só então que ele notou que o brilho havia abandonado aqueles magníficos olhos azuis, como se a tristeza houvesse lançado uma sombra sobre eles, tornando aquele olhar, geralmente tão expressivo, vazio e desprovido de emoção.

— Móveis? Ela assentiu.

— Sim, algumas coisas que pertenceram à minha mãe e das quais eu seria incapaz de... Bem, são valores de família.

Rosemary parou de falar, passando as mãos pelo vestido, parecendo estar agitada e embaraçada.

No mesmo instante, atormentá-la deixou de ser divertido, e Gabe falou com seriedade:

— Tenho dois quartos vagos, Rosemary.

Como ele acabara contratando uma cozinheira continuava sendo uma pergunta sem resposta, mas agora que tinha uma, os detalhes da situação exigiam soluções

imediatas.

— Sabe que a cidade inteira vai falar de você, não sabe? Ela deu de ombros, em um gesto um tanto exagerado.

— Não encontrei emprego, lá. Na minha opinião, o que faço da minha vida, daqui por diante, não é da conta de ninguém. Além disso... — hesitou e ergueu os olhos para fitá-lo — Bem, preciso de um lugar para morar.

A moça estava, definitivamente, em situação desesperadora. Gabe soltou o ar devagar, mas o som foi perfeitamente audível no silêncio que se fizera, depois da admissão dela.

— Veremos se vai dar certo. É possível que surja outra oportunidade, que seja melhor para você.

Rosemary pôs-se a examinar a casa, seus olhos medindo a altura e largura da construção. Tanner virou-se, tentando adivinhar o que lhe prendera tanto a atenção. Tratava-se, simplesmente, de uma casa, como outra qual quer, com quatro cômodos no andar de cima, e quatro no andar térreo. Entre eles estavam uma cozinha espaçosa e arejada, a sala de visitas, que seu pai deixara de usar depois que a esposa fora embora, e a sala de jantar, que havia se tornado inútil, uma vez que nunca existia motivo para uma refeição formal, naquela casa. E ainda havia o escritório, onde o pai de Gabe se embriagara tantas vezes. Gabe raramente entrava lá, pois estava convencido de que um fantasma vivia ali. Nas poucas vezes em que passara diante da porta aberta, tivera a impressão de que o homem acabado que lhe dera vida ainda estava sentado atrás da escrivaninha.

— Quer entrar? — convidou-a de súbito, a voz rude por causa da imagem do pai, tão viva em sua memória.

— Não creio que seja necessário. Pedirei ao sr. Comstock que me leve de volta à cidade, para que eu possa providenciar o transporte das minhas coisas para cá.

— Está bem. Ele não vai demorar.

Como se tivesse um interesse velado no bem-estar de Rosemary Gibson, Bates Comstock encarregou-se de todos os detalhes da mudança. No dia seguinte, parou uma grande carroça diante do portão da residência paroquial, amarrou os cavalos na cerca e ordenou aos dois jovens corpulentos que comesçassem a trabalhar.

Parada na pequena varanda, Rosemary observou-os aproximarem-se e, então, apontou para seus escassos pertences. Um saco de viagem e três caixas resumiam os itens pessoais, que foram rapidamente acrescentados à mobília que tomara conta da carroça.

— Sente-se aqui, senhorita — Bates convidou-a em tom animado, estendendo-lhe a

mão. — Estará instalada bem sua nova casa muito antes do que imagina.

Os dois jovens subiram na parte traseira da carroça, e Rosemary prendeu a respiração. Aquilo tudo estava mesmo acontecendo! De todas as circunstâncias que ela poderia ter imaginado enfrentar, aquela fora a menos provável.

No entanto, o que parecia tão irreal transformara-se na mais pura realidade, e muito mais depressa do que ela jamais poderia ter calculado.

Da porta da residência paroquial, o reverendo Worth observou a movimentação. Então, saiu para a varanda e ergueu a mão.

— Não se esqueça do que eu lhe disse, srta. Gibson.

Rosemary limitou-se a assentir, decidindo que não havia a menor necessidade de fazer qualquer comentário.

— O que ele lhe disse, senhorita? — Bates perguntou. Rosemary ajeitou o cordão que prendia o chapéu sob seu queixo e, então, fingiu arrumar as luvas.

— Desconfio que o senhor faça uma boa ideia, sr. Comstock. — Manteve os olhos fixos adiante, enquanto a carroça percorria a rua principal de Edgewood. — Ele vai rezar pela minha segurança.

Bates agitou as rédeas, batendo-as contra os dorsos dos animais vigorosos.

— Creio que não há nada de errado nisso, mas posso lhe garantir uma coisa, senhorita: Gabe Tanner não permitirá que nada de mau lhe aconteça, enquanto estiver na casa dele.

— Bem, essa é uma ideia bastante encorajadora — ela disse, olhando para o lado, ao ver Dex Sawyer saindo do Golden Slipper e parando na calçada, diante do saloon. Pelo canto do olho, viu a mão dele se erguer em um aceno e empinou o queixo ainda mais.

— Acho que o novo pianista do saloon ficou atraído pela sua graça, srta. Gibson — Bates comentou com ar alegre.

— Duvido.

Bates deu de ombros e sorriu.

— A senhorita é uma moça muito bonita. E de surpreender que ninguém a tenha levado ao altar, até agora. E claro que, com seu pai precisando da senhorita, na residência paroquial, muitos jovens devem ter se sentido desencorajados. Enfrentar o pastor e pedir a mão da filha dele em casamento certamente pareceu demais para a maioria deles.

— Não vi nenhum jovem fazendo fila na porta de minha casa, sr. Comstock — Rosemary falou, segurando o lenço de encontro ao nariz e à boca, a fim de evitar que a

poeira erguida pelos cascos dos cavalos lhe provocasse um acesso de tosse.

— Estamos mesmo precisando de uma boa chuva — Bates anunciou, puxando o lenço que levava amarrado ao pescoço, a fim de fazer o mesmo.

O vento havia se tornado mais forte, e um redemoinho de poeira atravessou a estrada, bem à frente deles, morrendo ao atingir o matagal do outro lado.

— O céu estava muito avermelhado, esta manhã — Rosemary lembrou. — Geralmente, isso significa que a chuva não vai demorar a chegar.

Bates assentiu e incitou os cavalos a um galope mais rápido.

A mobília foi rapidamente depositada em um dos quartos vazios do segundo andar, e os dois jovens não disfarçaram seu suspiro de alívio, quando entraram na casa pela última vez, carregando as caixas e o saco de viagem de Rosemary.

— Onde vou ficar? — ela perguntou a Tanner, que havia supervisionado a mudança, do topo da escada.

— Pode ficar na sala de jantar, ou em um dos quartos, aqui em cima — ele anunciou, sem dar a menor indicação sobre onde ficavam seus próprios aposentos.

— Na sala de jantar? — Rosemary repetiu, aproximando-se do arco que levava ao aposento mal iluminado, cujos móveis haviam sido cobertos por lençóis, como se a casa estivesse guardando luto. — Não há uma porta que proporcione privacidade — murmurou, voltando a fitar Tanner, que continuava em seu posto de observação, lá em cima.

— A escolha é sua, senhorita. Há dois outros quartos, aqui em cima, e ambos têm portas... e trincos.

Os dois jovens depositaram os pertences de Rosemary no chão e trocaram olhares. Um deles exibiu um sorriso malicioso, que deixava mais do que claros os pensamentos que atravessavam sua mente.

Ora, aquilo era demais! Começar com aquele tipo de atitude era imperdoável.

— Que tal o escritório, sr. Tanner?

Ele estreitou os olhos e sua expressão tornou-se dura.

— Já estive no escritório de meu pai?

Rosemary percebeu que conseguira deixá-lo zangado e deu-se conta de que havia, sem querer, tocado em um ponto fraco de seu novo patrão.

— Tomei a liberdade de entrar em todos os cômodos, sr. Tanner. Eu não sabia que

alguns deles poderiam ser proibidos para mim.

— As coisas de meu pai estão no escritório — ele explicou em tom abrupto.

— Seu pai?

Ora, se havia mais um homem morando ali, Rosemary não vira o menor sinal dele.

— Tive um pai, srta. Gibson. Assim como o seu, ele já não está entre nós.

Ela respirou fundo, sentindo a força das palavras como um golpe físico. Era evidente que Tanner tivera a mais pura intenção de feri-la com o comentário. Bem, ao que parecia, a crueldade fazia parte de seu caráter.

— Nesse caso, ele não vai precisar mais do escritório, não é mesmo? — ela inquiriu, recusando-se a se deixar intimidar.

A expressão de Tanner tornou-se ainda mais dura e fria. Com passos pesados, desceu os degraus e foi postar-se diante de Rosemary.

— Já que mencionou, creio que não, ele não vai precisar do escritório — murmurou, parecendo hesitante, mais do que zangado.

— Se for muito incômodo, posso... — ela começou a falar, lamentando o momento em que decidira dar início àquela batalha.

— Terá de se contentar com um dos quartos lá de cima, até que eu tenha tempo para arrumar o escritório. Não vou demorar mais do que duas ou três noites para fazer isso.

Rosemary lançou um olhar para a sala de jantar.

— Por que não usar...

— Cuidarei disso.

O tom de voz de Tanner pôs um fim à discussão, e Rosemary tratou de se calar, percebendo que ele voltava a atenção para os dois jovens corpulentos, apontando para a escada, na direção dos quartos. Menos de um minuto depois, sua bagagem já se encontrava no primeiro quarto, com Tanner supervisionando os detalhes.

Bates chamou da porta, a voz alta ecoando por toda a casa:

— Ei, garotos, já terminaram? Já estamos atrasados para o jantar, e sua mãe não gosta de reaquecer a comida, Sonny.

— Está bem, papai — o maior dos dois rapazes replicou, sorrindo para Rosemary ao passar por ela.

Então, se foram. Com a mesma rapidez com que haviam feito tudo mais que tinham

de fazer, subiram na carroça e, um Instante depois, Bates desaparecia na estrada.

Rosemary foi até a cozinha e parou diante de uma grande prateleira, que exibia uma variedade de panelas e utensílios.

Atrás dela, os passos de Tanner atravessaram o cómodo espaçoso.

— Espero que o jantar esteja servido dentro de duas horas, srta. Gibson. Seremos seis empregados e eu.

— Também vou jantar? — ela perguntou, incapaz de resistir ao impulso irónico que se apoderou dela.

As palavras de Tanner pediam respostas à altura e, para sua própria surpresa, os lábios de Rosemary pareciam sempre prontos a pronunciá-las.

— Trate de preparar uma grande quantidade de comida. Do contrário, poderá não sobrar nada para você, senhorita. Vai cozinhar para um bando de homens famintos.

O que nem sequer chegava perto de descrever a realidade, Rosemary pensou, enquanto observava os sete homens devorarem os resultados de seus esforços, naquele primeiro dia de trabalho. Em menos de dez minutos, haviam dado fim a duas bandejas de bifés, que ela empanara, fritara e, então, levara ao forno para assar. Uma grande tigela fora usada para derramar o molho, sem qualquer parcimônia, sobre os sete pratos, cobrindo igualmente as batatas, a carne e o pão. A colher que Rosemary fornecera, ficara esquecida sobre a mesa, manchando a toalha de molho.

Uma panela de vagem refogada havia desaparecido, e as maçãs secas que ela transformara em sobremesa, cobrindo-as com açúcar e canela, além de uma camada de suspiro, não passavam de uma lembrança.

Era como se um enxame de gafanhotos houvesse surgido e devorado todo e qualquer resquício de comida disponível, ela pensou, observando com os olhos arregalados um dos homens limpar a tigela de molho com um pedaço de pão, antes de enfiá-lo na boca.

— A comida está muito boa, senhorita — ele declarou, empurrando a cadeira para trás e pondo-se de pé. — Quase tão boa quanto a de Mama Pearl.

O prazer provocado pelo elogio inicial se dissipou, no momento em que Rosemary registrou as palavras finais do caubói.

— O que Mama Pearl costuma preparar para vocês? — ela perguntou depressa, pois os homens já se amontoavam junto à porta, como se estivessem competindo para decidir quem sairia da casa primeiro.

Sentado à cabeceira da mesa longa, Tanner reclinou-se na cadeira.

— Poderá perguntar a ela, amanhã — falou e, pousando os olhos sobre as travessas vazias, exibiu um sorriso satisfeito. — Não me parece que tenham deixado muita coisa para a senhorita. Não vá dizer que não avisei, srta. Gibson.

Ela assentiu.

— Tem razão.

Tanner levantou-se e, quando empurrava a cadeira de volta ao seu lugar, presenteou-a com um aceno de cabeça. O sorriso cínico continuava curvando seus lábios. Com uma saudação final, ele se virou para deixar a cozinha.

— Vou começar a arrumar o escritório, senhorita. Creio que temos meio filão de pão na despensa, caso esteja com fome.

— Levei suas palavras muito a sério, sr. Tanner — ela murmurou baixinho.

Ele parou na porta.

— É mesmo? Como?

Rosemary virou-se, abriu o forno e, utilizando dois panos de prato, retirou dali uma generosa porção da comida que havia preparado.

— Servi meu prato antes de todos, por simples precaução.

Com movimentos teatrais, sentou-se à mesa e estendeu um dos panos de prato sobre as coxas. Então, juntando as mãos diante do rosto, fechou os olhos e tentou pensar em palavras de agradecimento.

Pela primeira vez em sua vida, tudo o que sua mente lhe ofereceu foi um imenso vazio. A presença do Senhor parecia não ocupar aquela casa, e a prece simples que ela estava acostumada a murmurar antes de suas refeições simplesmente desaparecera de sua memória.

Mesmo assim, ela não desistiu. Cerrou os olhos com força e sussurrou algumas palavras de agradecimento pela comida e pedindo por proteção enquanto estivesse naquele lugar. A imagem do rosto de Gabe Tanner surgiu diante de seus olhos fechados, os lábios curvados em um sorriso malicioso, o olhar lançando desafios.

Rosemary abriu os olhos e cerrou os dentes. Ele estava determinado a tornar sua vida muito difícil, ali. Com dedos trêmulos, apanhou o garfo e a faca e cortou um pedaço de bife, reconsiderando seu rápido pedido ao Senhor.

Talvez, pensou, devesse ter pedido por paciência em vez de proteção.

CAPITULO V

A chuva começou a cair no meio da noite, entrando pela janela, fazendo com que uma brisa fresca invadissem o quarto de Rosemary. Ela acordou sobressaltada, coberta apenas com um lençol fino, ainda sob o efeito de um sonho, que lhe anuviava a mente. Levantou-se depressa e correu até a janela, onde as cortinas quase transparentes agitavam-se ao vento, já começando a se encharcar com os respingos da chuva. No chão, a água já formava pequenas poças, e ela estremeceu, o corpo sacudido por um calafrio.

Abrindo os braços no ar, as pernas dançando sob o corpo, Rosemary escorregou no chão de madeira molhada. Com um ruído surdo, sua mão esquerda atingiu a parede com força, e ela soltou um grito ao cair, pois aterrissou com todo o seu peso sobre a água gelada. O tecido da camisola absorveu rapidamente a água do chão, e a sensação de frio provocada por tal contato, somada à dor latejante em sua mão, resultaram em um profundo desconforto.

Lá fora, a chuva tornou-se mais intensa, e Rosemary encolheu-se, assustada, quando um raio cortou o céu, seguido por um trovão ensurdecedor. Definitivamente, pensou, aquele não era um bom começo para a sua nova vida naquela casa.

— Srta. Gibson? Rosemary?

A porta se abriu e a voz profunda de Tanner encheu o quarto. No instante seguinte, ele já atravessava o aposento, alcançando a cama, como se esperasse encontrar Rosemary deitada sobre ela. Então, deu a volta na cama, até onde ela estava sentada, sem a menor elegância, no chão molhado, diante da janela aberta.

— Se quer tomar um banho, existem maneiras mais fáceis de fazê-lo, senhorita.

Gabe estendeu os braços por cima dela para fechar a janela. Então, abaixou-se junto de Rosemary. Iluminado momentaneamente por outro raio, inclinou-se para ela. Tinha o peito nu, e um sorriso curvava seus lábios. Aquilo era demais para Rosemary suportar: aquele homem cheio de sarcasmo, a chuva a encharcá-la, uma toalha molhada enroscada em sua cabeça, e a consciência aguda de estar vestindo a única camisola limpa que lhe restava.

Encolheu as pernas, dobrando os joelhos, passou os braços em torno deles e, então,

escondeu o rosto entre os braços. Se Tanner fosse embora dali, ela poderia se levantar e encontrar algo seco para vestir.

Por tudo isso, suas palavras soaram mais rudes do que ela desejava, quando reagiu à brincadeira de mau gosto de seu novo patrão:

— Por que não volta para o seu quarto, sr. Tanner? Estou bem, acredite.

— Tem certeza?

A voz dele havia mudado, tornando-se mais suave, como se ele houvesse se arrependido das palavras zombeteiras que pronunciara pouco antes, ao se referir ao banho. De repente, Rosemary sentiu o calor das mãos dele através da camisola molhada, contra a pele gelada de seus ombros. Ergueu a cabeça para fitá-lo na semi-escuridão. Mesmo na ausência de luz, era evidente que ele tinha o cenho franzido, quando afastou a cortina encharcada da cabeça de Rosemary.

— Está com frio, não está? — Com movimentos ágeis, levantou-se e foi até a cama, de onde retirou uma colcha e estendeu-a entre os braços abertos. — Vamos usar isto para agasalhá-la. Precisa se aquecer. Do contrário, ficará doente.

Rosemary assentiu, tentando levantar-se. Com a rapidez de um raio, Tanner postou-se a seu lado, segurando-lhe uma das mãos com firmeza e, em seguida, usando o outro braço para circundar-lhe a cintura, a fim de ajudá-la a se pôr de pé. A colcha ficou esquecida por um momento, enquanto ele examinava com atenção o corpo de Rosemary.

— Acho melhor tirar essa camisola, primeiro. Não faria o menor sentido embrulhar seu corpo na colcha seca enquanto está usando uma roupa totalmente encharcada.

Olhou para um canto do quarto, onde um biombo fornecia privacidade para a satisfação de necessidades, bem como para banhos de esponja, com auxílio da jarra e da bacia.

Outro raio cortou o céu, e Rosemary virou-se rapidamente para a janela, os cabelos esvoaçando no ar. Como se houvesse sido surpreendida pelo brilho súbito de um lampião, cobriu os olhos com a mão.

— Vá tirar essa roupa molhada. Entregarei a colcha assim que estiver seca.

Gabe estava tão perto que seu hálito aqueceu a face de Rosemary. Sua voz soou estrangulada, como se ele tivesse de fazer um grande esforço para falar.

— Obrigada, sr. Tanner, mas não creio que seja boa ideia. Por que não volta para o seu quarto? Trocarei a camisola molhada por uma roupa seca.

— Como quiser.

Com movimentos bruscos, ele se afastou, virou-se e foi até a porta, sem parar ali para se despedir. Antes que Rosemary pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta se fechou atrás dele. Embora ele houvesse desaparecido sua presença parecia ter permanecido no quarto. O odor másculo que ficou em seu rastro fez Rosemary pensar em feno, cavalos e ar puro. Sem se dar conta do que fazia, ela inspirou profundamente, como se quisesse confirmar tal impressão.

Pela primeira vez em sua vida, vira-se sozinha em um quarto, na companhia de um homem. Gabe Tanner a vira de camisola. Na semi-escuridão, claro. Porém, mal formulara o último pensamento, quando mais um raio iluminou o céu, deixando-a exposta por alguns segundos. E Rosemary ficou chocada ao baixar os olhos para o próprio corpo, e dar-se conta de que a camisola molhada aderira a cada saliência e reentrância de suas curvas.

Com joelhos trêmulos, foi até a cómoda, onde guardara sua pobre coleção de roupas de baixo, e encontrou uma calcinha e uma combinação. A anágua poderia esperar até a manhã seguinte. No momento, tudo de que precisava era se aquecer e cobrir o corpo com decência.

Estendendo a camisola molhada nas costas de uma cadeira, secou-se rapidamente com uma toalha, e vestiu as roupas de baixo. Sem perder tempo, voltou para a cama, deitou-se e puxou a colcha até o queixo. Então, acomodou-se confortavelmente.

— Rosemary? — a voz de Tanner chamou, do outro lado da porta, com uma ponta de firmeza que indicava que ele não aceitaria o silêncio dela como resposta.

— Estou bem — ela falou depressa, sentando-se na cama de um pulo. — Já estou começando a me sentir aquecida.

Ouviu os passos dele se afastarem pelo corredor e, então, voltou a afundar a cabeça no travesseiro. Sua mão esquerda doía muito. Retirou-a de sob as cobertas e ergueu-a diante do rosto, tentando avaliar a extensão do ferimento. Embora não pudesse ver nada, sentiu o inchaço que se avolumava e sacudiu a cabeça, desanimada, considerando a perspectiva de preparar o café da manhã com apenas uma das mãos.

Bem, Tanner lhe dissera que Mama Pearl estaria lá. Por um dia, ao menos, ela teria ajuda.

Do lado de fora da porta do quarto de Rosemary, Tanner permaneceu imóvel, ouvindo os movimentos dela lá dentro. O ruído de madeira deslizando sobre madeira indicou a abertura de uma das gavetas da cómoda. Poucos minutos depois, o ranger da cama revelou que ela voltara a se deitar.

— Rosemary? — ele chamou, lutando contra o impulso de abrir a porta.

Embora suas intenções não fossem as melhores, tentou se convencer de que só queria se certificar de que ela estava seca e aquecida, chegando a pousar a mão sobre o trinco.

— Estou bem — ela anunciou. — Já estou começando a me sentir aquecida.

Tanner fechou os olhos e repassou na mente cada detalhe da imagem que divisara à luz rápida do raio: o corpo de Rosemary envolto pela camisola encharcada, que adería à pele clara como o papel às paredes do quarto. Ela era esbelta, mas possuía curvas suaves e arredondas, simplesmente tentadoras. Gabe quase gemeu alto ao se lembrar das linhas ondulantes que a camisola molhada expusera em tantos detalhes.

Não havia desculpa para continuar parado ali. Rosemary praticamente o mandara embora. Ele voltou para o quarto e deitou-se na cama larga, antes de se cobrir com uma colcha. Já cometera vários erros em sua vida, mas se deixar convencer a contratar Rosemary Gibson para ser sua cozinheira fora a atitude mais estúpida que já tomara.

Acreditara que ela não passava de uma mocinha sem atrativos, com aquele horrível chapeuzinho de palha preta e vestido surrado, também preto. No entanto, bastara que ela abrisse aquela boquinha insolente e o fitasse com aqueles olhos azuis faiscantes, para que ele passasse a vê-la sob um prisma totalmente diferente.

Ora, se ele estivesse um pouquinho interessado em abandonar a vida de solteiro, ela seria uma candidata e tanto!

Gabe poderia apostar que Rosemary sabia como defender suas posições com unhas e dentes, durante uma discussão. O queixo empinado em atitude de teimosia era uma garantia disso. A filha do pastor não era, nem de perto, a criatura submissa e tediosa que ele havia imaginado. Na verdade, as curvas que ele vislumbrara ao brilho momentâneo dos raios guardavam tentações suficientes para mantê-lo acordado por metade da noite.

A mulher alta e corpulenta, de dentes brancos e brilhantes, cumprimentou Rosemary com um sorriso largo e amigável. Mama Pearl virou-se do fogão, com uma grande colher de pau em uma das mãos. Acima da testa larga, cabelos crespos apontavam para fora do lenço grande, amarrado de maneira a formar uma espécie de turbante. Ela usava um avental branco, imaculado, que cobria quase todo o vestido florido em tonalidades alegres.

— A senhora é Mama Pearl?

— E quem mais eu poderia ser, menina? — A colher continha pedaços de linguiça e

molho, e a mulher voltou a se virar para o fogão, a fim de despejar o conteúdo sobre a grelha que havia aquecido. — Fiquei sabendo que Tanner contratou uma nova cozinheira. Espero que não se importe por eu invadir a sua cozinha desse jeito, mas os rapazes esperam pela minha comida, uma vez por semana. Detesto decepcioná-los, querida.

— É claro que não me importo — Rosemary declarou com profundo alívio. — Não me dei conta de que já era tão tarde, até que o sr. Tanner bateu em minha porta, há alguns minutos.

— Bem, que tal colocar os pratos na mesa, querida? Aqueles homens já estão terminando as tarefas matinais e, dentro em breve, entrarão por essa porta, famintos, prontos para devorarem tudo o que estiver à disposição.

Mama Pearl abriu o forno e retirou duas assadeiras repletas de pães. Com movimentos ágeis, acomodou-os em uma grande bandeja, que foi colocada no centro da mesa.

— É melhor se apressar, menina — Mama Pearl falou, incitando Rosemary a agir.

Abrindo a porta do armário, Rosemary contou sete pratos e levou-os para a mesa. Sua mão esquerda estava melhor do que ela havia esperado, os dedos recuperando lentamente os movimentos à medida que ela os flexionava com cuidado. Quando os homens entraram na cozinha, os pratos estavam dispostos sobre a mesa, os talheres arrumados ao lado, e as canecas de louça, cheias de café.

— Bom dia — Mama Pearl cumprimentou-os em tom melodioso. — Sentem-se e comam, rapazes.

Depois de colocar uma concha na tigela de molho, acomodou a tigela em uma das extremidades da mesa e, então, afastou-se. Outra tigela, cheia de ovos mexidos, encontrava-se sobre o fogão, juntamente com uma grelha, coberta de batatas fritas.

— Tratem de deixar um pouco para Tanner — Mama Pearl advertiu-os depressa, ao ver os seis empregados atacarem as batatas.

— Você deveria aprender algumas lições com a nova cozinheira — Tanner falou da porta. — Ela serve o prato dela antes de pôr a comida na mesa.

Lançou um sorriso de provocação para Rosemary antes de examiná-la da cabeça aos pés, como se precisasse ter certeza de que ela não sofrera nenhum dano pelo incidente ocorrido na noite anterior.

— Você está bem? — perguntou em tom gentil, postando-se diante dela.

Rosemary assentiu, sustentando-lhe o olhar.

— Agradeço a sua preocupação, sr. Tanner. Acho que nem lhe agradei por ter corrido para me ajudar.

— É melhor fazer o seu prato, patrão — Mama Pearl sugeriu com uma risada. — Seus homens estão devorando a comida, como se houvessem passado fome a semana inteira.

— Bem, posso afirmar que não passaram fome ontem à noite — Tanner declarou.

Rosemary sentiu o rubor tomar conta de suas faces ao ouvir o elogio sutil, que ele se apressou em fazer a ela. Então, observou-o ocupar seu lugar à cabeceira da mesa. Gabe serviu-se do que havia restado dos ovos e das batatas, partiu dois pães e cobriu-os com molho. Em seguida, praticamente pescou pedaços de linguiça na tigela, mas parou de súbito e lançou um olhar furioso para seus empregados.

— Poderiam ter deixado, ao menos, um pouco de linguiça para mim — resmungou, apanhando o garfo e começando sua refeição pelas batatas.

— Separei alguns pedaços. Eu sabia que esses camaradas agiriam como abutres sobre uma presa recém-descoberta, às seis horas da manhã.

Mama Pearl riu alto ao perceber a expressão de reprovação no rosto de Rosemary. Então, apanhou alguns pedaços de linguiça, que escondera em um prato, no forno, e colocou-os sobre os pães de Tanner, que exibiu um largo sorriso de gratidão.

— Trate de cuidar sempre muito bem do patrão, srta. Rosemary — a mulher aconselhou-a.

O bule de café deu uma volta completa na mesa, passando de mão em mão, antes que Mama Pearl o devolvesse ao fogão, para então ocupar-se de colocar as grelhas de molho, na pia.

— Se alguém tem roupas para eu lavar, é melhor trazer até aqui, dentro de uma hora — avisou aos homens que já acabavam de comer. — Vou preparar o tanque daqui a pouco e não pretendo passar de meio-dia, lavando suas roupas imundas. Vocês têm sorte por a chuva ter parado pela manhã. Assim, poderei lavar e estender toda a roupa, hoje.

Todos assentiram com vigor, engolindo o que restava do café em suas canecas e arrastando as cadeiras ruidosamente, quando se levantaram.

Rosemary arregalou os olhos, incrédula. Como eles haviam conseguido devorar toda aquela quantidade de comida em tão pouco tempo ia muito além de sua compreensão. Porém, era o que havia acontecido, como comprovavam as travessas e pratos vazios sobre a mesa. Enfiando na boca garfadas seguidas, sem qualquer pausa, haviam terminado a refeição em pouco mais de cinco minutos.

Ao que parecia, tinham muito o que aprender, no que dizia respeito a boas maneiras. As conversas triviais à mesa eram desconhecidas, naquela fazenda, assim como a simples cortesia de agradecer à mulher que havia preparado a comida para eles.

Tanner reclinou-se em sua cadeira.

— Sobrou café no bule? — perguntou, erguendo a caneca, que Rosemary apressou-se em encher, depois de apanhar o bule que Mama Pearl colocara sobre o fogão, segurando a tampa com a mão esquerda, para servir.

— Ei! Deixe-me ver sua mão.

O tom de voz de Gabe não deixava margem para discussão e, resignada, Rosemary apoiou o bule na mesa, enquanto ele examinava a mão inchada.

Baixando os olhos para o hematoma que havia adquirido durante a noite, ela retirou a mão das dele, escondendo a evidência do ferimento atrás das costas.

— Está tudo bem. Bati com a mão na parede quando caí, ontem à noite, mas já não está doendo.

Tanner estreitou os olhos e agitou os dedos na direção dela.

— Sua mão, Rosemary — ordenou em voz baixa. Com um suspiro, ela voltou a exhibir a mão, que ele tomou entre as dele e examinou detidamente.

— Por que não me falou, ontem à noite, que havia se machucado? Eu poderia ter apanhado um pano úmido para uma compressa fria, ou passado uma pomada.

— Ontem à noite, minha mão já estava fria demais — ela comentou com uma risada, retirando a mão das dele mais uma vez.

Então, virou-se para onde Mama Pearl empilhava pratos e talheres sujos para carregar até a pia.

— Não abuse dessa mão, hoje — Tanner advertiu-a. — Estará sozinha para cuidar de tudo, amanhã. Até lá, teremos tempo de sobra para saber se o ferimento terá alguma consequência mais séria.

— Deixe-me ver, menina — Mama Pearl aproximou-se, apanhando a mão de Rosemary e sacudindo a cabeça. — Como conseguiu fazer isso a si mesma?

— Ela caiu, tentando fechar a janela do quarto, durante a noite — Tanner explicou.

— E onde você estava, enquanto isso acontecia? — Mama Pearl inquiriu, fixando um olhar desconfiando no semblante do patrão. — Não tem nada o que fazer dentro do quarto desta moça!

— Ouvi quando ela caiu e fui verificar se ela estava bem, ou se precisava de ajuda. Não fiz nada que pudesse comprometer a virtude dela.

A expressão dele tornara-se dura, e a voz soou rude ao fornecer a explicação. Ao ouvi-lo, Rosemary estremeceu, pois a lembrança do próprio corpo, iluminado pelo raio, voltou à sua mente, nítida e clara.

Os olhos de Tanner exibiam um ar sombrio quando se fixaram nos dela, os lábios mantiveram-se em uma linha dura.

— Poderia fazer a gentileza de garantir a Mama Pearl que não a ataquei durante a noite, srta. Gibson?

— Não aconteceu nada de mal. Na verdade, ele agiu como um perfeito cavalheiro — Rosemary falou depressa, sentindo o rubor subir pelo pescoço e tomar conta de suas faces, como vinha acontecendo com tanta frequência, ultimamente.

Mama Pearl assentiu, aparentemente disposta a aceitar a palavra de Rosemary.

— Bem, acho que, agora, vai acreditar no que eu lhe disse sobre aquele quarto precisar de um tapete junto da cama. Cuidarei disso hoje mesmo.

Rosemary retirou a mão que Mama Pearl continuava segurando.

— Já não dói mais, e se me disser onde posso encontrar um tapete, não me importo de ir buscá-lo.

Tanner assentiu.

— Há uma pilha deles no sótão. Tenho certeza de que vai encontrar tudo o que achar necessário, assim que subir a escada. Tudo está coberto com lençóis, mas sinta-se à vontade para examinar o que está lá e pegar o que quiser.

Era evidente que ele voltara a relaxar, tendo deixado de franzir o cenho e passado a sorrir, antes de deixar a cozinha.

— Bom apetite — desejou às duas, ao mesmo tempo que fechava a porta de tela atrás de si.

— Bem, agora que já estamos livres dos homens, vamos esquentar água para lavar a roupa — Mama Pearl disse a Rosemary.

— A senhora sempre lava a roupa de todos esses homens?

— Claro, mas apenas lavo e estendo tudo nos varais. Eles mesmos se encarregam de recolhê-las, antes do jantar. Não passo, nem dobro nada, exceto as roupas de Tanner. E, mesmo dessas, não cuido como sei que deveria. — Serviu-se de café e ergueu os olhos para Rosemary.

— Aceita uma caneca? É bem forte, mas você pode acrescentar um pouco de água quente, se preferir mais fraco.

Rosemary assentiu.

— Vou misturar com creme — decidiu. Sentou-se à mesa, ainda ligeiramente chocada pelos eventos da manhã, que haviam sido uma pequena amostra do que a aguardava, em termos de trabalho.

— O sr. Tanner me contratou para trabalhar como cozinheira, mas imagino que espere que eu faça mais do que simplesmente preparar as refeições. O que a senhora acha?

Mama Pearl assentiu em concordância.

— Você tem toda a razão. Terá de varrer, tirar o pó e coisas assim. E, se quiser ovos frescos do galinheiro, é melhor apanhá-los você mesma. Do contrário, não será capaz de separar os novos dos velhos, pois acabarão todos misturados. Esses homens não dão conta sequer da metade do serviço, no que diz respeito às tarefas domésticas.

— Quem ordenha as vacas? — Rosemary perguntou, misturando o creme espesso e amarelado ao café.

— Quem chegar lá primeiro, pelo que pude perceber. Então, levam os baldes para o celeiro, e Tanner deixa-os lá, até de noite, para que o creme suba à superfície. Então, separa o leite do creme e traz os dois para casa.

— A senhora bate a manteiga? — Rosemary indagou.

— Algumas semanas, sim, quando tenho tempo. Nas outras, quando não bato, Tanner se encarrega disso pessoalmente.

Mama Pearl colocou um grande cadeirão cheio de água sobre o fogão. Então, sentou-se à mesa e serviu-se de mais café, observando Rosemary com olhar pensativo.

— É difícil encontrar uma mulher que aceite trabalhar em um lugar como este, e Tanner cuidou de tudo, durante um bom tempo, mas desistiu, quando ele e seus homens se deram conta de que é muito trabalhoso preparar todas as refeições e manter a casa em ordem. — Fitou Rosemary com curiosidade. — Tem certeza de que não quer se casar com ele? Viveria muito melhor na condição de esposa de Tanner. Sem dúvida, ele contrataria alguém para ajudá-la no trabalho pesado. É tão miudinha, srta. Rosemary. Não vejo como possa dar conta de uma casa tão grande.

Mama Pearl bebericou o café e reclinou-se na cadeira. Rosemary notou que os olhos dela eram de um castanho tão escuro que pareciam negros. E a pele apresentava a mesma tonalidade do mogno polido, sem nenhuma ruga a marcar-lhe o rosto.

— Não vejo nenhuma dificuldade em cuidar desta casa — Rosemary afirmou. — Assim que eu conseguir me livrar da poeira acumulada, o serviço se tornará fácil e rotineiro.

— Bem, o pessoal da cidade não verá com bons olhos o fato de você viver aqui, com Tanner, sem uma pessoa adequada que possa lhe servir de acompanhante, menina.

Rosemary voltou a sentir o rubor tomar conta de suas faces e irritou-se consigo mesma, pois, ao que parecia, tal condição acabaria por se tornar perpétua.

— Não creio que eu esteja correndo nenhum tipo de perigo, morando com o sr. Tanner.

— Pois, então, não notou a maneira como ele estava olhando para você, durante o café da manhã.

Rosemary ergueu os olhos e deparou-se com o sorriso largo de Mama Pearl.

— Do que a senhora está falando?

— Acho que ele está atraído por você, querida. Fiquei sabendo que ele a pediu em casamento, na semana passada. Por que não aproveitou a oportunidade para agarrá-lo?

— Como ficou sabendo disso? — Rosemary perguntou. — Não contei nada a ninguém.

— Ele estava se gabando por ter conseguido economizar o dinheiro do imposto para solteiros. — Os olhos escuros brilharam. — Para ser sincera, torci para que você aceitasse o pedido. Aquele homem está precisando de algumas aulas de civilização.

— Ele tem me tratado muito bem — Rosemary defendeu-o depressa, lembrando-se da maneira como ele enterrara o rosto em seu pescoço a fim de aspirar-lhe o perfume, e também de como colara o corpo ao dela, lá fora, junta da carroça do sr. Comstock.

— Ele é um homem — Mama Pearl anunciou, como se fizesse uma grande revelação. — E, para falar com franqueza, menina, não creio que seja capaz de se controlar por muito mais tempo. Tanner precisa desesperadamente de uma mulher em sua vida.

— Bem, ele cancelou o pedido de casamento no dia em que me contratou para ser sua cozinheira.

— Não creio que ele possa fazer isso — Mama Pearl murmurou, franzindo o cenho e considerando a possibilidade.

— Foi o que eu disse a ele, mas então, eu já havia decidido que essa não era uma boa ideia. — Rosemary bebeu o resto de seu café e levantou-se, a mente repleta das lembranças da sensação dos lábios de Tanner colados aos seus. — É melhor eu procurar

por algo para preparar para o jantar — falou de súbito, levando seu prato e sua caneca até a pia.

— Há um pernil, na despensa — Mama Pearl avisou-a, em tom de aprovação pela iniciativa da mais nova. — Eu o trouxe do defumadouro, na semana passada, mas parece que ninguém pensou em assá-lo. Provavelmente, vai ter de lavá-lo e, então, aparar a gordura. Há uma assadeira enorme na prateleira da despensa. O pernil deverá demorar pelo menos cinco horas para ficar pronto.

Rosemary assentiu. Nunca antes havia assado um pernil inteiro, e a perspectiva era um tanto assustadora.

— Tanner tem um defumadouro, aqui na fazenda?

— Sim, logo depois do celeiro. Lá, você vai encontrar pedaços de toucinho e pernil, e muita linguiça, também. Não vai sentir falta de coisa alguma, nesta casa. Ajudei-os a preparar e armazenar o que foi colhido da horta, no último outono, e ainda há vários alimentos em conserva. Não fosse pelo imposto para solteiros, Tanner ainda teria a última governanta que contratou, mas um sujeito da cidade pediu Lulu Cox em casamento, e ela chegou à conclusão de que seria bem mais fácil cuidar de um homem do que de sete.

Mama Pearl levantou-se e endireitou as costas.

— Acho melhor começar a cuidar da roupa suja. A água já está quente, e aposto que a varanda esta repleta de ceroulas usadas.

— Pensei que houvesse pedido a srta. Gibson em casamento. — Cotton comentou, olhando por cima do ombro para a figura alta de seu patrão.

— Mudei de ideia.

— Tanner lançou um olhar irritado e apanhou o forcado, convencido de que algumas horas de trabalho pesado afastariam a lembrança de Rosemary, vestindo aquela camisola branca, encharcada, colada ao corpo, no meio da noite.

— Tem certeza de que pode fazer isso? — Cotton perguntou em tom de dúvida, mas teve de saltar para trás com rapidez, quando um punhado de estrume foi atirado aos seus pés.

— Tenho.

Outro punhado da substância mal-cheirosa levou Cotton para dentro da baia vizinha.

— Quer que eu cuide disso, patrão? — o caubói perguntou, espiando por cima da

divisória, enquanto Tanner praticamente atirava o conteúdo da baia em um balde que se encontrava no corredor.

— Vá cuidar dos potros de um ano, Cotton — Tanner ordenou, pronunciando as palavras com dificuldade, entre suspiros e gemidos provocados pelo esforço físico exigido pelo trabalho.

Tendo terminado a limpeza da primeira baia, passou imediatamente à seguinte, lançando um olhar de desagrado para a sujeira. Sua camisa já estava molhada de suor, mas a imagem de Rosemary Gibson continuava impressa em sua memória, os seios delineados por completo pelo tecido colado à pele, o umbigo perfeitamente visível, além da indicação de... Droga! Deveria ter ficado no corredor e deixado que ela se levantasse sozinha do chão!

Certamente, não precisava ter uma mulher dormindo no quarto ao lado do seu, especialmente uma jovem cheia de curvas tentadoras, que convidavam suas mãos a medir a circunferência de sua cintura e...

Cotton afastou-se pelo corredor, virando-se várias vezes para observar o homem que trabalhava com fúria na limpeza das baias.

— Vou mandar alguém para limpar o corredor, patrão — avisou.

A resposta de Tanner foi um palavrão sussurrado, ao mesmo tempo que ele imprimia maior velocidade ao trabalho.

Terminou a limpeza das baias mais depressa do que havia imaginado, chegando à última justamente quando Bootie entrou no estábulo, empurrando um carrinho de mão.

— O senhor fez uma bagunça e tanto, patrão — o empregado anunciou de bom humor.

Movimentando a pá com rapidez e destreza, logo encheu o carrinho e encaminhou-se para o fundo do estábulo.

Tanner seguiu-o, pendurando o forcado em um prego preso à parede. Depois de tirar as luvas e guardá-las no bolso traseiro da calça, secou o suor da testa com a bandana vermelha que amarrara ao pescoço, logo depois de se levantar da cama. Era muito útil ao longo do dia e, à noite, geralmente, estava encharcada de suor.

Conseguira atenuar a ansiedade contra a qual havia lutado durante boa parte da manhã. Se fosse sincero consigo mesmo, teria de admitir que tal estado o atormentara desde o meio da noite. Ter Rosemary por perto podia não dar tão certo quanto ambos haviam calculado. Especialmente se ele continuasse se excitando a cada vez que pensasse nela.

Daria uma boa soma em dinheiro só para ver aqueles cabelos sedosos, completamente soltos, caindo sobre os ombros delicados. A trança que ela usava descia pelas costas, chegando abaixo da cintura. Os dedos de Tanner formigavam de desejo de retirar todos os grampos que ela certamente usara naquela manhã para prender os cabelos na nuca, e ele cerrou os dentes, a fim de conter os impulsos.

Talvez houvesse cometido um grande erro. Talvez devesse ter, simplesmente, se casado com ela e posto um fim àquele tormento. Assim, a camisola branca passaria todas as noites no chão, bem ao lado de sua cama.

CAPITULO VI

No sábado, Rosemary tinha a impressão de haver preparado comida suficiente para alimentar um exército inteiro. Mama Pearl tinha toda a razão. Aqueles homens estavam sempre famintos. Toda a comida colocada sobre a mesa desaparecia em poucos minutos. De certa forma, chegava a parecer um desperdício que o resultado de todo aquele trabalho árduo simplesmente deixasse de existir em tão pouco tempo.

A manhã de domingo apresentou um ritmo menos exaustivo. Tanner a informara que, aos domingos, os empregados se levantavam um pouco mais tarde. Rosemary suspeitou que isso ocorria porque a maioria deles ia à cidade nas noites de sábado.

Quando ela chegou na cozinha, o sol já brilhava alto, e Tanner havia preparado um bule de café. Estava sentado à mesa, com um lápis na mão, anotando uma porção de números em um livro de capa dura.

Os olhos escuros a examinaram da cabeça aos pés, e Rosemary olhou para baixo, perguntando-se se teria deixado um botão do vestido aberto, ou se havia se esquecido de pentear os cabelos. Com uma das mãos, afastou uma mecha de cabelos da testa, enquanto a outra contava, disfarçadamente, os botões no corpete do vestido.

— Bom dia, srta. Gibson — ele a cumprimentou, o olhar se demorando nos cabelos dela e, mais uma vez, Rosemary levou uma das mãos à cabeça, em dúvida sobre as condições de sua aparência.

— Há algo errado comigo? — indagou, sem jeito. — Meus grampos estão se

soltando?

Tanner sacudiu a cabeça devagar ao mesmo tempo que um sorriso curvava seus lábios.

— Não, senhorita. — Apontou para o fogão. — O café está pronto. Por que não se serve de uma xícara, Rosie?

— Rosie? — ela repetiu em tom ligeiramente estridente. — Não estou habituada a responder a uma versão tão abreviada de meu nome, sr. Tanner. Aliás, nunca gostei de apelidos.

— Mas eu gosto — ele replicou em tom suave. — Na minha opinião, Rosie combina com você.

A ira tomou conta de Rosemary, enquanto ela considerava o homem sentado à mesa. Ao que parecia, ele se levantara disposto a irritá-la naquela manhã com suas provocações, além da maneira como a observava... como se pretendesse expor todas as falhas dela para si mesma.

Ela se virou para o fogão, determinada a não permitir que ele percebesse a sua reação.

— Já estou atrasada para preparar o café da manhã — declarou com firmeza, como se isso explicasse sua falta de disposição para levar adiante aquela conversa, bem como para perder tempo com o café que ele havia preparado.

— Não tenha pressa. Os rapazes ainda vão demorar, pelo menos, mais meia hora. Alguns deles beberam demais, ontem à noite.

Bem, ao menos, ele não voltara a chamá-la de Rosie. Assumindo expressão fria, Rosemary virou-se para fitá-lo.

— Também foi à cidade? — indagou.

Na noite anterior, tudo mergulhara no mais absoluto silêncio depois que os cavalos haviam partido, e ela não fora rápida o bastante para correr à janela e espiar quantos cavaleiros formavam o grupo que se afastava. Tanner sacudiu a cabeça.

— Não costumo fazer isso — declarou. — E também não quis deixar você sozinha, aqui.

— Eu teria ficado bem. Estou acostumada a ficar sozinha...

— Não em uma fazenda, a quilômetros do vizinho mais próximo — ele retrucou, antes de se reclinar na cadeira e prender o lápis atrás da orelha. — Fiquei trabalhando no estábulo durante horas. Seu quarto já se encontrava apagado, quando entrei em casa.

Por alguma razão que Rosemary não saberia explicar, a simples ideia de Gabe Tanner passando pela porta de seu quarto, tarde da noite, para então entrar no dele, que era, na verdade, o aposento ao lado do seu, provocou-lhe um arrepio na espinha.

— Li a Bíblia por algum tempo — ela explicou — mas a luz da vela não era suficiente para eu continuar.

— Da próxima vez, leve um lampião para o quarto — Tanner sugeriu, fechou o livro e levantou-se. — Não quero que perca um minuto sequer das suas orações.

— Não é um homem religioso, é, sr. Tanner?

— Não.

Ao menos, ele fora honesto em sua resposta, Rosemary pensou. E aquela era mais uma razão para levá-la a crer que ele havia proposto casamento à mulher errada.

Voltando a dar as costas para o fogão e virar-se para encará-lo, Rosemary apanhou um pano de cima da pia e umedeceu-o na panela de água quente a fim de limpar as mãos, que se encontravam engorduradas, uma vez que ela estivera fatiando bacon até então.

— Quero conversar com o senhor por um instante — disse. Tanner parou na porta.

— Sou todo ouvidos, srta. Gibson.

— Preciso ir à igreja, esta manhã. Poderia me emprestar a sua charrete?

— Pedirei a um dos rapazes para levá-la até lá — ele ofereceu.

— Algum deles costuma ir à missa?

Um sorriso divertido curvou os lábios dele.

— Não com muita frequência.

Provavelmente, Rosemary pensou, aquilo queria dizer "nunca". Bem, ao menos, um deles iria, dentro de poucas horas. Diante de tal pensamento, foi a vez dos lábios dela se curvarem em um sorriso.

— Talvez queira me levar pessoalmente, sr. Tanner?

— Acho que não.

Rosemary virou-se para o fogão, apanhando um garfo de cabo longo para mexer o bacon que fritava. Lá fora, uma voz masculina chamou-lhe a atenção, seguida pela resposta, vinda do celeiro. Ao que parecia, os rapazes estavam de pé. E ela nem sequer pusera o pão no forno!

Sete cabeças descobertas davam evidências do mais recente decreto de Rosemary. Na manhã de sábado, ela havia anunciado que o uso de chapéu à mesa não seria mais

permitido. Três chapéus de abas largas haviam sido pendurados nos ganchos fixados na parede, ao lado da porta, assim que a nova regra fora pronunciada. Naquela manhã, ela notou, com profunda satisfação, que todos os chapéus haviam sido deixados no alojamento, ou no estábulo.

Seis pares de olhos observaram com apetite, enquanto ela colocava sobre a mesa as travessas cheias de bacon e ovos mexidos. Uma cesta de pães se seguiu, e a tigela de molho foi gentilmente retirada de suas mãos assim que ela a apanhou de cima do fogão.

— Parem! — Rosemary ordenou de pronto, ao perceber que todos se preparavam para atacar a comida sem dó.

O sétimo par de olhos examinou-a com expressão divertida, e Tanner não se esforçou para conter o sorriso que curvou seus lábios, quando ela pronunciou aquela única palavra com tamanha autoridade.

Os seis empregados imobilizaram-se. Um deles tinha o garfo erguido no ar, enquanto outro erguia-se da cadeira a fim de alcançar os ovos com maior facilidade. Todos olharam para Rosemary e, calados, voltaram a se sentar.

— Há cinco dias venho assistindo calada a todos vocês devorarem a comida como animais famintos — ela disse, apenas um leve tremor na voz traindo sua postura firme e rígida. — Não sei onde foram criados, mas tenho certeza de que a grande maioria aprendeu a agradecer pelas refeições, antes de comer à mesa de suas mães.

Seis pares de olhos continuaram a fitá-la, seus donos franzindo o cenho e lançando olhares de interrogação para Tanner, que parecia nem sequer estar se dando conta da comoção que sua nova cozinheira estava causando.

— De hoje em diante, todos vocês vão cruzar as mãos, até que tenhamos feito uma oração de agradecimento pelo alimento que vamos receber — Rosemary continuou, ligeiramente ofegante pelo esforço necessário para fazer sua declaração com firmeza.

Sabia que suas faces estavam muito vermelhas, mas tratou de manter a postura determinada, empinando o queixo a fim de se sentir mais segura.

— Quem vai fazer a oração? — Cotton perguntou.

— Se quiserem, a cada dia, um de vocês se encarregará dos agradecimentos — ela sugeriu. — Caso ninguém seja capaz de fazê-lo, eu mesma direi as palavras adequadas.

Tanner levantou-se de súbito, arrastando ruidosamente a cadeira no chão. Rosemary ergueu os olhos, apreensiva, para a figura alta e imponente. Ocorreu-lhe que talvez houvesse ido longe demais. Primeiro, havia interrogado o patrão sobre suas inclinações religiosas. Então, pedira emprestada a charrete para ir à missa. Agora, exigira

que todos fizessem uma oração de agradecimento antes de iniciarem as refeições.

Apesar de estar se sentindo um tanto nervosa, Rosemary sustentou-lhe o olhar, ao mesmo tempo que empinava o queixo ainda mais.

— Sr. Tanner?

— Esta é a minha casa. Portanto, farei eu mesmo as honras.

O olhar que lançou para os homens sentados à mesa enviou uma mensagem que todos compreenderam, e seis cabeças inclinaram-se, quando Gabe Tanner deu início a uma breve prece de agradecimento. Voltando a arrastar a cadeira no chão, ele se sentou e encarou Rosemary.

— Sabe dizer se ainda resta geléia na despensa, senhorita? Estou com vontade de comer pão com geléia de morango.

Ela respirou fundo. Pelo menos, ele não a chamara de Rosie. Disse a si mesma que, com o passar do tempo, tudo daria certo. Tanner havia lhe dado apoio diante dos empregados. Ela não teria suportado nem mais uma refeição, se aqueles grosseirões continuassem a devorar a comida, sem nem ao menos dizer uma palavra de agradecimento.

Depois de retirar seu prato do forno, Rosemary puxou a cadeira da extremidade oposta àquela ocupada por Tanner, e sentou-se. Os homens pararam de comer para fitá-la, boquiabertos. Pela primeira vez, a cozinheira fazia sua refeição na companhia deles.

— Agora — ela falou em tom animado — eu gostaria que me dissessem seus nomes e sobrenomes, por favor. Contem-me de onde vêm e falem-me de suas famílias, enquanto desfrutamos de uma refeição agradável.

— Nunca vi tantos homens de olhos arregalados e boca aberta, juntos, em um mesmo lugar — Cotton disse ao patrão. — Tipper quase engoliu a própria língua, quando aquela bela mocinha sorriu para ele. Ele é tão tímido diante de mulheres que nunca conseguimos arrastá-lo para o andar de cima, no Golden Slipper, por mais bêbado que esteja.

— Ele vai subir aquela escada sozinho, quando estiver pronto para isso — Tanner declarou em tom rude. — Tratem de deixá-lo em paz.

— Bem, achei que ele seria o melhor para levar a srta. Rosemary à igreja, esta manhã — Cotton declarou, pensativo. — Afinal, ela estaria perfeitamente segura, na companhia dele.

— É bom que a srta. Rosemary esteja perfeitamente segura na companhia de qualquer um de vocês — Tanner advertiu sem preâmbulos. — Passe minhas palavras adiante. Se alguém disser uma palavra imprópria, levará uma surra como nunca levou antes. E estou falando a sério.

— Ela está, definitivamente, diferente do que era no primeiro dia em que trabalhou aqui, não acha? — Cotton indagou. — Em primeiro lugar, desistiu de usar aquele horrível vestido preto. E, na minha opinião, aquele chapéu deveria ser queimado.

— Se ela o deixasse à vista, eu pensaria seriamente na sua sugestão — Tanner admitiu. — Mas ela o guarda no quarto e, além disso, usou-o para ir à igreja. Acho que não tem outro.

Aparentemente, Rosemary havia chegado à conclusão de que suas roupas de luto não eram adequadas ao calor da cozinha. Sem dúvida, revirara seus parcos pertences, até encontrar outros vestidos que pudesse usar para o trabalho. Embora estivessem longe de serem exemplares da última moda, eram mais leves, tanto nas cores quanto nos tecidos, e marcavam-lhe a cintura delgada, como Tanner não pudera deixar de notar.

Ele observava a charrete partir, com Tipper segurando firmemente as rédeas e exibindo um sorriso mais que solícito, enquanto conversava com a passageira.

— Sou perfeitamente capaz de conduzir a charrete sozinha — ela afirmara, ao sair da casa. — Não preciso de um acompanhante para ir à missa, sr. Tanner.

— Não é o que eu penso — Gabe retrucara com firmeza, oferecendo-lhe a mão para que ela subisse na charrete.

Rosemary havia murmurado algo que ele não compreendera, e que decidira ignorar, quando o patrão se afastava e ela ajeitava a saia, antes de cruzar as mãos sobre as coxas. O abominável chapeuzinho preto encontrava-se bem preso sobre os cabelos puxados para a nuca, e Tanner sacudiu a cabeça com desgosto.

Agora, lamentava não ter se oferecido para levá-la pessoalmente, para conversar com ela durante a viagem até a cidade, para acompanhá-la à igreja, onde um banco apresentava o nome da família Tanner gravado em uma placa de bronze.

Tanner passara a ignorar a igreja, assim como o banco destinado à família, desde o dia em que seu pai morrera. O velho fora um hipócrita do pior tipo, sentando-se sob o teto daquele lugar sagrado no domingo, e se comportando como um demônio no resto da semana.

Ora, Gabe não havia pensado em Walt Tanner durante boa parte da semana, desde o dia em que Rosemary Gibson aparecera em sua fazenda declarando que preferia

trabalhar para ele como cozinheira do que aceitar seu pedido de casamento.

O reverendo Worth tomou a mão de Rosemary nas suas, sacudindo-a com vigor:

— Estou muito feliz por vê-la na igreja, srta. Gibson. Quem é o simpático jovem que a acompanhou até aqui?

Ao lado dela, Tipper Henderson retirou o chapéu que acabara de ajeitar na cabeça.

— Sou um dos empregados da fazenda do sr. Gabe Tanner, reverendo.

— Srta. Gibson... esta situação é permanente? — James Worth inquiriu, franzindo o cenho.

— Estou trabalhando lá como cozinheira.

— Na verdade, ela faz praticamente tudo, com exceção de lavar nossas roupas — Tipper apressou-se em acrescentar. — Mama Pearl vai até lá, nas quartas-feiras, cuida das roupas e ajuda na cozinha. É claro que, agora que a srta. Rosemary está lá, nem precisamos de mais ninguém.

— Há alguém lá que lhe sirva de acompanhante? — o pastor perguntou.

Rosemary sabia que essa pergunta seria feita, mais cedo ou mais tarde. Não tivera a menor dúvida de que alguém traria à tona a questão de ela ser a única mulher a viver naquela fazenda.

— Estou perfeitamente segura, lá, senhor — ela declarou, empinando o queixo. — Sou tratada como uma dama, e o sr. Tanner tem sido mais do que gentil para comigo.

Com isso, ela se virou para a charrete, com Tipper seguindo-a de perto e ansioso para ajudá-la a ocupar seu lugar no veículo. Os olhos de metade da população de Edgewood fixaram-se nela. Muitas daquelas pessoas estavam, provavelmente, se perguntando o que ela realmente fazia na fazenda. O restante, sem dúvida, especulava sobre quanto tempo se passaria antes que ela se casasse com Gabe Tanner.

Segundo Pip, a história sobre o pedido de casamento que ele fizera e Rosemary recusara havia se tornado o assunto do momento, em toda a cidade. Assim que Bates Comstock contou à esposa, Bernice encarregara-se da tarefa de espalhar a notícia aos quatro ventos.

Naquela manhã de domingo, porém, haviam descoberto que Rosemary era a cozinheira, e não a noiva de Gabe Tanner. Com um profundo suspiro, ela se viu forçada a admitir que as fofocas se tornariam mais intensas do que nunca, agora.

— Vamos, Tipper — disse, mantendo as costas eretas, o chapéu preso à cabeça, seu

melhor par de luvas cobrindo as mãos cruzadas sobre as coxas.

Já com as rédeas nas mãos, ele assentiu e, depois de erguer uma das mãos em um aceno para a multidão reunida diante da igreja, pôs a charrete em movimento.

— Esse pessoal parece gostar muito da senhorita — Tipper declarou, orgulhoso. — Devo confessar que estou surpreso por a senhorita não ter sido pedida em casamento por um daqueles homens, até agora.

— Ser filha do pastor da cidade desencoraja a maioria dos jovens que possam, eventualmente, pensar em fazer a corte — Rosemary disse. — E a verdade é que já passei da idade de me casar. A maioria dos homens procura esposas mais novas.

Tipper permaneceu em silêncio por um longo momento, antes de fitá-la pelo canto do olho e murmurar:

— Não acho que esteja velha demais para se casar, senhorita. E desconfio que o patrão é da mesma opinião. Afinal, ele a pediu em casamento, não pediu?

— Bem, ele não demonstrou a menor hesitação em concordar, quando me ofereci para trabalhar como cozinheira para ele — Rosemary replicou.

O rapaz olhou por cima do ombro, para onde a torre da igreja já começava a desaparecer na distância.

— Acha que aquele pastor vai criar problemas porque a senhorita está morando na fazenda sem uma acompanhante apropriada?

— Acho que ele tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Tipper lançou-lhe um olhar cheio de dúvidas.

Fez bem ao coração de Rosemary testemunhar a expressão no rosto de Mama Pearl, quando os homens entraram na cozinha, na manhã da quarta-feira seguinte. Limpos, penteados e sem seus chapéus, eles se reuniram em torno da mesa e esperaram, em silêncio, enquanto a comida era servida.

Uma vez dispostas as travessas sobre a mesa, Mama Pearl recuou um passo, esperando pela correria de costume, mas ficou boquiaberta quando Tanner inclinou a cabeça e murmurou palavras de agradecimento.

— O que é isso? — ela perguntou em um sussurro ao ouvido de Rosemary, ao mesmo tempo que apanhava o bule de café de cima do fogão.

— Café — Rosemary respondeu com um riso baixo, arregalando os olhos em fingida inocência.

Mama Pearl emitiu um som pouco apropriado para uma mulher e tratou de encher as canecas que os homens já estendiam na sua direção.

— Vai tomar o café da manhã conosco? — Rosemary perguntou, retirando dois pratos do forno.

A resposta da mais velha foi um olhar penetrante. Já não é o bastante aqueles sujeitos estarem se comportando como um bando de garotinhos, na aula de catecismo dos domingos?, era o que a expressão dela parecia dizer. Agora também vamos comer com eles?

Rosemary fez um sinal para Tipper, que atendeu prontamente, deslizando no longo banco a fim de abrir espaço para mais uma pessoa. Então, sentou-se ao lado dele, deixando a cadeira da cabeceira para Mama Pearl.

Tanner aproveitou o silêncio que se seguiu para dar as ordens do dia, apontando o garfo para um homem e outro à medida que distribuía as tarefas.

— Prometi à srta. Rosemary que traria os caixotes de tomates para a cozinha antes de começar a trabalhar, patrão — Tipper declarou de pronto. — Os caixotes estão muito pesados e, além disso, a senhorita vai precisar de todos os vidros vazios que temos na despensa.

— Mama Pearl vai me ajudar — Rosemary falou, percebendo a expressão de desagrado de Tanner. — Juntas, nós duas daremos conta do que tem de ser feito.

— Ajudarei vocês — Tanner informou-a, usando aquele tom de voz que não dava margem a discussões.

Tipper assentiu em concordância, embora fosse incapaz de disfarçar a decepção.

— Se está mesmo disposto a ajudar, pode carregar a água quente para fora, Tanner. Já está quase fervendo, e pensei que poderia começar a lavar a roupa mais cedo, hoje — Mama Pearl falou entre garfadas de comida, os olhos brilhando enquanto passavam de Tanner a Rosemary e, então, voltavam ao primeiro.

— Tipper poderá fazer isso — Tanner decidiu, lançando para ela um olhar que deixava claro que ele havia compreendido a provocação.

Rosemary comia em silêncio. Naquela manhã, ao contrário das outras, não tentou iniciar uma conversa durante o café da manhã. As quartas-feiras eram dias cheios, com Mama Pearl entrando e saindo da cozinha o tempo todo e, agora, ao que parecia, Tanner a ajudaria a preparar os tomates para armazenamento. A ideia de dividir a cozinha com ele fazia as paredes encolherem.

Meia hora depois, a voz melodiosa de Mama Pearl passou a encher o ar. Ela esfregava as roupas com movimentos lentos, as mangas dobradas até acima dos cotovelos, os braços fortes e musculosos trabalhando sem parar. Torcia as calças grossas com tão pouco esforço, Rosemary pensou, invejando a força que a mais velha possuía.

— Onde quer que eu ponha os vidros? — Tanner perguntou, bem atrás de Rosemary, ao entrar na cozinha, carregando uma caixa fechada.

— Aqui — ela respondeu, apontando para a pia. — Terei de lavar todos eles antes de escaldá-los no caldeirão.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo? — ele perguntou, parecendo duvidar da capacidade dela. — Estou certo de que Mama Pearl viria em um dia extra para nos ajudar com os tomates, se você pedir a ela.

Rosemary ergueu as sobrancelhas, aparentemente sentindo-se insultada.

— Sou perfeitamente capaz de armazenar uma colheita de tomates, sr. Tanner. Cuidei sozinha da residência paroquial, durante muitos anos. Minhas tarefas lá incluíam armazenar diversos tipos de alimentos.

— Sei disso, querida, mas estamos falando de três caixotes de tomates — ele a lembrou com um sorriso. — E mais tomates chegarão, depois de amanhã.

— Darei um jeito. — Rosemary apanhou a chaleira de água quente e despejou seu conteúdo na pia. — Sou forte e saudável, e assumi este emprego de boa fé.

— Ninguém está pedindo para você se matar de trabalhar, Rosie. Se precisar de ajuda, basta pedir e alguém virá ajudá-la.

— Se quer ajudar, leve aquele balde grande, cheio de água quente, para o quintal, e pergunte a Mama Pearl onde ela quer que o deixe. Então, volte a enchê-lo na bomba, e ponha-o no fogão.

— Estou me sentindo como o próprio ajudante de cozinha — Tanner resmungou.

— Foi você quem ofereceu ajuda — Rosemary lembrou-o. Ele atravessou a cozinha, aproximando-se de onde ela separava os vidros que retirava da caixa e os reagrupava de acordo com seus tamanhos, para então colocá-los de molho em água quente com sabão.

— E você é muito atrevida — Tanner sussurrou ao seu ouvido.

Rosemary virou-se para encará-lo.

— Sou sua cozinheira, sr. Tanner. Concordamos em que eu seria melhor como empregada do que como esposa, lembra-se?

Ele sacudiu a cabeça.

— Para ser sincero, não me lembro disso. Aliás, ainda não consegui compreender os comos, nem os porquês.

— Mudou de ideia? — ela indagou, ligeiramente ofegante.

Tanner estava perto demais, os olhos escuros examinando-a com uma intensidade estonteante, como se vissem nela algo que seria melhor ser mantido fora de suas vistas. O coração de Rosemary deu um salto, como se fosse sair para fora do peito, mas acabou recuperando o ritmo normal de suas batidas. Pressionando os lábios um contra o outro, tomou coragem para erguer os olhos e fixá-los nos dele.

A expressão de Tanner parecia ter sido esculpida em pedra. Ao mesmo tempo, suas narinas se dilatavam, como se ele houvesse farejado um odor no ar. E os olhos... aqueles olhos sempre tão escuros, que pareciam esquadriñar a mente de Rosemary à procura de seus pensamentos, encontravam-se fixos no rosto dela.

— Não, eu não mudei de ideia, querida — ele murmurou. — Quero que saiba exatamente onde está se metendo, antes de me casar com você.

— Isso não faz parte do nosso acordo — ela retrucou.

— Não ficou claro para mim que tipo de acordo nós firmamos — Tanner declarou em tom suave, quase meigo. — Mas sei que gostei muito do que você fez com minha casa. Gosto de saber que está aqui, todas as noites, quando vou dormir. E também gosto de ouvir os sons que você faz em seu quarto, quando acordo, pela manhã.

Então, inclinou-se para ela e, quando Rosemary abriu a boca para falar, tocou-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

— Tanner? — ela murmurou com voz trémula, sentindo o calor do dedo de Tanner seguir a linha do contorno de seus lábios.

— Sim... — ele falou, parecendo prestes a dizer alguma coisa, mas abaixou a cabeça e substituiu o dedo pelos próprios lábios, colando-os aos dela.

Rosemary havia se esquecido da potência do beijo de Tanner, assim como do poder que suas carícias exerciam sobre ela. O contato suave do dedo que lhe segurava o queixo e o toque ainda mais leve daqueles lábios faziam com que ela pensasse em coisas proibidas.

Com um suspiro profundo, Rosemary abandonou qualquer intenção de lutar que pudesse ter cruzado sua mente. Cerrou os punhos com força e fechou os olhos. Sabia que deveria afastar-se e, quem sabe, repreendê-lo por aproveitar-se dela daquela maneira. Talvez devesse até mesmo dar-lhe um longo sermão e protestar com veemência. Sim, era isso o que deveria fazer, pensou, consciente apenas do homem que a mantinha imóvel com a simples pressão de seus lábios sobre os dela.

Então, as mãos de Tanner pousaram em sua cintura, a ponta dos dedos quase se encontrando no centro de suas costas. Puxou-a para si, até que os seios dela estivessem pressionados de maneira indecente contra seu peito largo, até que os pés dela tropeçassem em suas botas de couro, enquanto ela lutava para manter o equilíbrio.

Rosemary emitiu um gemido abafado, um som suave, que morreu nos lábios dele. No mesmo instante, ela ouviu o riso baixo de Tanner, como se ele houvesse interpretado seu pequeno protesto como algo absolutamente sem importância.

Ao descolar os lábios dos dela, Tanner parecia estar tentando oferecer-lhe conforto, como se lhe pedisse perdão pelo que acabara de fazer. O que acendeu no peito de Rosemary a chama da esperança.

— Eu não deveria ter vindo para cá — ela falou sem pensar. — Não era isso o que eu estava procurando.

Ele riu, a vibração do som profundo fazendo-a lembrar-se de que suas mãos continuavam pousadas no peito dele.

— Você veio para aceitar o meu pedido de casamento, Rosie. Não lhe ocorreu que alguns beijos fariam parte do processo?

— Mudei de ideia assim que cheguei aqui — ela se defendeu, aflita.

— Mudou? Por quê?

— Percebi que não seria capaz de me casar com você. É verdade que eu pretendia aceitar o seu pedido, mas...

— Duvido que tenha recebido proposta melhor — Tanner desafiou com um toque de crueldade

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Não. Não tive nenhuma outra proposta, mas...

— Mas o quê? — ele persistiu.

Ela voltou a sacudir a cabeça, com maior vigor, desta vez.

— Nada. Estou satisfeita em ser sua cozinheira, sr. Tanner. Só não quero que me beije. Não é decente. Preciso cuidar da minha reputação.

— Ora, querida, sua reputação foi por água abaixo no dia em que você se mudou para cá, se não estou enganado. Tipper me contou que o pastor tentou cobrar explicações suas, a esse respeito.

Rosemary retirou as mãos trémulas do peito de Tanner e recuou um passo. Ele permaneceu imóvel, esperando que ela dissesse alguma coisa. Rosemary virou-se, apanhou mais um vidro e mergulhou-o na água quente com sabão.

— Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando decidi viver aqui, Tanner. Ficarei bem.

Tanner sabia que acabara de ser dispensado. E nem haveria outra maneira de descrever sua situação naquele momento. Por isso, dando de ombros, ele se virou e encaminhou-se para a porta, apanhando o chapéu que havia deixado no gancho, antes de sair.

Rosemary esperou pelo som da porta de tela se fechando para então espiar por cima do ombro o homem que acabara de sair para a varanda. Sim, ele era muito mais do que ela havia imaginado, quando chegara a considerar o pedido de casamento que ele lhe fizera, durante a viagem de charrete, da cidade até a fazenda.

Observou-o atender ao chamado de Mama Pearl e aproximar-se do tanque, onde ela se inclinava para esfregar as roupas sujas. A mais velha ergueu os olhos para fitá-lo e murmurou algumas palavras. Rosemary correu até a porta, movida pela forte curiosidade, mas de nada adiantou.

Somente o som profundo da voz de Tanner alcançou seus ouvidos, quando ele respondeu tenso e, aparentemente, irritado, algo que Rosemary não conseguiu compreender.

— Estou avisando, Tanner.

As palavras de advertência pronunciadas por Mama Pearl vibraram no ar, e Rosemary respirou fundo. O que quer que os dois estivessem discutindo, era evidente que discordavam um do outro.

E ela seria capaz de apostar que era ela o assunto em discussão.

CAPÍTULO VII

Senhorita? — Cotton indagou, virando-se rapidamente, dando as costas ao cavalo do qual cuidava. De olhos arregalados, estudou a mulher que se atrevera a invadir os seus domínios, parando na porta do estábulo, à luz do sol. — Está perdida, srta. Rosemary?

Ela fez um gesto com a mão, indicando que a pergunta era um tanto tola.

— Sei perfeitamente onde estou, sr. Cotton.

— Pode me chamar de Cotton, se quiser — ele resmungou, enfiando as mãos nos bolsos das calças. — Está procurando pelo patrão?

Rosemary deu alguns passos adiante, ainda envolta pela luz dourada do sol, que invadia boa parte do estábulo e fazia com que sua sombra a precedesse.

— Não, estou apenas dando uma olhada — disse, inclinando a cabeça para trás a fim de olhar para cima.

— Não há nada lá em cima, com exceção de pacotes de feno — Cotton informou-a.

Ela examinou o longo corredor, que atravessava todo o estábulo. Um dos lados era dividido em baias de diferentes tamanhos, todas com portões maciços. Um focinho curioso surgiu por cima do portão da baia mais próxima, e o hálito quente de um animal alcançou a pele de Rosemary.

— Nossa, que lindo! — ela murmurou, examinando fascinada os olhos gentis do cavalo.

Ergueu uma das mãos, como se fosse afagá-lo, mas então pareceu pensar melhor e voltou a enfiá-la no bolso do avental. Em silêncio, continuou o seu reconhecimento do local, espiando pela porta que se abria além das baias, levando ao curral. Então, pôs-se a examinar o outro lado.

Prateleiras abrigavam ferramentas que ela nunca vira antes, e ganchos sustentavam pás e forcados. Era tudo perfeitamente organizado. Várias portas levavam a recintos fechados e, através de uma delas, Rosemary viu uma sela, presa a uma armação de madeira que imitava as formas do corpo de um cavalo.

— Eu só queria ver... — ela falou, olhou em volta mais uma vez e deu de ombros. — A verdade é que estava curiosa, só isso. Estou aqui há duas semanas, e queria conhecer um pouco mais que o interior da casa e o galinheiro. Recolher ovos frescos sempre fez parte da minha rotina, mas foram poucas as vezes em que entrei em um estábulo.

— Onde passou toda a sua vida, senhorita?

— Fui criada em uma residência paroquial, Cotton, na cidade. Criávamos nossas galinhas, no quintal, mas o leite vinha de um vizinho.

— Bem, terei prazer em levá-la em uma excursão pela fazenda — ele ofereceu com um sorriso largo. — Não há ninguém por aqui que entenda mais de estábulos do que Cotton Weatherby.

— Com exceção de Gabe Tanner.

Uma sombra imensa aproximou-se da de Rosemary, quando Tanner postou-se na porta do estábulo.

Do corredor sombrio, Cotton lançou um olhar decepcionado para o patrão.

— Ora, e eu já estava feliz pela oportunidade de fazer as honras! — queixou-se.

— Você já tem muito o que fazer, sem bancar o acompanhante para a srta. Rosemary — Tanner declarou, examinando a mulher ao seu lado com olhar possessivo. — Eu mesmo a levarei para conhecer a fazenda.

— Não quero atrapalhar o trabalho de ninguém — ela falou depressa, sentindo o ar abandonar seus pulmões, ao mesmo tempo em que o coração disparava no peito.

Era mesmo frustrante a maneira como Gabe Tanner a afetava, sem ter de fazer o menos esforço para isso. Abriu a boca, tentando recuperar o fôlego e, sem perceber o que fazia, levou uma das mãos ao peito.

— Está se sentindo bem, Rosie? — Tanner inquireu, inclinando-se para ela de cenho franzido.

— Sim, claro — ela conseguiu responder em um sussurro. — Acho que engasguei com minha própria saliva.

Ele se endireitou, fitando-a com evidente ceticismo.

— Bem, seguiremos devagar. Talvez sejam os pacotes de feno, armazenados lá em cima, que estejam lhe causando problemas. Uma vez, contratei um caubói que não podia ficar no estábulo por mais de cinco minutos seguidos. Dizia que o feno exercia um efeito negativo sobre ele. Nunca compreendi por que ele queria tanto trabalhar em uma fazenda.

Rosemary respirou fundo, satisfeita ao perceber que seu coração cessara as batidas descompassadas e recuperara o ritmo normal.

— Não creio que o feno me provoque problemas. Gosto desse cheiro. — Ergueu os olhos para Tanner. — Quanto ao caubói que não suportava o feno, você o manteve como empregado da fazenda?

Tanner riu.

— Sim, pelo pouco tempo que ele demorou para fazer as malas e partir. A última notícia que tive dele foi que estava trabalhando para o xerife.

Rosemary sorriu, aproximando-se da baia de onde o cavalo curioso continuava a observá-la. Ergueu uma das mãos em um gesto hesitante e tocou o focinho macio.

O animal emitiu um som alto, sacudindo a cabeça de maneira que a crina se agitasse de um lado para outro. Rosemary recuou em um movimento abrupto, descobrindo que Tanner encontrava-se bem atrás dela, seu corpo forte agindo como uma sólida parede.

Ela abafou um grito, estremecendo ao contato. Ele não se moveu e, quando Rosemary virou-se, seu rosto roçou no tecido da camisa que ele usava. No mesmo instante, sentiu o perfume do sabão usado por Mama Pearl, misturado a um outro odor, que lembrava couro e sol. Inspirou profundamente, quase encostando o nariz no peito de Tanner.

Ele a segurou pelos ombros.

— Você está bem?

Ligeiramente atordoadada, Rosemary empertigou-se, ao mesmo tempo que se afastava do conforto oferecido pelo corpo viril e musculoso. Então, foi tomada pelo sentimento de perda, pois já não podia sentir o calor que ele emanava.

— Estou bem — murmurou. — O cavalo me assustou, só isso.

Voltou a estender a mão para o animal, que recebeu o afago com um relincho baixo, quase dengoso, que encorajou Rosemary a continuar com as carícias.

— Ela tem o pêlo tão macio... — Rosemary comentou. Atrás dela, Tanner abaixou a cabeça, até quase encostar os lábios em sua orelha.

— Ela é ele — confidenciou.

O tom de voz divertido fez com que um sorriso curvasse os lábios de Rosemary. Pela primeira vez, Tanner demonstrava uma gentileza sem igual. Ao menos, com relação a ela. Lembrou-se que, ao chegar no estábulo, ele fora quase rude com Cotton, mas agora, seu toque, suas palavras, toda a sua postura, eram de um homem para com uma mulher de quem ele gosta muito.

Não que Rosemary tivesse ilusões quanto aos sentimentos de Tanner por ela. Mais de uma vez, ele a farejara, como um animal selvagem fareja sua presa, o que por si só já era o bastante para deixá-la desconfiada com relação a ele. Aquele encontro no estábulo estava servindo para mostrar a ela que, embora a atitude dele fosse o oposto daquele que

ele costumava apresentar, o resultado da aproximação seria o que Tanner quisesse que fosse.

Rosemary chegou mais perto do cavalo, uma vez que já se sentia segura de que ele realmente desejava seus afagos, e espiou dentro da baia.

— Ele é mesmo enorme, não?

Colocou-se nas pontas dos pés, sentindo-se corajosa, com Tanner bem atrás dela. Então, enroscou os dedos na crina macia e inspirou profundamente, enchendo as narinas com o odor do feno e do animal.

— A baia parece limpa — ela acrescentou. — Cheira bem.

— Ah, você logo saberia, se estivesse suja! — Tanner afirmou com uma risada, postando-se ao lado dela e, assim, aproximando-se da baia.

Um braço longo circundou a cintura de Rosemary, e ela sentiu os dedos fortes pousaram sobre seu corpo, como se tentassem sentir-lhe a textura da pele através do vestido.

O que, felizmente, era impossível, pois sua pele queimava sob o toque de Tanner, dando a ela a impressão de que, no dia seguinte, surgiriam marcas onde agora repousavam os dedos dele, como provas irrefutáveis daqueles momentos que estavam passando, tão perto um do outro.

— Tudo bem, srta. Gibson? — ele perguntou, rindo baixinho.

Rosemary sentiu a vibração daquele riso onde seus corpos se tocavam, na altura do ombro.

— Já lhe pedi para não zombar de mim, senhor. Por favor, tire suas mãos de mim.

— Ah! você é tão doce, mesmo quando rejeita meus carinhos.

Rosemary lançou-lhe um olhar de reprovação que não o impediu de soltar uma gargalhada. Tanner recuou um passo, retirando a mão da cintura dela e enfiando-a no bolso da calça, como se tivesse de recorrer a tal artimanha para resistir ao impulso de tocá-la.

Ela teve de se virar e apoiar-se no portão da baia, pois suas pernas pareciam determinadas a se recusarem a obedecer a seus comandos e, menos ainda, a sustentar o peso de seu corpo. O focinho do cavalo tocou-lhe ombro e, mais uma vez, Rosemary aspirou-lhe o odor.

— Pelo que vejo, você já perdeu o medo do meu cavalo — Tanner concluiu, exibindo no olhar um brilho da mais pura emoção.

— Está se divertindo às minhas custas, senhor?

— Não, apenas apreciando seus rubores, Rosie. Não estou acostumado a mulheres que têm esse tipo de reação, quando apareço. — Ele se virou para o garanhão imponente, antes de voltar a fitá-la. — Realmente, perdeu o medo do meu cavalo. Diria que ele representa a menor ameaça?

— Não tenho medo do senhor, também. É meu patrão, sr. Tanner. Devo-lhe respeito, mas a menos que pare de pôr suas mãos em mim sempre que surge uma oportunidade para isso, serei obrigada a lhe dar uma lição.

— Está querendo dizer que não gosta que eu a beije, querida?

O tom de voz indolente zombava da declaração firme que ela acabara de fazer. Por isso, Rosemary empinou o queixo e sustentou o olhar de Tanner, sem medo.

— Sabe exatamente o que estou querendo dizer, senhor.

Do terreiro diante do estábulo, vozes se ergueram, abafando a de Rosemary. Tanner desviou os olhos dos dela, a fim de verificar o que estava acontecendo lá fora.

— Onde está Tanner? — o sotaque inconfundível de Mama Pearl alcançou-os, onde estavam, e Tanner encaminhou-se rapidamente para a porta.

— O que a traz aqui? — ele perguntou, aproximando-se dela.

Ela mantinha postura de rainha, sentada no banco de sua carroça velha. Os cabelos encontravam-se escondidos por um turbante, estampado em tons de roxo e laranja, que enfatizava os traços orgulhosos de seu rosto. Ela o fitou, estreitando os olhos.

— Vim para ficar.

Não houve o menor sinal de hesitação em tal anúncio. Tratava-se de uma firme declaração de intenções.

— Veio para ficar — Tanner repetiu devagar, franzindo o cenho, enquanto os lábios formavam uma linha dura.

Mama Pearl assentiu com vigor.

— Minha filha arranjou um homem e, naquela casa, não há mais espaço para uma mãe, ou sogra, como preferir. Sei que tem espaço de sobra em sua casa, onde poderei abrigar a minha carcaça, além de vários motivos para me querer aqui, Gabe Tanner. Continuarei trabalhando, como sempre fiz, e você só terá de me dar algum dinheiro de vez em quando.

Tanner permaneceu em silêncio, digerindo as palavras que acabara de ouvir, avaliando a expressão determinada da mulher empertigada na carroça. Então, assentiu.

Embora o movimento fosse mínimo, imperceptível para qualquer pessoa um pouco mais desatenta, Mama Pearl recebeu o gesto com um aceno da própria cabeça, muito mais vigoroso e eloquente.

— Vou levar minhas coisas para dentro — declarou, erguendo as rédeas, mas então, como se mudasse de ideia, olhou em volta, antes de voltar a fitá-lo. — Onde está aquela mocinha?

— Está se referindo à srta. Gibson? — Tanner murmurou em tom indolente, antes de inclinar a cabeça para o lado, elevando a voz para que Rosemary ouvisse o seu chamado: — Pode sair, mocinha!

Mama Pearl observou em silêncio, enquanto Rosemary saía do estábulo, piscando repetidas vezes contra o sol que a atingiu em cheio.

— Suba, menina. Vou lhe dar uma carona de volta para casa. Então, poderá me ajudar a descarregar minha bagagem.

Rosemary aproximou-se da carroça, segurou a saia com uma das mãos e, com a outra, buscou apoio para subir no veículo. Antes que tivesse a chance de tocar o pé no estribo, duas mãos fortes seguraram sua cintura com firmeza, erguendo-a no ar e acomodando-a ao lado de Mama Pearl. No chão, Tanner exibiu um sorriso maroto, quando ela lhe lançou um olhar surpreso e ligeiramente indignado.

— Creio que já recebeu suas ordens, senhorita — ele disse.

Então, observou a carroça afastar-se lentamente, até estacionar diante da porta dos fundos de sua casa. Vendo que as duas já conversavam, inclinadas uma para a outra a fim de garantir que ninguém mais as ouvisse, Tanner pensou na facilidade com que as mulheres se aliavam.

Sempre sentira falta daquele tipo de laço em sua vida. Nunca realmente buscara a amizade de outro homem. Pensou nas palavras que trocava diariamente com Cotton, assim como com os demais empregados, mas logo as descartou. Aquele tipo de relacionamento era fácil de manter. Tanner achava muito simples conversar com os homens da cidade, com o dono do saloon, e mesmo com as garotas de Laura Lee, que de vez em quando se aproximavam, na esperança de acrescentar o nome dele à sua lista de clientes. Com elas, era perfeitamente capaz de rir e falar das coisas do dia-a-dia, mesmo resistindo aos seus encantos e tentativas de sedução.

No fundo, porém, sentia uma necessidade maior e mais profunda, especialmente nas longas horas de escuridão. Quase conseguira estabelecer aquele tipo de laço com a viúva Courtland. Em determinadas ocasiões, ela conseguira trazer à tona emoções que ele

mantivera escondidas, inclusive de si mesmo, medos que ele havia adquirido ao longo dos anos, lembranças que mantivera enterradas, por medo que elas o enfraquecessem.

Ela fora uma boa amiga. Embora ela só houvesse sido capaz de despertar seus desejos mais básicos, Tanner sentira sua falta quando ela decidira aceitar o pedido de casamento feito por Hale Carpenter.

Observou Rosemary descer da carroça com movimentos ágeis, notando com profundo interesse a maneira como a saia se ergueu momentaneamente, deixando à mostra um par de tornozelos muito bem-feitos, bem como parte das pernas bem torneadas. Mama Pearl demorou mais tempo para realizar o mesmo feito e, então, as duas retiraram os sacos da parte traseira da carroça, carregaram-nos para a varanda e, em seguida, desapareceram dentro da casa.

Tanner ouviu a risada da mais velha, mas ao fixar os olhos nos dela, quando ela espiou por cima do ombro e lhe lançou um olhar de advertência, antes de atravessar a soleira da porta, deu-se conta de que todo aquele bom humor não era dirigido a ele.

Deu de ombros. Não estava disposto a discutir com ela. Se fosse honesto consigo mesmo, teria de admitir que ela o conhecia como a palma da própria mão. Mama Pearl, ao menos, tivera uma longa experiência com as tendências da espécie masculina. E era fato que a presença dela naquela casa seria um grande empecilho às suas investidas sobre a inocente srta. Rosemary Gibson.

E a verdade era que Rosemary estava se tornando uma tentação cada vez maior, a cada dia que morava em sua casa, a cada noite que dormia no quarto ao lado do seu. Quem poderia adivinhar que a bem-comportada e puritana filha do pastor guardasse tamanha riqueza de uma paixão não explorada naquele corpinho miúdo, repleto de curvas tão perfeitas?

Tanner, porém, sentira e reconhecera aquela paixão, sentira a tensão muda que parecia tomar vida cada vez que se aproximavam, pressentira os desejos que ela lutava para dominar cada vez que ele a tocava. Por isso, como fosse incapaz de resistir ao lento despertar da mulher adormecida dentro do que sempre lhe parecera pouco mais que uma menina, ele passara a rondá-la, como uma abelha que descobriu uma fonte de néctar particularmente doce e que tem de saciar o seu apetite.

Tanner sacudiu a cabeça, dando-se conta de que olhava fixamente, com ar sonhador, para uma varanda deserta e uma porta fechada. Com uma das mãos, puxou a aba do chapéu sobre os olhos e voltou para o estábulo, agora vazio, com exceção do garanhão que o observava de dentro de sua baia.

Aproximou-se do animal e afagou-lhe a crina, repetindo com precisão os

movimentos que vira Rosemary fazer pouco antes. O cavalo demonstrou satisfação pela carícia de seu dono, mas enterrou o focinho na camisa dele, aparentemente buscando o perfume que não pertencia a Tanner.

Ele riu alto.

— Você tem um problema, amigo? — Afagou o animal com maior vigor. — Acho que somos dois.

— Onde vai ficar? — Rosemary perguntou, sem interromper os movimentos ágeis das mãos, enquanto preparava um bolo de carne.

Havia acrescentado duas cebolas grandes e, por isso, piscava repetidas vezes, enquanto as lágrimas corriam soltas por suas faces à medida que a carne era passada pelo moedor. Em seguida, picou um filão de pão, que fora assado na véspera, juntou um bom punhado de aveia e misturou tudo. Dois vidros de tomates refogados e meia dúzia de ovos haviam enchido a tigela até a borda.

Mama Pearl descascava batatas com movimentos rápidos das mãos, mal prestando atenção ao que fazia.

— No quarto bem em frente ao seu, querida — respondeu, erguendo a batata que acabara de descascar, para uma rápida inspeção, antes de jogá-la na panela, junto com as outras. — Tenho observado a maneira como Tanner olhar para você, menina. Ele é um homem como qualquer outro e, embora acredite ser um perfeito cavalheiro, não resiste à tentação de provocá-la para ver até onde você vai chegar. — Ergueu os olhos para Rosemary e sorriu. — Pensa que não percebi a expressão no rosto dele, quando saiu do estábulo? Parecia prestes a esganar quem quer que o estivesse interrompendo.

— Não estava acontecendo nada, lá — Rosemary declarou com ênfase, misturando a massa com maior vigor e, finalmente, decidindo que estava pronta para ir ao forno. — Estávamos conversando, e eu estava admirando o cavalo dele.

Mama Pearl assentiu, mas seus olhos indicavam que ela não acreditava em um encontro tão inocente.

— Aposto que ele estava olhando outras coisas, além daquele garanhão enorme. Sei quando um homem está determinado a roubar mais do que um simples beijo de uma mulher.

Rosemary despejou a massa do bolo de carne na assadeira e, então, modelou-a com a facilidade de quem fez isso durante muitos anos. Quando se deu por satisfeita com a forma da mistura, deu um último tapinha e abriu o forno.

— Ele é meu patrão, e fiz questão de lembrá-lo disso.

— Bem, agora estou aqui para que ele não tenha a menor chance de esquecer. — Mama Pearl apanhou outra batata e olhou pela janela, para onde o sol lançava uma pequena sombra da casa no quintal. — É melhor não demorarmos muito com o jantar. Se não nos apressarmos, aquele bando de esfomeados vai entrar por aquela porta antes que o bolo de carne esteja pronto.

Sem perder tempo, Rosemary colocou a assadeira no forno e fechou-o. Então, colocou mais lenha no compartimento inferior, dando mais vida ao fogo que ardia lá dentro.

— Vou apanhar o feijão que deixei de molho, ontem. Teremos tempo de sobra para cozinhá-lo.

— Aproveite e traga um pedaço de bacon, para dar mais sabor ao feijão — Mama Pearl sugeriu, estreitando os olhos, como se estivesse avaliando a mais nova. — Aqui estou eu, tentando lhe dizer como preparar a comida, quando a verdade é que tem se saído muito bem, fazendo tudo sozinha.

Rosemary, que já se dirigia à despensa, parou na porta.

— Pois saiba que tenho de me lembrar, a todo instante, de quantos homens entram por aquela porta, famintos, três vezes ao dia. É muito diferente de preparar as refeições para meu pai.

— Bem, estou aqui, agora. E aposto que, juntas, manteremos esses homens bem alimentados, e a casa limpa e bem arrumada.

Rosemary lançou um olhar agradecido para a mais velha.

— Devo admitir que, aqui, há muito mais trabalho do que imaginei. Não consegui colocar a limpeza em dia. Por outro lado, só tenho de limpar os quartos. Ninguém tem tempo para descansar na sala de estar, e nem utilizamos a sala de jantar. Além disso, Tanner ainda está organizando as coisas do pai, no escritório.

— Pois vamos providenciar para que você tenha tempo para descansar, seja na sala, ou onde preferir — Mama Pearl prometeu. — Tem se matado de trabalhar desde que Tanner deixou tudo por sua conta.

— Não me importo. Gosto daqui — Rosemary afirmou, lançando um olhar alegre pela cozinha. — Estou começando a me sentir em casa.

Mama Pearl assentiu devagar, exibindo um sorriso que indicava profunda satisfação pelo rumo que a situação começava a tomar.

— ...Café, farinha e banha. Tomou nota de tudo, menina? — Mama Pearl perguntou de dentro da despensa com sua voz poderosa, enquanto Rosemary rabiscava as palavras rapidamente no papel.

— Acho que vou acrescentar uma caixa de chá — murmurou, escrevendo mais aquele item na lista.

Trabalhar em dupla já se tornara um hábito, mesmo que somente uma semana houvesse se passado desde a mudança de Mama Pearl para a fazenda. E o intervalo para o chá da tarde estava se tornando um ritual do qual Rosemary gostava muito.

— Gostaria de pedir para você bater na porta dos fundos do saloon, e comprar uma garrafa do meu... — o pedido tranquilo da mais velha foi interrompido por um verdadeiro berro de Tanner.

— Como se atreve a mandar a filha do pastor bater na porta do Golden Slipper? Aliás, ela nem deve saber como chegar na porta dos fundos do saloon. Se gosta de beber um gole de vez em quando, o velho Cotton tem um pequeno estoque de uísque guardado.

Ao ouvir as palavras furiosas, Rosemary sentiu os músculos tensos, pois a lembrança de sua visita à cozinha do saloon ainda era nítida em sua memória. Felizmente, as semanas passadas na fazenda de Gabe Tanner a haviam afastado por completo daqueles dias medonhos.

— Acho que seria capaz de encontrar qualquer porta na cidade, se fosse necessário — disse. — Acontece que eu...

— Não se preocupe, menina — Mama Pearl falou depressa. — Conheço um bom vendedor de uísque, e só tomo um gole, de vez em quando, para impedir que o reumatismo me ataque.

— Vai à cidade, Rosemary? Ela assentiu.

— Pedi a Tipper que prepare a charrete para mim.

— Vou levá-la.

Rosemary sacudiu a cabeça com veemência, sustentando-lhe o olhar com firmeza.

— Não quero que me leve à cidade, Tanner. As pessoas já pensam que estamos juntos, e isso alimentaria as fofocas. Ouvi comentários pouco agradáveis, na igreja.

Tanner afastou-se da porta e parou diante dela. Rosemary teve o impulso de amaldiçoá-lo por sua capacidade de fazê-la sentir-se como uma grande tola, trêmula e ofegante, toda vez que se aproximava. Mesmo tentando desesperadamente controlar-se,

não foi capaz de impedir que o lápis escorregasse de seus dedos e rolasse até a beirada da mesa. Tanner apanhou-o no ar, antes que caísse no chão.

Então, abriu o punho que ela havia cerrado, repôs o lápis na palma da mão de Rosemary e, em seguida, fechou os dedos dela, a fim de prender o instrumento ali. Rosemary notou que a mão de Tanner estava quente e firme, seus dedos eram ágeis e estáveis, e os calos provocados pelo trabalho na fazenda roçaram sua pele macia.

— Sua mão está gelada, Rosie — ele murmurou, abaixando-se para sussurrar-lhe ao ouvido: — Está com medo de mim?

Ela ergueu a cabeça, arregalando os olhos.

— E claro que não! Minha mão não está fria. Você é que é...

Ele estreitou os olhos e sorriu.

— Sim, eu sou.

— Você é o quê, Tanner? — Mama Pearl inquiriu em tom pouco amigável, pousando as mãos na cintura e assumindo postura beligerante na porta da despensa.

— Sou um patrão preocupado com o bem-estar de seus empregados — Tanner respondeu em tom maroto, dando um último tapinha na mão de Rosemary.

Da varanda, Tipper anunciou:

— A charrete está pronta, srta. Rosemary. Está amarrada na cerca. Tem certeza de que não precisa de alguém para levá-la e ajudá-la?

As palavras soaram esperançosas, assim como a expressão nos olhos que espiaram através da tela da porta.

— Ela acaba de recusar a minha companhia, rapaz. Por que acha que ela aceitaria a sua?

Embora o tom de Tanner fosse simpático e brincalhão, a questão surtiu o efeito desejado. Tipper afastou-se imediatamente da porta, tropeçando, na pressa, e resmungando coisas incompreensíveis.

— Você é muito mau com o garoto — Rosemary repreendeu-o em voz baixa.

— O "garoto" está se derretendo por você — Tanner retrucou.

A gargalhada de Mama Pearl encheu a cozinha, antes que ela apanhasse o caldeirão de água e o pusesse sobre o fogo.

— Vejam quem está falando!

Rosemary sentiu-se presa entre dois adversários poderosos, quando Tanner lançou

um olhar ameaçador para a mulher mais velha. Aqueles olhos escuros pareciam esconder mensagens que ela, às vezes, temia decifrar. Naquela manhã, porém, ele não fizera o menor segredo do significado de suas intenções.

Mama Pearl o provocara e o irritara.

A mão firme do patrão segurou o braço de Rosemary, que foi gentilmente retirada da cadeira.

— Venha. Vou acompanhá-la até à charrete.

Com um último olhar para Mama Pearl, Rosemary dirigiu-se para a porta, que Tanner abriu para ela. Uma vez na varanda, ela se apressou em, sair, pois a pressão que os dedos dele exerciam em seu braço era forte.

— Pode me soltar — ela disse em tom quase rude. — Sei como...

— Estou perfeitamente consciente do que você sabe e do que é capaz de fazer, Rosemary. — Os passos dele eram largos, e ela tinha de correr, para acompanhá-lo. — Se eu realmente achasse importante acompanhá-la à cidade, hoje, o pessoal de lá, assim como suas opiniões, não me impediriam. Que pensem que estamos juntos, se isso os agrada. Pouco me importa.

Segurou-a pela cintura e ergueu-a no ar para acomodá-la no assento da charrete. Então, entregou-lhe as rédeas.

— Estar juntos envolve casamento, Tanner — ela disse, agarrando as tiras de couro e esforçando-se para não fitá-lo nos olhos.

— Sei muito bem disso. Mudei de ideia quanto a essa questão, Rosemary. Sei que recusou o meu pedido e, na ocasião, não me importei. Agora, no entanto, as coisas estão muito diferentes.

— Diferentes? — Rosemary repetiu, mantendo os olhos fixos na égua atrelada à charrete.

— Sabe do que estou falando. Não sei por quantas noites mais vou conseguir ouvir você se movimentando no seu quarto, junto ao meu, e resistir à tentação de ir até lá, para vê-la de camisola, mais uma vez.

Rosemary fechou os olhos e cerrou os punhos. A égua recuou de súbito, sacudindo a charrete. No mesmo instante, Tanner cobriu as mãos dela com as suas.

— Relaxe as mãos, querida. Sabe que eu não seria capaz de fazer uma coisa dessas. Especialmente com seu cão de guarda morando na casa.

Fez um aceno de cabeça, indicando a cozinha.

Rosemary apertou ainda mais os punhos cerrados, e a mão de Tanner curvou-se sobre eles. Aquele contato, como um pequeno abraço, deu vida a impulsos que ela teve de se esforçar para dominar. A necessidade de ser abraçada tornou-se quase insuportável, mas não poderia ser por qualquer pessoa. Somente por Tanner. E o desejo de explorar as tentações oferecidas por aquele homem a envolveram de maneira assustadora.

— Gosto de ser sua cozinheira e de cuidar da sua casa, Tanner — Rosemary declarou, consciente do rubor que tomava conta de suas faces, assim como do tom ofegante de sua voz.

Ah, a facilidade com que ele a confundia! Sem se esforçar, Tanner fazia com que ela perdesse a capacidade de raciocínio, assim como a autoconfiança.

As palavras foram pronunciadas em um sussurro baixo, pois ela lutava para negar os clamores de seu coração. — Não sei se realmente quero me casar.

Tanner pousou a mão em sua nuca, esmagando o chapéu de palha preto. Com força inegável, puxou-a para si e beijou-a, sem demonstrar o menor vestígio de ternura. Foi um beijo breve e ardente, que somente em seu momento final permitiu um roçar suave de lábios, que se tornou uma deliciosa carícia.

Relaxando a pressão lentamente, Tanner soltou-a e recuou um passo. Então, estreitou os olhos, sem jamais deixar de fitá-la.

— Veremos.

CAPITULO VIII

O abraço de Pip foi bem-vindo para Rosemary, os braços fortes da amiga oferecendo conforto e segurança.

— Estou tão feliz em vê-la! — ela murmurou. Rosemary afastou-se a fim de examinar-lhe o semblante.

Os olhos de Pip brilhavam, marejados de lágrimas, ao mesmo tempo que seu sorriso era sincero e carinhoso.

— Você não faz ideia de quanto tenho sentido falta das visitas quase diárias que me fazia.

— Ora, mas eu estive aqui... — Rosemary parou de falar, tentando lembrar-se da última vez em que estivera na cidade. — Bem, agora que parei para pensar nisso, já faz mais de duas semanas que não nos vemos, não é?

— Isso mesmo. E eu não pude ir à missa, nos dois últimos domingos. Tive de ficar ajudando minha mãe a cuidar dos doentes, lá em casa. Meus dois irmãos menores tiveram caxumba, um de cada vez. E meu pai também pegou a doença, entre um filho e outro. Foi o que sofreu mais e, por isso, todos em casa tivemos de ajudar a cuidar dele. Foi um alívio poder voltar para o armazém, na manhã de segunda-feira.

— Nem fiquei sabendo de tudo o que você está me dizendo, Pip — Rosemary comentou com uma pontada de pesar. — Mas estou aqui, agora.

A verdade era que, no último domingo, ela saíra da igreja praticamente correndo, no momento em que o pastor encerrara a missa. A última coisa que desejava era ver-se em meio a um bando de mulheres, todas determinadas a lhe dar conselhos sobre como conduzir sua vida.

Rosemary enfiou a mão no bolso, retirando três pedaços de papel, todos cobertos por sua caligrafia.

— Tenho itens anotados em todos os lugares. Ainda vou acabar enlouquecendo no meio de tantos papeizinhos. — Franziu o cenho, examinando um dos papéis, para então virá-lo. — Nem sei bem por onde começar. Toda vez que descobria algo de que precisávamos, anotava na minha lista. Então, acabou o espaço no papel, e eu apanhei outro e continuei a fazer o mesmo. Quando terminei, tinha as duas faces das três folhas totalmente escritas, de cima a baixo. ,

Pip sorriu e apanhou as listas das mãos de Rosemary.

— Aprendi a decifrar a sua caligrafia há muito tempo. Se quiser me acompanhar, contando as novidades, irei apanhando todos os itens que precisa comprar.

Rosemary sentou-se no banquinho próximo ao balcão e olhou em volta a fim de verificatr se havia alguém por perto que pudesse ouvir a conversa. Satisfeita por descobrir que estavam sozinhas, apoiou os cotovelos no balcão, observando Pip, que já voltava com uma lata de banha e duas caixas de chá.

— Por que ainda não começou a falar? Aposto que tem muitas coisas para me contar — Pip declarou, sem tentar esconder a curiosidade que a corroía. — Como é viver com Tanner?

Rosemary franziu o cenho, pensativa, mas a lembrança do beijo ardente de Tanner invadiu-lhe a mente de pronto.

— Viver com Tanner é, definitivamente, confuso.

Pip inclinou-se do outro lado do balcão, ainda mais curiosa do que antes.

— Confuso?

— Ele me faz sentir coisas estranhas e, às vezes, fica me observando.

— Que coisas você sente? — Pip inquiriu, arregalando os olhos em expectativa.

Rosemary deu início a um verdadeiro inventário de seus sentimentos:

— Medo...

A amiga empertigou-se.

— Impossível!

— Ah, não sinto medo dele. Isso, nunca. — Exceto quando ele a fizera prisioneira entre o próprio corpo e a roda da charrete, naquele primeiro dia, Rosemary pensou. — Na maior parte do tempo, sinto-me confusa — declarou, afinal. — Ainda não tenho certeza de que mudar-me para lá foi a melhor decisão a tomar. Por outro lado, eu não tinha opção, tinha?

Pip sacudiu a cabeça em um movimento lento, mas enfático.

— Não, você não tinha a menor escolha.

— Para dizer a verdade, gosto muito dele — Rosemary confidenciou em voz baixa.

— Disso, não tenho a menor dúvida. Que mulher não gostaria de um homem como Gabe Tanner?

Rosemary ergueu uma das mãos, negando de imediato a insinuação contida no sorriso maroto da amiga.

— Não é disso que estou falando. O problema é que ele... Só então, ela se deu conta de que seria absolutamente impossível definir o que Tanner fazia. As coisas que vinham acontecendo entre eles estavam muito além da experiência dela e, por mais que se esforçasse, Rosemary não saberia explicar a excitação que tomava conta de todo o seu ser cada vez que ele a tocava, ou quando aqueles lábios quentes colavam-se aos dela.

Pip estudou-a por um longo momento, antes de assentir e dizer:

— Acho que está se metendo em uma grande encrenca, Rosemary.

— Encrenca?

— Exatamente. A menos que... — Pip inclinou-se, a fim de sussurrar junto ao ouvido da amiga: — Vai se casar com ele? Ele voltou a lhe propor casamento?

Rosemary endireitou-se no banquinho, sobressaltada com a pergunta.

— Casar-me com Tanner? Não! Não, não e não! — Acomodou-se melhor e empinou o queixo. — Bem, ele não voltou a fazer o pedido... exatamente. Apenas mencionou...

— Mencionou? Como? "Quando vai se casar comigo, Rosemary?" Ou teria sido: "Vamos até a cidade para conversar com o pastor"?

Desta vez, Rosemary não resistiu e soltou uma gargalhada.

— Ele não disse nada disso, eu juro. Apenas fez uma referência ao pedido de casamento que me fez na estação. Deu a entender que, antes, ele realmente não queria se casar comigo e, por isso, não fez a proposta a sério, mas agora... as coisas parecem ser diferentes.

Pip ajeitou os cabelos com os dedos longos.

— Agora, as coisas parecer ser diferentes — repetiu bem devagar. — O que, exatamente, isso quer dizer?

Ficou imóvel, com ar de grande expectativa, as faces coradas, os olhos brilhando, a boca abrindo-se e fechando-se, como se as palavras que estivesse pensando em dizer fossem proibidas.

— Quer dizer que, agora, ele quer se casar comigo — Rosemary replicou com simplicidade. — O que mais você achou que poderia ser?

— Bem, achei que você poderia estar se referindo àquela outra coisa... Ora, você sabe, o que os homens, geralmente, querem das mulheres. Bem, tenho certeza de que ele está plenamente consciente de que a única maneira de conseguir isso será colocando uma aliança em seu dedo.

Rosemary fechou os olhos, lívida.

— Não acredito que você teve a coragem de dizer isso, Pip! Tenho certeza de que ele não pensou em... nisso. Ao menos, não comigo. — Reabriu os olhos e voltou a examinar os arredores, à procura de possíveis ouvidos curiosos. — Não estamos sozinhos naquela casa, sabia? Mama Pearl mudou-se para lá, também. Ela não queria que o pessoal da cidade continuasse a falar de mim.

— Bem, com ou sem a presença de Mama Pearl na fazenda, o pessoal tem falado, Rosemary. Aliás, Dex Sawyer me contou que os fregueses do Golden Slipper estão fazendo apostas sobre quanto tempo vai demorar para Gabe Tanner levá-la ao altar.

— Bem, garanto que isso não vai acontecer nos próximos anos! — Rosemary declarou, irritada. — Na verdade, nem sequer conversamos sobre isso, desde o primeiro

dia em que estive lá, para acertar a minha mudança.

A lembrança das palavras de Tanner invadiu-lhe a mente, e ela se remexeu no banquinho, sentindo um súbito desconforto.

Agora, no entanto, as coisas estão muito diferentes... Não sei por quantas noites mais vou conseguir ouvir você se movimentando no seu quarto, junto ao meu, e resistir à tentação de ir até lá... Que pensem que estamos juntos...

Juntos. E então, ele a beijara com ardor e, no final, por um breve momento...

Pip bateu com a mão aberta no balcão, e Rosemary teve um sobressalto.

— Perguntei quanto café você quer — Pip repetiu a pergunta que a amiga, simplesmente, não ouvira.

— Ah... Dois quilos devem ser suficientes.

A porta se abriu, e a sineta anunciou a chegada de um freguês. Imediatamente, Pip virou-se para a frente do armazém, com o infalível sorriso solícito.

— Quer dar uma olhada na mercadoria, sra. Frombert? Irei atendê-la em um minuto.

— Vou aproveitar para conversar com Rosemary, enquanto espero — Geraldine Frombert decidiu, marchando para o balcão com passos determinados, como se tivesse uma importante missão a cumprir.

— Puxe um banquinho e sente-se — Rosemary convidou, forçando um sorriso ao perceber a postura militante da esposa do banqueiro.

— Não vou me demorar o bastante para que possamos ter uma conversa longa. — Geraldine retirou as luvas e, abrindo a bolsa, retirou um pedaço de papel. — Éu sabia que minha lista estava aqui.

— Se está com pressa, Pip poderá atendê-la antes de mim — Rosemary sugeriu, esperançosa. — Meu jantar já está no forno, e Mama Pearl está lá, para cuidar do que for necessário.

A expressão no rosto de Geraldine fazia parecer que ela acabara de engolir uma fruta verde, Rosemary pensou, disfarçando um sorriso.

— O que tem feito na fazenda, ultimamente, Rosemary?

— O de sempre, senhora. Recolho os ovos, bato a manteiga e ajudo na cozinha e na limpeza.

— Sei... Ouvi dizer que está morando sob o mesmo teto que aquele homem.

Rosemary inclinou a cabeça para o lado, perguntando-se se teria apenas imaginado a insinuação maldosa contida no comentário.

— Onde mais eu poderia morar, sra. Frombert?

— Bem, como sempre digo, não é sensato tentar o demônio. Uma moça sozinha, morando com um homem solteiro, representa uma grande tentação, além de ofender a sensibilidade das pessoas decentes.

Rosemary levantou-se de um pulo, as faces adquirindo uma tonalidade escarlate.

— Pip, poderia me fazer o favor de pedir a Scotty que carregue o açúcar e a farinha até a minha charrete? Tenho certeza de que serei capaz de carregar o resto em minha cesta.

Com mãos trémulas de raiva, apanhou o café e o chá de cima do balcão, assim como diversos itens menores, e transferiu-os para a cesta que levava da fazenda. Virou-se na direção da porta, antes de apanhar a lata de banha com a outra mão. Com intensidade assustadora, o desejo de atingir Geraldine Frombert com a pesada lata tomou conta dela.

Mesmo assim, Rosemary conteve o impulso e, respirando fundo, reprimiu a ânsia de reagir com violência e disse:

— Tenho certeza de que o sr. Tanner não gostaria de saber que está sendo chamado de demônio, sra. Frombert. Ele é um perfeito cavalheiro, assim como os homens que trabalham para ele.

Geraldine emitia um som de dúvida.

— Claro — murmurou, erguendo as sobrancelhas com ar cético. — Você deveria ter arranjado um emprego aqui na cidade, Rosemary. Seu pai ficaria profundamente abalado se soubesse o que a filha está fazendo.

Ora, mas aquilo já era demais! A lata de banha atingiu o chão com um estrondo, e a cesta caiu ao lado dela.

— Ele ficaria muito mais abalado se soubesse que as pessoas a quem chamou de amigos, durante tantos anos, passaram a usar a minha situação como alvo de fofocas maldosas, sra. Frombert. E, também, que nenhum de seus "amigos" ofereceu-me emprego. Meu pai era um homem justo e generoso, e sempre tinha uma palavra decente para dizer sobre as pessoas que conhecia. — Rosemary abaixou-se para apanhar suas compras e, quando se ergueu suas palavras de despedida foram claras e nítidas: — Ao que parece, os sermões dele não penetraram os ouvidos de vocês.

Suas mãos ainda tremiam quando ela se sentou na charrete e segurou as rédeas, à espera de que o irmão de Pip carregasse o restante de suas compras. Com um aceno de

cabeça e um sorriso que foi difícil exhibir, ela agradeceu a ajuda do garoto e, manobrando a égua, virou a charrete na direção da estrada.

Ao passar pela ruela estreita, ao lado do banco, um grupo de crianças reunidas em um círculo chamou-lhe a atenção. Sem pensar, Rosemary puxou as rédeas. A sensação de medo envolveu-a no mesmo instante, como se uma nuvem sombria pairasse sobre aquela reunião aparentemente inocente.

Antes mesmo que a charrete parasse de vez, ela saltou para o chão, sem soltar as rédeas.

— Há algo errado? — perguntou em voz baixa, a fim de não assustar as crianças e de não ser ouvida por possíveis passantes.

Uma garotinha ergueu os olhos com expressão apreensiva.

— Estamos apenas conversando com Seat, senhorita.

— Seat? — Rosemary sentiu uma onda gelada envolver seu coração, já disparado. — Seat, venha cá.

Surpreendeu-se com o tom de comando que ouviu na própria voz, mas sentiu-se satisfeita por isso. Olhou em volta, perguntando-se por que nenhum outro adulto teria parado ali para verificar o que se passava. Afinal, o sentimento de urgência daquelas crianças era quase palpável, espalhando-se pelo ar, capaz de atingir qualquer um que passasse.

A cortina formada pelas várias perninhas se abriu, e a figura de Seat Pender tornou-se visível. Ele estava sentado no chão, encostado na parede do banco, e virou o rosto para o outro lado, rapidamente. Sem hesitar, Rosemary encaminhou-se para ele.

— Pode, por favor, segurar minhas rédeas? — pediu ao maior dos garotos presentes.

Ele assentiu em resposta, e Rosemary entregou-lhe as rédeas da charrete, antes de caminhar lentamente até onde Seat continuava encolhido, tentando esconder o rosto. As roupas dele estavam sujas e rasgadas, o boné fora puxado sobre a testa.

— Seat? O que aconteceu?

— Vão embora, todos vocês — ele ordenou, agitando uma das mãos na direção das crianças reunidas ao seu redor.

Todas olharam para Rosemary por um instante e, então, como se estivessem ansiosas para delegar o controle da situação a alguém, afastaram-se.

Rosemary abaixou-se ao lado de Seat, tocando-lhe o ombro de leve.

— Seat? Está ferido? Posso ajudá-lo?

— Estou bem. Quero dizer, vou ficar bem. Tive uma briga, só isso. — Ao ouvi-la respirar profundamente, virou-se para fitá-la. — Não fique preocupada, senhorita. Vou ficar bem.

Rosemary sacudiu a cabeça, tomada pela náusea provocada pela visão do rosto machucado e de um olho roxo e muito inchado.

— Quem fez isso? — perguntou, certa de que outra criança não seria capaz de causar tamanho dano em Seat Pender. Punhos pequenos não abririam o corte profundo que ainda sangrava, em um dos cantos da boca do menino.

Ele empinou o queixo, em atitude de teimosia.

— Já disse que vou ficar bem, senhorita. Não pode me ajudar, nem entender a minha situação.

— Em uma coisa, você tem razão, Seat. Não compreendo. Foi então que a imagem terrível de um homem violento tomou conta da mente de Rosemary. Quando meu pai consegue uma garrafa, não se importa em saber onde estou.

O homem que pusera aquele garoto no mundo e que, agora, o mantinha sob um teto sujo, onde mal se encontrava comida suficiente para mantê-lo vivo, era um bêbado!

— Onde está seu pai? — ela perguntou em voz muito baixa.

— Ele não tem nada a ver com isso— Seat respondeu de pronto, assumindo expressão de desafio.

— Quer ir para casa comigo?

Como se tivesse um súbito vislumbre do paraíso, Seat arregalou o olho que não fora ferido, e fez uma careta de dor, como se o outro olho houvesse tentado fazer o mesmo, sem sucesso.

— Senhorita... — ele começou a falar, mas parou, virando o rosto e engolindo seco. — Não posso fazer isso.

— E claro que pode — ela o assegurou. — Tenho certeza de que o sr. Tanner arranjará trabalho para você, na fazenda.

— Não, senhorita. Preciso cuidar de minha irmãzinha.

Irmãzinha? Rosemary tentou puxar pela memória.

Seat mencionara apenas o pai. Não falara de outra criança na família, nem da mãe.

— Podemos levá-la conosco, Seat. Sei que não haverá problemas.

— Se eu não fizer o que meu pai mandou... — ele parou de falar, mordendo o lábio, como se já houvesse falado mais do que deveria. — Não posso fazer isso, senhorita. Tenho de cuidar de Anna. — Seat pôs-se de pé, fechando os olhos na tentativa de suportar a dor que tomou conta de várias partes de seu corpo. — Agora, preciso ir.

Rosemary estendeu-lhe a mão, e ele a fitou com evidente desejo de aceitar a oferta.

— Vou ficar bem. Acredite, senhorita.

Mancando de uma perna, afastou-se, enquanto ela o observava com o coração pesado, esforçando-se para conter as lágrimas que faziam seus olhos arderem. Atrás dela, a égua relinchou, lembrando-a do menino que aceitara segurar as rédeas da charrete. Rosemary virou-se e aproximou-se dele.

— Obrigada, meu jovem, pela sua ajuda.

— De nada, senhorita — ele respondeu de pronto. — A vida de Seat não é nada fácil, com aquele pai sempre procurando motivos para espancá-lo. Ainda bem que não vivo naquela casa.

Com essas palavras, o menino se afastou e, com um aceno, desapareceu.

Rosemary subiu na charrete e, mais uma vez, segurou as rédeas com firmeza. Tinha de haver algo que ela pudesse fazer.

— O menino foi espancado. Não há outra palavra para descrever o que vi, Mama Pearl.

— Existem coisas sobre as quais não podemos fazer nada. Existem homens neste mundo que simplesmente gostam de bater nos outros. É um fato. É verdade que, pelo que ouvi, Nate Pender tornou-se um farrapo humano, desde que a esposa morreu, dando à luz aquela menininha. Acho que ele desconta toda a infelicidade que sente no filho.

— Ora, isso não é desculpa, e a senhora sabe disso! — Rosemary bateu com o bule contra o fogão, lamentando não poder esmurrar as paredes para dar vazão à ira que sentia.

— Eu não disse que é uma boa desculpa. Trata-se apenas do tipo de situação na qual ninguém deve interferir. Sinceramente, eu não me arriscaria a levar um tiro por tentar resolver isso.

— Pois, talvez, eu me arrisque. Ao que parece, já me transformei na fofoca do momento. Que diferença faria acrescentar Seat Pender à minha lista, e dar mais assunto para as "senhoras decentes" de Edgewood?

— O que você fez, menina? Ou é o simples fato de estar aqui que está gerando fofocas? — Mama Pearl inquiriu, estreitando os olhos, enquanto estudava Rosemary com atenção. — Alguém lhe disse alguma coisa? — Fez uma pausa, enquanto Rosemary suspirava profundamente e baixava os olhos para o chão. — Bem, ao que parece, eu deveria perguntar o que você respondeu.

Rosemary puxou uma cadeira e deixou-se cair sobre ela.

— Fui ao armazém...

Em poucos minutos, contou tudo o que se passara entre ela e Geraldine Frombert, repetindo fielmente as palavras da outra, assim como às próprias.

— Fui muito rude, Mama Pearl. Antipática, para ser mais sincera.

Mama Pearl lançou-lhe um olhar de comiseração.

— Se entendi bem o que aconteceu, eu diria que você teve motivos mais do que justos para agir assim, minha querida. Eu sempre disse que aquela mulher se julga melhor do que todo mundo. Ela não tem o direito de humilhá-la, como fez.

O som de vozes na varanda chamou a atenção das duas, e Rosemary levantou-se apressada.

— Ainda não pus a manteiga na mesa, nem cortei o pão.

— Aquele bando de famintos ainda vai levar um tempo, se lavando, lá fora. Trate de exibir um sorriso radiante, ou Tanner vai criar uma grande confusão. Se ele a vir triste e magoada, vai ter um ataque, menina.

Ele realmente teve um ataque. Rosemary fitou-o com expressão sombria, quando ele a levou até a sala. Com certeza, não era uma cena como aquela que Mama Pearl criara na mente, ao dizer que daria um jeito para que Rosemary encontrasse tempo para descansar na sala.

A mão de Tanner segurava seu braço com firmeza, como se ele temesse que ela se desvencilhasse e fugisse, e os olhos escuros estavam repletos de interrogações quando ele a forçou a virar-se para encará-lo, no centro do grande aposento.

— Muito bem, vamos esclarecer a situação, Rosemary. O que aconteceu na cidade? Olhando para você, eu diria que alguém fez o possível para estragar o seu dia... e conseguiu.

A tristeza e indignação que ela conseguira conter durante todo o trajeto de volta à fazenda ameaçou explodir em uma torrente de lágrimas, diante daquelas palavras. Rosemary reprimiu as lágrimas com esforço, determinada a não recorrer àquele velho

truque feminino. Já havia arquitetado um plano, mas se o envolvesse em lágrimas, não estaria agindo com justiça.

— Conhece Seat Pender? — perguntou com cuidado.

— Conheço o pai dele. Um sujeito bruto e grosseiro, que bebe muito mais do que deveria. O que tem ele?

Tanner soltou o braço dela e recuou um passo, a fim de estudá-la melhor.

— Seat está com problemas, Tanner. Eu o vi, na cidade. Disse que teve uma briga, mas não acreditei. Acho que o pai o espancou. Ele tinha o rosto todo machucado, um dos olhos estava tão inchado que ele não conseguia abri-lo. Além disso, mancava de uma perna e se encolhia, como se sentisse dores por todo o corpo.

Tanner respirou fundo, tentando conter a revolta que apertava seu peito, mas quando falou, suas palavras foram lacônicas:

— Talvez ele seja malcriado e tenha enfurecido o pai por ter feito algo errado.

Rosemary sentiu a raiva crescer, ao ouvir aquilo.

— Menino algum merece ser tratado daquela maneira, por pior que tenha sido sua malcriação.

Tanner deu de ombros.

— Você pode ter razão, mas ele não foi o primeiro garoto a levar uns tapas.

— Uns tapas? — ela repetiu com voz estridente. — Estamos falando de socos e pontapés, Tanner. O garoto foi espancado, não foi punido. Existe uma grande diferença.

— E o que você quer que eu faça a respeito, Rosemary? Ela se virou e aproximou-se da janela. Tanner ficou onde estava, apreciando os ombros delicados, as costas eretas, assim como as palavras que ela parecia escolher com todo o cuidado. Havia feito as perguntas de propósito, apanhado Rosemary em uma armadilha, com sua atitude indiferente, sabendo que ela explodiria em indignação.

Havia procurado por um trunfo que pudesse usar em seu próprio favor e, agora, a menos que estivesse redondamente enganado, Rosemary Gibson estava prestes a assumir uma dívida para com ele. O fato de que uma criança havia sofrido para tornar aquele momento possível era algo que se encontrava inteiramente fora de seu controle, mas ele seria um grande tolo se não tirasse vantagem da situação.

Rosemary voltou a encará-lo, e ele franziu o cenho a fim de esconder a satisfação que sentia. Percebendo que ela examinava seu semblante, como se buscasse conforto e segurança nele, Tanner cruzou os braços sobre o peito a fim de reforçar o clima que

decidira criar.

— Gostaria que pensasse sobre a possibilidade de trazermos Seat para cá — ela declarou com firmeza.

— Está sugerindo que eu dê um emprego a um menino? Duvido que ele tenha capacidade para sustentar o próprio peso, Rosemary, mesmo que eu tivesse um lugar para ele, na fazenda.

— Seat é forte — ela disse, aproximando-se alguns passos, como se sua persistência pudesse persuadi-lo. — É um bom menino. Disso, tenho certeza, Tanner. Sempre acertei em meus julgamentos de caráter.

Ao ouvir aquilo, Tanner ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— É mesmo? O que pensa de mim, srta. Gibson? Ela empinou o queixo, sustentando-lhe o olhar.

— Penso que é um cavalheiro... na maior parte do tempo. É justo — acrescentou depressa —, e também é generoso.

— Tudo isso?

Ela assentiu de pronto, sem a menor hesitação.

— Acho que é o tipo de influência de que Seat Pender precisa. Ele é apenas um menino, e foi muito maltratado. — Rosemary estremeceu ao se lembrar do rostinho ferido e assustado, e seus olhos se encheram de tristeza. — Não quis vir comigo, hoje, porque disse que precisa cuidar da irmãzinha.

— Irmãzinha. E o que pensa fazer com ela, quando trouxer Seat Pender para viver aqui?

Os olhos de Rosemary encheram-se de lágrimas, que Tanner desconfiou estarem prestes a rolar havia algum tempo. A mulher que o enfrentava era muito sensível. Forte o bastante para não se deixar intimidar, fosse por ele, ou por qualquer outra pessoa, mas ainda assim, suavemente feminina. Além de ser a defensora de um garoto que nem sequer fazia ideia de que tinha alguém tão determinado com quem contar.

— Eu teria de trazê-la, juntamente com o irmão — Tanner forneceu ele próprio a resposta. — Creio que uma menininha precisa de uma mulher que cuide dela, e que a oriente à medida que for crescendo.

— Você a conhece? — Rosemary perguntou, os olhos se acendendo de esperança.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Vi apenas o garoto, mesmo assim, foi de relance, umas poucas vezes. Ouvi

dizer que ele roubou uma garrafa de uísque do saloon, em uma noite, no mês passado.

Rosemary ficou petrificada, como se houvesse parado de respirar.

— Então, foi isso o que ele quis dizer, quando declarou que tinha de fazer o que o pai mandava. — A indignação substituiu rapidamente a tristeza que tomara conta do semblante dela. — Aquele sujeito está forçando Seat a roubar bebida para ele!

— Não podemos ter certeza disso — Tanner argumentou depressa, embora seu bom senso lhe dissesse que a conclusão de Rosemary estava, provavelmente, correta.

— Talvez você não tenha certeza, mas eu estou disposta a apostar quanto quiser que é essa a verdade. Por que outra razão Seat roubaria uma garrafa de uísque do estabelecimento de Jason Stillwell?

— Conhece Jason? — Tanner inquiriu, surpreso com a informação inesperada e muito interessado em esclarecê-la.

— Estive com ele, uma vez.

— Esse encontro foi recente?

Rosemary limpou a garganta, mostrando-se hesitante, mas ele já sabia que não era do feitio dela mentir ou omitir fatos.

— Fui pedir emprego a ele. Foi assim que conheci Seat, também.

— Emprego! O que pretendia fazer no saloon?

A simples ideia de Rosemary frequentando o saloon provocava em Tanner sentimentos mais que confusos.

Ela lhe lançou um olhar de desdém. — Não precisa gritar, nem me olhar desse jeito. Fui até lá para em candidatar à vaga de contador.

Tanner sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Foi até o saloon, entrou lá, e pediu para trabalhar no lugar de um contador?

— É claro que não! Bati na porta dos fundos, à noite.

— À noite! Tinha o costume de perambular pela cidade, durante a noite?

— Precisa repetir tudo o que digo? Sim, fui à noite. Achei mais sensato assim do que entrar pela porta da frente, em plena luz do dia. Foi quando saí de lá que Seat Pender me acompanhou até a residência paroquial.

— Bem, só isso já é um bom motivo para eu me sentir em dívida com o garoto. — As mãos enormes de Tanner seguraram os ombros de Rosemary com firmeza. — Definitivamente, precisa ter alguém que cuide de você, Rosemary Gibson.

Com um movimento rápido, puxou-a para si e riu baixinho ao senti-la aconchegar-se de encontro ao seu peito.

Os olhos dela apresentavam-se arregalados, muito azuis e brilhantes, ainda guardando os resquícios das lágrimas que lutara com tanta bravura para conter. Os lábios dela entreabriram-se, e Tanner sentiu-se tentado a beijá-los com ardor, explorando a boca que o tentava até mesmo em sonhos e, ao mesmo tempo, pronunciava tantos desafios.

Negando tal impulso, ele se decidiu por uma carícia mais sóbria, colando os lábios aos dela com suavidade, saboreando sua textura e calor. Rosemary acabara de lhe dar o que ele tanto precisava. Ao lhe pedir que levasse Seat para viver na fazenda, ela lhe dera o total domínio da situação, mas tentar pressioná-la além dos limites da decência e da gentileza não seria uma atitude sábia.

— Tanner? — ela murmurou, ansiosa. — Não acho que deveria me beijar com tanta frequência.

Ora, ele seria capaz de contar nos dedos de uma das mãos apenas, quantas vezes havia se dado a chance de provar daqueles lábios deliciosos. E poderia garantir que não fora o bastante.

— Você não faz a menor ideia do que é beijar com frequência, querida — sussurrou com voz já enrouque-cida. — Tenho planos de beijá-la com frequência muito maior, no futuro.

— Que planos?

Ela pareceu preocupada e até mesmo ligeiramente confusa, o que era exatamente o que Tanner esperara conseguir.

— Tanner, seria capaz de fazer uma coisa por mim? O grande momento finalmente chegara!

— O quê, minha querida? Diga o que quer que eu faça.

— Quero que traga aquelas crianças para cá. Há espaço de sobra para os dois, aqui. E, certamente, eles terão uma vida muito melhor se viverem conosco... com você.

— Está me pedindo para desafiar a lei, Rosemary. Legalmente, ambos são filhos de Nate Pender.

— Imagino que deva existir uma lei proibindo o que aquele homem parece estar fazendo.

A voz dela soou trémula e, por isso, Tanner decidiu pôr um ponto final naquela história.

— Cuidarei disso amanhã, querida. Irei até a cadeia e conversarei com o xerife. Assim, descobrirei exatamente o que pode ser feito.

— Obrigada. Eu queria tanto fazer algo, mas... Rosemary mordeu o lábio, e Tanner pousou um dedo em seu queixo.

— Esse é um mau costume que você tem, querida. — Os olhos dele se desviaram da tentação apresentada pelos lábios rosados e foram se fixar naqueles olhos incrivelmente azuis. — Cuidarei disso, da melhor maneira possível. Mas antes, quero que me faça uma promessa.

A surpresa tomou o lugar da apreensão na expressão de Rosemary.

— Que tipo de promessa?

— Quero que se torne minha esposa, Rosemary. Se eu trouxer aquelas duas crianças para viverem aqui, quero a sua promessa de que vai se casar comigo.

Rosemary afastou-se, e Tanner deixou-a livre. Aquela era uma decisão que ela teria de tomar, sem qualquer tentativa de coerção da parte dele. Já era o bastante ele ter todas as cartas na mão. Assim que ela se desse conta disso, tudo se resolveria da maneira mais fácil. Rosemary não teria escolha, caso quisesse mesmo levar as duas crianças da família Pender para a fazenda. E Tanner suspeitava que a vontade dela em assumir a educação dos dois era imensa.

— Não sei se posso fazer isso — ela finalmente murmurou, a voz carregada de dúvidas, o cenho franzido.

— E claro que pode. Já teve tempo de sobra para refletir sobre isso. Eu lhe propus casamento há um bom tempo.

— Não pode considerar algumas semanas como um longo tempo — ela retrucou.

— Parece tempo demais, para mim — ele resmungou. E o tempo se tornava mais longo a cada minuto, agora que ele conseguira colocá-la contra a parede.

— Bem, depende exclusivamente de você, querida. Não vou pressioná-la, nem tentar persuadi-la. Fiz minha oferta, as cartas estão todas sobre a mesa. O que me diz?

CAPITULO IX

Tanner continuou fitando-a nos olhos, à espera de uma resposta. Sua expressão era dura, o queixo e os lábios pareciam ter sido esculpidos em pedra, como se ele estivesse prestes a ter uma explosão de fúria. Mesmo assim, Rosemary não sentiu medo, pois ele ainda não lhe parecia uma ameaça. Exceto, claro, pela ameaça que passara a representar para a sua maneira de viver.

Casar-se com Gabe Tanner envolveria cruzar uma fronteira que ela não fora preparada para enfrentar. A vida na residência paroquial não tinha absolutamente nada em comum com a vida, no papel de esposa de Tanner. Mesmo nunca tendo sido informada sobre os detalhes do casamento, ela sabia disso com certeza.

Ele a observava com olhar proibitivo e exigente, mesmo enquanto ela buscava, em vão, algum toque de suavidade e gentileza naqueles traços tão atraentes. Como se houvesse lançado um grande desafio e aguardasse a resposta, ele ficou ali, parado, a fitá-la.

Rosemary passou a língua pelos lábios ressecados, limpou a garganta, cerrou os punhos. O ar tornara-se denso, permeado pela postura rígida que ele assumira. As palavras que ele pronunciara ainda ecoavam na mente dela. Tanner queria se casar com ela, e Rosemary não era tola a ponto de não compreender a profundidade daquele tipo de compromisso, caso aceitasse a proposta.

O destino e o bem-estar de Seat Pender e da ainda desconhecida Anna estava em jogo. Nunca antes Rosemary tivera de enfrentar uma decisão tão importante e, agora, optar por passar o resto de sua vida ao lado de Tanner, a fim de proteger duas crianças indefesas, parecia-lhe um fardo pesado demais.

— Você não está sendo justo — ela murmurou. — Está pedindo demais.

Tanner franziu o cenho, como se considerasse as palavras dela.

— E o que você acha? Está me pedindo para assumir a criação e a educação de duas crianças, querida. O que está esperando de mim é um compromisso muito mais sério do que jamais imaginei assumir. Como você bem sabe, tenho uma vida fácil e tranquila, aqui. Faço o que quero, quando quero. Exceto pela administração da fazenda e pela responsabilidade pelas pessoas que dependem de mim para viver, sou um homem totalmente livre. O que você está me pedindo é que eu abra a porta de minha casa para dois órfãos e enfrente o pai deles, que poderá bater na mesma porta, empunhando uma espingarda. Na minha opinião, é você quem está pedindo demais.

Rosemary recuou mais um passo, até sentir a borda do sofá contra a parte traseira de suas pernas.

— Não sei o que você espera de mim, Tanner.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso, e seus olhos se estreitaram, ao mesmo tempo que a examinavam da cabeça aos pés.

— Ah, pois eu acho que sabe, sim.

A reação do corpo de Rosemary foi imediata, sacudido por um poderoso arrepio de expectativa que percorreu sua espinha. Partes daquele corpo, que haviam recebido apenas a atenção estritamente necessária durante toda a sua vida, começavam a tomar vida e assumir uma importância que a fazia sentir-se profundamente embaraçada.

— Tanner, por favor, não me olhe assim — implorou.

— É melhor ir se acostumando — ele replicou, enfiando as duas mãos nos bolsos da calça.

— E se eu não me casar com você? O que vai acontecer, então? — ela arriscou.

— Nesse caso, tudo voltará a ser como foi até agora. Você continua cuidando desta casa, e eu... — ele fez uma pausa, antes de concluir: — Bem, é claro que não precisarei me preocupar em acomodar duas crianças em minha casa.

— Está falando a sério? Não está disposto a ajudar Seat? Tanner imobilizou-se, como um predador que observa sua presa. Já não havia o menor sinal de sorriso em seus lábios. Ele retirou as mãos dos bolsos, deixando apenas os polegares presos, enquanto os outros dedos esticavam-se sobre os quadris. Sua expressão não oferecia conforto, ou esperança. Seus olhos não exibiam sequer uma sombra de piedade.

Em silêncio, Rosemary compreendeu a resposta dele. Traduzida pelas linhas duras daquele rosto atraente e daqueles lábios ardentes, estava a negação ao pedido dela. Seria possível assumir um compromisso pelo resto da vida com aquele homem silencioso, que era na verdade um total desconhecido para ela? Seria capaz de enfrentá-lo, dentro das quatro paredes do quarto que abrigava a cama, assim como todos os pertences de Tanner?

Apesar de toda a sua inocência, Rosemary não tinha dúvidas sobre o que ele esperava de sua noiva.

— Não posso deixá-los... Não conseguirei viver em paz com minha consciência se, ao menos, não tentar ajudá-los, Tanner.

As palavras soaram firmes, embora seus lábios tremessem ao pronunciá-las.

Um brilho estranho cruzou rapidamente o olhar de Tanner, indicando que ele compreendera e aceitara a resposta de Rosemary, e ele assentiu.

— Então, temos um acordo?

A hesitação dela não durou mais que um segundo.

— Traga-os para cá. Converse com o xerife e descubra o que pode fazer, em termos legais, para protegê-los.

— Em troca, você vai me dar o que quero? Tanner não tentou fingir que a amava. As palavras frias não ofereciam ternura, nem garantia de paixão, ao lado dele. Foi somente a lembrança do homem que ela havia passado a conhecer nas últimas semanas que lhe permitiu acalantar a esperança de desfrutar de alguns vestígios de felicidade.

Ele havia despertado nela um forte desejo de ser tocada por ele. Rosemary aceitara seus beijos, apreciara sua companhia, passara a respeitá-lo como patrão e, também, como amigo.

Seria capaz de dar o que ele pediria, quando ela finalmente se tornasse sua esposa?

Rosemary assentiu.

— Aceito me casar com você. Assim que as crianças estiverem acomodadas e protegidas sob este teto, eu me tornarei sua esposa.

— Terá de transferir suas coisas para o meu quarto.

Não fora uma pergunta, mas uma constatação dos fatos, e ela aceitou a declaração com um aceno de cabeça, com a sensação de que o destino a arrastava, sem piedade.

— Temos quatro quartos no andar de cima, Tanner. Um para cada uma das crianças, e outro para Mama Pearl. Portanto, resta apenas um. Não creio que eu tenha escolha.

Só então, os lábios de Tanner voltaram a se curvar, mas desta vez, seu sorriso foi quase feroz, como se em sua mente, ele já estivesse vivendo os momentos que só ocorreriam no futuro, dentro do quarto ao qual ela se referia. Antes que Rosemary pudesse reagir ao movimento, ele estendeu as mãos para ela, puxando-a para si, sem suavidade ou gentileza. Prendendo-a pela cintura, Tanner moldou o corpo dela ao seu. Sem dizer nada, abaixou a cabeça, parando quando seus lábios se encontravam a poucos milímetros dos dela.

— Faz meia hora que não penso em outra coisa, senão em beijar você de novo, Rosemary — sussurrou. — Tenho vivido no inferno, enquanto você brinca com as minhas boas intenções, manobrando minha vida como bem entende. Agora, vai ter de enfrentar a minha impaciência.

Rosemary sentiu o calor dos lábios de Tanner, o poder das mãos dele em suas costas, deslizando até seus quadris, apertando-a com força ainda, maior contra si. Como se tivessem vontade própria, seus braços se ergueram, circundando o pescoço de Tanner. Era como se ela precisasse desesperadamente buscar apoio, ou acabaria desabando. O que, na

verdade, não teria a menor chance de acontecer, tão colados estavam seus corpos.

As mãos que a mantinham prisioneira eram firmes e fortes, mas não cruéis. Os dedos que pressionavam sua pele, mesmo através das várias camadas de tecido, eram poderosos, mas não rudes. E a boca que explorava a sua era exigente, mas não dominadora.

Embora não hesitasse em sua tentativa de aprofundar o beijo, Tanner esperou que Rosemary lhe permitisse fazê-lo, mas isso não aconteceu. Em vez de entreabrir os lábios em um convite sedutor, ela recuou. Foi apenas um milímetro, mas o bastante para indicar que ela temia tal invasão, e Tanner reagiu de pronto. Descolou os lábios dos dela, deixando que deslizassem lentamente até o pescoço alvo, depositando beijos ternos e, ao mesmo tempo, ousados, até alcançar o ponto que já visitara uma vez, bem debaixo do lóbulo da orelha, onde podia sentir-lhe as batidas descompassadas do coração.

As mãos firmes relaxaram seu aperto, permitindo que ela voltasse a apoiar o peso do próprio corpo sobre os pés, agora firmemente plantados no chão. Ao se dar conta da posição de intimidade que aquelas mãos haviam tomado sobre seu corpo, Rosemary corou. Porém, ela não teve tempo de refletir sobre isso, pois as mesmas mãos já deslizavam por suas costas, uma pousando pouco abaixo de sua nuca, a outra passeando até quase alcançar-lhe um seio.

Rosemary sentiu a própria reação, que foi imediata. Seus mamilos tornaram-se rijos, pressionando o tecido fino da combinação, como se pretendessem livrar-se dos limites impostos pelas roupas que ela usava. Tanner moveu a mão lentamente, como se avaliasse as curvas firmes e volumosas que envolvia em seus dedos, provocando um protesto fraco, incompreensível, uma vez que ficou abafado contra seus lábios.

Ele ergueu a cabeça e entreabriu os olhos para fitá-la, e Rosemary sentiu as entranhas em chamas ao se deparar com o fogo que iluminava aquele olhar. Tanner tinha as narinas dilatadas, as faces coradas, e parecia manter os dentes cerrados.

— Tanner? — ela murmurou, tentando desvencilhar-se do abraço imobilizador, mas sem o menor sucesso.

— Não se mova. Fique exatamente onde está, querida. Não vou machucá-la... Eu prometo.

A mão dele permanecia imóvel sobre aquela parte do corpo que Rosemary havia praticamente ignorado, durante toda a sua vida.

Até aquele momento, pois dali por diante, seria impossível não reconhecer a existência de um ponto tão sensível em si mesma.

Tanner moveu a mão, somente até pousá-la sobre o outro seio, para então imobilizar-se novamente, como se precisasse gravar a forma e o tamanho daquelas curvas em sua memória.

Então, os dedos dele roçaram um mamilo, fazendo Rosemary inspirar profundamente, sobressaltada. Ele sorriu e emitiu um som profundo, que só poderia ser descrito como um gemido.

— Tanner, por favor — Rosemary balbuciou, inclinando a cabeça para a frente, a fim de pousar a testa no peito dele.

Ele retirou a mão de seu precioso tesouro com movimentos lentos, mas determinados. Então, segurou o queixo dela nos dedos, erguendo-lhe o rosto para fitá-la nos olhos, impedindo-a de continuar a esconder-se.

— Não voltarei a tocá-la — Tanner declarou em tom solene, como se estivesse fazendo um voto —, até o dia de nosso casamento. Sei que, se não agir assim, não serei capaz de me controlar até lá, querida.

Tanner precisou de dois dias, em vez de uma manhã, como havia calculado, para cumprir com sua palavra. Tivera de reunir forças, conquistando simpatia por sua causa, e levando seus defensores até a sala do xerife.

Agora, Oscar Rhinehold encarava as três pessoas reunidas à sua frente, que aguardavam uma resposta. Embora os restos do desjejum ainda estivessem sobre sua mesa, ele parecia estar precisando de mais uma caneca de café bem forte.

— Vocês, meus amigos, parecem saber exatamente como estragar o dia de um xerife honesto — resmungou, afagando o bigode e, ao mesmo tempo, livrando-se de farelos de pão ali alojados. Então, alisou as costeletas. — Pelo que pude compreender, Seat Pender arrebanhou um pequeno exército de protetores, da noite para o dia.

Tanner empurrou o chapéu para trás, descobrindo a testa, e cerrou os lábios com ar pensativo.

— Eu diria que fomos todos muito negligentes, por tempo demais, xerife. E mesmo muito fácil ignorar uma situação como essa, enquanto o garoto se mantiver em silêncio, sem se queixar de nada para ninguém. Mas, depois de examiná-lo bem de perto, cheguei à conclusão de que o pai está precisando com urgência de uma boa lição.

— E você está planejando fazer isso, Tanner?

— Não, eu não. Só quero autorização para passar por cima da autoridade dele como pai, sobre as crianças. Calculei que só o senhor poderia me ajudar nisso.

O xerife Rhinehold olhou para os companheiros de Tanner.

— E o que vocês têm a ver com isso? — inquiriu.

Mary Tappan tamborilou os dedos na mesa do xerife, em seu melhor estilo de professora.

— Aquele garoto tem sido vítima de repetidas violências, xerife, e eu não fiz nada para impedir que isso acontecesse. Achei que não deveria me envolver em uma questão familiar como essa. — Ela endireitou os ombros e empinou o queixo, antes de continuar: — Infelizmente, estava errada. Completamente errada. Por diversas vezes vi os ferimentos e hematomas, e criança nenhuma merece ser tratada dessa maneira. Especialmente, um bom menino como Seat Pender.

— E quanto ao senhor, pastor? O que tem a dizer a respeito dessa situação? — o xerife indagou, virando-se para o terceiro integrante do trio.

— Fui à casa da família Pender, ontem à noite, a pedido do sr. Tanner. Como pastor da cidade, senti que era minha obrigação verificar pessoalmente por que aquelas crianças não frequentam a escola da igreja, para aprender o catecismo.

— E? — o xerife pressionou.

— O menino usava apenas as roupas de baixo, xerife. Seu rosto estava inchado, o corpo apresentava hematomas, e ele mancava de uma perna. A luz do lampião, era difícil distinguir os ferimentos, e o pai o mandou sair da sala imediatamente, quando apareci na porta. Mesmo assim, o que vi foi o bastante para me convencer de que o garoto havia sido espancado. Por isso, estou em condição de afirmar que, no interesse do bem-estar daquela criança, devemos tirá-la daquela casa.

— Não costumo fazer esse tipo de coisa — Oscar falou devagar. — Não gosto de interferir em questões familiares. Talvez o velho Nate tenha seus motivos para agir assim.

— O velho Nate estava bêbado como um gambá! — Tanner interrompeu-o, irritado.

Depois de ver os resultados das últimas atitudes de Nate Pender, ele quase perdera a cabeça, mas sabia que essa não seria a solução para o problema. Ao menos, por enquanto.

— Acho que podemos dizer que desrespeitei a lei, Oscar — admitiu. — Tirei as duas crianças da casa do pai, esta manhã. E vou levá-las para a minha casa.

Oscar Rhinehold levantou-se de súbito, derrubando a cadeira com o movimento brusco. Embora fosse um homem de estatura mediana, sua autoridade emprestava-lhe proporções maiores.

— O quê? — inquiriu em tom de censura. — Diabos! O que você fez é contra a lei, Tanner. Trata-se de sequestro.

Tanner deu de ombros.

— Na minha opinião, trata-se de, provavelmente, estar salvando a vida do garoto. — Apoiou as mãos na mesa e inclinou-se para Oscar. — Eles vieram comigo sem discutir, Oscar. E Nate Pender ainda estava tão atordoado pelo efeito da bebida que nem sequer tentou reagir.

— Duvido que, no lugar dele, eu tivesse tentado discutir com o senhor, sr. Tanner — James Worth declarou em voz baixa. — Mesmo a esta hora da manhã, o senhor me fez pensar no anjo Gabriel, que inspirou o seu próprio nome.

Tanner sentiu o rubor tomar conta de suas faces. Aquele maldito nome que sua mãe havia escolhido para ele fora motivo de muitas brigas, em seus tempos de garoto.

— Seja como for, preciso da sua ajuda, Oscar. Mantereí aquelas crianças em minha casa até que o juiz venha à cidade, na próxima semana.

— Você terá o meu apoio — Oscar declarou, depois de refletir por alguns instantes. — Para ser sincero, falta pouco para que tenhamos elementos suficientes para trancar Nate em uma cela. Já faz algum tempo que ele vem desafiando a lei. Só terei de lembrá-lo disso, caso ele venha dar queixa contra você.

Tanner virou-se para James Worth.

— Tenho um outro problema a resolver, reverendo. A srta. Gibson e eu precisamos nos casar o mais depressa possível. Finalmente, consegui persuadi-la a aceitar o meu pedido, e não quero dar a ela a chance de mudar de ideia. Iremos mais tarde, ainda hoje, à igreja, para vê-lo. O senhor estará disponível para nos casar?

— Ela concordou em se tornar sua esposa? — James Worth indagou em tom de dúvida. — Pensei que ela fosse apenas trabalhar em sua casa, cuidando da limpeza e da comida, em troca de um salário.

— Bem, a cidade inteira sabe que eu a pedi em casamento, há algumas semanas — Tanner declarou com firmeza. — Só precisei de algum tempo para fazê-la enxergar a luz.

— Sem dúvida, o casamento a colocará em uma posição muito melhor do que aquela em que ela se encontra, agora. Mesmo assim, faço questão de conversar com a srta. Gibson, antes de realizar o matrimônio — James decidiu.

— E melhor não criar dificuldades, sr. Worth — Mary Tappan advertiu-o. — Se existe um homem que precisa de uma esposa, seu nome é Gabe Tanner. E Rosemary

Gibson não poderia ser melhor candidata. Na minha opinião, o senhor deveria casá-los imediatamente.

Tanner esperou pacientemente, sabendo que todas as cartas estavam a seu favor. Rosemary concordaria em ser sua esposa, sem a menor hesitação. Disso ele havia se encarregado, com grande sucesso.

— Não pensei que nos casaríamos tão rápido — Rosemary falou, fitando-o pelo canto do olho, do outro lado da cozinha.

Seu rosto estava afogueado pelo calor do forno.

— Eu trouxe as crianças comigo, querida. E disse ao pastor que iríamos procurá-lo, esta tarde.

— Já é quase meio-dia — ela murmurou com voz trémula e fraca. — Não posso, simplesmente, correr para a cidade e me casar!

Baixou os olhos para o vestido que usava. Era um dos mais velhos que possuía, e que só usava para trabalhar.

— Trarei a banheira, para que você possa tomar um banho. Ainda resta uma boa quantidade de água quente, no fogão — Tanner ofereceu.

Rosemary ergueu as sobrancelhas, horrorizada.

— Não posso tomar banho, no meio do dia, aqui na cozinha!

Desde que se mudara para lá, ela se banhava à noite, cobrindo cuidadosamente as janelas e esperando que os empregados houvessem se retirado para o alojamento, e que Tanner estivesse ocupado no estábulo. Fazer o mesmo à luz do dia estava completamente fora de cogitação.

— Levarei a banheira para o seu quarto — ele cedeu. — Aliás, vou levá-la para o meu quarto. Anna poderá ser instalada lá, imediatamente. Não que ela tenha trazido uma grande bagagem. Não encontrei nada que ocupasse mais do que um saco de farinha.

— Onde está ela? — Rosemary perguntou, virando-se para a varanda e tentando espiar o quintal, através da janela.

— Cotton está tirando os dois da charrete. Vão chegar do estábulo dentro de um minuto. Eu queria conversar com você antes de os dois serem trazido para dentro.

Rosemary passou por ele apressada, abriu a porta de tela e saiu para a varanda.

— Seat? — chamou em voz alta, na intenção de ser ouvida no estábulo.

No instante seguinte, um assobio alcançou seus ouvidos.

— Seat? — repetiu, os pés mal tocando os degraus, enquanto ela saía correndo para o quintal, com o coração aos saltos, os olhos ávidos à procura do menino.

Foi então que ele apareceu na porta do estábulo. Bem atrás dele, uma criança pequena espiava em volta, parecendo fazer um reconhecimento dos arredores. Sendo muito menor que Seat, Anna conseguia esconder-se na sombra do irmão. Ele se inclinou para a menina e murmurou palavras que Rosemary não pôde compreender, devido à distância. Então, os dois se adiantaram na direção da casa.

Anna segurava a mão do irmão como se ele fosse um salva-vidas, ao qual ela tinha de agarrar-se a qualquer custo. Seus cabelos estavam despenteados e embaraçados, suas roupas, muito amarrotadas.

Quando os dois se aproximaram, Rosemary respirou fundo. Vira ferimentos no rosto de Seat, antes, mas desta vez, eles eram muito recentes, e o sangue que secará ainda manchava sua pele. Provavelmente, ele fora atingido no nariz. Ele a fitou com um olho só, pois o outro continuava inchado e roxo, em consequência da última surra. Ao que parecia, Nate Pender havia espancado o filho diariamente, durante a última semana.

— Entrem — Rosemary convidou, segurando a porta de tela aberta.

Anna hesitou, mas Seat puxou-a pela mão.

— Está tudo bem, mana. A srta. Rosemary é nossa amiga.

A visão da criança tão pequena, que não dava a menor evidência de ter recebido cuidados e carinho de ninguém, antes, foi mais do que Rosemary poderia suportar. Ajoelhando-se no chão, ela estendeu os braços para a criaturinha assustada.

— Por favor, Anna, deixe-me abraçá-la. Apreensiva, Anna olhou em volta. Tanner havia se posicionado perto da janela, enquanto Mama Pearl ficara na porta que levava para a sala, do outro lado da mesa, seu corpo roliço indicando ser ela um adversário assustador, caso as circunstâncias assim o exigissem. Assim, do ponto de vista da criança, Rosemary era a menor de todas as ameaças ao seu redor.

Fossem quais fossem seus motivos, ela deu um passo adiante e deixou-se tocar, primeiro pelas mãos de Rosemary, que segurou as dela com gentileza. Com muito cuidado, Rosemary puxou-a lentamente para si, até que Anna se encontrasse em meio ao círculo formado por seus braços. Então, abraçou-a com ternura e suavidade, como se ela fosse uma boneca de porcelana, vestida em seda e rendas. Uma de suas mãos deslizou até o queixo da menina, fazendo com que ela erguesse os olhos para fitá-la.

Sabendo que estava sendo avaliada e julgada, que Anna ainda não havia dado o seu

veredito, Rosemary esperou pacientemente. Os olhos redondos e escuros pousaram nos cabelos de Rosemary, e Anna ergueu uma das mãos para tocar de leve em uma mecha que descia em cacho ao lado do rosto da mais velha. A menina inspirou profundamente e, então, murmurou palavras que por pouco não partiram o coração de Rosemary:

— Pode me fazer cheirar como você? Deve ser feita de flores, senhorita.

— O sr. Tanner vai encher a banheira agora mesmo — Rosemary informou-a com voz suave. — Acho que ele adivinhou que você gostaria de tomar um banho bem perfumado.

Seat carregava dois sacos de farinha, o conteúdo de um deles alcançando pouco mais da metade de sua capacidade. Depois de colocá-los no chão, apontou para o menor e disse:

— Aqui estão as coisas dela, srta. Rosemary. O vestido que Anna está usando é o melhor que ela tem, e eu o esfreguei só com água. Nosso pai diz que não se deve gastar dinheiro com sabão.

— Daremos um jeito nisso, Seat — Rosemary assegurou, pousando a mão na dele. — Tenho certeza de que fez o melhor que podia por sua irmã.

Ele exibiu um sorriso tímido e, mesmo através da pálpebra inchada, ela reconheceu um novo brilho em seu olhar.

— E eu tenho certeza de que a senhorita é capaz de fazer muito mais.

Tanner limpou a garganta, e Rosemary ergueu os olhos para fitá-lo. Sem dúvida, ele havia se transformado em um excelente leitor de pensamentos, pensou, ao ver os olhos dela, tão azuis, repletos de uma gratidão que ela não poderia expressar em palavras, naquele momento.

— O que acha de levar Anna para cima, enquanto vou buscar a Banheira? — ele sugeriu, respondendo ao agradecimento mudo de Rosemary com um sorriso.

— Vou providenciar a água quente — Mama Pearl ofereceu. — Um balde será suficiente, para o primeiro banho.

Meia hora depois, Rosemary concordava com as palavras de Mama Pearl. Havia lavado os cabelos de Anna e esfregado seu corpinho frágil, da cabeça aos pés. Então, enxaguara a menina com água limpa. Dois outros baldes de água foram necessários para um banho de verdade, como Mama Pearl havia previsto. Anna havia se reclinado na banheira, deleitando-se com o prazer luxuriante de se ver imersa em água quente e perfumada.

A maior toalha que Rosemary conseguiu encontrar entre os pertences de Tanner agasalhou a menina dos ombros até os pés, e outra, menor, envolveu-lhe os cabelos. Sentada sobre a penteadeira, ela esperou pacientemente, enquanto Rosemary secava os cachos longos e embaraçados, que haviam mudado de castanhos e sem brilho para loiro-escuro, quase cor de mel, quando as camadas de sujeira foram retiradas.

— Nunca tomei um banho tão bom — Anna disse, como se confiasse um grande segredo aos ouvidos de Rosemary. — Em casa, eu tinha de me lavar em uma vasilha bem pequenininha. — Estendeu um braço, deixando a toalha cair, e admirou a limpeza de sua mão. — Minhas mãos ficam mais bonitas, assim.

Da porta, Tanner observava em silêncio, como fizera nos últimos minutos. Aquela imagem de Rosemary era uma nova visão, que ele gostava muito, quase tanto quanto aquela que vira dois dias antes, quando a beijara, na sala... quando se deixara levar pela tentação da proximidade dela e quase ultrapassara os limites da decência.

— Você está linda, doçura — ele falou em voz baixa, sorrindo quando as duas se viraram para fitá-lo.

— Anna tem cabelos bonitos, Tanner — Rosemary disse, erguendo um dos cachos que estivera secando.

— Estou vendo — ele concordou.

E era verdade. Pela primeira vez, permitia-se enxergar além da imagem da puritana filha do pastor, da mulher miúda e atrevida, que ele havia deixado entrar em sua casa e tomar conta de tudo por ali. Agora, via até mesmo além da mulher apaixonada e ardente que ela prometia se tornar, enxergando finalmente a criatura cheia de amor para dar, que cuidaria de seus próprios filhos com o mesmo carinho que, naquele momento, dispensava a Anna.

Sem que ele soubesse como, ou que se desse conta do que estivera acontecendo, Rosemary Gibson conseguira penetrar o recanto mais íntimo que Tanner guardava dentro dele, e que durante muitos anos ele mantivera a salvo de invasões vindas de qualquer direção. Seu desejo por ela tornava-se maior a cada minuto que passava. Isso não havia mudado. Ele estava apenas se controlando, até o momento de colocar a aliança no dedo dela. Porém, além da paixão que o atraía para ela, Tanner também via a mulher generosa e bondosa, que o aceitaria como um homem repleto de defeitos, e cuja ternura talvez pudesse curar sua alma ferida.

— Tanner? — Rosemary o observava, de sobrancelhas erguidas. — Está me ouvindo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu estava pensando, querida.

— Precisa fechar a porta, para que eu possa vestir Anna. Tanner assentiu, desejoso de se afastar daquelas duas mulheres por algum tempo. Havia um garoto, também necessitando de cuidados, e ele desconfiava que essa tarefa seria sua.

Descobriu que havia se enganado. Ao sair da cozinha para a varanda, Tanner deu-se conta de que o quintal parecia um outro lugar, animado pelo som de gargalhadas alegres. Uma grande tina escondia o corpo de um menino sorridente, ainda vestido, mas muito mais limpo do que quando chegara ali. Cotton estava ao lado da tina, as roupas também muito molhadas.

— Achei que deveríamos começar a limpá-lo por camadas, patrão — Cotton explicou. — Ele disse que todas as suas roupas estão sujas e, por isso, decidimos enfiá-lo na água como estava.

— Nunca pude me molhar por inteiro — Seat confidenciou, sem deixar de sorrir. — Com exceção de duas vezes, quando meu pai estava muito bêbado, e eu consegui escapar até o riacho, à noite. Mas não foi tão divertido.

— Bem, agora precisamos pensar em uma maneira de secá-lo — Tanner disse, incapaz de esconder a satisfação que o prazer do menino lhe proporcionava.

— Ah, uma hora de trabalho ajudando a cuidar dos potros novos resolverá o problema, Tanner. O sol está quente como o inferno, e ele vai ficar sequinho, eu garanto.

— Está bem. Antes, porém, quero que providencie algo para ele comer. Creio que Seat poderá sentar-se com um prato, na varanda. Acho que o tirei de casa antes do café da manhã.

A expressão de Seat tornou-se ligeiramente embaraçada.

— Não é preciso. Geralmente, não como muito de manhã, sr. Tanner.

— Só Tanner, filho. E, de hoje em diante, vai tomar café da manhã todos os dias. Trata-se de uma regra da fazenda.

— Sim, senhor — Seat replicou de pronto. — Na verdade, gosto muito de comer.

Provavelmente, nunca encontrava muito o que comer em casa, Tanner pensou, observando o corpo franzino, quando Seat saía da tina. Seus pés eram bronzeados e calejados. Aparentemente, seu parco guarda-roupa não incluía sapatos. Tanner decidiu que cuidaria dessa questão no dia seguinte, quando também compraria camisas e calças novas, além de alguns vestidos para a garotinha delicada que se encontrava dentro de sua

casa.

— Senhor?

Tanner virou-se ao ouvir o chamado de Seat.

— Anna está bem? Não quero que ela fique preocupada por não me ver por perto.

Tanner sacudiu a cabeça.

— Ela está em boas mãos, Seat. A srta. Rosemary está cuidando dela. Se não me engano, estão ajeitando os cabelos de Anna.

O sorriso do menino foi radiante.

— Ela vai gostar disso. Uma vez, encontrei um pente e, de vez em quando, passava pelos cabelos dela, para desembaraçá-los.

O riso que enchia a cozinha era mais melodioso, mas tão alegre quanto aquele que ele havia encontrado no quintal, Tanner pensou, ao chegar na varanda. Através da porta de tela, viu Rosemary sentada à mesa, com Anna no colo, esperando pacientemente enquanto a menina saboreava um prato de comida.

Anna usava um outro vestido, muito parecido com o primeiro, também desbotado e amarrotado, mas de aspecto um pouco mais limpo. Sua risada era suave, não tão exuberante quanto das duas mulheres que a observavam comer. E Tanner ficou ali, ouvindo aquele som, que encheu seu peito com uma satisfação que ele nunca sentira antes.

Levar aquelas crianças para casa havia preenchido um vazio, satisfazendo uma necessidade antiga que o perseguia de consertar algo que estava errado. Seu próprio pai o havia negligenciado em diversos aspectos, mas nunca faltara comida na mesa, ou roupas para vestir.

Nate Pender não dera nada aos filhos que não fosse um teto onde se abrigarem, e mesmo o abrigo deixava muito a desejar, se a umidade que Tanner encontrara dentro daquele barraco pudesse ser tomada como parâmetro para julgamento. Onde Seat conseguira arranjar as roupas que ele e a irmã vestiam era uma questão que Tanner não pretendia explorar.

Talvez, seu sentimento de gratificação se devesse ao brilho que vira nos olhos de Seat quando o menino abria a porta para ele, naquela manhã. Ou, talvez, ao agradecimento não pronunciado que ele sentira irradiar do garoto, quando ele e a irmã se acomodaram na parte traseira da carroça, onde uma camada de feno fora depositada a fim de lhes proporcionar uma viagem confortável.

"Vou levar vocês para a minha casa, Seat", Tanner anunciara, sem oferecer opção de

escolha.

E, sem a menor hesitação, a cabecinha coberta de cabelos escuros assentira em concordância: "Sim, senhor. Está bem".

Agora, refletindo sobre a torrente de emoções que o invadira, Tanner concluiu que agira da melhor maneira. O fato de que Rosemary cumpriria sua parte no acordo era indiscutível. Ela o acompanharia à igreja e, quando James Worth recitasse os votos, ela os repetiria, naquele mesmo dia, antes que o sol desaparecesse no horizonte.

Então, ela se deitaria na cama dele e se entregaria aos seus cuidados, disse Tanner também não tinha dúvidas. E, mal o pensamento cruzou-lhe a mente, ele sentiu um latejar persistente tomar vida, mais uma vez.

— Tanner? Seat não vem comer? — Rosemary perguntou da cozinha.

— Prepare um prato para ele comer na varanda.

Tanner virou-se de costas para a porta, consciente do tom rude de sua voz e do silêncio que se seguiu às suas palavras.

Explicaria mais tarde. Talvez.

CAPITULO X

Um balde cheio de água quente fora colocado ao lado da pia, e um sabonete francês, pronto para ser usado, repousava ao lado da bacia de porcelana. Rosemary apanhou-o e aproximou-o do nariz, aspirando a fragrância delicada.

Reconheceu o perfume de lilás e voltou a pensar na criança que, naquele momento, dormia no quarto ao lado. Anna pedira para cheirar como as flores e conseguira ter seu sonho realizado. Se Rosemary não fizera mais nada de bom em toda a sua vida, sabia que, agora, poderia descansar em paz, só por ter atendido àquele desejo singelo.

Com os cabelos dourados brilhando, o rosto limpo e corado, Anna apresentara-se a Seat, quando todos haviam se reunido à mesa para comer. Ele havia alimentado o prazer da irmã, enterrando o rosto nos cabelos dela, como a menina pedira, elogiando-a generosamente e, então, virando-se para Rosemary para agradecer-lhe com palavras sinceras, que trouxeram lágrimas aos olhos dela.

E tudo isso se tornara realidade graças a Tanner. Rosemary desembrolhou o sabonete devagar. Fora ele quem comprara o sabonete para ela, provavelmente, em um impulso. Dissera que a compra fora feita nos breves momentos em que a deixara sozinha na charrete, para apanhar alguns suprimentos necessários. O que era verdade, uma vez que ele voltara do armazém, trazendo nas mãos apenas o pequeno pacote.

A cerimônia fora muito curta. Pip fechara o armazém apenas pelo tempo necessário para correr até a igreja e transformar Rosemary Gibson em esposa de Gabe Tanner. As despedidas haviam sido repletas de desejos de felicidade, acenos e olhares curiosos dirigidos ao casal quando a charrete percorria a rua em velocidade moderada.

Rosemary umedeceu a esponja, ensaboou-a até obter uma espuma rica e perfumada e passou-a pelo rosto e pescoço, mudando então para os braços e axilas. Vestindo apenas a combinação, sabia que não teria muito tempo. Tanner a informara que teria de ir ao estábulo a fim de cuidar de tarefas que haviam surgindo na última hora.

Na opinião de Rosemary, ele simplesmente decidira dar a ela alguns momentos de privacidade para que pudesse se preparar para a noite de núpcias. Infelizmente, seria necessário um período de tempo muito maior do que aquele que lhe fora proporcionado, para que ela se sentisse preparada. Em toda a sua experiência de vida, nada do que ouvira, ou ficara sabendo de uma maneira ou de outra, a preparara para isso.

Poucos minutos antes, Mama Pearl havia lhe dado um tapinha carinhoso em uma das mãos, com a clara intenção de tranquilizá-la.

— Tanner vai ser muito bom para você, menina. Espere e verá. Ele se apaixonou logo que você se mudou para cá, e aqueles olhos escuros se iluminam como velas de Natal, cada vez que pousam em você.

Rosemary enxaguou a espuma da pele e secou-se com a toalha macia que Mama Pearl pendurara no gancho preso à parede, próximo à pia. Por mais que procurasse, não conseguia encontrar nas palavras da mulher mais velha nenhuma indicação da resposta para as perguntas que lhe anuviavam a mente.

Olhou para o espelho, examinando a própria imagem. Tanner gostava de seus cabelos. Dissera isso mais de uma vez. A mão dele havia pousado sobre seus seios e, então, ele lhe dirigira um olhar de aprovação. Rosemary viu, no espelho, o rubor que subiu lentamente desde aquela região proibida até suas faces. Convivera com o próprio corpo durante quase trinta anos, e só agora ele se tornara realmente importante.

Ouviu vozes lá embaixo. Embora distantes, eram muito distintas. Tanner e Mama Pearl conversavam na cozinha. Então, ao ouvir passos na escada, Rosemary finalmente saiu da frente do espelho, apressando-se em apanhar a camisola, que deixara estendida

sobre a cama. Enfiava a peça de roupa pela cabeça, quando o trinco da porta girou. Mal havia passado os braços pelas mangas, quando Tanner entrou no quarto.

Ele parou na porta, observando-a, os olhos fixos nos dedos trêmulos com que ela tentava abotoar a camisola. Alguns instantes se passaram antes que ele desse um passo à frente e fechasse a porta atrás de si. Rosemary nunca havia demorado tanto para finalizar uma tarefa tão simples e rotineira. Com dificuldade, fechou o último botão de madrepérola e, somente então, deu-se conta de que ainda usava a combinação, por baixo da camisola de algodão.

Os lábios de Tanner curvaram-se lentamente em um sorriso terno e, assim pareceu a Rosemary, arrependido.

— Acho que deveria ter lhe dado mais alguns minutos — ele murmurou. — Não tive a intenção de apressá-la.

— Está tudo bem. Eu já estava quase pronta — Rosemary replicou, acenando com a cabeça na direção da pia. — Obrigada pelo sabonete. Lilás é uma das minhas fragrâncias favoritas.

— Gosto de flor de maçã, também — Tanner declarou, aproximando-se devagar. — Só achei que você gostaria de variar um pouco o perfume.

Ergueu uma das mãos a fim de afastar uma mecha de cabelos do rosto dela e, então, segurou o peso dos cabelos que ela havia deixado soltos, caindo pelas costas. Enroscou os dedos nas ondas sedosas.

— Nunca mais vi seus cabelos soltos, desde aquele primeiro dia. São muito mais bonitos do que a imagem que guardei na lembrança, Rosie.

Agora, as duas mãos de Tanner afagavam-lhe os cabelos, sustentando-lhes o peso para, então, deixar que deslizassem lentamente por entre os dedos longos e depois suspendê-los de novo. Mesmo assim, Rosemary não deixou de se sentir incomodada por ter sido chamada de Rosie mais uma vez.

— Está zombando de mim de novo, Tanner. Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Você é como uma rosa em botão, querida. Só agora está começando a desabrochar.

Ela soltou uma risada trêmula e nervosa, ao ouvir tais palavras.

— Ora, você está falando como um poeta.

— Você me faz sentir... Simplesmente, não tenho as palavras certas para dizer a você o que sinto, querida. Acho que só me resta mostrar como você me faz sentir. —

Tanner olhou em volta, examinando o quarto, e sorriu.

— Mama Pearl quis ter certeza absoluta de que eu a encontraria com facilidade, não é mesmo?

Havia uma porção de velas acesas por todo o quarto: sobre a pia, na penteadeira, na mesa de cabeceira. Rosemary protestara contra o desperdício, mas Mama Pearl insistira em levar consigo o lampião, ao deixar o quarto.

Agora, Rosemary considerava a tarefa de apagar todas aquelas velas, mas concluiu que talvez fosse melhor esperar até que Tanner houvesse se despido. Deu-se conta de que tal pensamento não era nada reconfortante e, assim, abaixou-se para soprar a chama que ardia sobre a mesa mais próxima.

— Cuidarei das outras — Tanner ofereceu. — Pode se deitar.

Depois de arriscar um rápido olhar, pelo canto do olho, na direção dele, Rosemary puxou as cobertas e, sem perder tempo, deitou-se entre os lençóis limpos e perfumados. Virou-se para a janela aberta e observou uma nuvem cruzar o céu, sem pressa, cobrindo a lua por alguns instantes.

Tanner movimentou-se com suavidade surpreendente para um homem tão grande, apagando as velas restantes e, então, aproximando-se da cama. O ruído das roupas sendo tiradas era perfeitamente distinto, no silêncio que reinava no quarto. Rosemary também ouviu a alteração na respiração dele, quando se abaixou para tirar as botas. Em seguida, o peso dele se fez sentir no colchão ao seu lado, e ela virou a cabeça naquela direção.

A luz do luar era quase tão reveladora quanto aquela proporcionada pelas chamas das velas até pouco antes, e Rosemary chegou a desejar que a nuvem solitária voltasse a cobrir a lua alta no céu. Talvez, o ideal fosse que uma tempestade se formasse!

— Está preocupada com o que vai acontecer, não está, querida? — ele indagou em voz baixa, pouco mais que um sussurro.

— Não sei o que devo fazer — ela admitiu com dificuldade.

Tanner virou-se de lado, apoiando-se em um dos cotovelos.

— Não precisa fazer nada, querida. Ao menos, nada que não queira fazer.

— Não sei bem como cheguei a este ponto... — ela murmurou. -Quero dizer, sei como, mas não sei...

— Psiu... — ele a interrompeu, tocando-lhe os lábios com a ponta do dedo indicador. — Está tudo bem.

Inclinou-se para ela e deslizou aquele mesmo dedo por sua face, levando uma

mecha de cabelos para trás da orelha, a fim de poder acariciá-la melhor.

— Quero beijá-la — murmurou. — Você também quer que eu a beije?

Como se esperasse pela permissão dela, permaneceu imóvel, o semblante quase totalmente escondido nas sombras da noite.

Rosemary assentiu, mal completando o gesto antes que os lábios dele pousassem sobre os dela, em um movimento terno e cuidadoso, que prometia muitos prazeres mais adiante. Ela respirou fundo ao sentir que ele entreabria os lábios, para então mordiscar-lhe o lábio inferior com grande delicadeza. Foi com muito cuidado e lentidão que Tanner aprofundou o beijo, tornando-o mais ardente e exigente.

— Você nunca me beijou assim, antes — ela comentou. A pressão dos dentes dele em seus lábios dera vida a uma sensação nova, que descera até seus seios, provocando-lhe o impulso de apertá-los com as próprias mãos. Rosemary conteve tal desejo e, mantendo as mãos ao longo do corpo, cravou os dedos no lençol, agarrando-o com força.

— Não? — Tanner voltou a beijá-la. — Provavelmente, não a beijei assim antes porque tinha medo de assustá-la, antes de colocar a aliança em seu dedo.

Então, ele passou a beijar-lhe as faces, a testa, o nariz, os olhos e as têmporas, onde se demorou, deleitando-se com o prazer de sentir o sangue de Rosemary latejar.

— Sua pele tem sabor de... — Tanner fez uma pausa, tentando transformar sensações em palavras — um sabor doce... — decidiu, passando um dedo pelo pescoço dela.

Rosemary estremeceu quando os lábios dele passaram a seguir a trilha deixada por seus dedos, deixando atrás de si um verdadeiro rastro de fogo.

Quando ele se ergueu para fitá-la, seus olhos exibiam aquele mesmo calor, além de inegável admiração e aprovação.

— É uma mulher muito bonita, sra. Tanner — declarou com voz rouca, já voltando a se abaixar para continuar com os beijos e carícias suaves, que começavam a deixá-la atordoada.

Sentindo os lábios dele passearem pela base de seu pescoço, Rosemary deu-se conta de que a boca de Tanner se encontrava muito perto do ponto onde seu coração batia descompassado. Foi imediatamente invadida por um desejo insuportável e ousado que ele a beijasse ali, também.

Ele acabara de dizer que ela era bonita, e Rosemary sacudiu a cabeça, um tanto cética com relação àquele elogio. No mesmo instante, ouviu o riso baixo de Tanner.

— Você não tem a menor chance de vencer essa discussão, minha querida. Conheço uma mulher bonita assim que ponho os olhos nela.

Era mesmo surpreendente que ele a visse assim. Afinal, estavam falando de Rosemary Gibson, a filha puritana do pastor, que não possuía nenhum traço marcante, fosse no rosto, ou no corpo, e jamais fora considerada bonita, mesmo em seus melhores momentos. Mesmo assim, nos últimos minutos, fora descrita como uma verdadeira beldade, por um homem que poderia ter se casado com qualquer mulher que escolhesse entre as solteiras da cidade.

Tanner mordiscou os botões da camisola, que ela havia abotoado com tanto cuidado, e Rosemary previu o pedido que ele faria a seguir, antes mesmo que ele pronunciasse as palavras.

— Quero desabotoar todos esses botõezinhos tão lindos, querida. Vai criar dificuldades para que eu satisfaça o meu desejo?

Com dedos ágeis, ele deu início à tarefa, ao mesmo tempo em que Rosemary reprimia um protesto. Afinal, Gabe Tanner não parecia nem um pouco inclinado a aceitar um não como resposta. Ao menos, naquela noite.

Uma vez desabotoada a camisola, ele voltou a se apoiar em um cotovelo, a fim de examinar o que seu trabalho havia revelado.

— Não acredito! Você está usando a combinação, por baixo da camisola, Rosie?

— Quando ouvi você chegando no quarto, não tive tempo de tirar a combinação — ela explicou em um sussurro, grata pelo fato de a semi-escuridão impedi-lo de ver o rubor intenso que tomou conta de suas faces.

— Sei...

A mão quente afastou um pouco o tecido fino, e os dedos longos deslizaram pela pele clara, acima do decote profundo da combinação. Tanner inclinou a cabeça para beijá-la onde segundos antes apenas a acariciara, muito perto de onde batia o coração de Rosemary.

— Deve ter usado o novo sabonete aqui — ele murmurou. — Seu perfume é delicioso.

— Sim, usei — ela confirmou, ofegante, respirando fundo para sentir o odor que ele emanava, tão diferente daquele exalado pelo seu próprio corpo.

Era o mesmo odor que ela sentira, rapidamente, no dia em que ele a beijara, na sala.

— Vai ficar embaraçada se eu tirar a sua camisola? A voz de Tanner, suave e

sedutora, era a voz da tentação, conduzindo-a pelo caminho que ele mesmo havia traçado para ambos. Rosemary estudou-lhe a expressão de intensa concentração antes de sacudir a cabeça, incapaz de negar-lhe o pedido. Ajoelhando-se no colchão, ao lado dela, ele hesitou por um breve momento, antes de colocar suas palavras em ação e puxá-la, posicionando-a de joelhos, também.

† — Tanner!

O sussurro horrorizado soou alto demais aos seus próprios ouvidos, mas acabou se perdendo em meio ao farfalhar do tecido da camisola que era puxada acima de sua cabeça. Como não esperasse a perda tão rápida de seu pudor, ela ainda tentou agarrar-se ao tecido da combinação, a fim de mantê-la sobre o corpo, mas seu esforço foi inútil.

Somente seus braços e mãos restaram para proteger seu corpo da visão de Tanner, e ela os cruzou rapidamente sobre os seios. Ele atirou as roupas dela no chão, e o som que sua garganta emitiu foi uma nítida negativa do gesto puramente feminino de Rosemary. Depois de ajeitar-lhe os cabelos, fazendo com que caíssem por cima dos ombros, ele a fez descruzar os braços, até que o corpo de Rosemary estivesse coberto apenas pela proteção que ele lhe permitia ter: a cortina de fios sedosos.

— Você disse que não ficaria embaraçada — murmurou, lembrando-a da resposta dela, pouco antes.

Bem, agora, não restava a ela qualquer atitude a tomar. Os cabelos eram sua roupa, agora, e a luz do luar que penetrava pela janela lançava um brilho prateado sobre sua pele, emprestando-lhe um aspecto mágico.

— Parece uma princesa de um livro de histórias de fadas.

Tanner continuou ajoelhado diante dela, seu corpo apenas uns poucos centímetros distante. Rosemary estremeceu, desejosa de sentir as mãos dele sobre seus seios rijos e, ao mesmo tempo, desejando com ardor ainda maior que a escuridão a envolvesse em um abraço protetor.

Mas isso não passava de um sonho impossível. Com mãos sempre delicadas, Tanner afastou seus cabelos e segurou-a pelos ombros, apreciando a visão que se oferecia a seus olhos.

— Ah, Rosemary, eu seria capaz de embrulhá-la em papel de seda e escondê-la do resto do mundo!

Como se idolatrasse a mulher à sua frente, Tanner deixou que os olhos seguissem o caminho traçado por suas mãos. Seus dedos moldavam-se às curvas do corpo delicado, enquanto ele redescobria, sem o empecilho das roupas, a forma perfeita dos seios fartos.

As mãos deslizaram pela curva da cintura delgada, até pousarem nos quadris arredondados.

Ainda de joelhos, ergueu o corpo e, levando as mãos até as costas de Rosemary, abaixou-as devagar, até firmá-las nas nádegas ligeiramente empinadas. Então, puxou-a para si, com movimentos suaves, porém determinados, até que seus corpos se unissem, parecendo um só.

Rosemary deu-se conta de que não existia uma só barreira a separá-los. Aquela era a união de corpo e alma, de um homem e uma mulher, face a face, em uma posição de intimidade que era estranhamente correta e perfeita.

Palavras brotaram em sua mente, partes de um soneto que falava dos mistérios que envolviam a união entre homem e mulher, e ela se deixou murmurar as frases:

— Meu amado é justo... que me dê os beijos de sua boca...

Embora houvesse lido o poema várias vezes, Rosemary nunca compreendera o significado que o autor trouxera à vida com a poesia que cantava seu amor.

— Acorde meu amor, meu grande amor...

— Diga isso de novo — Tanner pediu.

Só então, Rosemary deu-se conta de que pronunciara as palavras em voz alta, e não apenas as relembrou em sua mente. Após uma breve hesitação, atendeu ao pedido de Tanner, repetindo o que já havia declamado.

— É lindo! Você conhece o resto?

— Sim. — Com voz ligeiramente trêmula, ela continuou: — ...Sua mão me afaga... sua bandeira é o amor.

Com cuidado redobrado, as mãos de Tanner voltaram a pousar em sua pele, cobrindo-lhe os seios.

— Ele tocava a amada da mesma maneira como estou tocando você, Rosemary.

Ela voltou a estremecer, deleitando-se com a sensação que as mãos calejadas pelo trabalho na fazenda proporcionavam aos seios virgens que acariciavam. Mal pôde conter os gemidos de prazer, gerados pelo desejo que exigia satisfação, enquanto balbuciava com voz entrecortada:

— Nunca imaginei... Eu não sabia... que era isso...: que o poema significava.

— Isto é apenas uma parte do que o poeta traduziu em suas palavras, minha querida.

O tom de voz de Tanner dava a exata medida de sua fascinação, e ele se inclinou para beijá-la mais uma vez. Seus braços a circundaram, para então deitá-la, com reverência, na cama. Como uma sombra gigantesca pairando sobre ela, ele hesitou por um breve instante, antes de pressionar o corpo contra o dela, unindo-os mais uma vez, sem qualquer barreira para impedir o contato da pele lisa de Rosemary na sua, mais áspera, coberta de pêlos negros. E como se aquela união fosse uma dádiva dos céus, o coração de Rosemary disparou, exultante.

O odor que Tanner exalava era másculo, e ele tratava Rosemary com carinho. Ela não impunha resistência, desfrutando de cada sensação nova que ele despertava em seu corpo, fascinada pela reação que ele provocava. Seus braços, mãos e ombros receberam uma atenção que ela jamais teria julgado decente, antes. Então, Tanner foi mais além, explorando recantos nunca antes tocados por ninguém.

Sem pressa, ele a cobriu de carícias e beijos, excitando-a devagar, despertando um desejo que Rosemary já não era capaz de controlar.

Em seu ventre, onde as partes mais femininas de uma mulher se escondiam, onde ela sabia que, um dia, carregaria o filho de Tanner, um ritmo cadenciado começou a pulsar. Sem se dar conta do que fazia, ela moveu os quadris e ergueu os joelhos. Com murmúrios de aprovação e satisfação, Tanner deslizou as mãos mais e mais, até ganhar acesso àquelas partes que ela havia julgado exclusivamente íntimas e pessoais, mas que agora, seu marido parecia determinado a tomar posse.

A umidade pouco familiar facilitou o caminho dos dedos hábeis, que invadiam regiões proibidas, de cuja existência só agora Rosemary tomava consciência. Dentro dela, músculos contraíam-se de maneira inesperada, em um ritmo latejante, e ela movimentava o corpo, inquieta, buscando a satisfação daquelas necessidades, mesmo com toda a sua inexperiência.

Gemidos baixos escapavam de seus lábios, e ela ergueu uma das mãos, na intenção de abafar os sons que não conseguia controlar. O que estava acontecendo era demais, e ela estremecia e gemia a cada centímetro de pele que Tanner explorava, assim como às palavras que ele sussurrava ao seu ouvido. Eram palavras que falavam da sua beleza e do prazer que ela lhe proporcionava.

Tanner segurou-a por debaixo dos quadris, e ergueu-a. Então, como se houvesse chegado à beira de um precipício, sua respiração tornou-se irregular, e seu corpo posicionou-se sobre o dela. Deixando de respirar, sabendo que deveria saborear aquele momento e guardá-lo na memória pelo resto de sua vida, Rosemary permitiu-lhe o acesso que ele exigia. Ela soltou um grito abafado, dolorosamente consciente da penetração de

Tanner em seu corpo, cerrando os dentes enquanto seus músculos se distendiam para recebê-lo. Mesmo assim, ele a possuiu por inteiro, completando-a, fazendo valer seu direito de depositar ali a sua semente.

Seus lábios capturaram os dela em beijos ternos, contendo seus gritos, levando-a com todo o cuidado para além das primeiras pontadas de dor. E, mesmo sem ter jamais recebido qualquer informação a respeito, Rosemary soubera em seu íntimo que haveria dor e desconforto. O que ela não sabia era que a dor não passava de um caminho muito curto para uma união de corpo e alma que ela jamais imaginara ser possível.

Tanner foi gentil e cuidadoso com sua delicadeza e virgindade, mesmo enquanto tomava posse de seu novo território, sabendo que as lágrimas de Rosemary marcavam o momento em que ela realmente se tornara sua esposa. Então, a dor foi se dissolvendo em uma onda de desejo, à medida que Tanner se movia dentro dela.

Ela tentou, sem sucesso, abafar os gemidos de prazer, enquanto murmurava o nome de seu marido, cavalcando em meio à tempestade de paixão que a masculinidade dele provocava.

Emitindo um som gutural, que sacudiu sua estrutura poderosa, Tanner penetrou-a mais profundamente, seus braços apertando-a contra seu corpo. Maravilhada, ela só se dava conta do prazer cada vez maior que tomava conta de todo o seu ser.

— Tanner!

Como tivesse os lábios pressionados contra o ombro dele, seu grito foi abafado e, mais uma vez, as lágrimas rolaram por suas faces. Ele arqueou o corpo e, à luz do luar, Rosemary viu suas feições contorcidas, a cabeça atirada para trás. Todo o corpo de Tanner tornou-se tenso, rígido e, assumindo um ritmo enlouquecedor, ele pareceu explodir.

E, naquele momento, murmurou o nome dela.

Cadeiras foram trazidas da sala de jantar, uma vez que Seat e Anna tomariam o café da manhã junto com os outros. Tipper sentou-se entre os dois, os braços longos estendendo-se para servir-lhes mais comida do que eram capazes de ingerir. Anna deslizou na cadeira a fim de aproximar-se do jovem caubói, fitando-o com olhar de adoração enquanto ele a incentivava a experimentar um pouco de cada uma das travessas colocadas sobre a mesa. Tanner observava sua esposa, mantendo os punhos cerrados ao lado do prato, enquanto ela percorria toda a extensão da mesa, servindo café do bule que carregava. Ao que parecia, ela o estava ignorando, naquela manhã, o que lhe provocava uma irritação impossível de disfarçar.

— O que acha de guardar um pouco de café para mim, Rosemary? — inquiriu em tom rude, quando ela se encontrava entre as cadeiras de Cotton e Bootie, enchendo as canecas de ambos.

Sobressaltada, ela se virou para fitá-lo. Seus olhares se cruzaram e permaneceram fixos, mesmo quando ela, como se houvesse sido atingida por um forte golpe físico, se afastava da mesa, muito pálida. Mama Pearl lançou um olhar de advertência para Tanner, que empurrou a cadeira para trás, ruidosamente. Simplesmente, não ficaria ali para assistir à mulher que era sua esposa havia menos de vinte e quatro horas cuidar de todos os presentes, menos dele.

No mesmo instante, Rosemary estava ao seu lado, a saia roçando em sua coxa. O perfume suave de lilás o envolveu como uma lembrança persistente e impiedosa. Ergueu os olhos para ela, sabendo que seu cenho estava franzido, os olhos estreitos e os lábios comprimidos em uma linha dura.

Rosemary sustentou-lhe o olhar. Os olhos azuis demonstravam sua confusão, ao mesmo tempo em que seus lábios se curvavam em uma expressão triste. De repente, Tanner viu-se invadido pelo remorso, assim como pela vergonha de ter provocado o sofrimento daquela mulher generosa, que só queria servir aqueles homens, que dependiam dela para se manterem bem alimentados.

— Rosemary? — ele murmurou, retirando a mão da mesa e pousando-a na cintura dela.

Ela passou a língua pelos lábios, em um gesto que prendeu a atenção de Tanner. Só então ele se deu conta de que os lábios de Rosemary ainda estavam inchados e avermelhados, em consequência das muitas horas de paixão que haviam partilhando naquela noite.

— Gostaria de ir comigo à cidade? — perguntou em voz baixa. — Precisamos comprar roupas para Seat e Anna.

— Acha que eles ficarão bem, aqui? — ela indagou, preocupada. — Nate não vai...

Tanner sacudiu a cabeça.

Creio que não. Mama Pearl manterá Anna ao seu lado até voltarmos, e Cotton vai levar Seat para trabalhar com ele no estábulo.

O semblante de Rosemary iluminou-se e ela encheu a caneca do marido de café.

— Estarei pronta quando você acabar de comer.

— Quero que coma, também — ele insistiu, apertando-lhe a cintura com ternura,

observando o rubor tomar conta das faces dela. — Desculpe se fui...

Não conseguiu terminar a frase, pois deu-se conta de que havia seis homens atentos, ao seu redor, todos curiosos para compreender as circunstâncias que haviam provocado tantas mudanças súbitas naquela casa.

— Ficamos sabendo que foi visitar o pastor, ontem à tarde, patrão — Cotton, o mais corajoso deles, declarou em voz alta o pensamento que ocupava a mente de cada um deles, naquela manhã.

— Ficou surpreso? Todos, em muitos quilômetros ao redor da fazenda, sabem que estou atrás de Rosemary há semanas. Quando, finalmente, consegui convencê-la a se casar comigo, achei que não havia tempo a perder, pois ela poderia mudar de ideia.

Tipper exibiu um sorriso largo.

— Parabéns, srta. Rosemary — declarou, esquecendo-se de alterar a forma de tratamento para outra, mais adequada a uma mulher casada. — Isso quer dizer que não vai mais abandonar o emprego? Ficaré aqui para sempre?

Rosemary sorriu, aliviada por saber que a novidade passara a ser do conhecimento de todos.

— Não tenho a menor intenção de ir a lugar nenhum, Tipper. Esta é a minha casa, e Tanner é o meu marido.

Bem, pela primeira vez, ela havia pronunciado as palavras em voz alta, e Tanner considerou-as por um momento. Havia se tornado um marido. Gabe Tanner, solteirão convicto, era um homem casado. Teria de aguentar algumas brincadeiras, sem dúvida, e elas teriam início naquela mesma manhã, assim que sua charrete entrasse na cidade.

Estudou a mulher ao seu lado e deixou de franzir o cenho. A atenção que ela havia dedicado aos seus empregados, pouco antes, parecia não ter a menor importância, agora. O fato de serem eles privilegiados por estarem perto daquela criatura miúda, porém forte e enérgica, que cuidava deles com alegre generosidade, era um pequeno detalhe.

Quando ele trancasse a porta da cozinha, naquela -noite, apagasse o lampião sobre a mesa e se dirigisse para o seu quarto, no andar de cima, Rosemary estaria lá, à sua espera, e de mais ninguém. A maldição do ciúme, passada para ele ao longo dos anos, por um homem que maltratara e degradara a esposa, teria seu fim.

Rosemary não era Greta Tanner, a mulher que havia deixado tudo para trás, fugindo para a cidade grande, em vez de ficar e enfrentar o homem dominador que a mantivera prisioneira em sua própria casa. Ao seu lado, Rosemary baixou os olhos para fitá-lo. E foi então que Tanner se deu conta de que aqueles olhos azuis guardavam ternura

bastante para todos aqueles que estavam na cozinha, naquele momento. Mas era somente para ele, Tanner, que ela sorria com a doçura que o fazia agora.

— Está pronta? — Tanner perguntou ao entrar no quarto e fechar a porta atrás de si.

Rosemary estava parada diante do espelho, prendendo os cabelos em um coque, à altura da nuca, e ele ficou ali, a observá-la. Grampos de marfim prendiam o arranjo sóbrio, e algumas mechas delicadas caíam em torno do rosto, emoldurando-o e realçando-lhe a beleza.

— Gosto mais de seus cabelos soltos — ele murmurou, inclinando a cabeça para o lado.

Rosemary fitou-o através do espelho.

— O que fiz para deixá-lo zangado, durante o café da manhã?

Tanner baixou os olhos para o chão e, com o bico da bota, pôs-se a arrumar o tapete.

— Você não fez nada — resmungou, sem jeito. — O problema fui eu, querida.

— Bem, o que quer que tenha causado o seu comportamento, preciso saber o que foi, Tanner. Você ficou muito zangado e eu fiquei magoada por ter sido tratada daquela maneira, diante dos outros. — Ela se virou para encará-lo. — Talvez eu não devesse me importar tanto, mas depois de tudo o que aconteceu, ontem à noite...

— Eu não queria que ninguém mais sentisse o perfume do sabonete que lhe dei — Tanner admitiu, embaraçado. — Aqueles homens parecem se derreter, quando você se aproxima.

Rosemary inclinou a cabeça e, descobrindo-se incapaz de conter um sorriso, deixou que os lábios se curvassem.

— Não acredito que você disse isso, Gabe Tanner. Acha que eu deveria me banhar em água, a fim de retirar da pele todo o perfume, ao me levantar, pela manhã? Ou seria melhor pedir a Mama Pearl que sirva o café aos empregados?

Ele sacudiu a cabeça, agora profundamente embaraçado.

— Não. Não existe motivo para fazer nada disso, querida. Acontece que estive pensando sobre meu pai e em como eu detestava a maneira com que ele tratava minha mãe. Então, quando me dei conta, estava fazendo praticamente a mesma coisa com você.

Rosemary atravessou o quarto e postou-se diante dele.

— Sou sua esposa, Gabriel. Não sei exatamente como tudo aconteceu, mas você me transformou na sra. Tanner, ontem à noite. Foi a coisa mais bonita que já me aconteceu, e

só de falar isso, já fico corada. Mas quero que saiba que não existe nenhum outro homem sobre a face da terra que signifique qualquer coisa para mim.

Gabriel. Ela o chamara por aquele nome detestável. Tanner repetiu-o na mente, algumas vezes. Por alguma razão, não soava tão mal quando era a voz de Rosemary que pronunciava as sílabas.

— Querida, não me chame por esse nome diante de mais ninguém. Se quiser usá-lo quando estivermos sozinhos, tudo bem, mas...

— Gabriel? — ela repetiu, franzindo o cenho em uma expressão confusa. — Não gosta do seu nome?

Ele sacudiu a cabeça.

— Está bem.

— Está bem? Não vai discutir comigo a respeito do meu nome?

— Não, Tanner. Costumo escolher muito bem as minhas discussões, e não valeria a pena criar uma confusão por causa de uma questão como essa. Por outro lado, é melhor você não se esquecer que, na próxima vez em que discordarmos, sairei vencedora da discussão. — Rosemary esperou que Tanner abrisse a porta enquanto verificava os botões do vestido e ajustava os punhos das mangas. — Não consegui encontrar o meu chapéu. Devo tê-lo deixado lá embaixo.

— Acho que precisamos conversar sobre isso, querida — Tanner murmurou, abrindo a porta e indicando com um gesto da mão para que ela saísse do quarto à sua frente.

— Onde está o meu chapéu? — ela inquiriu, fitando-o por cima do ombro.

— Comprei um chapéu novo para você — ele anunciou em tom animado.

— Não havia nada de errado com o velho. Aliás, nem era tão velho, e poderia aguentar por, no mínimo, mais um ano.

— Bem, não creio que será possível usá-lo novamente. Tanner seguiu-a escada abaixo, notando a maneira como as costas dela acabavam de se tornar tensas, assim como os passos dela haviam se tornado mais pesados.

Assim que desceram o último degrau, ele foi até a sala de jantar, abriu o aparador e retirou de lá um chapéu de palha clara, com uma coroa de pequenas flores em torno da aba.

— Gosto mais deste, Rosemary. Experimente.

— É colorido demais, não acha?

Tanner examinou o chapéu por um momento, antes de declarar:

— Eu diria que é alegre.

— Vou guardá-lo para usar na igreja, aos domingos — Rosemary decidiu. — Ponha-o de volta onde estava e apanhe meu chapéu preto.

— Não posso fazer isso, querida.

Tanner estendeu-lhe o chapéu novo, empinando o queixo, como se implorasse por uma discussão.

— O que você fez com meu chapéu preto? — Rosemary inquiriu em tom ameaçador, batendo com a ponta de um dos pés no chão, e pousando uma das mãos na cintura.

— Eu o queimei. Coloquei-o no compartimento de lenha do fogão.

— Não acredito que tenha feito isso! — ela replicou, enfatizando cada palavra.

Ele deu de ombros.

— Acho melhor acreditar, Rosemary. Trata-se da mais pura verdade. Aquele chapéu estava tão velho e surrado que não valia a pena ocupar espaço para guardá-lo.

Rosemary fitou-o por um longo momento, os lábios movendo-se ligeiramente, como se ela estivesse encontrando dificuldade em decidir se deveria sorrir ou iniciar uma briga. Então, apanhou o chapéu novo, notando que a aba enfeitada de flores parecia um tanto esquisita nas mãos enormes de Tanner.

Colocou-o sobre a cabeça e amarrou a fita sob o queixo, antes de ajeitá-lo em uma posição ligeiramente inclinada.

— O que acha? — perguntou.

O sorriso de Tanner foi de pura satisfação, e os lábios generosos roçaram os dela com ternura e aprovação. Então, afastou-se com relutância, pois sabia que teria um longo dia pela frente.

— Acho que é a esposa mais linda que um homem poderia ter, sra. Tanner. Vamos para a cidade.

CAPITULO XI

— Tanner!

Ao que parecia, de todos os lados erguiam-se vozes, chamando-o, ao mesmo tempo que mãos acenavam cumprimentos para o casal que entrava na cidade. Sentada ao lado do marido, Rosemary mantinha as costas eretas, ao mesmo tempo que tentava esquivar-se ao braço que Tanner havia passado em torno de seus ombros. O sorriso radiante em seus lábios já se transformava em uma careta dolorida, quando finalmente estacionaram diante do armazém e ela tratou de sair da charrete com movimentos ágeis e apressados.

— Quer que eu entre com você? — Tanner perguntou, inclinando-se para ela.

Rosemary sacudiu a cabeça, recusando a oferta do marido.

— Não será necessário. Pode ir cuidar dos seus negócios. Estarei à sua espera, aqui, dentro de meia hora — ela disse, calculando que esse tempo seria mais que suficiente para satisfazer a curiosidade das mulheres que se reuniam regularmente no armazém, todos os dias, pela manhã.

Foi recebida por um coro de cumprimentos, assim que sua entrada na loja foi anunciada pela sineta presa na porta. De cima da escada, Pip lançou-lhe um olhar de comiseração.

— Ora, vejam quem chegou! A mocinha que enganou a todas nós! — Bernice Comstock declarou em tom jovial e alegre. — Não pense que vai escapar do chá de cozinha. A esposa do pastor já está tomando as providências necessárias.

Parado ao lado da prateleira onde os utensílios de cozinha estavam expostos, Dex Sawyer lançou um olhar divertido para Rosemary. Ora, ele não teria a audácia de se aproximar e puxar conversa, ela pensou, desviando os olhos rapidamente. Porém, logo descobriu que suas esperanças haviam sido em vão.

Bem atrás dela, a voz profunda e bem modulada de Dex pronunciou palavras de surpresa e congratulações:

— Conseguiu enganar a cidade inteira, srta. Rosemary. Aceite meus desejos de felicidade.

Ela abaixou a cabeça, sem querer fitar os olhos do homem que chegara muito perto de lhe fazer uma proposta semelhante.

— Obrigada, sr. Sawyer. Não tive a intenção de chamar a atenção da cidade sobre a minha pessoa. Na verdade, planejei um casamento simples e muito íntimo. E, a propósito, não creio que seja apropriado o senhor continuar me tratando como srta. Rosemary.

Afinal, sou uma mulher casada, agora.

— Peço desculpas. Foi apenas força do hábito. Quanto ao casamento, tenho certeza de que foi mesmo uma cerimónia muito íntima.

— Ignore-o, Rosemary — Pip sugeriu. — Ele está irritado consigo mesmo porque queimou a única chaleira que possuía, ontem, e agora tem de comprar uma nova.

A proprietária do armazém havia descido da escada e se aproximado do balcão com passos silenciosos. Ela passou um braço pela cintura de Rosemary, abraçando-a e sussurrando-lhe ao ouvido:

— Continue sorrindo. Na semana que vem, já terão encontrado outro assunto digno de comentários.

— Espero que esteja certa — Rosemary sussurrou de volta, respirando fundo. — Agora, vamos aos negócios. Preciso de roupas infantis, Pip. Tanner tomou as medidas dos pés deles, desenhando-os em um pedaço de papel. Também vão precisar de roupas de baixo e pelo menos três mudas de roupas para o dia-a-dia.

Pip conteve um soluço e secou as lágrimas no avental.

— Acho que os pobrezinhos nem vão saber como agir. Duvido que tenham vestido roupas novas, alguma vez, em suas vidas. Pelo que sei, desde que nasceram, aqueles dois só tiveram roupas usadas, doadas pela igreja.

Rosemary comprimiu os lábios em uma resposta silenciosa. Lembrou-se de quando era menina e tinha de revirar o baú das doações, em busca de roupas decentes. Tomando uma decisão súbita, endireitou os ombros e ergueu a cabeça.

— Já que estou aqui, vou comprar um vestido novo para mim, também. Estou cansada de vestir roupas usadas, doadas por pessoas que só compram peças novas e da moda.

Inclinou a cabeça para um lado, com ar de desafio, enquanto Pip exibia um sorriso largo de aprovação.

— Na minha opinião, já era tempo de tomar tal atitude, srta. Gibson. Seu pai estava sempre tão preocupado em cuidar das almas de todas as ovelhas de seu rebanho que acabou se esquecendo que a própria filha precisava de uma atenção especial, de vez em quando.

Bernice Comstock aproximou-se, carregando um corte de cambraia.

— Fiquei sabendo que Tanner levou os filhos do sr. Pender para a casa dele. — Inclinou-se para Rosemary, antes de continuar com voz gentil: — O sr. Comstock disse

que Nate Pender voltou a se embriagar, ontem à noite, e ameaçou ir até a fazenda para trazer as pobres crianças de volta.

Rosemary arregalou os olhos, virando-se para Pip, apreensiva.

— Não vimos o menor sinal dele.

— Não se preocupe. O xerife tratou de trancá-lo em uma cela, para passar a noite e curar a bebedeira. Mesmo assim, achei que vocês deveriam ser informados. Todos sabem que, quando bebe, aquele sujeito é capaz de tudo.

Um calafrio percorreu a espinha de Rosemary.

— Já vi, com meus próprios olhos, os resultados da maldade dele, sra. Comstock. O pobre Seat tem o corpo coberto por ferimentos e hematomas. — Virou-se para Pip. — Preciso escolher alguns vestidos para Anna, em primeiro lugar.

— Ela não é muito grande, é? — Pip perguntou, puxando de debaixo do balcão uma grande caixa de vidro, cheia de vestidos listrados e xadrezes. Colocou um punhado deles sobre o balcão. — Dê uma olhada nestes. São todos do mesmo tamanho e devem servir na maioria das meninas de cinco a seis anos de idade. Como costumam ser usados com um avental por cima, tenho certeza de que ficarão bem em Anna, mesmo que sejam um pouco largos. Rosemary apanhou um deles, confeccionado em tecido macio, admirando o xadrez de cor-de-rosa, que realçaria a pele clara da menina.

— Vou levar este — decidiu, erguendo-o diante do rosto a fim de examinar melhor o corte delicado, as mangas bufantes e a saia rodada. — Também quero o listrado de azul. Ah, e vou precisar de um vestido de linho, bem macio, para os domingos. E ainda um avental simples, de algodão, para o dia-a-dia, e outro com babados e rendas, para os domingos.

Rosemary sorriu enquanto considerava suas opções. Então, inclinou-se sobre o balcão e falou baixinho:

— Tanner disse que vai à missa comigo e que levaremos as crianças.

Pip ergueu as sobrancelhas, incrédula.

— Está falando a sério? Tanner vai aparecer na igreja? Rosemary assentiu.

— Foi o que ele me disse, no caminho para cá. Pediu que eu comprasse sapatos decentes para Seat e Anna.

Enfiou a mão na bolsinha e retirou dela dois pedaços de papel, onde os pés das duas crianças haviam sido traçados, em tamanho natural, por Tanner.

— Quero botas para Seat e sapatos pretos para Anna.

— Vejo que Tanner está investindo uma montanha de dinheiro em duas crianças, que nem são filhos dele — Geraldine Frombert observou.

Rosemary teve de controlar o impulso de rosnar para a mais velha e responder em tom calmo:

— Tanner é um bom homem. Não está preocupado em receber retorno desse tipo de investimento, sra. Frombert.

Pip aproximou-se, trazendo uma porção de macacões em um dos braços, e tratou de interrompê-las depressa:

— Aqui estão, Rosemary. Dê uma olhada nestes e verifique o tamanho. Seat é bastante magro, mas da última vez em que o vi, tive a impressão de que está ficando muito alto, muito depressa.

— Sim, você tem razão. — Rosemary ergueu um macacão pelos ombros e descartou-o por lhe parecer curto demais. Então, examinou outro. — Quero duas camisas para o dia-a-dia, e uma para os domingos, Pip.

— Não se esqueça das meias e ceroulas — Dex Sawyer lembrou-a, da extremidade do balcão, onde tentava se decidir sobre qual chaleira levar. — E devo dizer, sra. Tanner, que deveria comprar um vestido novo para si mesma, também. Garanto que vai ficar muito bem em um vestido xadrez de rosa e branco, como aquele que escolheu para a garotinha.

Pip inclinou-se sobre o balcão.

— Já concordamos sobre um vestido novo para Rosemary, sr. Sawyer. Ele tem razão, Rosemary. Cor-de-rosa ficaria perfeito em você.

Como se sucumbisse aos esforços conjuntos dos dois, Rosemary assentiu devagar.

— Talvez um tecido listrado fique melhor que o xadrez — argumentou, erguendo os olhos para Pip. — Não acha que uma mulher da minha idade pareceria frívola demais, usando cor-de-rosa?

— Tenho certeza de que Tanner vai adorar — Pip sussurrou, com uma piscadela. — Duvido que ele ache que você é velha demais, para querer ficar mais bonita. Ao menos, foi o que me pareceu, quando escolheu o chapéu que você está usando.

A pilha de roupas sobre o balcão cresceu, uma vez acrescentadas as peças sugeridas por Dex Sawyer, e Pip ocupava-se em percorrer os cabides de vestidos para senhoras, quando a porta se abriu de repente. A sineta ressoou, alta, e Rosemary pressentiu, antes mesmo de ouvir a voz dele a chamar seu nome, que o novo freguês era Tanner.

— Já terminou suas compras? — ele perguntou, percorrendo o corredor com passos pesados. — Precisamos voltar para a fazenda, querida. O xerife acaba de me informar que Nate Pender foi libertado, pela manhã, e que deixou a cela resmungando coisas incompreensíveis sobre Seat e Anna. Não será uma grande surpresa se ele decidir aparecer por lá.

— Achei que Oscar teria o bom senso de manter Nate preso por algum tempo, depois do escândalo que ele fez no Golden Slipper, ontem à noite — Dex comentou, dirigindo um olhar de advertência a Tanner. — Ele disse coisas muito desagradáveis sobre você e sobre a sra. Rosemary, também. No seu lugar, eu manteria os olhos abertos.

Tanner assentiu.

— Acabei me esquecendo de lhe dar dinheiro, Rosemary — falou, enfiando a mão no bolso. — Por favor, calcule a soma total, Pip.

Pip fez um pacote com as roupas, usando papel pardo e barbante. Aceitou o dinheiro que Tanner lhe estendeu e, depois de lhe devolver o troco, aproximou-se de Rosemary e sussurrou:

— Pus um vestido para você, também, no pacote.

— Eu ainda não havia me decidido por qual deles levar — Rosemary protestou baixinho.

— Bem, acabo de decidir por você.

Pip despediu-se com um aceno e um sorriso, enquanto Rosemary corria para a porta, onde Tanner esperava por ela, sem esconder a impaciência.

A viagem de volta para casa foi rápida, com a égua puxando a charrete em velocidade bastante alta.

— Pensei que essa ida à cidade seria um passeio agradável para fazermos juntos — Tanner comentou. — Ao que parece, teremos de nos manter alertas para com a possibilidade de Nate aparecer. Quero que você mantenha uma arma sempre carregada atrás da porta da cozinha.

— Nunca sequer peguei em uma arma de fogo — Rosemary retrucou, arregalando os olhos diante da expressão sombria de Tanner.

— Nunca é tarde demais para aprender — ele afirmou. — Mama Pearl é perfeitamente capaz de acertar um coelho a cem metros de distância. E eu seria capaz de apostar que ela não hesitaria em escalar Nate Pender, se tivesse uma oportunidade.

— Você está me assustando — Rosemary murmurou com voz trémula. — Não me

ocorreu que isso pudesse acontecer. Por que acha que ele está tão determinado em levar as crianças de volta para casa, se nem mesmo gosta delas?

— O xerife Rhinehold me contou que Jason proibiu Nate de beber e de comprar bebidas no saloon, ontem à noite. Disse a ele que, de agora em diante, só vai aceitar pagamento a vista.

— E ele não é adepto de trabalhar para ganhar dinheiro, é?

Tanner sacudiu a cabeça.

— Não, e agora que a situação toda veio à tona, será ainda mais difícil ele arranjar bicos para ganhar alguns trocados.

— Seria tão bom se ele fosse embora da cidade — Rosemary declarou, esperançosa. — Sempre achei que não teria filhos — confidenciou, enroscando a mão no braço de Tanner. — O amor que tenho para dar a Seat e Anna será suficiente para compensar a perda da mãe deles, não acha?

Tanner passou as rédeas para a mão esquerda e passou o braço direito em torno da cintura dela. Puxou-a para si, e ela não impôs resistência. Ao contrário, não só deixou-se abraçar, como também pousou a mão sobre a coxa dele, acariciando-o com a ponta dos dedos. Os músculos poderosos se contraíram de pronto, e ela sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Você é capaz de realizar tudo o que decide fazer. Veja só o que fez comigo — ele comentou, sorrindo, e ela abaixou a cabeça. — Estou falando a sério, Rosie. Conseguiu que eu fizesse as orações de agradecimento todos os dias, antes das refeições. E meus empregados estão convencidos de que você foi a melhor coisa que já me aconteceu. Você conseguiu, até mesmo, convencer Tipper a escrever para a mãe dele, toda semana.

— Ela ficou tão feliz ao saber que ele está frequentando a missa! Não se esqueça que você disse que iria conosco, no próximo domingo — Rosemary lembrou-o.

— Tem razão. Foi o que eu disse, não foi? — Tanner voltou a fixar os olhos na estrada. — Minha mãe costumava me levar à igreja, toda semana.

Rosemary ficou em silêncio, ainda deslizando os dedos pela coxa do marido.

— Durante muito tempo, fiquei me perguntando para onde ela foi, quando desapareceu daqui. Ela simplesmente foi embora, e nunca mais voltei a vê-la. Meu pai me abraçou e disse que eu já era grande demais para chorar. Acho que ele estava certo. Eu devia estar com treze, talvez catorze anos.

— Não consigo imaginar como uma mãe pode ir embora e deixar um filho para

trás.

— Bem, aprendi muito cedo a não depender de ninguém. Até hoje, não conheci nenhuma mulher em quem se pudesse confiar quando a situação se torna difícil — Tanner retrucou com voz rude, o semblante transformado em uma máscara de pedra. Então, retirou o braço das costas de Rosemary e agitou as rédeas com força, incitando a égua a um galope mais rápido. — Já estamos quase chegando. Espero que Nate Pender não tenha vindo na nossa frente.

O que provou ser um desejo inútil. Nate já estivera na fazenda e já partira. E fora por pura sorte que conseguira escapar ileso.

— Não consegui fazer mira — Mama Pearl queixou-se. — Nem poderia, com Anna chorando na cozinha, bem atrás de mim, e Cotton gritando ameaças, do estábulo. As circunstâncias não eram nada favoráveis. Nate chegou a cavalo, feio como o demônio, completamente bêbado, sujo como se houvesse passado a noite em um chiqueiro. Mal ele apareceu, Seat saiu correndo, desesperado, do estábulo, à procura da irmã.

— Ele não se feriu? — Rosemary perguntou, quando Mama Pearl fez uma pausa a fim de recuperar o fôlego.

O turbante colorido inclinou-se na direção de Rosemary, e Mama Pearl soltou uma sonora gargalhada.

— Não. Aquele garoto é capaz de correr na velocidade de um raio! O velho Cotton também não perdeu tempo. Agarrou Seat e arrastou-o de volta para o estábulo e, ao voltar para fora, trouxe um machado consigo.

— Está vendo, querida? Eu lhe disse que não havia motivo para se preocupar — Tanner comentou com um sorriso largo.

— Bem, Nate desmontou do cavalo e veio cambaleando para a varanda. Quando me viu com a espingarda apontada para ele, deu meia-volta e se escondeu atrás do cavalo — Mama Pearl continuou o relato com ar de desprezo. — Juro que nunca vi covarde maior do que aquele brutamontes. Então, como Cotton e Seat estavam atrás dele, e Anna muito perto de mim, além do pobre cavalo bem no meio do caminho, não tive a chance de puxar o gatilho.

— Provavelmente, a simples visão de você com uma espingarda em punho já foi o bastante para ele desaparecer bem depressa — Tanner resumiu.

— Desconfio que ele esperava encontrar só a filha do pastor em casa e, assim, levar os pequenos embora, sem maiores dificuldades.

— Aposto que ainda não se curou da bebedeira da noite passada, e mal sabia o que

estava fazendo — Tanner retrucou, sacudindo a cabeça.

— Acha que ele vai nos deixar em paz? — Rosemary indagou, cheia de esperança.

— É possível — Tanner respondeu. Mama Pearl fitou-os com ar de dúvida.

— Seja como for, pretendo manter esta espingarda bem ao alcance de minha mão — informou-os. — E esta garotinha vai ficar bem perto das minhas vistas.

Anna estava sentada à mesa, com uma fatia de pão em uma das mãos e um copo de leite na outra. Tinha os olhos arregalados e ouvia a conversa com atenção.

— Seat cuida de mim — ela anunciou. — Ele nunca deixou papai me bater.

O coração de Rosemary se apertou diante das palavras da criança. O fato de que Seat fora o único a sofrer os abusos do pai era notório. Só restava saber se o tempo curaria as cicatrizes deixadas pela vida junto de Nate Pender naquelas duas criaturas inocentes.

— Detesto ter de lhes dizer isso, mas Nate tem direitos sobre os filhos dele. Não existe nenhuma lei contra espancar os próprios filhos e, a menos que Nate se meta em algum outro tipo de encrenca, vocês serão praticamente obrigados a devolver as crianças a ele.

O xerife Rhinehold estava na varanda, segurando o chapéu entre as mãos, falando com Rosemary através da porta de tela.

— Tanner está em casa? — ele perguntou, alisando as abas do chapéu antes de recolocá-lo na cabeça.

Rosemary assentiu.

— Está no curral, do outro lado do estábulo.

— A senhora está sozinha, aqui? — Oscar inquireu, espiando dentro da cozinha.

— Não. Mama Pearl está na sala de jantar, e Anna está no quarto, no andar de cima.

— Bem, ninguém contou a Nate que o juiz julgou a questão contra vocês, e eu duvido que alguém esteja ansioso para correr e dar a notícia a ele. Mesmo assim, é melhor estar preparada, para o caso de ele voltar a aparecer por aqui.

— Não creio que serei capaz de, simplesmente, devolver as crianças a ele — Rosemary declarou, sentindo as pernas tremerem à medida que a realidade do que poderia acontecer se registrava em sua mente.

— Vamos esperar e ver o que acontece — Oscar sugeriu, antes de lhe dar as costas e se dirigir para o grande curral, situado pouco além do estábulo, onde Tanner cuidava dos novos potros.

— Não irei com ele — Seat declarou, aparecendo na extremidade da varanda, as feições contorcidas pela raiva. — Não importa o que qualquer juiz tenha a dizer, Anna e eu nunca mais voltaremos a viver com nosso pai. Se for preciso, apanharei nossas coisas e fugirei com ela para o oeste.

Rosemary sentiu um aperto no peito, diante da coragem e solidão daquele menino, que era pouco mais que uma criança. Jovem demais para se tornar protetor da irmãzinha, Seat ainda estava na idade de depender de adultos, para receber amor e proteção.

— Não permitirei que nada aconteça a vocês, Seat — Rosemary prometeu.

Seat sentou-se nos degraus e cruzou as pernas sob o corpo.

— Não poderá fazer muita coisa, srta. Rosemary, se papai descobrir o que o juiz disse.

— Vamos esperar e descobrir o que Tanner tem a dizer sobre isso, antes de você fazer seus planos para fugir daqui.

Seat ergueu os olhos com expressão atônita, antes de assentir devagar. Então, voltou a abaixar a cabeça. A visão do garotinho desesperado e determinado a proteger a irmã mais nova a qualquer custo foi mais do que Rosemary podia suportar. Assim, ela abriu a porta de tela e saiu para a varanda.

— Posso me sentar ao seu lado?

Ele deu de ombros, e Rosemary interpretou o pequeno gesto como um sinal de concordância. Sentou-se ao lado dele, cruzando as pernas sob o corpo, exatamente como ele fizera. Com um movimento hesitante, passou um braço em torno dos ombros de Seat, tendo o cuidado de não fazê-lo sentir-se sufocado ou pressionado pela proximidade à qual, evidentemente, não estava acostumado. Porém, não precisou de mais que uns poucos segundos para se dar conta de que suas preocupações não tinham o menor fundamento. Com um soluço abafado, Seat virou-se para fitá-la, sem sequer tentar esconder as lágrimas que já caíam de seus olhos.

— Estou com medo, srta. Rosemary. Se eu fosse sozinho, já teria ido para bem longe daqui há muito tempo, mas não sei se terei capacidade para cuidar de Anna, sem a ajuda de adultos. Gostaria de ser mais velho, para poder conseguir um emprego.

— Ah, Seat... — Rosemary descobriu que não possuía palavras para expressar a compaixão que ameaçava fazer seu peito explodir. Abaixou a cabeça e depositou um beijo cheio de ternura na testa jovem e bronzeada. — Gostaria que sua vida fosse muito diferente, para melhor, é claro. Não confia em Tanner para decidir o que devemos fazer?

Seat sacudiu a cabeça.

— Tanner não poderá fazer nada para nos ajudar, se for levado para a cadeia. E aposto que é exatamente o que vai acontecer, se ele não obedecer as ordens do juiz.

— Por favor, não fuja, Seat. Não agora — Rosemary implorou.

O menino hesitou e, então, inclinando a cabeça a fim de encará-la de frente, assentiu.

— Está bem. Ficarei aqui, por enquanto, mas se meu pai aparecer de novo e tentar nos levar de volta para aquela casa imunda, fugirei, levando Anna comigo, srta. Rosemary.

— Por enquanto, trate de ficar sempre perto de Tanner, ou de Cotton. Certo? Mama Pearl e eu não perderemos Anna de vista, nem por um segundo. Eu prometo.

Seat assentiu e desceu os degraus da varanda, parando para olhar para trás, quando seus pés, agora protegidos por botas de couro, atingiram o chão de terra.

— Ainda não agradei pelas roupas e pelas botas. Estão apertando um pouco os meus dedos, mas Tanner garantiu que vou me acostumar a usá-las. — Estendeu um pé à frente e examinou-o por alguns instantes. — Nunca usei sapatos, antes. Estas botas são bonitas, não acha?

Rosemary limitou-se a assentir, pois o nó em sua garganta a impediu de falar, tamanha era a emoção que as palavras simples do menino lhe provocavam. Observou-o afastar-se, até que ele desaparecesse dentro do estábulo. Só então levantou-se dos degraus, e virou-se para voltar à cozinha.

— Esse menino tem preocupações demais para alguém de tão pouca idade — Mama Pearl comentou da porta. — Entre, menina. Venha vir o que fiz na sala de jantar. Acho que a novidade vai alegrar o seu dia.

Rosemary seguiu a mais velha de bom grado, sentindo-se grata pelas palavras que haviam interrompido seus pensamentos aflitos. Seu pai costumava dizer que era pecado continuar se preocupando depois de haver entregue um problema nas mãos de Deus. E todos os anjos que viviam além daqueles portões dourados certamente sabiam que Rosemary já entregara o destino de Seat e da pequena Anna aos cuidados divinos.

— Minha nossa! — A exclamação de prazer foi espontânea, e ela ficou parada na entrada da sala de jantar.

Mama Pearl havia retirado os lençóis velhos de cima da mobília, afastado as cortinas e aberto as janelas, para que a brisa arejasse o aposento, antes tão sombrio.

Os móveis eram feitos de carvalho entalhado e encerado, digno das melhores

residências construídas na cidade, Rosemary pensou. Com passos lentos, deu a volta na mesa, deslizando os dedos pelos espaldares das cincocadeiras dispostas de cada lado, e mais duas às cabeceiras. Uma vez completo o circuito, virou-se para examinar o longo aparador, seguindo com a ponta dos dedos os desenhos do entalhe delicado e, então, abaixando-se para ver melhor o próprio reflexo no espelho fixado sobre ele. O que viu foi uma moça simples, de faces coradas, cabelos escuros e grandes olhos azuis, obscurecidos por uma sombra de tristeza.

— Não havia me dado conta de que estou tão desgrenhada — comentou com um sorriso maroto para Mama Pearl.

Passou os olhos pelos candelabros de bronze, adornados por pequenos globos de cristal, e pelos lampiões, que refletiam a luz do sol que entrava pelas janelas abertas.

—É lindo — murmurou em tom nostálgico. — Nunca vi peças tão lindas, nem mesmo na sala de estar desta casa.

— O velho Walt Tanner decorou a sala de jantar para a esposa, na esperança de prendê-la aqui, com móveis caros e iluminação colorida — Mama Pearl explicou, franzindo o nariz, como se um odor fétido houvesse alcançado de súbito suas narinas. — Ele deveria ter aprendido que tratar bem uma mulher produz efeito muito melhor do que gastar uma fortuna com ela.

— Ele maltratava a esposa? — Rosemary perguntou, lançando um olhar de soslaio para a porta, temerosa que alguém as ouvisse.

Falar mal de pessoas que já haviam morrido ou que não se encontravam por perto para poderem se defender não era do feitio de Rosemary. Por outro lado, a urgência de saber mais sobre a família de Tanner havia tomado conta dela.

— Se a maltratava? — Mama Pearl repetiu, quase aos berros. — Aquele velho nunca soube o significado da palavra gentileza! Acreditava que, se comprasse coisas caras para ela, a pobre mulher seria feliz. Então, em um belo dia, um caixeiro-viajante apareceu e disse que ela havia nascido para viver em uma das lindas casas construídas em Shreveport, pois era tão linda e elegante... É claro que ela se pôs a refletir sobre isso e, no final, decidiu aceitar a sugestão.

— Tanner disse que, um dia, ela simplesmente foi embora e nunca olhou para trás.

— O que é a mais pura verdade. Na minha opinião, aquele caixeiro-viajante cheio de charme soube como conquistá-la e levou-a embora. Era um homem muito atraente, além de bem-educado e extremamente gentil.

Mama Pearl encerrou tal comentário com um aceno de cabeça, seguido de um

estalar da língua, como se houvesse acabado de saborear um prato particularmente gostoso.

— A senhora não parece reprovar a atitude dela. Afinal, ela deixou o filho para trás — Rosemary protestou.

— Ela sabia que o filho adorava a fazenda e que estava começando a aprender tudo o que seria necessário para administrar os negócios, no futuro. Walt Tanner simplesmente se enterrou atrás daquela escrivaninha que você viu no escritório e deixou Tanner assumir o controle de tudo.

Rosemary sacudiu a cabeça.

— Não creio que eu seria capaz de fazer isso... de partir, deixando tudo para trás, principalmente um filho.

— Ah, não, minha querida! Você jamais faria uma coisa dessas, mas não se esqueça de que recebeu uma educação totalmente diferente daquela que foi dada a Greta Tanner. E, além disso, você tem um marido que a trata com respeito e carinho. Greta vivia escondendo hematomas. Não havia amor dentro de Walt Tanner, para ser dado a ninguém. O casamento daqueles dois foi uma verdadeira catástrofe.

Rosemary ouviu a história contada por Mama Pearl com crescente sentimento de pesar. Lembrou-se das palavras de Tanner, quando voltavam da cidade para casa, na semana anterior. Ele dissera ter aprendido muito cedo a não depender de mais ninguém. E, sem dúvida, também havia aprendido a não confiar em mulher alguma.

E a tarefa de mudar isso cabia exclusivamente a ela, Rosemary.

— Vão construir o teto da nova escola na semana que vem, no sábado — Tipper anunciou.

Segurava a grande travessa de batatas com a mão esquerda enquanto, com a direita, empunhava a colher e servia uma enorme porção no próprio prato. Chegara bem depois dos outros, pois havia se demorado no transporte da lenha que fora buscar na serraria de Edgewood. Agora, contava as novidades que ouvira na cidade.

— Verdade? Já têm o dinheiro necessário para iniciar as obras? — Rosemary perguntou.

— Não vieram me pedir nem um centavo — Tanner replicou, lançando um olhar significativo para Rosemary.

Tipper emitiu um som de contrariedade.

— Pois eu tive de pagar a minha parte, no dia primeiro de agosto. Eles parecem ter contratado algum desocupado só para investigar a vida de todos os solteiros da cidade. Desde que aquele imposto maluco foi aprovado, no ano passado, sinto-me como se as moças solteiras de Edgewood estivessem me avaliando o tempo todo.

— Tem razão. Estou com medo de aparecer por lá, desde a semana passada — Bootie declarou de boca cheia, mas as palavras e o tom de voz em que as pronunciou foram tão amargos que Rosemary preferiu não chamar sua atenção para a falta de boas maneiras.

— Como eles fazem para recolher o dinheiro? — ela perguntou.

Todos começaram a explicar, mas a voz de Tanner dominou o ambiente:

— Deram aos solteiros um ano de prazo para que encontrassem esposas. Esse período se encerrou no dia primeiro de agosto. Se um homem não consegue provar que pediu uma mulher em casamento, ao longo desses doze meses, paga o imposto, que é uma soma bastante significativa.

Observou a expressão de Rosemary enquanto ela assimilava a informação. No momento em que ela ergueu os olhos para fitá-lo, Tanner arrependeu-se de ter sido tão direto e insensível, na escolha que fizera de suas palavras.

— Se eu realmente tivesse recusado o seu pedido de casamento, mesmo assim, você continuaria isento do pagamento do imposto, não é? — Rosemary indagou.

— Eu já estava cansado da vida de solteiro, Rosemary — ele declarou, provocando uma onda de gargalhadas em torno da mesa.

— O patrão jamais teria se casado se a senhora não houvesse aparecido — Cotton afirmou com toda a convicção. — De todos os homens que conheço, Tanner era o último candidato ao casamento.

— Nesse caso, devo concluir que ele teve muita sorte por eu ter entrado em cena, não é mesmo? — Rosemary replicou, baixando os olhos para o prato, onde remexia a comida com o garfo, sem levá-la à boca. —Tenho certeza de que ele está muito feliz por ter se tornado um senhor casado.

O burburinho cessou de súbito, e os homens passaram a comer mais depressa, lançando olhares rápidos para Tanner e Rosemary. Expressões céticas tomaram conta de seus semblantes, geralmente tão bem-humorados. Tanner disse a si mesmo que todos pareciam haver subido em um grande formigueiro e, agora, tentavam desesperadamente encontrar uma saída.

Um a um, foram pedindo licença, obedecendo cegamente ao que Rosemary lhes

ensinara como sendo regras de boas maneiras. E, para cada um que lhe pedia permissão para se retirar, ela assentia, como se fosse a professora, e eles, os alunos. Tanner examinou o terreno com cuidado, assim que o último de seus empregados fechou a porta atrás de si.

— A verdade é que consegui agarrá-la, de um jeito ou de outro — declarou, reclinando-se na cadeira. — Só não faço a menor ideia de como consegui isso.

— Para usar as suas palavras elegantes, sr. Tanner, gostaria de lembrá-lo de que não fui agarrada. Estou apenas muito satisfeita por saber que, ao se casar comigo, o senhor obteve, ao menos, um benefício. Espero que o dinheiro que conseguiu economizar tenha sido uma quantia bastante polpuda.

— Bem, na verdade, foi uma pequena fortuna, uma vez que o imposto para proprietários de terra é bem mais alto.

Rosemary estava conseguindo irritá-lo com aquele queixo empinado, para não mencionar o nariz, ainda mais alto!

— Ora, pense melhor! Se eu houvesse recusado o seu pedido de casamento, você teria se poupado do fardo de ter uma esposa dentro de casa, além das duas crianças que forcei-o a trazer para cá.

Tanner inclinou a cabeça para fitá-la. Ora, era ela quem estava irritada, pensou. Para ser mais preciso, sua esposa estava furiosa. Percebendo que tinha a grande oportunidade de vingança nas mãos, decidiu jogar lenha na fogueira para ver até onde ela iria com a disputa.

— Bem, o fato é, sra. Rosemary, que consegui uma cozinheira e uma governanta, sem ter de pagar um centavo de salário, além de alguns outros benefícios, que acho melhor não mencionar agora. E não estou me queixando de nada disso.

Tanner nunca vira Rosemary mover-se com tamanha rapidez. Em uma fração de segundo, ela estava de pé, afastando-se. Ele se levantou de um pulo e segurou-a pelo braço no momento em que ela alcançava a porta. Então, tomou-a nos braços, apertando-a contra si, e beijou-a com uma explosão de desejo que nem ele mesmo esperara vivenciar. Em poucos segundos, estava tão excitado quanto em sua noite de núpcias!

Nem mesmo os sons abafados dos protestos que Rosemary tentava fazer, enquanto ele matava sua fome mais imediata naqueles lábios doces, generosos e muito, muito tentadores, foram capazes de deter aquela paixão. Ainda assim, gostasse ou não da ideia, tinha uma mulher furiosa a enfrentar.

Descolou os lábios dos dela, oferecendo-lhe uma breve trégua para que ela pudesse ao menos respirar e recuperar o fôlego que ele havia lhe roubado. No entanto, sua

generosidade foi limitada, uma vez que aqueles mesmos lábios deslizaram pela face e pelo pescoço de Rosemary, enquanto murmuravam:

— Trate de se acalmar, querida. Peço desculpas. Eu não deveria ter ido tão longe com minhas provocações, e não posso culpá-la por estar com raiva de mim.

— Ora, estou surpresa com essa demonstração de magnanimidade, Gabe Tanner. Se eu soubesse que a recusa irredutível ao seu pedido de casamento teria sido tão lucrativa para você, eu teria feito tudo de maneira completamente diferente.

O abraço dele tornou-se mais terno e suave, as mãos deslizando em carícias delicadas pelas costas dela.

— Está falando a sério? — ele indagou em um sussurro. — E onde você estaria agora, Rosie?

Rosemary baixou os olhos, desviando-os dos dele, e ela sacudiu a cabeça.

— Essa é a parte triste da nossa história. Não faço a menor ideia do que eu poderia ter feito.

— Bem, para falar a verdade, estou contente que tenha vindo para cá, e mais feliz ainda por você ter se casado comigo, querida. — Afastou-se um pouco, sem deixar de abraçá-la, e fitou-a nos olhos. — Você conseguiu penetrar minhas barreiras, como nunca antes ninguém foi capaz de fazer. E, por isso, eu a admiro e respeito, minha poderosa sra. Tanner.

De dentro da despensa, a voz de Mama Pearl, soando açucarada e zombeteira, misturou-se ao ruído infernal de panelas sendo batidas umas contra as outras:

— Vocês dois já terminaram de brigar? Tenho muito o que fazer nessa cozinha!

Tanner soltou uma gargalhada.

— Pode voltar aos seus domínios, Mama Pearl. Tivemos uma pequena discussão, mas creio que já está tudo sob controle.

Rosemary afastou-se dele alguns passos e ergueu as mãos para ajeitar os cabelos. O que foi um esforço vão, uma vez que as carícias de Tanner haviam arruinado o coque cuidadosamente preso atrás da nuca que, agora, desfazia-se em mechas desgrenhadas, que caíam sobre os ombros dela.

— Já lhe disse que prefiro os seus cabelos soltos, minha querida — ele murmurou com um sorriso, enroscando os dedos nos grampos que haviam falhado em manter os cabelos de Rosemary presos.

E conseguiu retirar quatro ou cinco deles antes que ela batesse com um dos pés no

chão, emitindo um som de irritação. Tarde demais para protestos. Agora, seus cabelos caíam em cascata até o meio das costas, totalmente livres.

— Vou ter de me pentear de novo — ela se queixou, estendendo a mão a fim de receber seus grampos de volta.

Tanner inclinou-se para sussurrar ao seu ouvido:

— Suba comigo e prometo ajudá-la com o penteado. O olhar de desdém que ela lhe lançou foi impagável, ele pensou, observando-a sacudir a cabeça com veemência.

— Não creio que essa seja uma boa ideia — Rosemary decretou. — Posso me pentear aqui mesmo, sem a ajuda de ninguém.

Tanner suspirou, emitindo um som exagerado que quase fez Rosemary sorrir. Os lábios dela tremeram, seus olhos brilharam e ele se deu por satisfeito. Então, depositou os grampos na mão que ela mantinha estendida, fechando-lhe os dedos com um gesto delicado.

Enquanto se afastava, chegou à conclusão de que a noite demoraria um bocado a chegar. A semana que havia se passado desde sua noite de núpcias fora longa, muito longa.

CAPÍTULO XII

Haviam se deitado no escuro, durante toda a última semana. Rosemary dormira todas as noites com sua camisola branca comprida. A explicação hesitante e gaguejada sobre os problemas mensais femininos havia sido extremamente embaraçosa para ela, e Tanner fizera o possível para se mostrar compreensivo, uma tarefa um tanto difícil para um homem recém-casado.

Naquela noite, porém, a situação parecia ser inteiramente diferente. Tanner conseguira convencer Rosemary a deixar uma única e longa vela acesa, tão longe da cama quanto ela foi capaz de deixar. Rosemary a depositara sobre a pia, atrás do biombo, e então lançara um olhar cheio de dúvidas para o marido, quando ele afastara o biombo, dobrando-o até perto da parede.

Ao que parecia, Rosemary estava disposta a agir como esposa obediente, mas

somente até onde seus pudores lhe permitissem. Tanner havia imaginado que ela já conseguira superar a dificuldade inicial, mas lá estava ela, sentada na beirada da cama, vestindo a camisola branca, como se estivesse considerando o próximo passo a tomar.

No que dependesse dele, pensou com um sorriso maroto, o próximo passo seria deitarem-se no colchão macio, bem juntinhos. Depois de se despir quase completamente, deixando sobre o corpo apenas o essencial, a fim de poupar as sensibilidades da esposa, Tanner observou-a em silêncio. Calculou que, se agisse com precisão, conseguiria estar debaixo dos lençóis antes que sua ceroula atingisse o chão. Assim, enfiou os polegares no cóis da peça íntima e, com movimentos rápidos, livrou-se dela.

Rosemary espiou por cima do ombro, perdendo o equilíbrio quando o colchão recebeu o peso de seu marido. Teve um vislumbre do peito largo, encontrando tempo para focalizar a atenção no triângulo escuro dos pêlos negros que cobriam a região central. Incapaz de resistir ao impulso, ela lançou um olhar rápido por todo o corpo de Tanner, e ele teve de se esforçar para conter uma risada.

Não foi difícil concluir que rumo os pensamentos dela haviam tomado, na tentativa de adivinhar o que ele vestia por baixo do lençol e, ao mesmo tempo, com medo de descobrir. Ele ergueu uma das mãos para puxá-la delicadamente para si. Rosemary pousou os dedos frios na mão dele.

— Está gelada, Rosie. Venha cá e deixe-me aquecê-la.

Embora pronunciasse tais palavras com ternura, Tanner perguntou-se como ela poderia precisar ser aquecida, em uma cálida noite de verão como aquela. Ao sentir os dedos dela tremerem, ele os apertou, na tentativa de acalmá-la.

Rosemary estava assustada. Bem, talvez "assustada" não fosse a palavra correta para descrever seus sentimentos, mas de uma coisa não restava dúvida: ela estava muito nervosa. Tanner havia esperado... Bem, agora, nada disso importava.

Ela girou o corpo, a fim de deitar-se, e deslizou os pés para debaixo das cobertas, até que tocassem os dele. Então, pousou a cabeça exatamente no centro do travesseiro. Puxou o lençol até o queixo e, desta vez, Tanner não foi capaz de conter um suspiro.

— O que foi? Algo errado? — ela perguntou de pronto, virando-se para fitá-lo com expressão cautelosa.

— Não quero que se preocupe com o que vai acontecer, esta noite — Tanner murmurou com voz calma e tranquila. — Achei que havíamos superado isso, na semana passada.

E, naquela noite, havia acalentado esperanças de fazer amor com toda a liberdade.

— Não estou preocupada — ela negou, antes de desviar os olhos dos dele. — A verdade é que não gosto do quarto tão iluminado.

E Tanner gostaria de acender um lampião bem acima da cama!

— Deve estar me achando uma grande tola — Rosemary murmurou, franzindo o cenho em uma expressão inegável da tensão que tomara conta dela.

Tanner daria tudo para poder fazê-la relaxar por completo. Erguendo-se sobre um cotovelo, ele passou um dedo pelas rugas formadas pela preocupação, tentando desfazê-las.

— Não. Acho você uma porção de outras coisas. Bonita... Os lábios de Rosemary se comprimiram, e ela emitiu um som impaciente. Então, ela passou a língua pelos lábios, cujas linhas começavam a suavizar. Tanner observou o gesto com profunda admiração.

— Acha que sou bonita?

Os olhos azuis voltaram a se fixar nos dele, bem menos aflitos, agora.

— Muito bonita, além de várias outras coisas. O que estou tentando dizer é que existem muitas mulheres bonitas, no Texas. Prefiro ter uma esposa honesta, capaz e carinhosa, todos os dias da semana.

— Possuir essas qualidades é mais importante do que ser bonita? — Rosemary indagou, parecendo estar em dúvida quanto à sinceridade de tal afirmação. — Os homens gostam de mulheres bonitas. Não que eu me considere... bonita.

Tanner continuou a afagar-lhe a pele acetinada, notando com satisfação que as linhas de tensão haviam desaparecido por completo. As faces de Rosemary eram bem traçadas e coradas, suas orelhas, delicadas. E havia o pescoço... simplesmente tentador. Deslizou os dedos até aquele ponto, já familiar, logo abaixo da orelha, onde uma veia pulsava, proporcionando-lhe a deliciosa experiência de sentir quando o coração dela acelerava suas batidas. Em seguida, substituiu os dedos pelos lábios.

— Acho você a coisinha mais linda que já vi, sra. Rosemary. — Ergueu a cabeça e fitou-a nos olhos. — Já vi coisas muito bonitas, como éguas de raça, potros recém-nascidos e, claro, o sol nascendo no leste. — Desviou o olhar, sentindo-se um pouco tolo, como se suas palavras o expusessem ao ridículo, mas então, decidiu ir adiante: — Bem, você é muito mais bonita do que tudo isso, querida. Você brilha como uma moeda nova e, cada vez que olho para seus cabelos, tenho vontade de me envolver neles.

— Como uma moeda nova? — Rosemary repetiu, incapaz de conter um sorriso, ou de esconder o brilho maroto que iluminou seu olhar. — Creio que uma sacola cheia de moedas seria muito mais bonita, sr. Tanner. Uma só não é tanto.

Ora, ela o estava provocando! Tanner sorriu.

— Acredite, Rosie, você vale muito. — Tomou-a nos braços e apertou-a contra si. — Não está com medo, está?

Só depois de falar, ele se deu conta de que não fizera uma pergunta, mas sim, uma afirmação convicta. O olhar apreensivo fora substituído por outro, divertido e ligeiramente malicioso, o que provocou nele um sentimento de profunda satisfação.

Rosemary ergueu um braço e passou-o em torno do pescoço do marido.

— Fiquei um pouco preocupada, a princípio... esta noite.

— Verdade? — Tanner murmurou, deliciando-se com o rubor que tomou conta das faces dela. — Por quê?

— Estive pensando sobre a nossa primeira... e última noite, e fiquei me perguntando se não teria sido ousada demais. E, também, não estou certa de que fui o que você esperava. Quase perguntei a Mama Pearl...

— Ah, não faça isso! — ele a interrompeu. — Quando quiser saber qualquer coisa, pergunte a mim.

A ideia do olhar fulminante que Mama Pearl lhe dirigiria não era nada agradável. A mulher seria capaz de esfolá-lo vivo se imaginasse, por um segundo que fosse, que ele fizesse algum mal à sua protegida.

— Bem, não tive coragem de falar com ela a respeito — Rosemary admitiu.

— Pergunte-me, então. O que você quer saber? — Tanner ofereceu, já inclinando a cabeça para beijá-la, e aprovando o sabor de hortelã daquela boca generosa.

— Eu só queria saber se fiz o que deveria fazer, se foi o que você esperava. Estou me referindo à nossa última vez.

— E como Mama Pearl poderia ter respondido a essa pergunta? — ele inquiriu, mal conseguindo conter uma gargalhada bem-humorada.

— Foi por isso que não perguntei a ela.

— Bem, creio que posso não só responder, como deixar a sua consciência tranquila, minha querida. — Com gestos suaves e cuidadosos, Tanner foi baixando o lençol, até que todos os botões da camisola de Rosemary se encontrassem expostos. — Você foi ótima... melhor que ótima. Você foi... — hesitou por um momento, pois não conseguia encontrar as palavras certas para expressar o que realmente sentia. — Eu já lhe disse que é bonita, não disse? — Ela assentiu, ansiosa para que ele continuasse.

— Pois bem, naquela noite, você foi ainda mais bonita. Não estou me referindo aos

seus traços e cabelos, mas sim à beleza que uma mulher recém-casada deve ter, Rosie. É difícil explicar, mas você me fez pensar em botões desabrochando, na brisa da primavera... e em inocência. Sim, você foi inocente.

— E agora? Não sou mais inocente, sou? O sorriso dele tornou-se mais largo.

— Ah, sim, você é! Trata-se de uma inocência diferente da que tinha antes. Agora, você já sabe o que esperar, e tenho certeza de que não está com medo das minhas carícias. Seus olhos brilham e você está... Ora, você está maravilhosa!

Sem medo das carícias dele. Seus seios já ansiavam pelas mãos grandes e quentes a tocá-los, os mamilos rijos, parecendo tentar romper a barreira imposta pela camisola. E Tanner acreditava que ela estivesse hesitante!

Se ele apagasse a vela, Rosemary não demoraria um segundo para livrar-se da camisola. Com o quarto iluminado, porém, sua coragem lhe falhava.

— Rosie...

Tanner inclinou-se para beijá-la mais uma vez, e ela não impôs a menor resistência, entreabrindo os lábios para recebê-lo com prazer.

Já nem se importava que ele a chamasse de Rosie. O apelido soava doce quando pronunciado por Tanner, naquele sussurro sedutor. Em meio aos beijos, cada vez mais ardentes e apaixonados, Rosemary deu-se conta de que ele abria os botões de sua camisola, para então pousar a mão sobre um de seus seios, pressionando-o de maneira gentil e sedutora.

A expectativa a mantivera tensa desde o anoitecer, a lembrança da noite de núpcias muito viva em sua memória, trazendo à tona cenas e detalhes, até que todo o seu corpo vibrasse com a lembrança do prazer que ela jamais havia imaginado existir, antes.

Tanner havia virado uma página que Rosemary acreditara que nunca leria. E, com isso, mudara a vida dela muito além do que ela poderia ter esperado. Ele dera vida a uma parte dela que, havia muito tempo, ansiava por descobrir os segredos do casamento, as alegrias de saber que um homem e uma mulher podiam procurar e encontrar a felicidade, juntos.

Tudo isso lhe parecera estar muito longe de seu alcance. Antes de Tanner se tornar seu marido.

Assim, mesclados ao desejo de que a noite não demorasse a cair, para envolvê-los em sua aura de tentação, havia outros pensamentos. E esses pensamentos haviam tornado os movimentos dela hesitantes, enquanto se preparava para dormir. Rosemary tivera uma longa semana para considerá-los. Ocorreu-lhe que, talvez, houvesse se mostrado ousada

demais, ansiosa demais. Talvez não houvesse sido reticente como deveria, como seria de se esperar de uma noiva virgem.

Suas dúvidas quase a haviam levado a se abrir com Mama Pearl, mas agora, Rosemary sentia-se satisfeita por não ter tocado no assunto com a mulher mais velha. Ao se deitar, fora tomada pelo nervosismo, ao pensar na vela acesa, do outro lado do quarto. Agora, o brilho da chama se refletia nos olhos de Tanner, e ela se deixou envolver pela tempestade provocada pela paixão dele, por seus lábios e mãos carinhosas, que faziam sua pele arder de desejo.

Tanner era um homem forte, e Rosemary entregou-se à sensação de proteção que ele lhe proporcionava, mesmo quando a despia. Por um breve instante, ela ergueu as mãos, vítima dos resquícios da necessidade de esconder o corpo, mas ele as segurou, tornando-as cativas. Presas ao lado de seu corpo, elas se viraram, para que seus dedos se enroscassem nos dele. E, então, Rosemary esperou.

Deu-se conta de que saber o que estava prestes a acontecer era ainda mais excitante. Estar consciente do poder da virilidade de Tanner fez com que seu corpo ficasse em chamas, enquanto ela apreciava os ombros largos e toda a extensão do corpo que cobria o seu.

Tanner balbuciou frases soltas, parecendo não precisar ouvir nenhuma resposta. O que era bom, pois Rosemary havia perdido de vez a capacidade de falar. Totalmente imersa na sensação maravilhosa de ter a pele nua colada à dele, as pernas enlaçadas em outras, mais longas e fortes, os músculos firmes e poderosos sob suas mãos, ela se entregou com abandono à dádiva de ser mulher.

Não existiam outras palavras capazes de descrever o prazer que Tanner lhe proporcionava. Dádiva. Desde o momento em que ele a penetrou, até os gemidos finais, abafados contra o ombro dele, Rosemary foi transportada para um mundo habitado somente por eles dois.

"... marido e mulher devem caminhar juntos... e os dois se tornarão um só."

As palavras varreram a mente de Rosemary, cada sílaba trazendo consigo um sentimento doce e majestoso, lembrando as passagens da Bíblia que narravam a criação do mundo.

Naquela noite, ela pensou, transbordando de felicidade, Gabriel Tanner desvendara diante dos olhos dela o grande mistério da vida e do amor.

O sábado amanheceu claro e ensolarado, e uma reunião ruidosa tomou conta do quintal da casa de Tanner. Seus empregados esperavam pelo café da manhã, limpos e bar-

beados, as ferramentas organizadamente dispostas na carroça, as tarefas do amanhecer já cumpridas.

Os sons produzidos pela alegria daqueles homens invadiram a cozinha, e Rosemary foi até a porta e ficou ali parada, com um sorriso largo, provocado pelas gargalhadas sonoras que enchiam o ar. Uma brisa fresca soprava, e ela estremeceu e passou os braços em torno do corpo.

— Está com frio? — Tanner perguntou, bem atrás dela. Rosemary sacudiu a cabeça, esfregando as mãos, uma na outra.

— Não, foi apenas a brisa que me fez estremecer. Ao que parece, o outono não vai demorar a chegar.

— Tem razão. Já sinto o cheiro dele no ar — ele concordou, colando o corpo ao dela, em toda a sua extensão.

Ao sentir o calor do peito de Tanner contra seus ombros, Rosemary apoiou-se nele, deliciando-se com a confiança que ele lhe transmitia. Não havia como se reprimir, perto dele, mesmo que houvesse alguém por perto. E, quando ele a tocava, como fazia naquele momento, com os braços firmemente posicionados em torno de sua cintura, os dedos enroscados nos dela, Tanner o fazia com ternura e carinho.

— Acha que haverá muita gente, na nova escola? — Rosemary perguntou.

Ele assentiu, aproveitando o movimento para enterrar o rosto nos cabelos dela.

— Espero que sim. A esta altura, quase todos já cortaram o feno. As colheitas, em sua maioria, também já chegaram ao final. Não há muito o que fazer, em uma fazenda, nesta época, exceto pelo gado de corte.

— Quando isso será feito aqui? — Rosemary indagou, franzindo o nariz diante da ideia desagradável.

— Dentro de duas semanas. Mataremos dois porcos e defumaremos a carne, para comermos no inverno. Não costumo matar os bois antes da hora. Fazemos isso de acordo com a necessidade.

— Vou ter de ajudar em alguma coisa? — Provavelmente, o tom de voz de Rosemary traiu seus pensamentos aflitos, pois Tanner soltou uma sonora gargalhada e apertou-a nos braços.

— Não. Se quiser, poderá moer parte da carne e cozinhá-la, para prepararmos as linguiças. Mama Pearl saberá o que fazer. Basta prestar atenção nela e vai se sair muito bem.

O suspiro de Rosemary foi profundo e expressivo.

— Não sou grande coisa como esposa de fazendeiro, não acha?

Os dedos de Tanner apertaram os dela com força.

— Não tenho do que me queixar, sra. Tanner.

— O que acham de tocar o sino? — Mama Pearl gritou da despensa.

Rosemary virou-se em tempo de vê-la entrar na cozinha e depositar a manteiga e a geléia na mesa.

— Faça isso, Tanner — Rosemary falou depressa. — Preciso ajudar a arrumar a mesa.

Ele assentiu e saiu para a varanda. Poucos minutos depois, a cozinha mais parecia uma festa, com os homens conversando e rindo, depois de terem tomado seus lugares à mesa. Sentado em um dos longos bancos de madeira, Seat foi alvo de cutucões e zombarias bem-humoradas, parecendo não se incomodar e até se divertir com as brincadeiras. Anna sentou, muito quieta, na cadeira ao lado da de Rosemary, e limitou-se a observar, de olhos arregalados, enquanto os homens se preparavam para comer.

Quando Tanner se levantou, o barulho diminuiu, e só cessou por completo quando ele limpou a garganta ruidosamente. As palavras de agradecimento, assim como o pedido de bênção que ele pronunciou, haviam se tornado familiares aos ouvidos de Rosemary, e ela desfrutou daquele prazer simples e inocente. A cadeira dele arranhou o chão quando ele voltou a se sentar, e as vozes voltaram a se erguer.

Anna inclinou-se para Rosemary, usando uma das mãos para cobrir os lábios, antes de sussurrar:

— Com quem ele estava falando, srta. Rosemary? Ele sempre faz isso, toda vez que comemos, mas nunca consigo descobrir para quem ele está dizendo aquelas palavras.

Rosemary fechou os olhos. Ora, certamente, a menina já ouvira falar de... Não. Aparentemente, não. Voltou a abrir os olhos e abaixou-se, a fim de responder também com um sussurro:

— Ele agradeceu e pediu uma bênção para a nossa comida. Devemos nos sentir gratos por fazermos refeições tão maravilhosas e, por isso, ele agradeceu a Deus.

— Ouvi meu pai falar com Deus, algumas vezes. Quando ele ficava zangado, gritava "Deus" a toda hora.

Rosemary teve de conter uma reação negativa.

— Não creio que seja a mesma coisa, Anna. Mais tarde, conversaremos sobre isso.

Vou tentar lhe explicar.

— Já participou da construção de um edifício, sra. Rosemary? — Tipper perguntou, desviando a atenção dela.

Rosemary ergueu os olhos e sorriu, ao notar o entusiasmo do rapaz.

— Não. Nunca tive a oportunidade.

Bootie ergueu o garfo no ar.

— Vai ter de torcer por nós, senhora. Faremos parte da turma que vai erguer a parede a oeste, para a nova escola.

Tanner interrompeu, a fim de explicar o que aconteceria:

— Os homens escolhem com que turma vão trabalhar e, então, há uma disputa para ver quem consegue erguer a parede primeiro. No caso da escola, deve ser mais fácil do que construir um estábulo. Trata-se do mesmo tipo de edifício, só que bem menor.

Os vencedores ganham algum prêmio? — Rosemary perguntou.

Cotton riu.

— Ah, sim! Todas as mulheres têm de dançar com os vencedores. Geralmente, não há mulheres suficientes para todos, sra. Rosemary. Por isso, os vencedores têm prioridade na escolha de suas parceiras, quando os violinos começam a tocar.

— Eu não sabia que há escassez de mulheres, em Edgewood — ela comentou.

— Bem, de minha parte, fiz um grande esforço para encontrar uma que já não estivesse comprometida e que não apresentasse a ameaça de aceitar um pedido de casamento, no mês passado — Cotton confessou.

— Acho que foi por isso que o imposto para solteiros levantou fundos suficientes para a construção da nova escola — Tipper concluiu em tom sombrio. — Custou bem caro continuar solteiro por mais um ano.

— Talvez o imposto seja cancelado, agora que o problema da escola já foi resolvido — Bootie falou, esperançoso.

— Tarde demais para nosso patrão — Tipper declarou, fitando Tanner pelo canto do olho, antes de levar mais uma garfada à boca. — Não que eu o tenha ouvido se queixar.

Cotton limpou a garganta.

— É melhor ocupar essa sua boca com a comida, rapaz. As palavras que estão saindo dela vão acabar metendo você em uma grande encrenca, se não tiver cuidado.

Tanner franziu o cenho, observando o jovem caubói.

— Acha que tenho motivos para me queixar, garoto? Tipper mastigou depressa, sacudindo a cabeça com vigor.

— Não, senhor. De jeito nenhum. Eu estava apenas brincando, patrão.

Os olhos de Tanner circundaram a mesa, pousando em cada um dos homens sentados ali, até finalmente fixarem-se em Seat.

— E você, menino? Tem algo a dizer?

Seat empinou o queixo em uma atitude de desafio.

— Eu diria que qualquer homem que se casasse com a srta. Rosemary seria um camarada de muita sorte... senhor.

Tanner assentiu com ar solene.

— Devo dizer que concordo plenamente com suas palavras -declarou, estreitando os olhos e virando-se para Rosemary.

Ela se sentiu esaludar pelo olhar intenso, e suas faces adquiriram uma tonalidade escarlate, devido ao excesso de atenção que recebia.

Levantou-se rapidamente.

— Vocês todos deveriam cuidar de suas próprias vidas e tomar o café da manhã. Vou tirar a mesa dentro de cinco minutos.

Mantendo a cabeça erguida, virou-se para se afastar da mesa.

Como Tanner conseguiu alcançá-la com tamanha rapidez foi um mistério, mas Rosemary não teve a menor dúvida de que as mãos que a agarraram pela cintura eram dele.

— Está vermelha como um pimentão, querida — ele sussurrou ao seu ouvido, antes de esfregar o rosto contra seu pescoço. — E muito quente, também.

Rosemary estremeceu e sacudiu a cabeça, furiosa por ele ser capaz de rir, ao mesmo tempo que usava o corpo para escondê-la dos homens ainda sentados à mesa. Por mais estranho que fosse, sentia-se protegida, mesmo tendo de agarrar-se ao balcão para manter o equilíbrio, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Atrás dela, cadeiras se arrastaram no chão, e as vozes foram se dissipando à medida que a porta de tela abria e fechava, dando passagem aos homens que deixavam a cozinha e saíam para o quintal.

Somente os murmúrios suaves de Mama Pearl, que falava com Anna, permaneceram. Então, o riso da menina tomou conta do ambiente, chamando a atenção de Rosemary, que apoiou a cabeça no ombro de Tanner.

— Valeu a pena ter se casado comigo? Economizou o bastante para justificar a perda da vida de solteiro, além de ter de aceitar tudo o que eu trouxe comigo?

Os braços dele a envolveram, e a voz profunda soou suave em seus ouvidos:

— Ah, valeu, sim. Valeu a pena tudo isso e muito mais. — Virou-a em seus braços e forçou-a a erguer os olhos para fitá-lo. — Paguei o imposto, assim mesmo, querida. Meus empregados não precisam saber, mas eu queria ver essa escola pronta, e o dinheiro ainda não era suficiente. Quando soube, fui até o escritório do prefeito e doei o que faltava para comprar as janelas e o assoalho.

Rosemary esforçou-se para conter as lágrimas, e Tanner decidiu que nunca a vira mais linda. Os olhos úmidos, as faces coradas, mechas encaracoladas soltando-se da trança que ela fizera às pressas... Definitivamente, ao menos para ele, ali estava a essência da beleza. Ela franziu o cenho e comprimiu os lábios, como se tentasse solucionar um grande mistério. Tanner não resistiu e caiu na risada.

— Por quê? — ela perguntou, afinal. — Por que pagar o imposto e também casar-se comigo? Se ia gastar o dinheiro na construção da escola, de qualquer maneira, não precisava...

Ele a fez calar, pousando um dedo sobre seus lábios.

— Talvez eu tenha passado a me sentir de maneira diferente com relação a tudo isso, depois que você veio morar aqui. Talvez eu não quisesse que você passasse o resto da vida acreditando que me casei com você somente para economizar o dinheiro do imposto.

Rosemary piscou, e uma lágrima solitária rolou por sua face. Tanner secou-a com a ponta de um dedo e, então, tocou-lhe de leve o canto da boca.

— Não vai sorrir para mim, querida?

Os lábios de Rosemary tremeram, e ele não resistiu à tentação. Abaixou a cabeça e beijou-a, deleitando-se ao sentir que ela suspirava, pois o som trouxe consigo a lembrança do que acontecera naquela manhã.

Quando o primeiro pássaro anunciara a chegada do sol, Rosemary havia murmurado seu nome, envolta por seus braços, ainda ofegante da paixão que haviam acabado de partilhar. E ao ouvir aquele som, Tanner fora invadido por uma felicidade intensa, que ele nunca imaginara que pudesse sentir. Agora, ao erguer a cabeça para fitá-la, deparava-se com os lábios generosos, úmidos pelos seus beijos. Os olhos azuis permaneceram entreabertos, turvados pelo desejo que ele sabia ser capaz de despertar nela. Então, do fundo de seu coração, Tanner voltou a sentir aquela mesma felicidade, nunca antes sequer sonhada, mas que já começava a se tornar familiar.

— Não sei quais são as palavras certas, Rosie — ele murmurou. — Nunca acreditei no amor entre um homem e uma mulher, ao menos, até agora. Eu nunca disse essa palavra em voz alta, antes, mas estou dizendo agora.

— Você me ama? — Rosemary perguntou, cheia de esperanças e, ao mesmo tempo, não querendo criar ilusões. — Não diga que me ama se não tiver certeza.

Mordeu o lábio e, no mesmo instante, Tanner sacudiu a cabeça e pousou um dedo em sua boca.

— Você só faz isso quando está confusa, querida — disse com ternura. — E não há nada com o que se preocupar, esta manhã. Talvez eu nunca venha a ter essa certeza, mas sei que estou tão certo quanto um homem poderia estar, Rosie. Casei-me com você porque queria, não porque precisava. Recebi essas duas crianças em nossa casa porque era essa a atitude correta a tomar, e não para poder levá-la para a cama.

Ela sorriu, os olhos voltando a se encherem de lágrimas. Então, colocou-se nas pontas dos pés e tocou os lábios dele com os seus, depositando neles muitos beijos, como se fossem numerosos tributos, como se não pudesse permanecer mais que um segundo unida a ele, de cada vez. Seus dedos enroscaram-se nos cabelos dele a fim de puxar-lhe a cabeça para baixo, virando-a para um lado e para o outro, enquanto seus lábios continuavam a distribuir sua recompensa pelas faces, queixo e testa de Tanner.

— Amo você, Gabriel Tanner — sussurrou, pressionando o corpo ao dele com firmeza.

Ele a tomou nos braços e, suspendendo-a do chão, apertou-a contra si com força, até que o rosto dela estivesse enterrado em seu pescoço e ele pudesse sentir-lhe o hálito quente contra a pele, enquanto ela murmurava repetidas vezes:

— Eu te amo... eu te amo...

Um suspiro tão profundo que pareceu ter nascido nas profundezas da alma de Rosemary vibrou contra o pescoço de Tanner, e ele a sentiu relaxar e estremecer, tomada de uma emoção que ele reconheceu de pronto.

O impulso de carregá-la até o quarto e atirá-la na cama, onde os lençóis ainda guardavam o odor do amor que haviam feito pela manhã, foi tão imenso que Tanner teve de fazer um esforço brutal para conter a tentação. Aquele seria mais um dia muito, muito longo.

— Rosemary? — falou, colocando-a lentamente de volta no chão. — Está na hora de irmos embora.

Ao olhar para a porta, Tanner deparou-se com o turbante colorido de Mama Pearl, e

ele sustentou o olhar da mulher com tranquilidade.

— Vocês dois já acabaram com os namoricos matinais? — ela perguntou. — Precisamos arrumar a cozinha e preparar o piquenique, sra. Rosemary.

— Sim, claro.

As pernas de Rosemary recuperaram sua força original quando ela se afastou de Tanner, e ele lamentou a perda do contato tão íntimo que haviam partilhado durante aqueles breves instantes. Corada até a raiz dos cabelos, ela lhe lançou um olhar de súplica.

— É melhor você sair, agora — declarou com firmeza, deixando que um leve toque de humor suavizasse suas palavras — a menos que esteja disposto a lavar a louça do café da manhã.

— Não, senhora. Não me sinto disposto a realizar esse tipo de tarefa, no momento — ele declarou com ênfase, afastando-se dela. — Preciso acabar de carregar a carroça e há um garoto lá fora, firmemente determinado a ajudar a erguer paredes, hoje. Não sei o que vai ser mais difícil de resolver.

Tanner atravessou a cozinha com meia dúzia de passadas largas, cruzou a varanda com velocidade ainda maior e desceu os degraus para o quintal, antes que a porta de tela batesse atrás dele. O ardor que tomara conta de suas virilhas começava a se dissipar, enquanto sua mente se ocupava com os eventos que preencheriam o seu dia. Satisfeito, Tanner continuou caminhando, os lábios curvados em um sorriso largo.

Aquela mulher era mesmo um problema, mas ela era o "seu" problema. Além disso, era totalmente diferente de todas as outras que ele havia conhecido antes. Rosemary seria fiel e honesta, e ele estava disposto a apostar que ela ficaria ao seu lado pelo resto da vida. A imagem de sua mãe se dissipava rapidamente, a lembrança dela se afastando da casa estava se transformando em uma visão apagada, capaz de provocar apenas um breve instante de dor.

Anos antes, Tanner prometera a si mesmo nunca se tornar igual ao pai, que se agarrara a uma garrafa de uísque. E Rosemary trouxera a esperança de uma vida cheia de alegrias e realizações. Ela não tinha nada em comum com a mulher que fora embora quando a situação fugira ao seu controle.

O sol já estava alto no céu quando seus cavalos maiores e mais fortes puseram a carroça em movimento. Cotton segurava as rédeas, enquanto os demais empregados o acompanhavam, montados em cavalos dignos de uma exposição. Todos levavam uma camisa limpa presa à cela, preparados para o baile que ocorreria no final do dia.

Rosemary conduzia a charrete, com Anna sentada ao seu lado e Mama Pearl na

outra extremidade do banco. Tanner cavalgava logo atrás, os olhos fixos em Seat, que montava um potro, seguindo ao lado da charrete a fim de manter a irmã sob suas vistas.

O dia prometia ser lindo.

CAPÍTULO XIII

A parede do lado oeste ficou pronta primeiro, dez homens aplaudiram o resultado dos próprios esforços. Rosemary bateu palmas até que suas mãos ficassem vermelhas e seu rosto começasse a doer, de tanto sorrir.

Todos os moradores da cidade haviam comparecido ao evento, em grande estilo. Até mesmo o proprietário do hotel, Samuel Westcott, chegara com uma carroça lotada de mesas e cadeiras, que foram dispostas à sombra das árvores. Inúmeras cestas, todas cheias de comida, foram colocadas sobre longas mesas, armadas sobre cavaletes de madeira. O sol já atingia o centro do céu do fim de verão quando as mulheres começaram a esvaziar as cestas e distribuir pratos e travessas pelas mesas improvisadas. O riso e as vozes alegres enchiam o ar, enquanto elas se ocupavam de preparar a refeição para os homens que trabalhavam sem trégua.

Seat foi designado para bombear a água de que os homens precisavam para se lavar. Eles tinham os rostos vermelhos pelas longas horas de exposição ao sol, e os braços e mãos encontravam-se totalmente cobertos por pó de serragem. Duas meninas empunhavam escovas e limpavam a serragem das calças dos trabalhadores, ao longo da fila que eles formaram para se lavar. Uma confusão alegre e bem-humorada se fez, quando os homens mais jovens escolheram parceiras para partilhar com eles o almoço. Rosemary nunca vira antes tanta gente reunida em um mesmo lugar, todas com o mesmo propósito. As quatro paredes já haviam sido erguidas e presas e, agora, esperavam apenas pelo telhado. Tanner parou diante dela, com as mãos na cintura e um largo sorriso nos lábios.

— Vencemos o concurso — ele se vangloriou. — Terei prioridade na escolha da

minha parceira, para o baile do final do dia.

— Quem vai escolher? — Rosemary perguntou, inclinando a cabeça para o lado e erguendo as sobrancelhas, em uma atitude de falsa inocência.

— Prometo que será a primeira a saber, sra. Tanner — ele respondeu, antes de indicar com um gesto de cabeça o local protegido pela sombra dos carvalhos, onde mesas e cadeiras já estavam sendo tomadas. — Vamos. Estendi um cobertor para nós.

— Não peguei prato para mim — ela disse. — Vou esperar até que os homens estejam todos servidos.

— Pus comida suficiente para nós dois, em meu prato — Tanner explicou.

— Vá em frente, querida — Bernice Comstock, que se encontrava a poucos passos de distância, incentivou-a.

— Não é todo dia que um homem atraente nos faz uma proposta como essa.

Com um rápido agradecimento para a outra mulher, Rosemary escapou de seu posto sem perder tempo e seguiu os passos de Tanner. Olhou em volta, à procura de Seat e Anna, e descobriu que os dois estavam na fila para apanhar comida, logo atrás do último homem.

— Eles estão bem — Tanner falou, notando a direção em que ela olhava. — Estão se divertindo como nunca se divertiram antes.

— Eu sei.

Rosemary acomodou-se no cobertor e estendeu as mãos para apanhar o prato. Tanner entregou-o a ela e, então, sentou-se ao seu lado.

— Sou um trabalhador exaurido, extremamente necessitado de alimento — queixou-se com exagero teatral, apoiando-se em um cotovelo e tirando o chapéu.

— A comida está deliciosa — Rosemary comentou, saboreando um pedaço de carne assada.

— Parece mesmo muito boa — Tanner opinou, aproximando-se dela.

Rosemary espetou um pedaço e ofereceu-o a ele. Ele aceitou, aproveitando para lamber o garfo, depois de abocanhar a carne.

— Posso sentir o sabor de minha esposa neste garfo — murmurou baixinho.

Ela sorriu, oferecendo-lhe mais carne e feijão cozido com presunto. A garfada seguinte foi para ela mesma. Então, Rosemary apanhou uma coxa de frango e deu-a a Tanner.

— Divirta-se com isso por alguns instantes. É toda sua. Não dei nenhuma mordida.

Os dentes brancos e fortes acataram a sugestão e, enquanto mastigava com vigor, Tanner ergueu os olhos para Seat, que se dirigia para a sombra das árvores.

— Seat! Venha cá por um instante!

O garoto assentiu e seguiu naquela direção, equilibrando com cuidado o prato de comida em uma das mãos e um copo de limonada na outra.

— Sim, senhor — declarou com um sorriso alegre. Quer alguma coisa?

— Quero esse copo de limonada que você pegou, garoto — Tanner respondeu, estendendo a mão e retribuindo o sorriso.

— Pode pegar. Vou buscar outro para mim — Seat reagiu com naturalidade. — Estamos tendo um dia e tanto, não é, senhor?

Inclinou-se para entregar o copo a Tanner, e seu sorriso tornou-se ainda mais radiante. As linhas de preocupação haviam sumido do rosto infantil, e Rosemary fez uma prece silenciosa em agradecimento por isso.

— Fique de olho em Anna, Seat — Tanner pediu. — E trate de se divertir.

Com um aceno rápido, Seat se foi, voltando à mesa onde enormes jarras de limonada estavam sendo servidas. Tanner bebeu um longo gole da bebida refrescante e, então, ofereceu-o a Rosemary.

— Quer um gole? — perguntou. Ela espiou dentro do copo.

— Foi só o que você deixou para mim?

O sorriso que ele exibiu não demonstrava o menor sinal de remorso, nem vergonha.

— Calculei que você não se incomodaria em encher nosso prato de novo, quando terminarmos esse. E já que vai até lá, por que não encher outro copo de limonada, também?

— Quem servia você, nesta mesma época, no ano passado? — ela retrucou de pronto. — Acho que está ficando muito mal acostumado.

Tanner lançou um último olhar para o osso da coxa de frango, antes de atirá-lo no prato.

— Preciso manter minhas forças, senhora. E, caso ainda não tenha se dado conta, nunca ninguém me serviu, antes. Ao menos, não como você me serve, querida.

Seus olhos passearam, indolentes, pelo corpo de Rosemary, demorando-se um pouco mais na linha do decote do vestido, para depois subirem e fixarem-se nos lábios

generosos, que já se curvavam em um sorriso.

— Acho que está se aproveitando de mim, sr. Tanner. — Apanhou com o garfo a última porção de salada de batata e manteve-o suspenso no ar. — Aposto que pensou que a última garfada seria sua, não foi?

Com um movimento rápido, enfiou o garfo na boca, para retirá-lo completamente limpo.

— Você possui habilidades admiráveis, querida esposa — ele murmurou. — Adoro o jeito como lambe...

— Pare com isso! — Rosemary interrompeu, as faces coradas, antes de atirar o garfo no cobertor e se levantar.

— Vou buscar mais comida — declarou, antes que ele tivesse tempo de dizer mais alguma coisa.

Sentindo os olhos dele fixos em suas costas, ela se afastou. Quando alcançou as mesas e virou-se para trás, Tanner deitou-se no cobertor e cobriu o rosto com o chapéu. Sentiu uma onda de calor invadir-lhe o corpo, enquanto apreciava a figura máscula, totalmente relaxada, as mãos cruzadas sob a nuca, um joelho dobrado.

Um pouco além das árvores sob as quais as pessoas comiam, havia um pequeno bosque, onde era possível encontrar diversos esconderijos. Várias crianças brincavam lá, suas vozes estridentes erguendo-se acima do burburinho, tornando o jogo de esconde-esconde mais animado. Anna correu para trás de um arbusto, e Rosemary observou a criança designada para encontrar as demais começar sua busca.

Soltando gritinhos vitoriosos, Anna correu até a árvore chamada de "pique", e comemorou sua vitória. O simples fato de a menina saber como brincar de esconde-esconde encheu o coração de Rosemary de alegria, e ela ficou ali parada, por alguns instantes, divertindo-se com a visão das crianças saindo correndo de seus esconderijos.

Logo recomeçaram a brincadeira, e Anna correu para trás do mesmo arbusto, mas desta vez, embrenhou-se um pouco mais no bosque, até desaparecer de vista. Poucos minutos depois, todas as crianças haviam se reunido em torno do "pique", e Rosemary esperou pela aparição de Anna.

Em torno das mesas de piquenique, homens e mulheres conversavam, enchiam seus pratos e comiam, buscavam a companhia de amigos e procuravam por cadeiras vazias onde pudessem se sentar. Rosemary sentiu-se como uma ilha, desolada por um momento, enquanto via as crianças começarem outra brincadeira. Só então deu-se conta de que Anna não retornara do bosque.

Deixando o prato vazio sobre uma das mesas, dirigiu-se para o grupo de crianças, que já se espalhava de novo.

— ...dezoito, dezenove, vinte! Lá vou eu, estejam prontos ou não! — gritou um garoto franzino.

Ele abriu os olhos, sorriu para Rosemary, que se aproximava, e correu como um raio na direção do bosque.

— Um, dois, três... Joseph! — berrou, correndo de volta para o pique, seguido de perto pelo menino que fora descoberto.

Rosemary continuou caminhando até entrar no bosque, atrás do arbusto onde Anna havia se escondido.

— Anna? — chamou baixinho, pois não queria estragar a brincadeira, embora seus instintos lhe dissessem que algo estava errado.

Foi se embrenhando na mata, afastando galhos para poder passar, chamando pela menina, cada vez mais alto, à medida em que se afastava do piquenique. Então, de algum ponto adiante, além de uma pequena elevação, ouviu a voz de Anna:

— Sra. Rosemary!

O tom de pânico com que seu nome foi pronunciado fez o coração de Rosemary disparar. Então, o grito se repetiu e, desta vez, foi acompanhado de um soluço desesperado.

— Sra. Rosemary!

Ao sentir o vestido se prender em um galho, Rosemary olhou para baixo e descobriu que havia se enroscado em um espinheiro, e que sua saia já havia se rasgado em diversos pontos. Porém, nem mesmo a dor provocada pelos espinhos que lhe feriam a pele a impediram de continuar e, determinada, ela seguiu adiante.

— Anna? — chamou com voz ofegante, mas alto o bastante para atingir os ouvidos da menina.

Segundos depois, Anna respondeu:

— Estou aqui, senhora!

Logo além da pequena elevação, havia uma depressão no terreno, e lá estava Anna, ao lado do pai, que a segurava com brutalidade por um dos braços.

— Eu tinha certeza de que a senhora viria atrás dela — Nate Pender declarou com um sorriso grotesco.

Ao virar-se para Rosemary, soltou o bracinho de Anna por um instante, e a menina caiu no chão, chorando.

— Corra, Anna — Rosemary ordenou de pronto, preparada para lutar pela criança.

Sem sequer olhar para trás, Anna correu para longe do pai e passou por Rosemary.

— Era com a senhora que eu queria falar — Nate explicou em tom malicioso. — Vou lhe dar uma chance de escolha, mocinha esperta. — Encheu os pulmões de ar e ergueu o queixo em atitude arrogante. — Se não providenciar para que eu receba minha cota de uísque, no saloon, sem ter de pagar, prometo machucar meus filhos muito mais do que já machuquei antes. Talvez os tome de volta, de um jeito ou de outro, e a senhora nunca mais terá notícias deles.

Rosemary examinou aquele homem, que era o maior exemplo de ser humano arruinado que ela já vira, e sacudiu a cabeça com tristeza.

— O senhor não quer essas crianças. Nós dois sabemos disso. É um homem miserável, sr. Pender, e não merece ter Seat e Anna como filhos.

— Talvez a senhora tenha razão, talvez esteja enganada. Mesmo assim, vou levá-los de volta, se não fizer exatamente o que eu disse — ele ameaçou com um sorriso asqueroso.

Rosemary estremeceu, cerrou os punhos e, então, focalizou toda a sua atenção no homem parado à sua frente, que tentava intimidá-la, mas que só conseguia fazê-la pensar em um galo velho. Incapaz de se conter, soltou uma gargalhada e, quando falou, seu tom foi zombeteiro e desdenhoso:

— O senhor é uma das criaturas mais inúteis e sem valor que Deus já pôs sobre a face da terra, sr. Nate Pender.

Ele se adiantou alguns passos, voltando a parar diante dela, respirando com dificuldade.

— Não ria de mim, mocinha. A última atrevida que tentou ser esperta comigo perdeu três dentes por sua insolência. — Com narinas dilatadas, dentes à mostra, ele estreitou os olhos e examinou-a da cabeça aos pés. — Talvez esteja precisando de uma lição, mocinha — ameaçou.

Estendeu as mãos para ela e, na tentativa de recuar, Rosemary perdeu o equilíbrio, permitindo assim que ele agarrasse seu braço. Caiu de costas, perdendo completamente o fôlego quando Nate Pender aterrissou sobre ela.

Tossindo e fazendo um esforço desesperado para respirar, lutou contra ele, chutando, arranhando e esmurrando, onde quer que seus punhos conseguissem atingi-lo.

Sua visão foi se obscurecendo à medida que ela lutava, deixando apenas a consciência de que o peso daquele homem a esmagava de encontro ao chão, que as mãos sujas prendiam seus braços com força e brutalidade, que o corpo dele era pesado demais para que ela fosse capaz de se desvencilhar.

Inclinou a cabeça para trás e encheu os pulmões de ar, para então emitir um grito desesperado. Uma parte de sua mente registrou a voz de Tanner chamando seu nome.

Como se também tivesse ouvido e reconhecido aquele som, Nate ergueu a cabeça depressa e se pôs de pé em um pulo, olhando para Rosemary, ainda estendida no chão, como se houvesse sido escaldado pelo contato de sua pele com a dela.

— Maldita mulher! Foi você quem se meteu nessa enrascada, com sua língua afiada e atitude intrometida.

A vibração de passos pesados e apressados, assim como o farfalhar de galhos e folhas sendo afastados e quebrados, anunciaram a chegada de Tanner. Nate arregalou os olhos e, no mesmo instante, virou-se para fugir. Na pressa, tropeçou em uma raiz exposta. Por debaixo dos ramos que pendiam do salgueiro mais próximo, Tanner apareceu e, com um salto espetacular, caiu sobre Nate, agarrando-lhe o pescoço com as duas mãos.

Seus punhos eram poderosos, seu rosto apresentava-se contorcido pela fúria, e Nate mal podia respirar. Rosemary gritou, temerosa pelos possíveis resultados da ira de Gabe. Caso o desfecho daquele drama fosse a morte de alguém, ela se culparia pelo resto de sua vida. O horror provocado por tal ideia forneceu-lhe a força necessária para gritar palavras de advertência:

— Pare, Tanner! Pare!

— Só mais um minuto, Rosemary — ele resmungou, antes de esmurrar o estômago de Nate.

O sujeito dobrou-se ao meio e caiu no chão, como uma árvore derrubada por uma serra. Tanner não se deu por satisfeito. Agarrando Nate pelo cinto, acertou-lhe um soco no queixo e, então, atirou-o de volta no chão. Seus lábios se curvaram em um arremedo de sorriso, ao mesmo tempo em que pronunciavam palavras que Rosemary sequer imaginara que um dia o ouviria dizer.

— Gabriel! — ela chamou, apavorada pelo descontrole que tomara conta do marido.

Não tinha medo por si mesma, mas sim por Nate Pender, que parecia totalmente petrificado.

— Se voltar a encostar as mãos em minha esposa, Pender, se simplesmente tocar

um dedo nela, ou se fizer menção de olhar para ela de novo, será um homem morto. Está me ouvindo? — Arrastou Nate pela camisa, erguendo-o até que ficasse de pé. — Juro por Deus que cuidarei para que você...

— Gabe! — Rosemary gritou. — Chega!

Ele largou o sujeito e virou-se para ela, aparentemente ignorando a retirada de Nate que, arrastando-se sobre as mãos e os joelhos, a boca sangrando, recitava palavras sem parar.

Tanner ajoelhou-se ao lado de Rosemary.

— Você está ferida? — Suas mãos percorreram todo o corpo dela, os dedos apalpando, até encontrarem os rasgos no vestido, onde os espinhos haviam se enroscado. Seu olhar tornou-se ainda mais duro. — Pender tentou rasgar sua roupa? Ele machucou você?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu me enrosquei em um espinheiro. Ele só caiu em cima de mim, e não tive força para me desvencilhar de tanto peso.

Rosemary apertava os braços dele com força, fitando-o com olhar de súplica, e Tanner atendeu ao apelo da esposa. Tomou-a nos braços e sentou-a na grama, beijando-a, afagando-lhe os cabelos e reconfortando-a, ao mesmo tempo que continuava a examiná-la, à procura de possíveis ferimentos.

— Machuquei as pernas nos espinhos — ela murmurou com uma careta de dor, quando os dedos dele pousaram sobre alguns dos arranhões.

— O que estava fazendo aqui, sozinha? — Tanner inquireu com voz rude, passando a dirigir sua fúria para ela. — Teve muita sorte por eu ter ouvido o choro de Anna. Não fosse por isso, eu não teria vindo à sua procura.

— Anna sumiu, e vim procurá-la. Não queria que ela se perdesse no bosque, mas descobri que Nate a encontrara e a arrastara para cá. Ele devia saber que eu estava observando Anna e aproveitou a chance para me confrontar a sós.

— O que ele disse? Ele tentou... — Tanner parou de falar, como se não fosse capaz de pronunciar as palavras que atormentavam sua mente.

Ao vê-lo hesitar, Rosemary sacudiu a cabeça depressa.

— Não. Nada disso aconteceu. Ele me ameaçou, mas não da maneira como você está imaginando.

— Por que ele simplesmente não pegou Anna e fugiu? As mãos de Tanner

tornaram-se mais gentis enquanto ajeitavam as roupas de Rosemary, cobrindo-lhe as pernas.

— A verdade é que ele não quer a filha de volta. Quer que eu encontre um meio de ele voltar a ter seu uísque. Acho que está desesperado. Da última vez em que estive na cidade, Geraldine me contou que ninguém se dispõe a conversar com ele e que ele não consegue mais nenhum tipo de trabalho. — Rosemary torceu as mãos sobre as coxas. — Eu o provoquei, Tanner. Parte do que aconteceu foi minha culpa. Eu ri dele.

Diante do olhar cético e da exclamação negativa de Tanner, ela balançou a cabeça com vigor.

— Ele me fez pensar em um galo velho, e eu estava tão nervosa que comecei a rir, e isso o deixou furioso.

Tanner apertou-a contra si.

— Essa é a minha esposa — murmurou, como se falasse consigo mesmo. Então, fitou-a em silêncio por um momento, antes de dizer: — Bem, acho que ele vai sumir por uns tempos. Na verdade, eu seria capaz de apostar que Pender vai se esconder em algum lugar, depois que o xerife ficar sabendo do que aconteceu aqui. Ele não vai querer ser visto pelas redondezas.

A caminhada de volta ao local do piquenique foi longa. Tanner desviou do espinheiro e levou Rosemary até a margem do riacho, onde lavou os ferimentos dela com sua bandana e um pedaço do saiote que se rasgara. Depois de lavar o rosto e refazer a trança que prendia seus cabelos, tendo retirado as folhas que haviam se enroscado nas mechas embaraçadas, ela se sentiu apresentável para se reunir aos outros de novo.

O piquenique já terminara, e as mulheres guardavam pratos e travessas nas cestas e as colocavam sob as árvores, a fim de impedir que os restos se estragassem. Os homens haviam retomado o trabalho de construção, fixando as vigas que sustentariam o telhado.

Tanner encheu um copo de limonada, servindo-se da última jarra, e levou-o para Rosemary, que esperava, sentada no cobertor.

— Quero que fique aqui, querida. Vou conversar com o xerife e, então, me juntar aos homens na construção. Preciso ficar de olho em Seat.

— Anna está bem? — ela perguntou, olhando em volta à procura da menina.

— Mama Pearl está com ela. Anna está exausta, prestes a pegar no sono. — Tanner abaixou-se junto de Rosemary, acariciando-lhe a face. — O que acha de conversar com o xerife, mais tarde? Não quero criar uma confusão e estragar o dia de todos, mas não tenho a menor intenção de permitir que Pender saia impune do que fez.

— Está bem — Rosemary concordou, forçando um sorriso. — Conversarei com o xerife. E também ficarei aqui, assistindo ao restante da construção. Fique tranquilo.

Ela se reclinou no tronco da árvore e examinou a parte do vestido que era visível. Meia dúzias de rasgos eram aparentes, e ela lamentou o fato. Sem dúvida, teria de perder o baile, mais tarde. E havia esperado, ansiosa, durante a semana inteira, para dançar com Tanner. No entanto, girar no meio de outros casais, usando um vestido arruinado a tal ponto estava fora de cogitação. Rosemary passou os dedos pelos rasgos, lamentando não ter uma agulha para consertar ao menos parte do estrago.

Comprimiu os lábios e ergueu as sobrancelhas em uma expressão desolada. Pelo canto do olho, viu uma saia rodada e um par de sandálias de couro se aproximando, e tratou de se preparar para parecer alegre.

— Olá, Rosemary.

A voz de Pip nunca havia soado tão bem aos ouvidos de Rosemary. Aliviada por não ter de fingir algo que não sentia, ela apontou para o cobertor e convidou:

— Sente-se comigo.

Sem fazer cerimônia, Pip acomodou-se ao lado da amiga, esticando as pernas e apoiando o peso do corpo nas mãos com um suspiro.

— Não parei de correr o dia inteiro. As pessoas esqueceram todo tipo de coisa, e tive de voltar à cidade diversas vezes, a fim de providenciar o que faltava... — Pip parou de falar e arregalou os olhos, antes de se inclinar para Rosemary. — O que aconteceu com o seu vestido? Parece ter sido todo cortado por uma tesoura!

— Não — Rosemary corrigiu-a em tom desanimado. — Eu me enrosquei em um espinheiro.

— Precisa prestar mais atenção em onde anda... ou alguém estava perseguindo você?

Foram palavras de provocação inocente, que ela sussurrou ao ouvido de Rosemary.

— Na verdade, eu estava procurando por Anna, e...

Pip endireitou-se, recuperando a seriedade.

— Eu não sabia que ela havia desaparecido. Conseguiu encontrá-la? Está tudo bem?
— Então, agitou as mãos no ar. — Ora, é claro que está tudo bem. Do contrário, todos estariam procurando, a esta altura.

Afastou as mãos de Rosemary e examinou os rasgos no vestido. Depois de refletir por um breve momento, ofereceu uma sugestão:

— Por que não vamos até o armazém e... Não sacuda a cabeça para mim! Já fui até lá tantas vezes, hoje, que uma viagem a mais não vai fazer a menor diferença.

— O problema é que — Rosemary começou, olhando à sua volta — estou esperando por uma pessoa com quem preciso conversar.

Pip levantou-se depressa e, então, puxou a amiga pela mão.

— Vamos — insistiu. — Voltaremos antes que dêem pela nossa falta.

Como não avistasse o xerife por perto, Rosemary decidiu aceitar a sugestão de Pip e, com um sorriso espontâneo, deu de ombros em concordância.

— Está bem. Estou mesmo louca para dançar, mas não teria coragem de ser vista deste jeito. — Olhou para onde Mama Pearl ninava Anna, em meio a diversos cobertores, onde a maioria das crianças já dormia. — Se nos apressarmos, ninguém notará a nossa ausência.

— Você deve ter poderes mágicos, Rosie. Eu poderia jurar que esse vestido era azul, pela manhã — Tanner comentou, conduzindo-a pela pista de dança, tendo o cuidado de não se chocar contra outro casal.

O recém-colocado assoalho da nova escola abrigava mais dançarinos do que poderia acomodar confortavelmente, mas ninguém parecia se importar com isso.

— Vai receber a conta, da próxima vez em que estiver com Pip — Rosemary declarou.

— Não tem importância — ele garantiu, apertando-a contra si ao se desviar de um casal particularmente exuberante, determinado a dar a volta completa na pista sem perder o ritmo da música. Então, abaixou a voz para um sussurro e falou ao ouvido dela: — Falou com o xerife?

Ela assentiu.

— Encontrei-me com ele quando voltava da cidade. O xerife disse que duvida que teremos notícias de Nate Pender tão cedo. Espero que ele esteja certo.

— Ele pediu que você registrasse uma queixa contra Nate? Rosemary voltou a assentir.

— Pediu que eu vá ao escritório dele para poder tornar a questão oficial. Não quero que as crianças fiquem mais aflitas do que já estão, Tanner. Conversei com Anna e disse a ela que, provavelmente, o pai dela não vai voltar. Só espero estar certa em minha previsão. Bem, de qualquer maneira, ela quase já se esqueceu do que aconteceu hoje. Como dormiu

logo em seguida, parece acreditar que tudo aquilo foi apenas parte de um sonho ruim.

— Não quero ser pessimista, mas duvido que aquela garotinha jamais consiga esquecer o que já passou com aquele pai bêbado — Tanner murmurou, a voz profunda tornando-se quase um rosnar, tamanha a sua raiva.

Roçou os lábios na testa de Rosemary, que ergueu os olhos para fitá-lo.

— Nate Pender é um patife da pior espécie. Você não pode esperar que ele se comporte como as pessoas que conheceu quando vivia na residência paroquial.

A música terminou, e Cotton aproximou-se com um sorriso largo e a mão estendida.

— Posso ter a honra de dançar com a patroa? — indagou. Rosemary depositou a mão na dele e fez uma pequena reverência em aceitação ao convite.

— Será um prazer, cavalheiro. Tanner franziu o cenho.

— Trate de me devolver a esposa assim que a música acabar, Cotton. E nada de passos mais atrevidos, está me ouvindo?

— Sim, patrão — Cotton concordou e, dando um passo para trás, admirou o esplendor de Rosemary e ergueu as sobrancelhas. — Vestido novo, não é, patroa? Está mesmo muito bonita, esta noite.

Mais um movimento das sobrancelhas de Cotton fez com que Tanner caísse na risada, e Rosemary soprou-lhe um beijo quando o caubói começou a levá-la para o centro da pista.

As festividades foram se acabando depois que a última poncheira se esvaziou. Um a um, os participantes foram se retirando. Os homens carregavam crianças adormecidas nos braços, as mulheres levavam recipientes vazios para suas casas e, finalmente, o violinista atravessou a porta, com seu instrumento debaixo do braço. Um jovem solitário ficou para trás, ocupado em varrer o novo assoalho, retirando com cuidado a espessa camada de pó de serragem.

— Quer ir embora? — Tanner perguntou, percebendo o bocejo disfarçado de Rosemary. — Onde estão Mama Pearl e Anna? Não as vi partirem. Aliás, também não vi Seat ir embora.

— Eles se foram há mais ou menos uma hora. Mama Pearl levou Anna para casa, na charrete, dizendo que já estava na hora de "sua menina" ir para a cama. Seat foi com elas, assim como dois dos caubóis. — Rosemary olhou para o céu estrelado. — Ela realmente adora aquela menina, Tanner.

— Assim como você, querida. Na verdade, você faz isso parecer muito fácil. — Tanner abriu e fechou a porta nova, como se testasse a eficiência das dobradiças. Ainda com a mão no trinco, virou-se para ela. — Anna é uma menina de muita sorte. Algumas crianças não têm ninguém que se importe tanto com elas.

— Como você? — Rosemary indagou em voz baixa, pousando a mão na dele. — Com certeza, sua mãe amava você. Talvez ela não pudesse ter evitado o que fez.

Tanner retirou a mão debaixo da dela e lançou-lhe um olhar de advertência.

— Não quero falar de minha mãe. Depois de muito tempo consegui tirá-la da cabeça, nos últimos dias. Mas quero lhe dizer uma coisa. Ela me ensinou a não depender de ninguém, especialmente no que diz respeito a ser amado. E posso garantir que aprendi minha lição muito bem. Se alguém tem amor para me dar, muito bem, mas não creio que jamais serei capaz de contar com isso.

O nó que se formou na garganta de Rosemary fez com que sua voz soasse estrangulada.

— Hoje de manhã eu disse que te amo, Gabriel. Pensei que sentisse o mesmo por mim. — Ergueu uma das mãos, como se quisesse impedi-lo de falar. — Não precisa retribuir meus sentimentos. Meu amor continua sendo todo seu.

Ele a conduziu para fora da escola, para a escuridão da noite, segurando-lhe a mão com força. Caminharam até onde ele havia deixado seu cavalo, amarrado à cerca.

— Dê-me tempo, Rosemary. Estou fazendo o melhor que posso. Só não espere demais de mim. — Soltou as rédeas e afagou a crina do garanhão. — Vamos ter de cavalgar juntos na sela, Rosemary. Ao que parece, a carroça se foi há muito tempo. Cotton deve ter calculado que eu seria capaz de levá-la para casa sem a ajuda de mais ninguém.

Rosemary assentiu, hesitante.

— Não sei se vou alcançar o estribo.

— Não será preciso. — Sem soltar as rédeas, Tanner montou em um movimento tão ágil que Rosemary ficou surpresa. — Vire-se — ele disse.

Ela obedeceu, dando as costas ao cavalo.

Tanner abaixou-se na sela, passou um braço em torno da cintura dela e suspendeu-a no ar. Então, como se tivesse muita prática naquele tipo de manobra, acomodou-a sobre a sela, bem junto de seu próprio corpo.

Ao sentir a saia se erguer, Rosemary apressou-se em ajeitá-la, e Tanner não conteve um riso maroto.

— Ninguém verá suas belas pernas, exceto eu, Rosie. Ela pensou em discutir, mas a voz dele soou mais gentil, como se ele, de alguma maneira, houvesse recuperado o bom humor. E por essa única razão, Rosemary decidiu permitir que suas pernas ficassem expostas ao mundo. Do outro lado do edifício da escola, uma voz gritou:

— Estão todos prontos para a viagem?

Um lampião dentro da escola oscilou, antes de apagar-se. Em seguida, a porta bateu com um baque definitivo.

— Aqui, está tudo pronto — o jovem varredor declarou em voz alta.

— A noite está perfeita para uma cavalgada — Tanner comentou, incitando o garanhão a um trote rápido. — Relaxe e se apoie em mim, querida — disse a Rosemary. — Não vai se sacudir tanto se deixar que eu sustente o seu peso.

Ela obedeceu, recostando no peito dele, repousando a cabeça em um de seus ombros. Uma das mãos de Tanner pousou em sua coxa, os dedos acariciando-a e, ao mesmo tempo, puxando a saia para cima. Ela respirou fundo e, ao seu ouvido, as palavras de Tanner soaram sedutoras:

— Eu disse para você relaxar e deixar que eu sustentasse o seu peso. E a primeira coisa que você faz é ficar toda tensa.

— Tanner! — ela exclamou em tom de advertência, e ele concordou, deixando que a saia caísse de volta ao seu lugar.

Então, mordiscou-lhe a orelha.

— Farei o possível para esperar — murmurou, deslizando a mão sobre o ventre de Rosemary, até alcançar um seio.

— Tanner... — ela repetiu a advertência, e recebeu como resposta um suspiro satisfeito.

— Eu só queria o bastante para aguentar até chegarmos em casa.

CAPÍTULO XIV

Nem mesmo a luz do sol fez Tanner sentir-se melhor naquela manhã. Ele puxou a

aba do chapéu sobre a testa, obscurecendo assim a visão que tinha do pasto verdejante.

Fora, definitivamente, intratável em sua conversa com Rosemary, na noite anterior. Ora, sua esposa tinha o dom de penetrar-lhe a alma e os pensamentos mais íntimos, até trazer à tona seus pontos mais fracos e doloridos. Ele havia tentado, realmente tentado, ser o que ela esperava de um marido, mas a dor das feridas antigas continuava a maltratá-lo, algumas vezes tornando seu humor irascível, a ponto de fazê-lo odiar-se pelas palavras que escapavam de seus lábios.

Rosemary permanecera muito quieta, durante todo o trajeto de volta para casa, embora houvesse permitido que a mão de Tanner passeasse por seu corpo, em carícias bastante ousadas. Quando chegaram em casa, ele se esforçara para melhorar o clima entre eles.

Pela primeira vez, ocorreu a Tanner que existiam coisas que não podiam ser desfeitas, ou resolvidas, nem mesmo com uma boa noite de amor.

Tanner conduziu o potro para fora do curral, levando-o até o pasto, onde soltou a corda pela qual o prendia, dando-lhe liberdade para exercitar-se sozinho. Passara mais de uma hora cuidando daquele único animal, quando deveria ter utilizado aquele tempo para se lavar e vestir as roupas de domingo.

Mesmo sabendo disso, havia escovado e tratado o potro antes de levá-lo para o curral, preso pela corda, e exercitá-lo até que ambos estivessem cobertos de suor. Outra escovada rápida havia resolvido o problema do potro, que parecia um candidato muito provável a substituir o pai, no futuro, no papel de garanhão principal da fazenda.

Tanner sentiu o sol quente em suas costas, secando sua camisa nos pontos onde a transpiração havia encharcado o tecido. Torceu a corda entre os dedos enquanto observava os potros crescidos correndo de um lado para outro, em contraste com as éguas adultas, bem mais tranquilas, acompanhadas pelos recém-nascidos. Os membros mais jovens e mais recentes do grupo imitavam os mais velhos, escoiceando e sacudindo a crina, e Tanner permitiu-se assistir àquele espetáculo inocente.

— Sem dúvida, esses são animais dignos de serem admirados — Cotton comentou ao se juntar a ele, perto da cerca.

Tanner virou-se para fitá-lo, sem nem sequer esboçar um sorriso.

— Tipper já preparou a charrete para Rosemary? — inquiriu.

— Não vai levá-la à igreja, hoje, patrão? — Cotton perguntou, sem tirar os olhos dos potros no pasto.

— Não terei tempo de me arrumar. Ela já deve estar de saída.

Só então, Cotton virou-se para fitá-lo nos olhos.

— Tem um bom motivo para magoar aquela boa moça, em uma manhã tão linda de domingo, patrão?

— Ela não está magoada — Tanner retrucou com expressão sombria.

— Quem vai levá-la à missa? — Cotton insistiu, e Tanner viu-se obrigado a admirar-lhe a coragem.

O velho caubói estava prestes a ouvir uma reprimenda das mais sérias e, embora fosse evidente que ele conhecia o risco que estava correndo, não se acovardou.

— O que você tem a ver com isso?

As palavras foram pronunciadas em tom irritado, porém contido, calculado para soar como uma advertência. Cotton continuou ignorando o perigo.

— Não acredito que queira fazer o mesmo que seu pai fez. Tem uma boa mulher, que está se esforçando muito para ser uma esposa perfeita.

— Deixe meu pai fora disso — Tanner ordenou, a voz carregando uma ponta de fúria. — Rosemary está bem. Cuidei para que ela pudesse ir à igreja todos os domingos desde que chegou aqui, e eu mesmo fui levá-la, no domingo passado. Tipper pode perfeitamente fazer as honras, hoje.

— Tanner — Rosemary chamou, bem atrás dele, como se a simples menção do nome dela houvesse conjurado sua presença.

Os ombros de Tanner assumiram uma postura tensa. Sabia que devia um pedido de desculpas a ela, mas fazer isso diante de Cotton estava completamente fora de cogitação.

— O que é? — replicou, virando-se para encará-la. Descobriu que ela voltara a adotar a aparência de filha do pastor, tendo escolhido um de seus vestidos escuros, como se estivesse de luto. Os grandes olhos azuis não demonstravam o menor traço de humor, nem de afeição, enquanto ela o observava com discreta desconfiança, como se estivesse avaliando o terreno onde teria de pisar.

— Preciso acabar de consertar aquele cabresto — Cotton anunciou, apontando para o estábulo, como se ela soubesse do que ele estava falando. — Vamos precisar dele, amanhã.

Com isso, despediu-se com um aceno de cabeça e afastou-se rapidamente.

Tanner apoiou as mãos na cintura e afastou as pernas, plantando os pés no chão com firmeza, como se estivesse se preparando para iniciar uma batalha.

— Pensei que já tivesse saído — declarou. Rosemary ficou calada por um instante,

fitando-o com expressão triste e pesarosa.

— Estou mesmo de saída — informou-o. — Achei que gostaria de se despedir de mim.

As mãos de Tanner ardiam pelo desejo de tocá-la, todo o corpo dele pedia o contato com aquele calor, que só ela sabia lhe proporcionar. Rosemary era rica em bondade, gentileza e carinho, e esperava encontrar as mesmas qualidades no marido.

Ela ergueu o queixo, seus olhos adquiriram o brilho inconfundível provocado pelas lágrimas, e Tanner não suportou mais a distância. Com duas passadas largas, postou-se diante dela. Com um movimento ágil, tomou-a nos braços, tirando-a do chão. Seus corpos colaram-se um ao outro, com a mesma intensidade que se uniam na cama. Rosemary passou os braços em torno do pescoço dele, apertando-o contra si e enterrando o rosto na curva de seu ombro.

— Ah, por favor, me perdoe, Rosie. Acordei de péssimo humor, e estou descontando em você. Deveria estar limpo e vestido, para levá-la à igreja.

Embora a voz dela soasse abafada de encontro ao tecido de sua camisa, Tanner reconheceu o tremor provocado pelo pranto contido.

— Nem mesmo sei o que fiz para deixá-lo tão zangado comigo, Gabriel. Achei que estava tudo bem, quando fomos dormir. Então, pela manhã, você se levantou parecendo um animal ferido.

Ele nem mesmo tentou discutir, pois sabia que fora exatamente assim que as coisas haviam acontecido.

— Tem razão, minha querida. E eu deveria ter acordado nas nuvens, depois de ter passado uma noite tão maravilhosa com você. — Sacudiu a cabeça, mantendo os olhos fechados, enquanto considerava a atitude desprezível que tomara. — Droga! Não sei por que fico assim. Cotton assumiu quase completamente os cuidados com Seat, e Mama Pearl praticamente adotou Anna. E eu estou observando tudo de fora, com uma sensação desagradável de que deveria estar desempenhando esse papel pessoalmente.

Voltou a colocar Rosemary no chão e limpou o vestido dela, onde a poeira de sua camisa sujara o tecido escuro.

— Concordei quando você me pediu para que os trouxesse para cá e deixasse que vivessem aqui, mas acho que não levei em conta o que você esperava de mim. Assim como não pensei no perigo que você correria, com Nate Pender solto por aí, criando problemas. — Fez uma pausa e respirou fundo. — Não sou muito bom nisso, Rosemary.

— Ninguém espera que você passe a se comportar como se fosse o pai deles,

Gabriel. Você os trouxe para a fazenda e lhes deu um lar. Foi tudo o que lhe pedi.

— É verdade, mas algo me diz que você tinha esperança de que eu fizesse mais do que isso.

Um sorriso triste curvou de leve os lábios de Rosemary, e ela continuou lutando para conter as lágrimas.

— Tento não esperar muito de você — ela murmurou. Uma profunda onda de vergonha, tão intensa que o fez estremecer, tomou conta de Tanner.

— Venha. Deixe-me vestir uma camisa limpa e trocar de botas. Vou levá-la à igreja. Descobriremos se aquela égua consegue mesmo ser rápida, quando atrelada à charrete.

— Tem certeza de que está disposto a me acompanhar? — Rosemary indagou com voz carregada de esperança, quase correndo a fim de acompanhar as passadas largas do marido, que atravessou o estábulo e saiu para o quintal em poucos minutos.

— Absoluta — ele respondeu.

Quando alcançou o cocho, parou e tirou a camisa, antes de se abaixar e lavar o rosto e o tórax.

— Vou buscar uma camisa para você — Rosemary ofereceu, já se afastando com rapidez.

Tanner observou-a por entre as gotas de água que pingavam sobre seus olhos, admirando-lhe o corpo delicado, enquanto ela subia os degraus para a varanda dos fundos e desaparecia na cozinha.

Ora, bastava pouco para fazê-la feliz, pensou, sendo invadido no mesmo instante por mais uma onda de vergonha, ainda mais intensa e profunda que a primeira. Ocorreu-lhe que, talvez, ir à igreja e assistir à missa era exatamente o que ele precisava, naquela manhã. O ódio que o alimentara durante quase vinte anos o estava corroendo por dentro, e a ideia de um sentimento tão nocivo e destruidor atingir a mulher com quem ele havia se casado era horrível demais para ser tolerada.

Tanner conseguira compensar as atitudes erradas que tomara, e isso, por si só, lhe dava motivo de sobra para uma comemoração. O dia correria muito bem, depois da verdadeira corrida até a igreja e da chegada no momento exato em que o sino anunciava a última chamada para a missa. Havia se sentado no banco da família Tanner, como se pertencessem àquele lugar. Ou, ao menos, fora assim que ele havia se sentido.

Sim, fora um dia bom... exceto na hora de dormir, quando Rosemary tivera de

passar mais de uma hora no quarto ao lado, acomodando Anna na cama, acalmando-lhe os medos e esperando que a menina caísse no sono. Na ponta dos pés, ela saiu do quarto de Anna, levando um dedo aos lábios em um pedido mudo de silêncio, quando descobriu que Tanner esperava por ela no corredor.

— Está dormindo, finalmente — sussurrou, revirando os olhos com expressão tão cansada quanto o tom de sua voz.

— Ela vai deixar você exausta, se continuar assim — Tanner advertiu, esforçando-se para manter o sorriso nos lábios.

Sentia-se incomodado pelo fato de Rosemary parecer tão exaurida. Além disso, passara o dia inteiro planejando uma noite de amor apaixonado, para pôr um ponto final em suas discussões e diferenças.

Agora, todos os seus planos estavam arruinados. Ficou parado ao lado da cama, observando o peito de Rosemary subir e descer, lentamente, no ritmo de um sono profundo. Ela havia caído no sono imediatamente após pousar a cabeça no travesseiro. Vestira a camisola com movimentos automáticos, tirando as roupas de baixo em seguida, e praticamente se atirando na cama.

Tanner descera por uns poucos minutos, a fim de verificar se todas as portas e janelas estavam bem fechadas. Quando voltara, já desabotoando a camisa no corredor, ansioso para livrar-se das roupas e juntar-se à sua doce esposa, na cama, Rosemary dormia profundamente. Até pouco tempo antes, Tanner raramente se preocupava em trancar a casa, mas com Nate Pender à solta, determinado a persegui-los e tirar alguma vantagem da situação, não parecia boa ideia descuidar da segurança. E Rosemary adormecera enquanto ele corria escada abaixo, para subir correndo em seguida, de volta para o quarto.

Soprou com força a chama da única vela que iluminava o quarto, aliviando com o gesto parte de sua frustração. Então, deitou-se na cama, cruzando as mãos sob a nuca e, pouco depois, virando a cabeça para estudar o perfil de Rosemary.

Ela dormia como um bebê, a mão relaxada ao lado do rosto. Tanner não resistiu ao impulso de tocá-la, não na intenção de despertá-la, mas apenas para sentir a textura da pele aveludada sob seus dedos. Ergueu a mão, mas logo voltou a baixá-la, pois deu-se conta de que tal impulso era puramente egoísta.

A verdade era que tinha esperanças de que ela acordasse, se virasse para ele a se atirasse em seus braços. Sentia-se como se o contato com a esposa lhe houvesse sido negado por muito tempo. No entanto, a realidade era muito diferente disso. Na tentativa de vencer a tentação, voltou a cruzar as mãos sob a nuca, pressionando a cabeça sobre elas, para que não tivessem a menor chance de trair seus desejos.

Ora, tudo aquilo não passava de uma grande tolice! Afinal, vivera durante trinta e quatro anos sem Rosemary em sua cama. Agora, depois de duas míseras semanas tendo-a ao seu lado, agia como se ela fosse uma parte de seu próprio corpo.

Rosemary virou-se para ele, balbuciando palavras incompreensíveis em um sussurro quase inaudível. Esperançoso, Tanner murmurou o nome dela, baixinho:

— Rosemary? Querida?

Um som abafado foi a resposta e, então, ela se acomodou de encontro ao travesseiro, e um ronco leve escapou de seus lábios.

— Ora, venha cá, querida! — Tanner sussurrou, tomando-a nos braços e virando-a com cuidado para o outro lado.

Sem acordar, Rosemary aconchegou-se, as costas moldadas ao corpo dele.

Pouco depois, Tanner concluiu que valia a pena suportar o pequeno desconforto provocado pelos seus desejos não aplacados, a fim de tê-la nos braços na escuridão da noite. Fechou os olhos, focalizando a mente no trabalho que teria a fazer no dia seguinte, determinado a ignorar o pulsar persistente em suas virilhas.

— Seat!

O grito vindo do outro quarto sobressaltou-o, e antes mesmo que o eco morresse, o chamado se repetiu:

— Seat! Sra. Rosemary! — a voz de Anna voltou a encher a casa, acompanhada por soluços.

O abraço em que Rosemary repousava foi desfeito de pronto, pois ela se levantou de um pulo, deixando apenas a sensação de frio e vazio em seu lugar.

— Estou indo, Anna! — falou alto, embora tivesse a voz muito rouca de sono.

Apanhou o robe e vestiu-o, ao mesmo tempo que se dirigia com passos cambaleantes para a porta.

No corredor, Tanner ouviu vozes misturando-se, seguidas pelos soluços de Anna, que se tornaram mais altos quando Rosemary abriu a porta do quarto da menina e entrou. A silhueta franzina de Seat apareceu emoldurada pelo batente da porta, e Tanner sentou-se na cama.

— Acho que ela teve um pesadelo — o menino murmurou, apreensivo. — Tenho certeza de que a sra. Rosemary sabe melhor do que eu como acalmá-la.

— Sim, também acho. É melhor você voltar para a cama — Tanner sugeriu, reprimindo o impulso inicial de oferecer companhia a Seat.

Já era ruim o bastante o fato de que Rosemary provavelmente passaria o resto da noite no quarto ao lado. E ele não sentia a menor disposição de desperdiçar suas horas de sono tentando resolver os problemas do mundo.

O café da manhã foi bem mais silencioso que o habitual, com Rosemary pálida, as olheiras fundas realçando os olhos azuis, muito avermelhados. Tanner notou que até mesmo os cabelos dela haviam sofrido os efeitos da noite passada em claro, pois encontravam-se puxados para trás, presos na nuca em um longo rabo-de-cavalo, que ela amarrara com um fio de lã. Embora ela cumprisse com todas as tarefas de costume, movia-se com lentidão e não distribuía os sorrisos de sempre, nem suas palavras alegres.

Como se percebessem a fragilidade da trégua estabelecida entre o patrão e sua esposa, os empregados mantiveram-se em silêncio, sem dirigir nenhum comentário a Tanner, nem a Rosemary. Comeram com rapidez e, então, saíram da casa, levando Seat com eles. Ao alcançar a porta, o menino parou e virou-se, lançando um olhar preocupado para a irmã.

Rosemary fez um gesto com a mão, na intenção de tranquilizá-lo.

— Ela está bem, Seat. Vamos preparar biscoitos, depois do café.

Passou o braço em torno dos ombros da menina, em um gesto protetor, e recebeu um aceno de cabeça de Seat como resposta.

Tanner empurrou a caneca até a extremidade da mesa e observou Mama Pearl apanhar o bule do fogão e se aproximar dele.

— Ao que parece, você nem percebeu que o sol está brilhando no céu, hoje, não é, Tanner? — ela perguntou, enquanto o servia.

— O que está querendo dizer? — ele retrucou, arrastando a caneca para si sobre a mesa, sem dar a menor importância ao café derramado na toalha, graças a seus movimentos bruscos.

— Pela sua expressão, eu diria que uma nuvem negra decidiu acompanhá-lo, hoje — Mama Pearl esclareceu.

— Não há nuvens dentro de casa — Anna corrigiu-a. — Está zombando dele, não está, Mama Pearl?

Então, a menina sorriu para Tanner, que se descobriu incapaz de ignorá-la.

— Creio que isso depende da maneira como você vê as coisas — ele disse, erguendo a caneca e bebericando o café.

Estava amargo demais, e ele devolveu a caneca à mesa com um ruído. Empurrou a

cadeira ruidosamente para trás e, com um movimento ágil e rápido, levantou-se, apanhou o chapéu que deixara no gancho e encaminhou-se para a porta.

— Tanner? — Rosemary chamou-o em tom hesitante, e ele fechou os olhos, na tentativa de resistir ao apelo.

— O que é? — replicou, de costas para ela, parando diante da porta de tela.

Ouviu-a respirar fundo e, no mesmo instante, sentiu a determinação enfraquecer. Espiou por cima do ombro e deixou que os olhos a examinassem por inteiro, reconhecendo a incerteza que lhe obscurecia o olhar, a palidez que continuava a tomar conta de seu rosto, assim como o queixo ligeiramente empinado, que indicava a coragem que Rosemary extraía de seu íntimo.

Ela desviou os olhos dos dele, fixando-os no chão.

— Nada. Conversaremos depois.

Tanner assentiu, mesmo sabendo que, uma vez que estava olhando para o chão, ela não poderia ver tal gesto. Então, virou-se para a porta.

— Até logo, Tanner — Anna despediu-se em tom alegre, sua inocência infantil impedindo-a de perceber o humor duvidoso do homem que lhe proporcionara uma vida melhor.

Ele acenou em resposta, incapaz de ignorar por completo a manifestação espontânea da criança. Então, desceu os degraus para o quintal, levando como companhia um profundo sentimento de culpa.

— Ora, aí está um homem difícil de se lidar! — Mama Pearl exclamou.

A panela onde o mingau de aveia fora preparado recebeu toda a força de sua ira, enquanto ela a esfregava na pia. Seus resmungos de revolta encheram o ar.

— Vamos mesmo preparar biscoitos? — Anna perguntou. Rosemary viu-se obrigada a cumprir com a palavra.

Fizera a promessa em um impulso, ao pensar na atividade que certamente agradaria a menina e, ao mesmo tempo, determinada a impedir que o desastre que ocorrera durante a noite tornasse o dia de Anna difícil.

Agora, pensando melhor, concluía que tal desastre vinha se formando fazia dias. Tanner fora atirado em meio à vida de uma família completa, sendo que tudo o que desejara fora ter uma esposa.

Rosemary sentira no ar toda a frustração do marido quando os gritos de Anna a acordaram, no meio da noite. E antes mesmo de sair da cama, dera-se conta de que pegara

no sono antes que ele voltasse para o quarto, adormecendo profundamente. Havia rezado para que uns poucos minutos fossem o bastante para tranquilizar a menina, mas Anna agarrara-se a ela, e Rosemary jamais seria capaz de abandoná-la em um momento como aquele.

O som dos passos de Tanner na escada, pela manhã, haviam soado como um alarme aos ouvidos dela. Assim, Rosemary correria para a cozinha, ainda abotoando o vestido, mal tendo se arrumado para descer, poucos minutos depois. Infelizmente, já era tarde demais para alcançá-lo. Ele já fora para o estábulo, e só lhe restara cuidar dos pães, enquanto Mama Pearl a fitava pelo canto do olho com ar desconfiado.

Agora, tentando dominar o cansaço que ameaçava engolfá-la, tratou de acrescentar o fermento à farinha, para então misturá-los ao açúcar e aos ovos. Então, apanhou uma colherada de manteiga e misturou-a, também. Algumas gotas de baunilha, uma pitada de noz-moscada e leite deram o toque final na massa, que Rosemary pôs-se a bater com vigor.

— Não vá se esquecer do sal — Mama Pearl observou com voz suave. — Venha cá, Anna, para apanhar um pouco de sal.

A menina apressou-se em obedecer e, então, caminhou cuidadosamente até onde estava Rosemary, mantendo a mão curvada para cima a fim de não derramar os grãos brancos. Esvaziou a mão na tigela e voltou a subir na cadeira, retomando assim seu posto de observação.

— Nunca fiz biscoitos, antes — disse a Rosemary. — Uma vez, Seat levou um do armazém, para eu experimentar.

A colher que Rosemary usava para misturar a massa imobilizou-se no ar.

— Seu pai nunca comprou biscoitos para vocês? — indagou, sem querer acreditar que aquilo fosse possível.

Mama Pearl emitiu um som grosseiro de desdém e voltou a atacar a louça suja na pia, o que provocou um sorriso em Rosemary.

— Biscoitos foram, com certeza, as coisas menos importantes que faltaram a essas duas crianças — a mais velha resmungou.

— Bem, hoje você poderá comer todos os biscoitos que quiser — Rosemary prometeu com força renovada, ao pensar no sujeito detestável que havia negligenciado os filhos por tanto tempo. — Fique só observando, enquanto preparo a massa. Depois, poderá me ajudar a enrolar e cortar os biscoitos e colocá-los na assadeira.

Meia hora depois, quando a primeira assadeira saiu do forno, Rosemary concluiu que o brilho nos olhos de Anna fazia valer a pena todo aquele trabalho. Com um pano de

prato preso à cintura e um copo de leite nas mãos, Anna observou com olhar ansioso quando Rosemary retirava dois biscoitos da assadeira para colocar em um prato.

— Os dois são para mim? — a menina perguntou de olhos arregalados diante da visão de tamanha abundância.

Rosemary assentiu. Se Tanner preferia continuar fazendo carrancas, ele que franzisse o cenho até que os músculos da face doessem! Cuidar de uma criança carente, fosse durante a noite, quando deveria estar deitando junto do marido, ou preparando biscoitos, apesar do cansaço excessivo, era muito mais importante do que atender os caprichos de um homem mal-humorado.

— Por favor, me desculpe.

— Não, fui eu quem...

Como se pronunciadas pela mesma voz, as palavras se mesclaram na escuridão, e Rosemary virou-se para ser envolvida pelos braços de Tanner. Ela o havia ignorado durante o dia inteiro e, então, sentira-se culpada por sua atitude. Ele estava sendo infantil, mas talvez tivesse alguma razão.

De qualquer maneira, Rosemary estava determinada a compensá-lo, mesmo que Anna tivesse um milhão de pesadelos, naquela noite. Ficara sentada na beirada da cama da menina durante quinze minutos e, então, acomodara-a para dormir, com uma firme advertência para que ela só pensasse em coisas boas. A velha boneca que Rosemary havia encontrado em meio aos pertences que trouxera da residência paroquial agira como um bálsamo sobre os temores de Anna, e a menina adormecera em poucos minutos, abraçada ao presente que acabara de ganhar.

Agora, Rosemary entregava-se sem a menor hesitação ao abraço de Tanner, consciente de que seu pedido de desculpas havia se misturado ao dele. Quando os lábios dele buscaram os seus, ela ergueu a cabeça, a fim de recebê-lo sem reservas.

— Cotton praticamente ordenou que eu fizesse as pazes com você, querida. Ele me disse que fui... Bem, não quero repetir o que ele disse.

— Que você é pior do que um urso ferido? — ela indagou com uma risada.

— Sim, muito pior — Tanner concordou. — Durante todo o dia, hoje, não fui boa companhia, nem para os seres humanos, nem para os pobres animais.

Apertou-a contra si com toda a força, como se precisasse se certificar de que Rosemary não fugiria de seus braços.

— Eu gostaria... — ela começou a falar, mas parou, a fim de beijá-lo com a luxúria fornecida pela certeza de que seus beijos eram bem-vindos, e que cada uma de suas carícias era retribuída de corpo e alma por seu marido.

— Gostaria? — ele a incitou a continuar.

— Gostaria de poder adotar os dois — Rosemary completou em voz baixa. — Gostaria que Nate não tivesse nenhum direito sobre eles.

Tanner permaneceu em silêncio por um momento e, então, deu de ombros.

— Tenho esperança de que, quando o juiz souber que Nate atacou você, no outro dia, mude de ideia quanto à guarda das crianças.

— E como você se sente com relação a uma decisão como essa? — Ela prendeu a respiração e fechou os olhos, esperando com ansiedade pela resposta.

— Acho que isso não será problema. Creio que só preciso me acostumar à ideia e à situação. Já lhe disse, querida, que esse tipo de vida é completamente novo para mim. Não sei muito bem quais são as atitudes certas a tomar e, acima de tudo, detesto ver você exausta por cuidar de duas crianças, enquanto o pai deles anda solto por aí.

— Quase não tenho visto Seat — ela falou, sorrindo.

O som que Tanner emitiu tanto poderia ser de concordância como de reprovação, mas naquele momento, Rosemary não se importou em saber. Ergueu-se sobre um cotovelo e colou-se a ele, até passar os dois braços pelo peito largo. O rosto de Tanner encontrava-se mergulhado na escuridão, mas ao perceber o brilho branco dos dentes dele, ela se deu conta de que o marido sorria.

— Precisamos conversar sobrei isso, agora? — Rosemary indagou, traçando com a ponta dos dedos desenhos imaginários em meio aos pêlos negros e encaracolados que cobriam o peito de Tanner.

Ele se acomodou melhor e puxou-a para si, até que o corpo dela repousasse sobre o seu. Ela riu das manobras ousadas e ágeis, e finalmente acabou posicionada sobre ele, um joelho de cada lado dos quadris de Tanner. A camisola se erguera durante o processo e, agora, Rosemary sentia o calor da pele de seu marido contra as coxas. Serpenteou o corpo, na tentativa de encontrar algum conforto entre as sobras de tecido.

— Vamos nos livrar dessa coisa de uma vez por todas — Tanner murmurou, já agarrando a bainha da camisola e puxando-a pela cabeça de Rosemary, para depois atirá-la no chão.

No mesmo instante, Rosemary se abriu para ele, mais do que vulnerável ao volume

que substituiu o tecido da camisola. Saboreou a sensação de poder que aquela posição lhe proporcionava e, com um movimento determinado, ergueu a parte inferior do corpo, para então baixar lentamente, forçando Tanner a penetrá-la.

— Poderia fazer isso de novo? — ele pediu com voz rouca.

— Isso? — Rosemary indagou em tom inocente, repetindo o movimento.

Tanner gemeu baixinho, ao mesmo tempo que atirava a cabeça para trás.

— Sim... mais uma vez, Rosie...

Ela obedeceu, plenamente consciente daquela parte do corpo dele, que latejava de encontro ao seu próprio corpo, entre suas pernas. Uma agradável onda de calor percorreu suas partes íntimas, e um ligeiro tremor em suas entranhas enviou-lhe uma mensagem que ela não poderia ignorar.

Tanner a acariciara e seduzira, nas noites anteriores. Agora, preparando-se para entregar-se a ele, seu corpo parecia tornar-se mais suave, mais maleável, em contraste com a masculinidade rija que, em breve, se instalaria definitivamente nos recantos mais profundos de sua feminilidade. Rosemary voltou a erguer o corpo, até quase libertá-lo. Então, com um suspiro trémulo, afastou um pouco mais as pernas e baixou os quadris, recebendo seu marido com prazer e muito, muito amor.

Tanner soltou um gemido alto, que Rosemary tentou abafar, pousando os dedos sobre os lábios dele. Ele os beijou, um a um, ao mesmo tempo que suas mãos deslizavam pelas curvas dela para segurá-la pelos quadris e orientar seus movimentos, na intenção de proporcionar um prazer ainda maior a ambos. Forçou-a a permanecer imóvel por alguns segundos, como se precisasse recuperar o controle sobre a própria respiração, antes de continuar.

O corpo de Rosemary reagiu de pronto, varrido por ondas de desejo ardente, que a deixaram ofegante, também. E quando Tanner empurrou seus quadris para cima, ela chegou a temer o que lhe aconteceria, caso aquele contato mágico fosse quebrado. Mas isso não ocorreu, pois ele logo a puxou de volta para si, penetrando-a em profundidade ainda maior, balbuciando:

— Rosie... Ah, Rosie... Você é... simplesmente... maravilhosa.

Ela pousou a cabeça em seu ombro, mordiscando-lhe o pescoço.

— Eu te amo, Gabriel — sussurrou, deleitando-se pelo conhecimento de que somente ela tinha o direito de chamá-lo assim. — Gabriel...

CAPÍTULO XV

— Sra. Rosemary? — O chamado pôs fim aos devaneios que Rosemary conseguira conjurar enquanto batia a manteiga, fazendo com que a mente divagasse por questões que seu pai teria considerado carnavais.

— Rosemary?

A voz masculina aproximava-se, e ela ergueu os olhos, estreitando-os quando eles pousaram na porta de tela, por onde os raios de sol entravam para banhar a cozinha em sua luz dourada. Em seguida, levantou-se, ajeitando o vestido.

— Sim? Já estou saindo — ela respondeu, apressando-se na direção da porta.

Lá fora, Dex Sawyer esperava por ela, de chapéu na mão, os cabelos loiros brilhando ao sol. Seu cavalo estava amarrado à cerca, e ele não se atrevera a subir os degraus para a varanda.

Era evidente que o pianista não tinha certeza de que seria bem recebido ali. O que era perfeitamente compreensível, uma vez que Rosemary havia se recusado a aceitar o pedido de desculpas que ele fizera. Com a consciência pesada, ela abriu a porta.

— Entre, sr. Sawyer. Eu estava batendo manteiga e estava distraída, pensando em outras coisas.

Ele aceitou o convite, exibindo um sorriso que dava uma boa ideia do alívio que o invadia.

— Tem certeza de que Tanner não vai se importar, se eu entrar em sua casa? — perguntou, parando diante de Rosemary, logo após ter atravessado a soleira da porta.

Ela deu de ombros.

— Por que ele se importaria? Mama Pearl está aqui, assim como Anna — acrescentou, ao ver a menina entrar correndo na cozinha. — Sente-se, sr. Sawyer.

Dex puxou uma cadeira e sentou-se, mas sua postura manteve-se um tanto rígida, e ele continuou segurando o chapéu entre as mãos.

— Não estou aqui com a intenção de fazer uma visita social, senhora. Creio que há uma possibilidade de surgirem problemas, e achei que a senhora e Tanner deveriam ser

informados sobre isso.

O calor do corpinho de Anna contra sua coxa funcionou como um lembrete para Rosemary de que a menina estava presente, participando da conversa. No mesmo instante, sua intuição se pôs em estado de alerta.

— Por que não sobe para ajudar Mama Pearl? — ela sugeriu, abaixando-se e falando com voz suave.

Anna hesitou, visivelmente fascinada pelo desconhecido atraente. Inclinando a cabeça para um lado, ela observava com interesse o homem bonito e bem-vestido. E Rosemary viu-se forçada a admitir que a aparência de Dex teria chamado a atenção de qualquer mulher, mesmo a mais velha e experiente. Calça nova, com vincos impecáveis, botas bem engraxadas e o novo chapéu Stetson o colocavam na condição de cavalheiro, e nem mesmo Anna teria ignorado tal fato.

— Preciso subir? — a menina indagou, sorrindo para o visitante.

Rosemary lançou um olhar divertido para Dex.

— Receio que tenha acabado de fazer uma conquista, sr. Sawyer — declarou, antes de pousar a mão no ombro de Anna e forçá-la, com gestos gentis, a virar-se para a porta que levava à sala. — Vá para cima, Anna. Prometo chamá-la antes que o sr. Sawyer vá embora.

Acenou uma despedida quando Anna virou-se para fitá-los, da porta. Assim que ouviu os passos da garotinha se afastando escada acima, voltou a encarar Dex.

— Algum problema com Nate Pender? Eu esperava que ele já estivesse bem longe daqui.

— Ele apareceu na porta dos fundos do saloon, ontem à noite, à procura de restos em garrafas, que pudesse beber. Quando descobriu que não havia restos nas garrafas vazias, ameaçou entrar e quebrar tudo, caso não lhe servissem bebida. Laura Lee mandou-o embora, mas ele estava começando a criar problemas, quando entrei na cozinha, por acaso. Aquele sujeito é uma séria ameaça, sra. Rosemary. Não me agradou a maneira como ele falava, culpando a senhora e seu marido por todos os seus problemas. Todos os habitantes da cidade sabem que as crianças estão vivendo muito melhor, aqui, com vocês, mas o velho Nate não consegue enxergar além do próprio nariz e está convencido de que perdeu seus direitos.

— Ele pouco se importa com Seat e Anna — Rosemary declarou em tom abrupto, antes de sentar-se e afastar a tigela de manteiga para o centro da mesa. — Ele está fazendo ameaças?

Dex inclinou-se para ela.

— Ele se pôs a resmungar, como se sentisse pena de si mesmo, depois que o expulsei dali. Disse uma coisa que me levou a pensar que ele viria até aqui, para tentar tomar os filhos de volta. Disse que existem pessoas que pagariam muito bem pelas crianças. Essa menininha é linda, Rosemary, e Seat já atingiu uma idade em que um patrão poderia fazê-lo trabalhar durante quase um dia inteiro. E é verdade que existem pessoas dispostas a fazer comércio de crianças para... usá-las. Todos nós sabemos disso. Rosemary sentiu um gosto amargo subir por sua garganta.

— Não, eu não sabia, sr. Sawyer. Creio que vivi protegida demais, desde criança, dentro da residência paroquial. Nunca sequer imaginei que esse tipo de coisa pudesse existir.

Dex levantou-se da cadeira.

— Ao contrário da senhora, nasci e cresci em uma cidade grande, e vi coisas que me fizeram sentir muito mal. Adultos, sejam homens ou mulheres, podem arruinar suas vidas, se quiserem. Mas quando se trata de uma criança indefesa, sou incapaz de reprimir a raiva violenta que toma conta de mim.

— Acha que... — Rosemary hesitou, temendo pronunciar as palavras que descreveriam seus temores pelas crianças que decidira proteger.

Dex assentiu, respondendo à pergunta interminada.

— Sim, tenho quase certeza disso. É melhor ficarem atentos, sem se distrair nem por um minuto, sra. Rosemary. Não sei se Nate está sem uísque há dias, ou se existe algum outro problema, mas pela aparência dele, ontem à noite, seu estado é dos piores. Ele tremia muito e seu olhar era o de um homem completamente enlouquecido. Quase matou Laura Lee de medo, e ela não é o tipo de mulher que se assusta com facilidade.

Rosemary olhou através da porta de tela, desejando que Tanner aparecesse no quintal. Ao mesmo tempo, temeu que ele simplesmente ficasse furioso mais uma vez, por suas vidas estarem sendo perturbadas pelo caos provocado pelas decisões e atitudes da esposa. Levantou-se, considerando as opções que tinha.

— Contarei tudo isso a Tanner assim que ele voltar para casa — declarou.

— Quer que eu vá procurá-lo? — Dex ofereceu.

— Não. Eu mesma cuidarei disso.

Rosemary encaminhou-se para a porta, seguida por Dex. Os dois saíram para a varanda.

— Diga a Anna que virei visitá-la em breve. Rosemary tocou-lhe o braço, apreciando o fino tecido do paletó elegante.

— Obrigada por ter vindo. Darei seu recado a Anna. Ela ficou fascinada pelo senhor.

O sorriso claro e franco eliminou as rugas de preocupação de Dex, ao mesmo tempo que ele tomava a mão de Rosemary nas suas, em um cumprimento cavalheiresco.

— Ainda lamento o fato de a senhora não ter aceito a minha oferta de cozinhar para mim, sra. Rosemary. A esta altura, eu poderia estar muito bem casado.

— Terá de procurar em outro lugar, sr. Sawyer. Há uma jovem muito boa na cidade, que seria perfeita para o senhor.

As faces de Rosemary coraram à medida que ela falava e, mal as palavras deixaram seus lábios, ela já questionava o bom senso de tê-las pronunciado. Pip seria capaz de matá-la se soubesse que a amiga fizera tal sugestão.

— Está se referindo a Pip? — Dex indagou, erguendo as sobrancelhas. — Ela tem uma língua muito afiada e, ocupada como sempre está, no armazém, não teria tempo para mim. — Ajeitou o chapéu e voltou a apertar a mão de Rosemary. — Preciso voltar para a cidade. Só queria avisá-los que Nate Pender continua por aqui e não parece conformado com seu destino.

Rosemary retirou a mão das dele e enfiou-a no bolso do avental. Então, assentiu.

— Obrigada. Tomarei as providências necessárias. Observou o cavalo afastar-se em um trote macio e foi presenteada com um sorriso radiante, quando Dex acenou pela última vez. Teve de admitir que o jovem era, além de muito atraente, um dos homens mais simpáticos e sedutores que ela já tivera o prazer de conhecer.

O sol pareceu imobilizar-se, suspenso no céu limpo, a oeste, por um momento interminável, antes de baixar no horizonte. Então, tonalidades de rosa e azul, e todas as nuances existentes entre as duas, tingiram o céu, originando-se no ponto em que a grande bola de fogo avermelhada havia desaparecido. Tanner suspirou profundamente, ao mesmo tempo que passava um braço em torno dos ombros de Rosemary.

— Pensei que não conseguiríamos terminar nosso trabalho, hoje — murmurou com voz cansada. — Pobre Tipper, planejava ir à cidade esta noite, mas agora está simplesmente exausto. Acho que a nova namorada dele vai ter de esperar até sábado, para vê-lo.

— Quem é ela? — Rosemary perguntou, erguendo os olhos para fitá-lo. — Eu não sabia que Tipper havia arranjado uma namorada.

— Acho que ela ainda não sabe de nada — Tanner explicou, soltando uma risada baixa. — Ele a viu na estação de trem, na semana passada, quando pedi que fosse buscar uma encomenda que chegou de Shreveport. Estava sozinha, tentando arrastar duas malas pesadas, e Tipper, cavalheiro que é, teve pena da moça e foi ajudá-la. Ao descobrir que ela ia para o hotel, ofereceu-lhe carona na carroça e levou-a até lá. Ao que parece, ela vai trabalhar lá, servindo mesas e limpando quartos.

— Ora, mas eles não tinham nenhuma vaga, quando eu estava procurando emprego! — Rosemary protestou, sem conseguir esconder a irritação que a invadiu. — Aliás, Samuel Westcott deixou bem claro que eu estava perdendo meu tempo indo até lá e perguntando se existiria algum trabalho para mim.

— E você não está feliz por isso ter acontecido? — Tanner inquiriu em tom maroto. — Se ele houvesse lhe dado um emprego no hotel, teria perdido tudo isso — lembrou-a, usando uma das mãos para fazer um gesto largo, que indicava a fazenda que os cercava. Então, puxou-a para si e abraçou-a com força. Em seguida, abaixou a cabeça e beijou-a, demonstrando assim toda a sua satisfação.

— Às vezes, você é o sujeito mais arrogante que já conheci — Rosemary resmungou, antes de se afastar e erguer as sobrancelhas. — Eu poderia ter me saído muito bem, trabalhando no hotel. Imagine quantos cavalheiros simpáticos eu conheceria lá.

— Tem todos os cavalheiros simpáticos de que precisa, bem aqui, querida — Tanner retrucou. — Pode contar comigo, com Cotton, Tipper...

Rosemary cerrou um punho e acertou o marido no estômago.

— Eu não sabia que era uma mulher violenta, sra. Tanner — ele gemeu, fazendo uma careta de dor.

A palavra "violenta" despertou nela a lembrança de Nate Pender, e Rosemary endireitou-se, estremecendo, desvencilhando-se do abraço que até aquele momento a envolvera.

— Receio não ter noção do verdadeiro significado dessa palavra, assim como de muitas outras coisas que existem neste mundo — murmurou, sentindo-se profundamente culpada por ter permitido que a visita de Dex Sawyer, assim como as notícias que ele trouxera, deslizassem para algum canto obscuro de sua memória.

Como pudera se esquecer, depois de ter passado a tarde toda à espera de Tanner, para poder contar a ele o que o pianista lhe dissera?

Tanner soltou-a, e seus olhos perderam imediatamente o brilho de humor que os iluminava.

— O que aconteceu? No que está pensando?

— Dex Sawyer esteve aqui, hoje — Rosemary falou, lançando um olhar rápido por cima do ombro a fim de se certificar de que Anna não poderia ouvi-los, de onde estava. — Veio nos avisar que Nate esteve no saloon, fazendo ameaças. Disse que Nate estava em um estado deplorável, murmurando coisas sobre gente que pagaria bem para ficar com...

Parou de falar, pois não foi capaz de colocar em palavras o pensamento horrível. A simples ideia de que um pai fosse capaz de vender os próprios filhos era inaceitável.

— Com as crianças? — Tanner completou, endireitando-se na cadeira e exibindo expressão sombria, quando ela assentiu em confirmação. — Foi isso que Dex disse?

— Sim. Disse que Nate estava desesperado. E, pelo que pude compreender, "desesperado" não chega a descrever a condição em que se encontrava. — Estremecendo, ela passou os braços em torno do corpo. — Será que sou mesmo tão ingênua? Nunca ouvi falar desse tipo de coisa. É claro que sei tudo sobre escravidão, mas a ideia de que um homem possa vender os filhos...

Tanner segurou-a pelos ombros e virou-a. Rosemary deixou-se virar e ergueu os olhos para fitá-lo.

— A escravidão incluía exatamente esse tipo de coisa, querida — ele confirmou em voz baixa. — Alguns homens vendiam as mulheres que geravam seus filhos, e tenho certeza de que muitas crianças foram envolvidas em tais barganhas. Os homens fazem coisas medonhas, há anos. No passado, era prática comum tratar as filhas como se fossem propriedades comerciais. Já foi hábito trocar uma filha por um bom dote. A única diferença é que Nate está falando de uma garotinha, e casamento está muito longe do que ela encontraria. Hoje em dia, não podemos aceitar esse tipo de coisa.

— O que podemos fazer? — Rosemary indagou, sentindo-se perdida, imobilizada por um forte sentimento de desânimo que ameaçava envolvê-la em uma imensa onda negra.

— No momento, só nos resta ficar de olhos bem abertos — Tanner respondeu.

— Talvez eu devesse levá-los embora daqui. Eu poderia me esconder com os dois, em algum lugar, até que Nate desista de encontrá-los e siga o seu caminho.

Os dedos de Tanner cravaram-se nos ombros dela, em um aperto quase doloroso.

— Nem sequer pense nisso! — advertiu-a em tom rude. — Seu lugar é aqui. Se for

preciso, entregaremos os dois para o delegado e deixaremos que ele os proteja com a força da lei, mas você não vai se colocar em risco de novo. Não permitirei que isso aconteça, Rosemary.

— É por minha causa que eles estão aqui — ela lembrou. — Sou responsável por eles.

Os lábios de Tanner se comprimiram em uma linha dura, ele cerrou os dentes, e seus olhos escureceram ainda mais.

— Pois muito bem, minha querida. Acontece que eu sou responsável por você. É minha esposa, e minha primeira obrigação é cuidar da sua segurança. Se, para isso, as duas crianças tiverem de ficar em outro lugar qualquer a fim de que sejam mantidas a salvo, é exatamente o que faremos. Mas não vou deixar que você fique longe de minhas vistas — acrescentou em tom sombrio. — Vi com meus próprios olhos o que Nate Pender fez, na última vez em que conseguiu pôr as mãos em você. E, acredite, isso não vai acontecer de novo.

Rosemary cerrou os dentes a fim de impedir uma resposta às palavras autoritárias do marido. Sua mente girava, imersa em um turbilhão de pensamentos. Sabia que seria perda de tempo discutir. Tanner era seu marido e o dono da casa, e sua decisão fora tomada.

— Sra. Rosemary, eu ouvi o que aquele moço bonito disse — Anna confidenciou em um sussurro, passando os braços em torno do pescoço de Rosemary em um abraço apertado.

Vestindo a camisola nova, a garotinha parecia um dos lindos anjinhos pintados na Bíblia que a mãe de Rosemary deixara para ela. Ocorreu-lhe rezar para que um deles fosse o guardião daquela criança, cuja inocência encontrava-se ameaçada.

— O que você ouviu, Anna? — perguntou, afagando os cabelos sedosos e as faces coradas da menina, sentindo um forte aperto no coração.

Em silêncio, pediu a Deus que tamanha barbaridade nunca atingisse a pobrezinha.

— Ele disse que meu pai vai ganhar dinheiro porque Seat já é capaz de trabalhar muito. — Os lábios rosados tremeram, e uma lágrima escapou de um dos olhos de Anna. — Não quero que ele machuque Seat de novo, sra. Rosemary. Se meu pai nos levar de volta para casa, nunca mais comeremos biscoitos, e Seat será obrigado a fazer coisas ruins.

— Ah, querida! — Rosemary murmurou, tomando a menina nos braços. Ninou-a como se fosse um bebê, cantarolando baixinho, com os lábios pressionados contra os

cabelos, agora limpos e brilhantes. — Não se preocupe. Nunca permitirei que nada aconteça a nenhum de vocês.

— Do que ela está falando, sra. Rosemary? — Seat perguntou.

Estava parado na porta do quarto, o olhar ansioso, as mãos cerradas junto ao corpo.

Anna desvencilhou-se do abraço de Rosemary e abriu os braços para o irmão.

— Seat! Ouvi aquele homem dizer que papai está furioso conosco e que vem nos buscar.

— Ele não vem — Rosemary falou depressa, olhando para o corredor, atrás de Seat. — Feche a porta, Seat. Quero conversar com você.

— Sim, senhora. — Depois de fechar a porta sem produzir nenhum ruído, ele se aproximou da cama, deixando que a irmã o agarrasse pela camisa. — Quem esteve aqui, hoje?

— Conhece Dex Sawyer? — Rosemary perguntou. Seat assentiu.

— Ele toca piano, no saloon. Uma vez, me deu um grande pedaço de carne assada, dizendo que era para o meu jantar e de Anna. Também disse que, se eu precisasse de alguma coisa, deveria pedir a ele.

Rosemary foi incapaz de esconder sua surpresa. Ao que parecia, Dex Sawyer possuía facetas secretas em sua personalidade.

— Bem, ele esteve aqui, hoje, e me disse que seu pai está muito doente.

O menino emitiu um som de ceticismo.

— Ele não está doente. É um bêbado. Sempre parece estar doente, quando precisa de uísque.

Rosemary balançou a cabeça devagar, enquanto considerava a possibilidade e a sensatez de ser direta e franca com ele. Tudo indicava que Seat tinha um julgamento formado sobre o pai e, com certeza, ele já vira o pior lado da vida em família. Talvez, um pouco mais de esclarecimento não lhe fizesse mal algum.

— Aparentemente, seu pai está pensando em levar vocês dois com ele, para encontrar novos lares para ambos.

Anna puxou a manga do vestido de Rosemary, a fim de chamar-lhe a atenção.

— Não se esqueça que ele disse que tem gente que pagaria um bom dinheiro para ficar conosco.

— Ele quer nos vender? — Seat inquiriu, arregalando os olhos, uma vez que as

palavras da irmã se registraram em sua mente. — Anna é pouco mais que um bebê. Por que alguém iria querer uma garotinha tão pequena? Rosemary fechou os olhos.

— Muitas famílias adorariam ter uma menina como Anna em seus lares, Seat. Você também teria essa possibilidade.

Felizmente, as intenções sórdidas de Nate Pender não eram claras para o menino, e Rosemary sentiu-se profundamente grata por isso.

— Bem, Anna e eu podemos ir embora imediatamente, sra. Rosemary. Não queremos causar problemas para ninguém, e se nosso pai souber onde estamos, virá nos buscar. Não acho que Tanner ficaria muito feliz com isso.

— Vamos pensar melhor sobre isso — Rosemary sugeriu, removendo com cuidado os dedos de Anna, que continuavam agarrados à camisa de Seat. — Venha, querida, você precisa dormir. Vamos manter essa conversa em segredo, está bem? Amanhã, decidiremos o que fazer.

— Isso quer dizer que você não pode contar nada do que ouviu a ninguém, Anna. Entendeu? — Seat advertiu a irmã em tom rígido, inclinando-se sobre ela.

Os olhos de Anna se arregalaram, ao mesmo tempo que se enchiam de lágrimas.

— Eu sempre faço tudo o que você manda, Seat. Não vou contar nada para ninguém — murmurou, sacudindo a cabeça para enfatizar a promessa.

Seat ficou de pé e Rosemary fitou-o nos olhos.

— Espero que consiga pensar em uma boa solução, sra. Rosemary. Senão, vou ter de pensar em alguma coisa... bem depressa.

— Sim... — Rosemary assentiu. — Vou pensar em alguma coisa. Amanhã de manhã, voltaremos a conversar — garantiu.

Mama Pearl sacudiu a cabeça, falando com voz preocupada:

— Tanner teria um ataque, sem a menor sombra de dúvida, se você sumisse com essas crianças. — Lançou um olhar rápido para a porta, como se precisasse se certificar de que o patrão não estava na varanda, ouvindo a conversa. — E eu não gostaria de estar no seu lugar, caso ele conseguisse encontrá-la.

Rosemary deu de ombros, cerrando os dentes.

— Ele seria incapaz de me maltratar, e a senhora sabe disso. Ele deveria saber que eu jamais mandaria os dois para a cidade, para deixá-los aos cuidados do xerife. Se for preciso, encontraremos um lugar na floresta, onde possamos nos esconder por algum tempo.

Mama Pearl girou nos calcanhares, foi até a janela e voltou.

— Escute aqui, menina. Não vai se esconder na floresta. Não posso permitir isso. Se o pior for inevitável...

Os grandes olhos castanhos enviaram uma mensagem clara: Rosemary não estava sozinha. Tinha uma aliada.

— Ainda não decidi partir — Rosemary murmurou em tom reconfortante. — Só preciso pensar em uma solução antes que Seat pegue Anna e fuja daqui. Ele não vai aceitar a ideia de ser levado para a cidade e de ficar com o xerife. Tenho a mais absoluta certeza disso.

— Bem, se Tanner realmente ficar de olho em você, como estou inclinada a acreditar que ele vai fazer, não será fácil escapar à vigilância dele. E isso é um fato, menina. Aquele homem não parece nem um pouco disposto a ficar longe de você.

— E eu não estou nem um pouco disposta a ficar longe de Seat e Anna. Se Tanner não tiver ideia melhor, serei obrigada a resolver o problema, eu mesma.

Mama Pearl ergueu uma das mãos, em sinal de advertência.

— Vou até a casa de minha filha. Quem sabe, eu tenha uma boa ideia pelo caminho. Trate de não fazer nada enquanto eu não voltar. O preparo da comida deverá mantê-la ocupada enquanto eu estiver fora.

Rosemary assentiu.

— Tenho alguns serviços de costura para fazer, e já comecei a preparar a massa dos pãezinhos de canela.

Observou a mais velha tirar o avental e pendurá-lo em um dos ganchos na parede. Mama Pearl ajeitou o turbante e o vestido.

— Vou encontrar um cavalo que não esteja sendo usado — anunciou. — Tenho certeza de que serei capaz de cavalgar sem sela, desde que consiga montar no dorso do animal. — Parou na porta, apontando para a espingarda guardada atrás dela. — Já lhe mostrei como usar essa coisa. — Diante do gesto afirmativo de Rosemary, seus lábios se curvaram em um sorriso amargo. — Não tenha medo de puxar o gatilho, caso seja necessário, querida. Se qualquer homem se aproximar, à procura de problemas, seja rápida.

— Fique tranquila. Sou perfeitamente capaz de me defender.

E era verdade, Rosemary pensou, enquanto Mama Pearl se dirigia ao estábulo. Poucos minutos depois, saiu de lá, montada em um cavalo, abaixando a cabeça ao passar

pela porta. Sua mão se ergueu em um aceno e, então, ela se foi, cavalgando com rapidez pelos campos e desaparecendo na floresta.

Tentar costurar seria uma grande perda de tempo, Rosemary decidiu, depois de ter furado o dedo pela terceira vez. Como poderia realizar tal tarefa, sangrando? Seu olhar atravessou a sala, pousando onde Anna se distraía, vestindo sua nova boneca.

— Poderíamos fazer roupas novas para ela usar — Rosemary sugeriu com um sorriso, admirando os movimentos desajeitados dos dedinhos da menina, que lutava com os botões minúsculos.

— Ela já tem dois vestidos, sra. Rosemary — Anna lembrou. — É o bastante. Desde que um esteja limpo, para que eu possa trocá-la, ela está feliz.

Rosemary sabia que tais palavras descreviam a disposição da própria criança. Assim, desistiu das roupas de boneca e levantou-se para verificar o progresso da massa dos pãezinhos de canela, que ela deixara descansando. A tigela havia se enchido até quase a borda, quando finalmente foi retirada da prateleira sobre o fogão. O ensopado de galinha fervia lentamente no fogo, e Rosemary mexeu com a colher de pau a fim de se certificar de que a comida não grudaria no fundo da panela. Então, tratou de enrolar os pãezinhos, sabendo que os homens da casa ficariam muito felizes ao descobrirem a novidade sobre a mesa.

Com movimentos ágeis e experientes, abriu a massa em um grande retângulo, para então cobri-la de canela, açúcar e passas. Algumas colheradas de creme complementaram o recheio, e ela enrolou a massa depressa, para depois cortá-la em pedaços pequenos. Poucos minutos depois, admirou o resultado do próprio trabalho, tendo forrado duas grandes assadeiras com pãezinhos, que ainda cresceriam um pouco mais.

— A senhora faz isso muito bem — Anna declarou, apoiando os cotovelos na mesa. Estava ajoelhada em uma cadeira, observando atentamente cada etapa do trabalho de Rosemary. — Adoro o cheiro daquela coisa marrom que a senhora jogou por cima da massa.

Rosemary abaixou-se e beijou a menina na face.

— Eu também, querida. Minha mãe sempre punha canela nos biscoitos. Noz-moscada, também, se não me engano.

Por um momento, deixou-se levar pela lembrança nostálgica da mulher que a pusera no mundo. Anna não tivera a chance de gravar aquele tipo de lembrança na memória.

A mesa estava coberta de pãezinhos de canela, já assados e esfriando, quando

Mama Pearl voltou. De mãos na cintura, Cotton observou-a aproximar-se, parado na porta do estábulo. As vozes de ambos se misturaram, incompreensíveis aos ouvidos de Rosemary, que correu para a varanda, seguida de perto por Anna.

— Por que eles estão brigando, sra. Rosemary? — Anna perguntou, agarrada à saia de Rosemary e colando o corpo à perna dela. — Acho que Cotton está furioso com Mama Pearl, não está? — concluiu. Então, em um arroubo de coragem, soltou a saia de Rosemary e saiu correndo pelo quintal, anunciando em tom alegre e orgulhoso: — Nós fizemos o jantar! Estou contente que tenha voltado, Mama Pearl. Senti a sua falta.

— Trate de voltar para dentro de casa, menina! — Mama Pearl repreendeu-a. — Não deve sair sozinha. — Ergueu os olhos para Rosemary, quando se aproximava da varanda. — O velho Cotton está furioso porque tomei emprestado um de seus cavalos, enquanto ele não estava por perto. Acho que ele vai ter de recuperar o bom humor sozinho, não é mesmo? — Passando um braço em torno dos ombros de Anna, apressou-se em colocar a menina dentro da cozinha, ao mesmo tempo que chamava Rosemary. — Venha cá, menina. Estive em minha casa, e minha filha não está lá. Deixou um bilhete, dizendo que foi embora com o homem que arranjou. — Mama Pearl baixou ainda mais o tom de voz, inclinando-se para Rosemary. — Minha casa está vazia. Há uma tranca na porta e comida enlatada na despensa. As janelas são resistentes. Se precisar de um lugar onde possa se esconder por alguns dias, até que Tanner tenha resolvido o problema com Nate Pender, pode ficar lá.

— Nós vamos nos esconder? — Anna indagou, curiosa. Rosemary ajoelhou-se diante da menina.

— Isso tem de ser mantido em segredo, querida. Não quero que Seat leve você embora daqui.

— Seat sabe cuidar de mim — Anna garantiu, empinando o queixo.

— Eu sei, mas prefiro ter vocês dois aqui, comigo — Rosemary explicou.

— Temos de alimentar aqueles homens, antes que você possa pensar e tomar uma decisão — Mama Pearl observou.

Rosemary sentou-se em uma cadeira, torcendo as mãos.

— Quero fazer o que for melhor para as crianças.

— Vai deixar Tanner furioso, como eu já disse.

— Não quero que Seat fuja — Rosemary sussurrou. — Tenho de fazer o melhor por essas crianças. Eu as trouxe para cá. É minha culpa o pai delas estar tão determinado a criar problemas.

— Trate de se levantar dessa cadeira e arrumar a mesa, menina. Dentro de poucos minutos, aquele bando de famintos vai entrar por aquela porta, mas nos livraremos deles bem depressa. Teremos tempo de sobra para decidir o que fazer, durante a tarde.

— Onde Mama Pearl foi, hoje de manhã? Cotton me disse que ela apanhou um cavalo e desapareceu, enquanto ele estava ocupado no curral.

Com um braço em torno da cintura de Rosemary, Tanner conduziu-a para dentro do escritório. Não restava ali nenhuma lembrança da presença de seu pai. Era o livro de contabilidade do próprio Tanner que se encontrava aberto sobre a escrivaninha, e era o odor de seu corpo que permeava o ar. As cortinas haviam sido afastadas para que a janela fosse aberta, permitindo que o sol e o ar fresco invadissem o aposento.

A última coisa de que Rosemary precisava, no momento, era ser envolvida pela aura de sensualidade do marido e, por isso, afastou-se do abraço tentador assim que ele fechou a porta atrás de si.

— Por que não pergunta a ela? — sugeriu.

A frustração tomou conta do semblante de Tanner, e ele a segurou pelos ombros.

— Entre você e ela... — parou de falar, fitando Rosemary diretamente nos olhos. — Não vou permitir complôs dentro de minha própria casa, querida. O xerife Rhinehold informou-me que virá até aqui, mais tarde, trazendo dois de seus homens. Eles vão escoltar Seat e Anna de volta à cidade. Assim que essa situação estiver resolvida de uma vez por todas, quando Nate Pender estiver definitivamente fora de circulação, os dois poderão voltar para cá, se é isso o que você quer.

— Se é isso o que eu quero? Está disposto a adotá-los? Rosemary convivera durante dias com o receio de que ele se recusasse a tomar tal decisão e prendeu a respiração, ao mesmo tempo que Tanner sacudia a cabeça em uma resposta negativa.

— Eu não sei — ele admitiu. — Não sei que tipo de homem seria um bom pai para aquele garoto. De uma coisa eu tenho certeza: não tenho o conhecimento e a experiência necessários para isso. — Seus traços tornaram-se tensos, a expressão, amarga. — Nem mesmo sei se sou capaz de...

— De amá-lo? — Rosemary completou em um sussurro. Tanner baixou a cabeça, com ar derrotado.

— Sim, acho que é isso. — Procurou pelas palavras adequadas, tornando-se ainda mais sombrio. — Escute, Rosemary. Você já conhece, ao menos, parte da história. Meu pai era um bêbado. Minha mãe fugiu e me abandonou. Ninguém nunca me ensinou como se deve viver em família. — Então, sua voz baixou para um sussurro: — Para ser franco, nem

sei qual é a sensação de amar alguém.

Sentindo o coração se apertar, Rosemary reprimiu o impulso de passar os braços em torno do pescoço dele e apertá-lo contra si.

— Pois eu sei — afirmou, convicta, cerrando os dentes na tentativa de lutar contra tudo o que sentia pelo homem parado à sua frente. — Amo aqueles dois, e não quero que o xerife os leve daqui.

— Talvez seja preciso amá-los o bastante para deixar que sejam levados — Tanner sugeriu em tom quase rude. — O xerife cuidará para que eles sejam mantidos em segurança, na cidade.

— E nós não podemos fazer isso?

— Sim, acho que podemos nos entrincheirar aqui e esperar que Nate apareça. Ou, então, podemos tirar as crianças daqui e sair à procura daquele sujeito. Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, Rosemary. Quero ter a certeza de que você está segura, e isso não vai acontecer enquanto Nate Pender não for preso em caráter definitivo.

— Como poderemos conseguir isso?

— Nate fez ameaças contra os dois filhos. Se Dex Sawyer estiver disposto a declarar em um depoimento formal tudo o que ouviu, creio que qualquer juiz decrete a prisão de Nate.

— Por quanto tempo ele ficaria preso? Por quanto tempo teremos de continuar olhando por cima do ombro, à espera que ele apareça de novo?

Tanner sacudiu a cabeça.

— Não tenho todas as respostas, querida, mas o xerife está convencido de que, se as crianças estiverem na cidade, Nate vai...

— Está dizendo que vão transformar Seat e Anna em iscas? — Rosemary interrompeu-o, afastando-se ainda mais e dirigindo-se à janela, olhando para os campos e pastos, sem enxergar nada à sua frente. — Devo confessar que esperava mais de você, Tanner.

— Estou pensando em você — ele retrucou, obstinado. — Nate vai deixá-la em paz se souber que as crianças não estão mais aqui. Na cidade, o xerife dispõe de número de homens suficiente para vigiá-los e mantê-los fora de perigo. Assim que Nate tentar se aproximar, estará na cadeia.

CAPITULO XVI

Para onde vamos? — Anna inquiriu em tom petulante.

Rosemãry calculou que a atitude incomum da menina devia-se ao fato de ela ter sido tirada da cama e metida em suas roupas antes do amanhecer.

— Isso não importa, agora, querida — Rosemãry murmurou com suavidade. — Só não faça barulho e me acompanhe.

A menina obedeceu, caminhando ao lado dela, e Rosemary lamentou o fato de já estar sobrecarregada com a valise pesada. Não havia a menor possibilidade de levar Anna nos braços.

Como se Deus houvesse decidido presenteá-la com uma oportunidade de ouro, o xerife tivera um imprevisto que o impedira de ir até a fazenda para apanhar Seat e Anna, na véspera. Assim, ao menos por mais uma noite, os dois haviam permanecido sob o teto de Tanner. A promessa de uma visita do xerife pela manhã fizera Rosemary despertar no meio da noite, deixando-a acordada durante mais de uma hora, considerando suas alternativas.

Que não eram muitas. A primeira seria concordar com o plano de Tanner e assistir à partida de Anna e Seat para a cidade, onde seriam transformados em iscas para apanhar Nate Pender. O que não era do agrado de Rosemary.

A segunda seria pensar em uma maneira de afastar as duas crianças do perigo imediato. Para atingir tal objetivo, Rosemary avaliou diversos planos possíveis. Depois de travar um longo debate consigo mesma, chegou à conclusão de que o mais viável seria fugir e esconder-se na casa de Mama Pearl.

Tanner não era bobo e, por isso, não demoraria a descobrir o paradeiro dos três. Porém, existia uma grande probabilidade de que isso só acontecesse depois de ele haver se dado conta de que o plano de Oscar Rhinehold só trazia perigo ainda maior para Seat e Anna. A simples ideia de Nate Pender colocando suas mãos imundas sobre a menina que ela passara a amar provocava calafrios em Rosemary. Aquilo não podia acontecer.

Fora uma noite longa e exaustiva, e Rosemary passara mais tempo acordada do que dormindo. O dia ainda nem dera seus primeiros sinais, quando ela ouviu a porta do estábulo se fechar. Minutos depois, o nome de Tanner foi chamado, bem debaixo da janela

do quarto.

— Tanner! — Cotton sussurrou em tom urgente. Quando o chamado foi repetido pela terceira vez, Tanner rolou na cama e sentou-se.

Rosemary ouviu-o resmungar, sentiu o colchão balançar quando ele se levantou e, então, ouviu com atenção as explicações de Cotton sobre uma égua que estava sofrendo de fortes cólicas.

Seu plano não poderia ter sido mais bem-sucedido. O fato de a égua correr perigo de vida era motivo de preocupação mas, por enquanto, tal preocupação seria apenas de Tanner. Permaneceu imóvel enquanto ele se vestia, resmungando e praguejando baixinho sem parar. Observou com olhos semicerrados o marido calçar as botas e sair.

Notando que ele fechou a porta atrás de si com grande cuidado, sem produzir o menor ruído, teve a certeza de que ele acreditava que ela continuava dormindo, e que não queria perturbá-la. Sentiu uma ponta de remorso, mas não forte o bastante para dissuadi-la da decisão tomada na madrugada.

Saiu da cama assim que ouviu Tanner descer a escada e, segundos depois, já estava acordando Seat.

— Seat! Precisamos agir com rapidez. Vista-se e separe uma muda de roupas limpas. Vou acordar Anna.

Felizmente, o menino não abrira a boca, nem para discutir, nem para interrogá-la. Sem perder tempo, atirou longe as cobertas e pulou da cama, fazendo exatamente o que Rosemary mandara.

Anna, por sua vez, resmungou um bocado, esfregando os olhos lentamente e agarrando-se à boneca.

— Para onde vamos, sra. Rosemary? Por que tenho de me levantar no escuro?

— Fique quietinha, querida, e venha comigo.

Com dedos trémulos, Rosemary vestiu-a, calçou-lhe os sapatos e, então, apanhou um vestido limpo e roupas de baixo.

Guardou tudo na valise, juntamente com roupas limpas para si própria. As estrelas ainda pontilhavam o céu negro quando os três saíram pela porta dos fundos, dirigindo-se para os campos. Atrás deles, uma trilha de pegadas na terra úmida pelo orvalho delatava a trajetória de sua fuga, e Rosemary rezou para que o sol secasse o solo antes que Tanner decidisse sair no seu encalço. Uma carroça e um cavalo teriam facilitado em muito a execução de seu plano, mas como Tanner e Cotton estavam no estábulo, ela não teria a

menor chance de escapar se tentasse se aproximar de lá.

Ao alcançar os limites da floresta, virou-se e sentiu um grande alívio ao descobrir que a luz do lampião ainda iluminava o estábulo, fazendo as pequenas janelas parecerem estrelas grandes e douradas. O incidente que tornara seu plano viável fora, com certeza, um sinal divino de que suas preces haviam sido ouvidas e atendidas. Ao menos, foi assim que Rosemary interpretou os acontecimentos daquela última hora. Ainda assim, a ideia de que, naquele exato momento, Tanner esforçava-se para salvar a égua doente pesou em sua consciência, tornando a caminhada entre as árvores mais penosa. Partir daquela maneira estava longe de ser uma atitude honesta, mas sem dúvida, era infinitamente melhor do que deixar que Seat fugisse, levando a irmãzinha.

— É claro que não sei onde eles estão — Mama Pearl declarou com uma dose de entusiasmo. — Chamei os três e, como não obtive resposta, abri os quartos e descobri que não havia mais ninguém lá em cima. Não ouvi nada, antes de me levantar — acrescentou, enfatizando a mentira com um vigoroso aceno de cabeça.

E Tanner sabia, com a mais absoluta certeza, que ela mentia. Não havia a menor possibilidade de os três terem desaparecido da casa sem que Mama Pearl se desse conta do que estava acontecendo. Frustrado, atirou o chapéu sobre a mesa da cozinha.

— Muito bem. Eles se foram. O sol já nasceu e, pelos meus cálculos, a esta hora, o xerife já está a caminho da fazenda. E não faço a menor ideia do que dizer a ele, quando chegar, nem com que cara vou recebê-lo.

— É só com isso que se preocupa, Tanner? Com que cara receber o xerife? — Mama Pearl retrucou sem a menor sutileza, e foi recompensada com um olhar faiscante, que poderia ter sido mortal.

— Eu seria capaz de apostar que a senhora disse a ela para onde deveria ir — ele praticamente rosnou. — Onde eles estão, agora? Na sua casa?

— Não sei do que está falando, patrão.

A postura dela era da mais pura teimosia, reforçada pelos braços cruzados sobre o peito. Se Mama Pearl sentia alguma pontada de culpa ou remorso, sabia muito bem como esconder tais sentimentos.

Tanner olhou através da janela da cozinha. O sol já estava alto no céu. A égua que ele tivera de socorrer antes do amanhecer encontrava-se em sua baia, passando bem.

— Aquela mulherzinha teimosa pode estar a meio caminho do condado vizinho, a esta altura! — resmungou, mas logo decidiu que isso seria improvável, uma vez que

Rosemary levava consigo as duas crianças, sendo que uma, sem dúvida, não aguentaria uma longa caminhada.

— O xerife está chegando! — uma voz anunciou do quintal.

Lançando um último olhar furioso para a mulher parada diante do fogão, Tanner abriu a porta de tela e saiu para a varanda.

— Viu algum sinal de Nate? — Oscar perguntou a queima-roupa, inclinando-se na sela.

Tanner fixou os olhos nos dele, a expressão tornando-se sombria e ameaçadora.

— Não sabe onde ele está? Pensei que o estivesse mantendo sob vigilância.

Oscar sacudiu a cabeça.

— Um de meus homens ficou encarregado de vigiá-lo, mas de repente Dex Sawyer estava batendo em minha porta, dizendo que o velho Nate conseguiu roubar uma garrafa de uísque de trás do balcão do saloon, hoje cedo. Na última vez em que foi visto, cavalgava na direção da floresta, ao norte daqui. E há mais uma coisa. Roubou o cavalo de Homer Pagan, que estava amarrado diante do armazém. O velho Homer quase teve um ataque.

— Roubou um cavalo! — Tanner repetiu, sacudindo a cabeça, incrédulo.

O roubo de cavalos constituía um crime grave, que levava o ladrão para a cadeia, durante muitos anos, quando não resultava em enforcamento.

— Exatamente. Não sei o que se passa na cabeça dele. Deve ser o uísque que o faz agir com tamanha estupidez.

Tanner passou pelo xerife, dirigindo-se ao estábulo com passadas largas.

— Vou selar o meu cavalo, Oscar. Temos problemas de sobra, por aqui, para resolvermos. Rosemary pegou as crianças e desapareceu, hoje, antes do amanhecer. Acredito que está a caminho da casa de Mama Pearl.

O xerife Rhinehold pôs o cavalo em movimento, acompanhando Tanner.

— Bem, só nos resta rezar para que ela não encontre Nate Pender na floresta. Ao que tudo indica, os dois partiram na mesma direção. Ninguém deu pela falta dela, antes?

Tanner sacudiu a cabeça.

— Eu não percebi nada diferente na casa, até entrar na cozinha para tomar o café da manhã, há poucos minutos. Estava no estábulo, cuidando de uma égua doente, desde a madrugada. E Mama Pearl jura não ter ouvido nada.

Oscar resmungou algo incompreensível, mas que deixou claro seu ceticismo.

— Simplesmente, não acredito nisso. Aquela velha vê e ouve tudo o que se passa em quilômetros, durante as vinte e quatro horas do dia.

Tanner entrou no estábulo e, sem perder tempo, apanhou a sela e, então, abriu a porta da baia de seu garanhão.

— Vai me ajudar a procurá-los?

— É claro que vou! — Oscar declarou de pronto. — Espero que Nate não os encontre antes de nós.

Tanner disse a si mesmo que o último comentário poderia ter sido poupado.

— Tem certeza de que estamos no caminho certo? Já estive na casa de Mama Pearl?

— Seat perguntou, carregando sua bagagem assim como a valise de Rosemary, dando dois passos para cada um dos dela.

— Vamos mais devagar — ela pediu, ofegante, acomodando Anna nos braços. — É claro que sei para onde estamos indo. Mama Pearl me explicou, ontem, que a casa fica logo depois da bifurcação da estrada, à esquerda.

— Espero que já estejamos perto. Estou com fome — ele resmungou.

Se não estivesse tão cansada, Rosemary teria soltado uma gargalhada pelo tom de voz usado pelo menino. Sabendo que encontraria suprimentos na casa, ela não perdera tempo providenciando comida, exceto pelo filão de pão e pelas sobras do jantar que apanhara na cozinha, antes de sair. Ao se lembrar disso, parou.

— Abra a minha valise e pegue as tortas de carne, Seat — instruiu-o com dificuldade, pois o ato de falar lhe roubava o fôlego, já prejudicado.

— Posso comer uma, também? — Anna perguntou, inclinando-se para trás a fim de encarar Rosemary.

A menina mantinha os braços firmemente presos em torno do pescoço de sua protetora, como se precisasse se ancorar ali, e Rosemary voltou a ajeitá-la em seus braços.

— Dê uma a sua irmã — Rosemary disse a Seat, mal conseguindo pronunciar as palavras.

Seat abriu a valise e retirou a comida.

— Aqui está. Uma para cada uma.

Rosemary colocou Anna no chão e, então, sentou-se na grama, examinando a torta

com água na boca. Nunca um alimento lhe parecera tão apetitoso. Mordeu a massa crocante e saboreou, deliciada, o recheio de carne com legumes.

— Talvez ainda estejamos longe da bifurcação — disse, lamentando não ter levado café, também.

— Nem sei em que altura está o sol — Seat queixou-se de boca cheia. — Aposto que estamos andando há mais de dez horas.

— Garanto que não foram nem quatro — Rosemary corrigiu-o.

E caminhavam em um ritmo que jamais quebraria qualquer recorde, ela pensou em silêncio. Anna os atrasara muito mais do que ela havia imaginado.

Seat estudou-a, como se avaliasse sua resistência.

— Por que não me deixa seguir na frente, para encontrar, a bifurcação? — sugeriu.

— Parece boa ideia. Seguiremos dentro de alguns minutos. Com Seat longe delas, Rosemary poderia procurar por um arbusto conveniente para satisfazer suas necessidades. E seria capaz de apostar que Anna estava sofrendo do mesmo problema.

Esperou que o menino apanhasse a bagagem e seguisse pela trilha. Então, olhou em volta. Anna observou-a em silêncio e não protestou quando Rosemary a levou até uma touceira de mato e ajudou-a a abaixar a calcinha.

— Estou me sentindo bem melhor, agora — Anna declarou, ajeitando o vestido, minutos depois. — Acho que vou conseguir caminhar um pouco.

Rosemary elevou ao céu uma prece silenciosa de agradecimento, ao mesmo tempo que balançava a cabeça em concordância.

— Espere por mim junto daquela árvore — apontou. Depois de satisfazer rapidamente suas necessidades, aproximou-se de Anna e estendeu-lhe a mão. A menina aceitou-a, confiante.

— Vou andar bastante, agora. Não estamos muito longe, estamos? — perguntou em tom bem mais animado do que Rosemary esperava ouvir.

A verdade era que Rosemary começava a questionar a sensatez de seu plano de fuga. Fora somente a chegada iminente do xerife Rhinehold que a pressionara a empreender aquela aventura. Certamente, conseguiria ganhar tempo em manter as crianças fora do alcance de Nate Pender.

— Sra. Rosemary! — Seat chamou em um sussurro alto, correndo na direção das duas, tropeçando e quase caindo duas vezes, antes de alcançá-las. Rosemary ficou perplexa ao reconhecer o terror no semblante do garoto. — Ele está lá! Meu pai está logo

adiante, dormindo debaixo de uma árvore. Quase tropecei nele, sra. Rosemary! — Respirou fundo e, então, deixou a cabeça pender para a frente, colando o queixo ao peito. — Ele não vai nos apanhar, vai?

Rosemary puxou-o para si e passou um braço em torno dos ombros franzinos, fazendo um esforço para dominar o próprio medo.

— Não, é claro que não, Seat. Vamos seguir adiante, completamente silenciosos, e passar por ele sem acordá-lo.

Seat ergueu os olhos para fitá-la, sem sequer tentar esconder o pavor que sentia.

— Sra. Rosemary, se ele vier atrás de nós, quero que pegue Anna e corra. Ele não pode me machucar... não mais do que já machucou. Mas não quero que toque em Anna.

Com o coração apertado, Rosemary inclinou-se para beijá-lo na testa. E teve uma boa noção da intensidade do medo dele quando o menino não tentou se esquivar ao contato.

— Não permitirei que você enfrente Nate sozinho, Seat. Eu jamais seria capaz de fazer isso. Não levei vocês para a minha casa para deixar que ele os leve de volta. Compreende o que estou dizendo?

— Sim, senhora, eu entendo, mas a senhora não sabe como ele é. Meu pai é muito mau, sra. Rosemary — ele falou com voz tremula, ao mesmo tempo que um espasmo sacudia seus ombros.

— Bem, vamos caminhar devagar, com todo o cuidado e em silêncio. Quando estivermos perto do local onde você viu seu pai, quero que me avise. Não poderemos fazer o menor ruído. Entendeu, Anna? Não fale nada, nem mesmo sussurre.

Embora falasse em voz baixa, Rosemary deu suas instruções em tom muito firme. Os tremores de apreensão que a sacudiam por dentro não poderiam tornar-se aparentes para aquelas duas crianças, e ela tratou de endireitar os ombros, antes de iniciar a caminhada.

Seguiram no mais absoluto silêncio, que era quebrado apenas pelos pássaros pousados nos galhos das árvores. Poucos minutos depois, Seat ergueu uma das mãos, espiou Rosemary por cima do ombro e, então, apontou para uma árvore imensa, logo adiante. Debaixo dela, a figura de Nate Pender, adormecido, a cabeça pendendo para um lado, a boca aberta, quase se mesclava às folhas secas e ao mato que se erguia do chão. A garrafa quase vazia ao lado dele era um testemunho mudo de suas péssimas condições, e Rosemary suspirou aliviada. Talvez ele estivesse embriagado demais para se dar conta de que alguém passava por ali.

Continuaram seguindo na direção do homem adormecido, pisando com todo o cuidado, buscando os pontos onde folhas secas e gravetos não pudessem indicar sua presença. Anna pousou os olhos no pai e imediatamente arregalou-os, visivelmente apavorada. Rosemary pousou um dedo nos lábios da menina e sacudiu a cabeça, em uma advertência clara e nítida.

Haviam conseguido colocar uma boa distância entre si e Nate, e Rosemary já estava prestes a respirar aliviada, quando um cavalo solitário aproximou-se da trilha que percorriam. Usando sela e cabresto, as rédeas soltas no chão, o animal parava a cada poucos metros, a fim de abocanhar as touceiras de capim que avistava.

Anna respirou fundo, aflita, e agarrou-se à saia de Rosemary. Não havia a menor sombra de dúvida de que o cavalo não estava nem um pouco interessado nos passantes, mas para Anna a criatura representava uma ameaça terrível, e seu medo era quase palpável. Com movimentos rápidos, Rosemary abaixou-se e tomou-a nos braços, aconchegando-a de encontro ao corpo, e Anna afundou o rostinho em seu ombro.

Naquele momento, o cavalo imobilizou-se, a atenção concentrada nas três pessoas cuja presença ele parecia ter acabado de perceber. Então, relinchou para eles, como se os cumprimentasse. Rosemary apressou o passo, mas o animal voltou a relinchar, desta vez mais alto.

— Ele virá nos pegar? — Anna inquireu em um sussurro. — Ele é mau?

— Não, claro que não — Rosemary respondeu depressa. — O cavalo não nos fará mal algum, querida.

Mas seu pai poderá fazer, ela pensou. Se Nate acordasse e os visse, estariam perdidos. E foi esse o pensamento que lhe deu forças para seguir adiante com rapidez ainda maior, até dobrar a curva seguinte da trilha.

Atrás deles, um urro raivoso anunciou o despertar de Nate, e Rosemary ouviu as folhas secas sendo amassadas enquanto ele tentava se levantar. Olhou para trás, sentindo o coração disparado, que parecia prestes a saltar para fora de seu peito. Não viu o menor sinal de Nate, mas Anna começava a pesar em seus braços. À sua frente, Seat apontou para uma trilha, parcialmente encoberta pelo mato crescido, mas fácil de ser seguida, assim mesmo.

Abandonaram a trilha que vinham seguindo e correram para o abrigo das árvores e do mato. À frente, o sol brilhava, e o céu já era todo visível, além do abrigo oferecido pela floresta. Poucos minutos mais tarde, avistaram a pequena casa de madeira. Construída entre duas árvores antigas e bem grandes, parecia mesmo abandonada, embora flores coloridas crescessem nas laterais dos degraus que levavam à porta de entrada.

— A casa é essa, posso apostar, sra. Rosemary — Seat murmurou, esperando por ela no limite da clareira.

Então, saiu correndo, subiu os degraus, soltou a tranca externa e abriu a porta com facilidade. Espiou lá dentro e voltou, acenando para Rosemary com impaciência.

— Venha! Está vazia!

Reunindo o pouco que restava de suas forças, Rosemary acomodou Anna nos braços e seguiu Seat para dentro da casa. Tentou examinar o interior, mas as janelas fechadas não permitiam a entrada da luz do sol.

— Feche a porta, Seat — ordenou em voz baixa, temendo uma possível aparição de Nate Pender.

— Sra. Rosemary — o menino falou em tom sério, quase adulto. — Preciso buscar socorro. Se Tanner não vier nos ajudar, não sei o que poderemos fazer.

— E eu preciso de você aqui, Seat — Rosemary retrucou, apavorada diante da ideia de ele ter de fugir do pai enfurecido pela floresta.

Assumira a responsabilidade pelo bem-estar daquelas crianças e, por mais incrível que a situação pudesse parecer, tinha de resolver sozinha aquele problema.

A postura de Seat, no entanto, mostrava que ele tinha opinião totalmente diferente. Parado diante dela, ele endireitou os ombros, estufou o peito e empinou o queixo.

— Sra. Rosemary, não quero desobedecer as suas ordens, mas tenho certeza de que é isso o que Tanner esperaria de mim. Vou sair desta casa, agora, e quero que a senhora passe a tranca na porta e cuide de Anna.

De repente, o garoto de doze anos assumiu as proporções de um homem maduro, e foi diante dos olhos de Rosemary que tal transformação ocorreu. Sabendo que não lhe restava alternativa senão curvar-se à decisão tomada por ele, ela assentiu com relutância, mas com grande admiração.

— Então, vá — murmurou. — Cuidarei de sua irmã.

O menino assentiu em solene concordância e saiu pela porta, parecendo voar na direção das árvores. Em vez de ficar ali, parada, observando-o desaparecer na floresta, Rosemary tratou de fechar a porta e colocar a tranca pesada, sem perder nem um segundo.

A escuridão era quase total dentro do único cômodo que constituía a casa de Mama Pearl. Por isso, Rosemary foi até a janela e abriu uma pequena fresta, apenas o bastante para que um estreito fecho de luz penetrasse.

— Anna, encontre uma cadeira e sente-se. Vou pegar o pão na valise e, então,

comeremos alguma coisa.

Ainda não acabara de falar, quando avistou Nate surgir das árvores, cambaleando e gesticulando com uma das mãos, enquanto a outra segurava uma garrafa pelo gargalo. Seat havia desaparecido, e Rosemary suspirou, aliviada. Agora, teria de se concentrar na tarefa de manter Anna distraída e tranquila, até que a ajuda chegasse. Se, algum dia, Tanner conseguisse perdoá-la por ter criado aquela situação absurda, isso seria um milagre.

— Acha que eles estão na casa de Mama Pearl? Pensei que a filha dela estivesse vivendo lá — Oscar comentou, cavalgando logo atrás de Tanner.

Mantinhm um ritmo relativamente lento, pois não podiam perder nenhuma pegada ou indicação do paradeiro de Rosemary e das crianças. Tanner reconhecera as marcas de pés na trilha, e não fora difícil distinguir de quem eram, devido aos diferentes tamanhos das três.

— Não. A casa está vazia, e algo me diz que a velha mandou os três se esconderem lá — Tanner replicou, antes de voltar a examinar o solo, assim como a floresta ao seu redor. — Acho que Rosemary pensou em ficar escondida com as crianças até Nate se cansar de procurá-los. Eu só gostaria que ela não fosse tão ignorante com relação a determinadas coisas.

— No seu lugar, eu não desejaria que ela ouvisse isso — Oscar disse. — Aposto que ela é o tipo de mulher que não perde uma discussão com facilidade.

— Ah, mas ela vai ter de discutir um bocado, quando eu a encontrar. Nate anda dizendo que vai tomar as crianças de volta para vendê-las, Oscar. O sujeito é um imprestável sem escrúpulos. Não suporto a ideia de que ele possa pôr as mãos em Rosemary de novo.

— Qualquer pessoa disposta a comprar uma criança não é melhor do que um bêbado como Nate, na minha opinião, Tanner — Oscar declarou com uma ponta de desprezo. — Espero que ele tenha mudado de ideia e usado o cavalo roubado para desaparecer daqui, de uma vez por todas. Se voltar a vê-lo, não pensarei duas vezes antes de atirá-lo na cadeia de novo. E não garanto que não o pendure na ponta de uma corda e o suspenda de uma árvore!

Tanner puxou as rédeas de seu garanhão, erguendo uma das mãos em um sinal para que Oscar também parasse. Acabara de avistar uma sombra entre as árvores, próximo à trilha, e estreitou os olhos, observando com atenção. Então, viu de novo: algo

colorido se moveu por entre a folhagem verde. Em seguida, a figura abandonou o esconderijo e correu para a trilha.

— Seat! — Tanner mal pronunciou o nome, já colocando o cavalo em movimento, seguido de perto pelo xerife.

— Tanner? — O menino parecia desesperado. Tinha o rosto sujo, os cabelos desgrenhados, os olhos arregalados de medo. — Tanner, precisa ir depressa. Meu pai está lá, na casa de Mama Pearl, e aposto que está tentando entrar para pegar Anna e a sra. Rosemary.

— Elas estão dentro da casa? — Tanner perguntou depressa. — Rosemary trancou a porta?

Seat assentiu, mas o movimento mostrou sua indecisão.

— Espero que sim. Foi o que pedi que ela fizesse. Meu pai me viu e eu me escondi atrás das árvores.

Tanner inclinou-se, estendendo a mão que Seat segurou com força a fim de ser içado para cima da sela. Seat passou os braços em torno da cintura de Tanner, que foi imediatamente envolvido por uma onda de calor que jamais sentira antes.

— Estou muito contente por você ter aparecido — Seat declarou, pousando a cabeça nas costas de Tanner assim que começaram a galopar. — A casa fica logo depois da bifurcação, à esquerda.

— Sim, já estou vendo — Tanner informou-o instantes depois, espiando por cima do ombro. — Você está bem, Seat?

Olhos marejados de lágrimas fixaram-se nos seus, e ele lamentou não ser capaz de oferecer conforto, como Rosemary oferecia com tamanha naturalidade, fornecendo a cura para o sofrimento alheio com um simples carinho, ou até mesmo com o olhar.

— Sim, estou bem... mas gostaria que ele morresse, Tanner. Detesto meu pai.

Cada palavra parecia banhada em pesar, e Tanner assentiu.

— Vamos desmontar e percorrer o resto do caminho a pé. Você vem conosco, Oscar?

— Trouxe sua arma? — o xerife perguntou.

— Pode apostar.

Tanner retirou o rifle da lateral da sela e, então, seguiu por entre as árvores na direção da clareira, avistando a casa em seguida. Os pássaros estavam em silêncio, e o ar, quente e abafado.

Algo que se parecia com um amontoado de trapos no meio da clareira moveu-se, ao mesmo tempo que um cavalo erguia a cabeça e relinchava um cumprimento aos recém-chegados. O homem vestindo os trapos imundos também ergueu a cabeça. Mantinha a boca entreaberta, e seus olhos estavam vidrados, mal conseguindo se fixar nos dois homens que se aproximavam dele.

— O que vocês querem? — Nate resmungou. — O que está acontecendo aqui não é da conta de mais ninguém, além de mim. Não preciso de nenhum xerife. Sou capaz de pegar meus filhos de volta, sozinho. Só preciso esperar que aquela mulherzinha saia de lá.

Ergueu a mão suja para passá-la pela boca, enquanto a outra agarrava a garrafa deixada no chão. Virou-a na boca, assumindo expressão de profunda tristeza, quando uma única gota caiu em seus lábios. Então, atirou longe a garrafa, pronunciando um palavrão. Olhou para um lado e para outro, como se tentasse enxergar com clareza o que o cercava, mas seus olhos pousaram na arma que ele levava consigo e que, agora, refletia os raios do sol.

Nate abaixou-se com equilíbrio precário, quase caindo antes que sua mão pousasse no cabo da arma.

— Posso resolver os meus problemas sozinho — vangloriou-se, exibindo os dentes para Oscar. — Tenho um revólver. É melhor me deixar em paz, xerife.

— Largue essa arma, Nate. Você está bêbado como um gambá. A última coisa de que precisa, agora, é um revólver.

— Não vai me impedir, xerife — Nate declarou em tom arrogante, pondo-se de pé, empunhando a arma.

Ergueu os olhos e, por um instante, Tanner reconheceu neles o brilho do mal.

— Cuidado, Oscar — murmurou, buscando melhor posição.

Seria melhor não ficarem tão próximos, constituindo um único alvo, pensou, olhando para o lado, a fim de descobrir onde estava Seat. E foi então que emitiu um som abafado, do mais puro horror. O menino estava do lado oposto, os olhos fixos na arma que pendia da mão do pai, as sardas contrastando com a pele pálida de seu rosto.

Nate Pender oscilou, erguendo o revólver lentamente, como se o peso da arma fosse excessivo para sua força limitada. Sua cabeça também balançava, quase no mesmo ritmo dos olhos, que iam de um alvo a outro, para então voltarem ao primeiro. Então, posicionou o braço, apontando a arma na direção de Seat.

— Você poderia ter ajudado seu pai, garoto — rosnou. — Nunca prestou para nada. E igual à sua mãe... sempre me dando problemas.

Lançou-se para o filho e, fossem quais fossem as suas intenções, Tanner não poderia esperar para saber. Nos segundos que se seguiram, o único som audível foi o de Oscar engatilhando a arma, ao mesmo tempo que se abaixava, buscando a posição ideal para atirar.

— Largue a arma, Pender! — o xerife ordenou em tom rude. — Agora!

Tanner descobriu-se incapaz de respirar e se manteve imóvel, chocado pela cena que se desenrolava à sua frente. O corpo franzino de Seat moveu-se com rapidez quando Nate engatilhou o revólver, precisando das duas mãos para fazê-lo. Quando finalmente conseguiu firmar a arma diante de si, girou o corpo em um movimento desajeitado, apontando para Oscar. Seu dedo curvou-se sobre o gatilho, e Tanner observou o gesto, posicionando o próprio rifle.

Um tiro ecoou no ar e, como um balão que estoura de repente, Nate Pender tombou no chão, gemendo alto como um animal selvagem. O sangue jorrava de sua mão, enquanto intermináveis palavras escapavam de seus lábios.

— Diabos! — Oscar praguejou, adiantando-se na direção do ferido, a arma ainda apontada e fumegando. — Esse idiota agiu como se quisesse ser morto! E melhor enfaixar a mão dele.

Os olhos de Seat continuavam fixos no pai, seu rosto estava ainda mais pálido do que antes. Sem se mover, ele observou Oscar abaixar-se e apanhar o revólver que caíra no chão. Seus olhos estavam vidrados quando se desviaram para encontrar os de Tanner. Seus lábios se moviam sem produzir som algum. Então, Seat virou-se, levando uma das mãos à boca, e correu para trás dos arbustos mais próximos.

Tanner lançou um olhar ansioso para a casa de Mama Pearl.

— Rosemary! — chamou em voz muito alta. — Vocês estão bem?

A porta se abriu e duas figuras apareceram, emolduradas pelo batente. Anna manteve-se quase totalmente escondida atrás da saia de Rosemary. Ao mesmo tempo que acenava para Tanner, Rosemary estreitou os olhos na direção em que Seat correria.

Tanner seguiu a direção do olhar dela e, então, correu para perto do menino. Seat estava ajoelhado no chão, e o pouco que comera desde o amanhecer já se encontrava ao seu lado.

— Venha, garoto. Deixe-me ajudá-lo — Tanner falou em voz baixa, inclinando-se e pousando uma das mãos nas costas do menino.

Passou o outro braço em torno da cintura dele, sustentando-lhe o peso, enquanto tremores intensos e incontroláveis sacudiam o corpinho frágil.

— Sinto muito, Tanner. Sei que estou reagindo como criança — Seat balbuciou, limpando a boca com as costas da mão, ao mesmo tempo que se esforçava para respirar. Achei que queria vê-lo morto, mas quando vi todo aquele sangue na mão dele, vomitei como um bebê.

Tanner retirou o lenço do bolso e estendeu-o para Seat.

— Use isto para se limpar... e ouça o que vou lhe dizer. Endireitou-se e, segurando Seat pelos ombros, afastou-o dali, levando-o para a sombra de uma grande árvore. Lá, forçou-o a sentar-se e fez o mesmo. — Precisamos conversar — disse, mas fechou os olhos, desejando poder contar com algum tipo de orientação.

Se o Deus de Rosemary estivesse por ali, aquela seria uma boa oportunidade para Ele assumir o controle da situação.

CAPÍTULO XVII

— Meu pai costumava se embriagar, às vezes — Tanner começou, sentindo o coração se apertar à medida que pronunciava as palavras. Só então, descobriu que a admissão do verdadeiro problema do pai ainda tinha o poder de fazê-lo sofrer. — A verdade é que, no final, ele passava a maior parte do tempo completamente bêbado — acrescentou.

— É mesmo? Verdade? — Seat indagou, perplexo, limpando a boca e o nariz com as costas da mão, e Tanner teve de reprimir o impulso de usar o lenço para completar a tarefa. — Como meu pai?

— Sim... quase igual ao seu pai.

Tanner ergueu a cabeça e viu Rosemary conduzindo Anna para fora da casa de Mama Pearl. Ao olhar para ele, ela assentiu, como se soubesse que, naquele momento, ele fazia algo de extrema importância.

— Meu pai não me batia, depois que minha mãe foi embora. Simplesmente, agarrou-se a uma garrafa de uísque e deixou a minha educação a cargo de outra pessoa.

Seat sentou-se mais perto.

— Quem cuidou de você? Ele se casou de novo? Tanner sacudiu a cabeça.

— Não, nada disso aconteceu. O velho Cotton passou a cuidar de mim. Fez um bom trabalho, eu acho, muito melhor do que meu pai poderia ter feito. Na minha opinião, eu me saí muito bem, se levarmos em consideração as condições em que cresci. — Lançou um olhar para a expressão fascinada de Seat. — Só tive muita dificuldade em superar a raiva que tomou conta de mim, depois disso tudo. Às vezes, ainda me deixo levar por sentimentos muito negativos, e fico simplesmente intratável.

— Tem raiva do seu pai, assim como eu? — o menino perguntou, curvando os ombros ao olhar para onde o xerife acomodava Nate Pender sobre um cavalo. — Duvido que um dia... — Sacudiu a cabeça. — Sinto-me intratável, agora, Tanner. Acha que, um dia, vou deixar de me sentir assim?

Tanner pousou a mão no ombro dele.

— Vai, sim, Seat. Um dia desses, vai olhar para trás... — parou de falar, pensativo.

Como poderia oferecer a esperança de sentimentos bons e nobres, assim como a ausência de rancor no coração daquele garoto, quando seu próprio ódio o corroerá por dentro, durante tanto tempo?

— Quando deixou de odiar o seu pai? — Seat perguntou, arrancando uma folha de grama do chão, mantendo a cabeça abaixada, como se não suportasse continuar observando a cena que se desenrolava pouco adiante.

Tanner limpou a garganta, dando-se conta de repente de quando, exatamente, seu ódio havia se dissipado.

— Não foi difícil, depois que encontrei alguém que fez uma grande diferença em minha vida, alguém que me fez perceber que estava desperdiçando meu tempo com o ódio e a raiva, carregando no peito sentimentos ligados apenas ao passado.

— Quem? — Seat persistiu, mas logo seguiu a direção do olhar de Tanner, que observava Rosemary e Anna, que se aproximavam. — Está falando da sra. Rosemary?

— Eu me casei com ela, não? — Tanner replicou em tom defensivo e, então, virou-se para fitar o menino. — Um homem se casa por vários motivos. Muitas vezes, por que gosta de uma mulher.

— Bem, eu também gosto dela — Seat admitiu em tom solene. — Ela me trata bem, como se fosse minha mãe. As vezes, chego a pensar que ela me ama, como minha mãe amaria, se estivesse viva. — Ergueu os olhos para Tanner por um breve momento, para então voltar a fixá-los no chão. — Acho que ela fez uma grande diferença na minha vida, também, assim como fez na sua, Tanner.

— Bem, o que sinto por Rosemary, e o que você sente... há uma diferença na maneira como gostamos dela. — Tanner limpou a garganta de novo, desejando não ter se deixado levar para aquele rumo na conversa. — O que sinto por Rosemary...

Naquele momento, ergueu os olhos e descobriu que ela se encontrava a poucos metros de distância, os olhos fixos nele, os lábios entreabertos.

— Seat! — Anna gritou, correndo para o irmão e atirando-se nos braços dele. Então, começou a beijá-lo nas faces. — Estávamos preocupadas com você, mas a sra. Rosemary disse que você é muito esperto e que poderia correr mais depressa que nosso pai.

— Ela disse isso? — Embora os olhos de Seat estivessem marejados de lágrimas, o sorriso com que ele presenteou a irmã foi de pura adoração. — Eu sabia que ela estava cuidando bem de você, Anna — acrescentou, acomodando-a no colo. Lançou um olhar para o centro da clareira, onde o xerife puxava o cavalo roubado pelas rédeas, conduzindo Nate para os limites da floresta. — Ficaremos bem, agora, maninha. Você e eu poderemos viver em paz.

Anna endireitou-se, franzindo o cenho.

— Não vamos mais embora, vamos? Gosto do jeito que a sra. Rosemary escova os meus cabelos. Ela sabe me pentear melhor do que você. E ela passa os meus vestidos, também. Não vai me levar para longe dela, vai, Seat? Ele deu de ombros, parecendo embaraçado.

— Isso depende...

Tanner inclinou-se para ele.

— Não creio que a sra. Rosemary esteja disposta a se separar de nenhum de vocês dois, garoto — murmurou, ao mesmo tempo que dava um tapinha amigável nas costas do menino. — Nem eu. Agora, precisamos voltar para casa, mas tenho de pensar em um meio de chegarmos lá. Para ser sincero, não gosto nem um pouco de longas caminhadas, mas parece que é exatamente o que você e eu teremos de fazer. Vamos deixar as mulheres usarem meu cavalo.

Do outro lado da clareira, Oscar fez um sinal com uma das mãos, e Tanner levantou-se para se aproximar do xerife.

— Vou levar Nate para a cidade, agora — Oscar informou-o em voz baixa. — Será examinado por um médico e, então, terá de se apresentar ao juiz. Duvido que desta vez ele consiga sair impune. Terá sorte se não for condenado à forca. Se depender de mim, passará o resto da vida fechado em uma cela. — O xerife suspirou profundamente. — Não suporto a ideia de ver aquelas duas crianças sofrerem mais do que já foram forçadas a

sofrer. Garanto que não encontraremos a menor dificuldade em obter a custódia permanente para você e sua esposa.

— Espero que não — Tanner declarou com firmeza. — Seat e Anna voltarão para casa, comigo e Rosemary. E esse deve ser o final da história triste que viveram até agora e o começo de uma vida nova e saudável.

Com um aceno de cabeça que indicava concordância e aprovação, Oscar montou seu cavalo e, puxando o outro, que Nate roubara, desapareceu entre as árvores, levando consigo seu prisioneiro. Tanner virou-se e descobriu que os três o observavam, à sombra da árvore. Sua família. Pela primeira vez, reconheceu-os como tal, e seu coração pareceu prestes a explodir de felicidade.

— Peguem suas coisas — disse, aproximando-se. — Deixou algo dentro da casa, Rosemary?

Ela inclinou a cabeça para trás, a fim de fitá-lo nos olhos.

— Para onde acha que devemos ir? Ontem à noite, tive a impressão de que você não conseguia decidir o que fazer conosco, Tanner.

O queixo teimoso já estava empinado, e Tanner desejou poder plantar um beijo um pouco acima dele.

— Bem, já resolvi esse problema. Vamos, para casa.

As palavras soaram determinadas e, embora ele a encarasse com ar de desafio, um leve rubor tomou conta de suas faces.

— Não tenho tanta certeza disso, Tanner. Formamos um pacote, e continuamos assim, nós três. Só porque apareceu no momento mais difícil e nos livrou, de uma vez por todas, do perigo que nos ameaçava, não pode decidir tudo sozinho, com tamanha simplicidade.

— É mesmo? — ele retrucou em um murmúrio suave, sentindo as mãos arderem de desejo de puxar Rosemary para si e tomá-la nos braços.

Não fosse pela presença das crianças, ela já estaria sendo carregada para dentro da casa.

O som de cascos, bem como das rodas de uma carroça se aproximando, desviou sua atenção da mulher que ousava desafiá-lo. Depois de lançar para Rosemary um último olhar de advertência, virou-se para Mama Pearl, que se mantinha ereta, o turbante colorido anunciando sua chegada antes mesmo que a carroça saísse do meio das árvores.

— Precisam de uma carona? — ela perguntou com um sorriso largo. — Deixei a

fazenda logo depois de você, Tanner, mas devem ter galopado como loucos até chegarem aqui, pois não consegui alcançá-los, por mais que me esforçasse. — Seus olhos atravessaram a clareira, indo pousar na porta aberta da casa. — Aquele homem está lá dentro?

Mais uma mulher, pronta para iniciar uma batalha, Tanner pensou. Então, ocorreu-lhe que aquela característica feminina, que ele vinha enfrentando com frequência, ultimamente, devia ser contagiosa.

— Não. O xerife Rhinehold levou-o para a cidade, Mama Pearl -Anna respondeu, saindo do colo do irmão e correndo para a carroça. Seat seguiu-a de perto.

— Ajude-a a subir, Seat — Tanner disse a ele. — Suba, você, também. A sra. Rosemary e eu iremos dentro de alguns minutos.

— Sim, senhor — Seat concordou, subindo depressa na carroça.

Rosemary lançou um olhar desdenhoso para o marido, antes de virar-se na mesma direção.

— Também vou com Mama Pearl. Pode voltar sozinho no seu cavalo, sr. Tanner.

Bastaram três passadas largas para que ele a alcançasse e, com mãos firmes, a segurasse pela cintura.

— Podem ir — ele ordenou com firmeza para Mama Pearl. Ela assentiu com ar satisfeito e pôs os cavalos em movimento. A carroça fez um círculo amplo na clareira e, poucos instantes depois, seguia pela trilha, de volta à fazenda.

Tanner inclinou-se e roçou os lábios no rosto de Rosemary.

— Agora, nós vamos conversar, querida. — Como ela mantivesse a postura rígida, ele a fez girar dentro do círculo formado por seus braços. — Olhe para mim, Rosie.

— Vejo que adora dar ordens, não é, Tanner? Tudo tem de sêr feito do seu jeito. Primeiro, deixa bem claro que a minha opinião não vem ao caso. Que as crianças deveriam ir para a cidade para serem mantidas em segurança. — Ela respirou fundo, como se estivesse se preparando para um ataque. — Agora, está dando ordens de novo, mandando as crianças de volta para a fazenda, e me dizendo o que devo fazer.

— Bem, acho que você está certa — Tanner concordou com um sorriso. — É o que acontece, quando uma mulher e um homem se casam, minha querida. Especialmente, quando esse homem está apenas tentando cuidar de você e mantê-la fora de perigo.

Inclinou-se e beijou-a nos lábios, mas ela virou a cabeça, esquivando-se à carícia.

Ele se sentiu estranhamente frustrado pela rejeição dela. A sua Rosemary não

estava agindo da maneira usual e, pela primeira vez, Tanner sentiu uma pontada de medo, pois ocorreu-lhe que seu último comportamento intratável poderia ter produzido resultados que a desagradassem profundamente.

— Talvez eu tenha errado ao concluir que eles deveriam ser levados para a cidade, Rosemary, mas não tinha certeza de que seríamos capazes de impedir que algo muito ruim acontecesse, lá na fazenda. Quando descobri que vocês haviam partido a pé, fiquei apavorado. E o fato é que Nate chegou muito perto de conseguir pôr aquelas mãos imundas em vocês três.

As palavras pareciam não sair de seus lábios como ele as havia planejado. A última frase soara como uma repreensão, o que era a última impressão que ele gostaria de causar, no momento.

— Ele estava bêbado, quando chegou aqui — Rosemary disse, zombando dos temores de Tanner, ao mesmo tempo que tentava apagar a lembrança do medo que ela mesma sentira. — Eu teria sido perfeitamente capaz de me livrar dele. Tanner assentiu.

— Talvez sim, talvez não. Só não acho que valesse a pena arriscar tão alto.

As mãos dele seguraram os ombros delicados com força. Para o diabo com a gentileza, Tanner pensou. Sua esposa estava praticamente implorando que ele lhe ensinasse uma lição.

Ela empinou o queixo e sustentou-lhe o olhar.

— O que estava conversando com Seat? Ele está bem?

— Conversamos sobre o pai dele e o meu, sobre como nós dois devemos deixar o passado para trás e seguir com nossa vida adiante.

— Ele acreditou? Acha que Seat quer ficar comigo?

— Conosco, é o que está tentando dizer? — Tanner indagou, franzindo o cenho e inclinando-se para ela.

Rosemary não se deixou intimidar. Ao contrário, empinou o queixo e cerrou os dentes.

— Você mudou de ideia? Disse que não os amava o bastante para ser um bom pai para eles. — Apesar da postura de desafio, a voz dela soou trémula e hesitante. — Se não é capaz de amá-los... Ora, diz não ser capaz de me amar! Não creio que eu possa suportar isso por muito mais tempo. É difícil viver com você, sabendo que não me ama.

Ora, ele realmente estragara tudo! Suas crises de mau humor, assim como seu comportamento lamentável, haviam destruído a pouca confiança que Rosemary conse-

guira sentir nele e em seus sentimentos. Estavam de volta ao marco zero, e Tanner nunca fora muito bom no uso de palavras doces.

Segurou-a pela cintura com mãos firmes, erguendo-a até que seus olhos se encontrassem no mesmo nível dos dele. Então, tentou dar voz às palavras que, só agora, ele se dava conta de serem verdadeiras. Palavras que pareciam haver colado em sua garganta, recusando-se a atravessar seus lábios. De repente, Tanner sentiu a boca seca e temeu que, justamente no momento mais importante de sua vida, a voz lhe faltasse.

Respirou fundo, engoliu seco e tentou de novo:

— Rosemary, eu te amo. Você não tem de acreditar em mim, mas juro que estou dizendo a mais pura verdade. — Bem, finalmente conseguira fazer sua declaração e, sentindo-se mais animado, voltou a respirar fundo e continuou falando, antes que a coragem o abandonasse. — E descobri que também amo aquelas duas crianças... o bastante para adotá-las, dar meu nome a elas e educá-las da melhor maneira possível. Não quero que Seat cresça sem um homem a seu lado, para lhe dar um bom exemplo.

Parou de falar ao perceber que os olhos de Rosemary se enchiam de lágrimas.

— Se pretende chorar todas as vezes em que eu lhe disser que a amo, garanto que esta foi a última vez que pronunciei essas palavras, Rosie — resmungou, colocando-a de volta no chão e secando-lhe as lágrimas com a ponta dos dedos.

— Diga de novo, Gabriel, por favor.

Ela ergueu a cabeça e fechou os olhos, como se recebesse uma bênção na forma daquela declaração de amor.

Tanner descobriu que já não era nada difícil expressar em voz alta o que sentia.

— Eu te amo, Rosemary Tanner. Amo a maneira como me enfrenta, a maneira como se aninha em meus braços e, acima de tudo, amo o fato de ser amado por você.

Definitivamente, ela era muito mais do que ele seria capaz de resistir. Por isso, Tanner abaixou-se, tomou-a nos braços e carregou-a para a casinha de Mama Pearl.

Fechou a porta com um dos pés, e levou-a até a cama, onde acomodou-a sobre a colcha colorida. Então, voltou rapidamente até a porta, para colocar a tranca e garantir momentos de privacidade. No caminho de volta, foi se livrando da camisa.

Deitada, imóvel, Rosemary limitou-se a observar e esperar por seu marido.

— O que está fazendo? — ela perguntou, ao vê-lo atirar a camisa no chão.

— O que você acha? — ele retrucou, desabotoando a calça e sentando-se na beirada da cama estreita, a fim de tirar as botas.

As roupas de baixo foram as últimas a serem descartadas, e Tanner calculou que havia batido todos os recordes de rapidez, quando finalmente ficou nu.

Rosemary continuou deitada, quieta, observando-o.

— Agora, vou tirar a sua roupa, sem pressa — ele anunciou. — Espero que não esteja com fome, querida, pois vai demorar um bocado para comer.

— Não preciso de comida, Gabe Tanner. Só preciso de você — ele murmurou. — Preciso ouvir aquelas palavras de novo e, também, preciso que me mostre o seu amor.

Uma onda de expectativa varreu a alma de Tanner, e ele foi tomado de uma emoção muito forte, que transcendia a ideia que ele tinha de felicidade. Aquela mulher delicada e ao mesmo tempo corajosa, com quem ele tivera o bom senso de se casar, era todinha sua. Foi com mãos tremulas que desabotoou e tirou o vestido que ela usava. A combinação fina cobria as curvas mais femininas e tentadoras que ele já vira, e Tanner pôs-se a reverenciá-las com beijos e carícias.

Além de possuir um corpo bonito, Rosemary exalava um perfume embriagante que, por si só, já o deixava muito excitado.

— Vai sentir frio se eu tirar sua combinação? — ele perguntou com voz rouca.

— Se sentir, tenho certeza de que você saberá como me aquecer.

Com essas palavras, ela abriu os braços, ao mesmo tempo que fechava os olhos e oferecia os lábios entreabertos para um beijo.

Era tudo de que Tanner precisava, e de que sempre precisaria: a voz suave e ligeiramente rouca a convidá-lo para o amor. E quando aqueles lábios generosos se abriram para ele, e o calor dos braços dela o envolveu, Tanner deu-se conta de que seu maior sonho estava se realizando.

Era assim que deveria ser, como seria sempre, se dependesse dele.

EPÍLOGO

Nate Pender foi condenado a ficar na prisão por mais tempo do que certamente conseguiria viver. O juiz pronunciou a sentença e, então, passou a um assunto bem mais

agradável: o processo de adoção de Seat e Anna. Poucos minutos depois, o futuro das duas crianças estava assegurado, um fato que foi reforçado algumas semanas mais tarde, quando o reverendo Worth realizou uma cerimônia de batismo, na manhã de um domingo.

As palavras que ele pronunciou, assim como a visão de Seat e Anna diante do altar, trouxe lágrimas aos olhos de toda a congregação, antes que o evento chegasse ao fim. E, não muito tempo depois, ficou óbvio aos olhos de todos os habitantes da cidade, que em breve assistiriam a mais uma cerimônia de batismo, uma vez que as formas delicadas de Rosemary começavam a revelar as inconfundíveis linhas da gravidez.

Após uma reunião do conselho de cidadãos de Edgewood, o imposto para solteiros foi retirado dos livros, tendo vigorado por menos de um ano. Uma vez completada a construção da escola, e tendo a cidade angariado fundos para pagar o salário de um professor durante os cinco anos seguintes, tornou-se desnecessária a cobrança do imposto que havia gerado tantas queixas por parte dos homens solteiros da comunidade.

A primavera chegou, trazendo consigo um número recorde de potros e bezerros aos currais de pastos da fazenda Tanner. Quando as flores cobriram as campinas com seu colorido, os animais adultos já estavam enchendo o estábulo.

No início de junho, mais um nascimento provou-se iminente, quando Rosemary entrou em trabalho de parto. Anna segurou a mão dela durante a maior parte do tempo, enquanto Mama Pearl assumia o papel de parteira, usando um turbante novo em folha, a fim de celebrar a ocasião.

Tanner foi uma presença constante, sempre perto, atento às necessidades da esposa. E quando o momento crucial se aproximou, e Anna recebeu ordens para esperar junto a Cotton e Seat, Tanner segurou a mulher que amava nos braços. A voz dele era tudo de que ela precisava, os braços firmes proporcionando-lhe a força necessária para trazer aquele bebe ao mundo.

Ele tinha plena consciência de que nunca a amara tanto quanto nos momentos em que ela sofria para dar à luz o seu filho, e foi com profundo alívio, assim como um grande sentimento de orgulho, que Tanner ouviu as palavras de triunfo, ao pé da cama:

— É um menino — Mama Pearl anunciou com um sorriso largo, o rosto coberto de suor, enquanto erguia a criança pelos pés. — Vejam só que criaturinha linda e saudável! Venha segurar o seu filho, Tanner, enquanto corto o cordão umbilical.

Com um último beijo na testa de Rosemary, ele a acomodou nos travesseiros e, então, apressou-se em tomar o filho nos braços. E, ao sentir a pequena criatura se mexer em suas mãos, mal pôde respirar, tamanha foi a emoção que o invadiu. Ficou olhando

fixamente para o bebê de pele avermelhada e cabelos escuros, que parecia uma miniatura dele mesmo.

— É mesmo um menino, Rosie — declarou, tomado por uma mistura de vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

Observou Mama Pearl cortar o cordão, para depois limpar e agasalhar o bebê. Os olhinhos azuis semi-cerrados o fitaram, um tanto sem foco e, dessa vez, foi impossível conter as lágrimas.

— Deixe-me segurá-lo — Rosemary pediu, estendendo os braços.

Tanner aproximou-se e entregou-lhe o recém-nascido, que ela apertou de encontro ao peito.

Embora os cabelos dela estivessem encharcados de suor, o rosto ainda pálido pelas horas de dor e esforço, um brilho novo surgira em seus olhos, que Tanner nunca vira antes, e que desafiava qualquer padrão de beleza.

— Quero que ele se chame Adam — Rosemary declarou, erguendo os olhos para o marido e sorrindo ao vê-lo assentir em concordância.

Era um nome forte, muito apropriado ao filho deles. Naquele dia, ao menos, tudo seria conforme ela desejasse.

E pelo resto da vida, Rosemary pertenceria a Tanner. O que mais um ex-solteiro convicto poderia querer da vida?